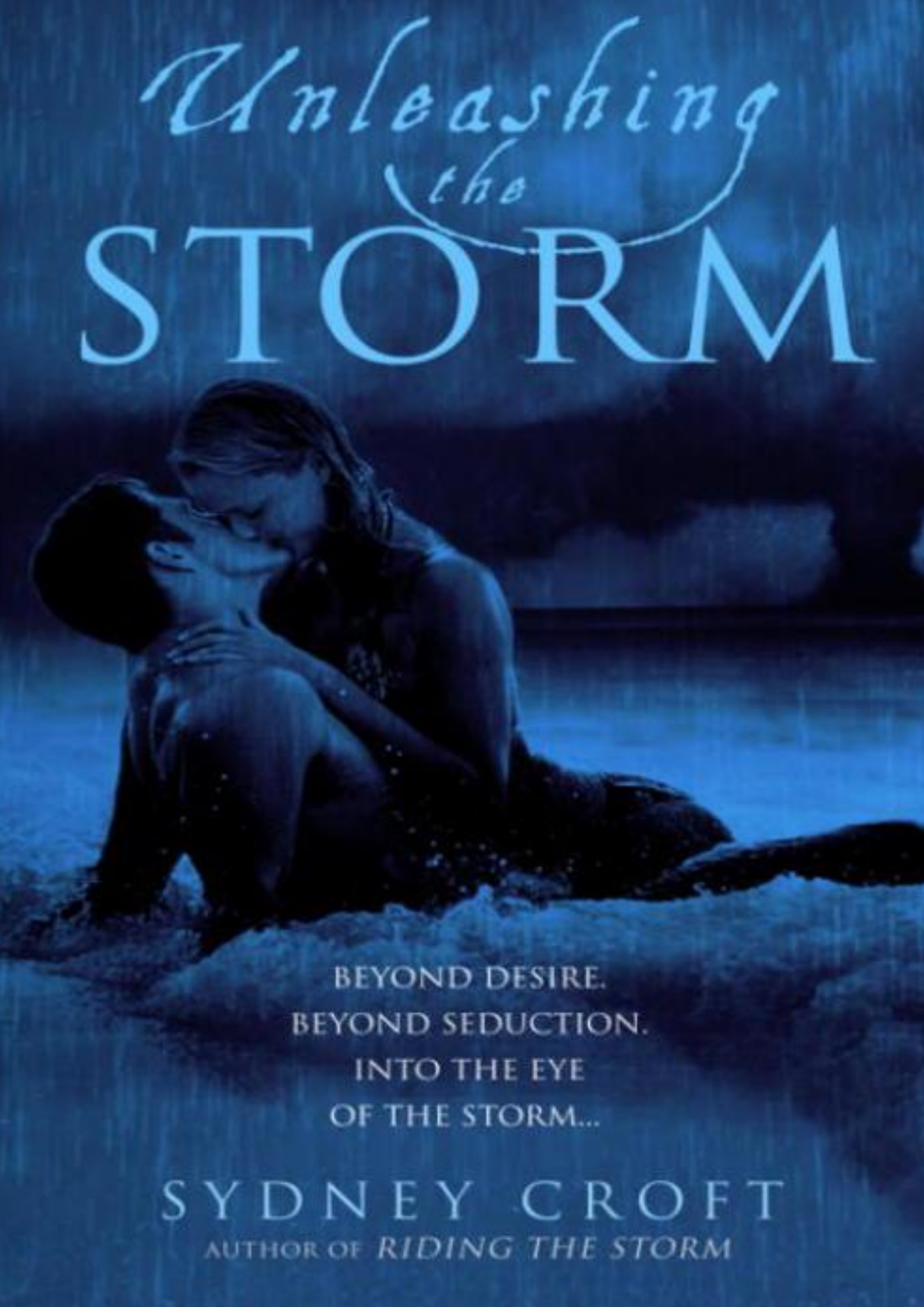


A man and a woman are shown in a close embrace, nearly kissing, amidst a heavy rainstorm. They are sitting on a sandy beach, with the ocean and dark, stormy clouds in the background. The entire scene is bathed in a blue, monochromatic light, emphasizing the intensity of the weather and the intimacy of the moment.

Unleashing *the* STORM

BEYOND DESIRE.
BEYOND SEDUCTION.
INTO THE EYE
OF THE STORM...

SYDNEY CROFT
AUTHOR OF *RIDING THE STORM*





ACRO Operante: Ender aka¹ Tom Knight

Antecedentes: Antigo Operador Delta Force — Especialidade: Atirador.

Assumiu um tiro e uma morte, a um nível quase místico. Julgado por Corte Marcial e condenado à prisão perpétua em cárcere militar. Sua libertação foi negociada pela ACRO.

Habilidade: *Excedosapien* — Inclui reflexos rápidos, visão excepcional e velocidade.

Notas: Possui uma mente tão forte que os espíritos dos videntes não podem acessá-la sem que lhes permita — o que às vezes é necessário quando está operante em campo. Conhecido por não fazer *check-in* quando em missões.

Oito anos de serviço na ACRO — ninguém jamais saiu com ele socialmente e seu endereço não é de conhecimento público.

Rumores em torno deste Operante:

1. Ele foi responsável pelo assassinato de várias figuras políticas.
2. Ele matou toda sua Equipe Delta — um boato que ninguém jamais foi capaz de comprovar.

¹ Sigla para “also known as”: Em português significa “Também conhecido como”.



Potencial ACRO Operante: Kira Donovan

Profissão: Anteriormente considerada uma das melhores instrutoras de cães policiais e militares do mundo. Atualmente na clandestinidade graças a mandados de prisão e uma tentativa fracassada de sequestro da Itor. Recentemente localizada em Idaho, trabalhando na administração de um santuário animal de propriedade privada.

Habilidade: Falar com Animais — extraordinário e poderoso dom que permite a comunicação com os animais em um nível não totalmente compreendido pelo pessoal da ACRO. Audição e olfato excepcionais. Suspeita de ter instintos e fisiologia mais parecida à de um animal do que de um humano.

Caso em questão: A Sra. Donovan vai para uma forma de “calor” uma vez por ano.

Folha Corrida: Crimes conhecidos incluem conduta desordeira em manifestações pelos direitos dos animais, roubo de animais enjaulados usados para a produção de pele e sabotagem de instalações laboratoriais. Suspeita de incêndio culposos (pôr fogo em matadouro) e convencer orcas a afundar um navio baleeiro. Ganhou um lugar na lista de terroristas do governo dos EUA.

Missão prioritária: De extrema urgência. Psíquicos da ACRO determinaram que Itor estivesse se movendo para adquirir a Sra. Donovan. A Intel revelou que Itor pode pretender utilizar sua fisiologia única para criar uma arma biológica. Se tiver sucesso, o poder de matar milhões de pessoas estará nas pontas dos dedos da Itor. Se vencida, a Sra. Donovan poderia usar seu dom e



aproveitar a lealdade de exércitos de animais, talvez insetos, para usá-los como armas. O assunto não está autorizado a cair nas mãos da Itor.

Notas: É extremamente paranoica e uma teórica da conspiração. Desconfia de todos os níveis do governo e tem sido pouco cooperativa no passado. Sem contato com a família. Confia pouco. Rígida vegetariana.

Arquivo de Atualizações do agente de campo:

1. Sra. Donovan afirma ser imune a doenças humanas.
2. Indivíduo necessita de acasalamento: exige fluido seminal dos seres humanos.
3. Necessidades de acasalamento do indivíduo: exige fluido seminal a cada quatro horas.
4. Indivíduo deve acasalar ou morrer.

Capítulo 1

TERÇA-FEIRA — QUATRO DA TARDE, MST.

Kira Donovan estaria morta agora se Ender quisesse que ela estivesse — outra vítima de sua perícia e mão firme, onde parte do dom era aleatório da natureza e parte afiada por anos de treino.

Ele estava deitado em uma familiar posição de atirador — sobre seu estômago no declive largo e gramado com vista para a fazenda — mentalmente alinhando um tiro perfeito atrás do outro enquanto a mulher a quem foi enviado para persuadir entrava e saía do celeiro arruinado sem uma inquietação no mundo.

A mulher nascida como Charity Connelly iria exigir um inferno de muito treinamento para levá-la a SPEC. E, teria que parar de vestir aqueles shorts e camisetas — que exibiam bronzeados demais e um corpo curvilíneo, porque isso era distração demais para todo mundo envolvido. A maluca Srta. Doolittle e sua banda alegre de animais iriam ter um despertar rude.

Ele suspirou, colocou sua testa contra a terra fresca e respirou o aroma de natureza que sempre pareceu ser uma parte dele, não importa o quanto ele tentasse cair fora. E, embora de fato não quisesse esta tarefa, ele estava aqui e tinha um trabalho a fazer. E, seus trabalhos sempre eram feitos.

Falando de feito, o que não tinha sido foi a bela mulher que ele arranjou ontem à noite, alguém que compartilhava seus gostos na cama e sua propensão para relações sem amarras. Isso tinha que ser a razão real para sua ereção.

Tinham acabado de chegar à parte das algemas quando ele recebeu o telefonema, algo que não podia ignorar. E, quando Dev — o cabeça da Agência para Raros Operantes Secretos que o empregava — e Ken — seu supervisor



direto — explicaram o plano para ele — o que significava pegar o voo noturno do complexo de Catskills, Nova York, para a foddidamente desajeitada Idaho — Ender apenas agitou sua cabeça em uma combinação de irritação e “de-jeito-nenhum-porra”.

— Por que eu? — ele perguntou quando chegou ao escritório de Dev. Porque ele trabalhou por cinco anos como um de seus melhores Convencedores, o sujeito que trazia para casa grandes capturas. Ele gostava de ser capaz de sair e apanhar os homens e mulheres que já tinham sido informados até certo ponto sobre a agência, lidar com Operantes Especiais de um tipo muito diferente e estava sempre preparado para um destes tipos de habilidade rara chegar ao fundo do poço, mas nunca teve muito mais que um casual convívio de passagem com eles. Ele não queria ser uma das pessoas que realmente tinha que recrutar o talento.

— Você tem paciência — Ken disse.

Ele bufou.

— Paciência quando estou esperando pelo tiro certo, sim. Minha paciência em relação a novos recrutas é severamente limitada e, se você quiser dizer paciência em relação às mulheres, bem, eu apenas vou de mal a pior.

— Você tem experiência para o disfarce. Você cresceu em uma fazenda — Ken continuou.

— Merda — ele murmurou, porque tinha deixado de lado suas botas de *cowboy* quando deixou a fazenda e o cavalo aos dezesseis anos e nunca olhou para trás. Perambulando pelo país por um ano fazendo trabalhos estranhos — seja no que podia colocar suas mãos, o mesmo valia para mulheres — e, finalmente, quando ele atingiu dezessete e conseguiu seu diploma do Ensino Médio, bateu no escritório de recrutamento mais próximo. Ele queria algo — faculdade — diferente. E, o Exército lhe deu isso: Delta Force e Operações de Disfarce. Seus pais lhe deram consentimento, agradecidos que ele finalmente ligou para lhes dizer que ainda estava vivo.





Ele finalmente apelou para o cabeça da ACRO.

— Vamos, Dev. Você tem muitos caras que poderiam lidar com isso, caras cujo trabalho é esse. Para que diabos você precisa de meus talentos tão cedo no jogo?

Dev sorriu e, com sua franqueza habitual simplesmente disse:

— Porque se ela não puder ser convencida a juntar-se a nós dentro de quarenta e oito horas, você vai ter que matá-la.

Ender agarrou o arquivo e deixou o escritório sem outra palavra. Ken não queria rastros — ele precisava de entrada e saída rápidas por causa das altamente especializadas e urgentes imprevistas necessidades do alvo, além de que, quanto menos pessoas vistas dentro e em torno da fazenda, melhor. Então era adeus Ender e olá Tom Knight pelas próximas quarenta e oito horas.

Se ele conseguisse do seu modo, o trabalho seria feito em vinte e quatro. Seja o que precisasse sem rodeios, ele iria arrastar Kira à comunicante de animais chutando e gritando para a ACRO, ou executaria suas ordens alternativas. Das informações que juntou de seus arquivos, ela poderia realmente apreciar ser amarrada, especialmente durante essa época do ano.

Se apenas pudesse ser tão fácil — uma sedução e convencimento especiais —, normalmente seria os meios favoritos de persuasão de Wyatt Kennedy — um operante da ACRO que se especializou em profundas operações secretas, Wyatt estava seguro que noventa e nove por cento das mulheres rolaria com apenas o tipo certo de persuasão e o outro um por cento exigiria uma arma tranquilizante. Ender tinha ambos os planos cobertos.

Misturar negócios com prazer nunca entrou em seu caminho antes, a não ser um primeiro contato — mas um psíquico que ficou disfarçado no santuário, reportou que poderia ser o único modo para trazer Kira a bordo. Psíquicos da ACRO afirmavam que a febre de primavera de Kira era uma questão importante e, de acordo com Ken, utilizar a necessidade insaciável de Kira por





sexo durante essa época deveria ser parte do plano direto de Ender. Um convite aberto.

Agora ele se levantava e seguia abaixo em direção ao celeiro, tomando a rota principal que ia ao longo da calçada. Com a bolsa atirada sobre seu ombro, ele parecia com um homem que saiu de um ponto de ônibus de Greyhound para esta insignificante cidade de Idaho, sem muitas posses ou preocupações.

Ainda assim, Kira saiu do celeiro e foi direto em sua direção como se tivesse um dispositivo de guia nele. Ele não tinha avistado nenhuma máquina fotográfica, mas lhe foi dito que ela era paranoica.

— Eu posso ajudar você? — ela perguntou sua voz viva e de negócios, de forma alguma os tons suaves que ele esperava. Imediatamente suas próprias necessidades ganharam interesse rápido, o deixando saber que exigiriam ser ouvidas mais cedo do que tarde.

Deus, ela era bonita, naturalmente bonita, seu cabelo todo longo, castanho claro e seus lábios cheios e carnudos, grandes olhos âmbar e um corpo de matar.

— Ei, eu sou Tom. Seu novo homem para contratar — ele disse e sim, ele a deixaria trabalhá-lo em mais de um modo, se ela estivesse no jogo.

Ele não usava seu nome real em anos, preferindo o anonimato de “Ender” e as imagens que ele conjurava, especialmente no trabalho. Mantinha a maior parte dos idiotas e todo o resto à distância. Porque, no fundo, ele nunca foi um tipo social de sujeito e as coisas não iriam mudar se pudesse evitar.

Ele aproximou-se, a palma para fora e ela hesitou, o lado caprichoso que estava esperado se mostrando. Finalmente, ela estendeu sua mão, sua palma áspera do trabalho, seu agitar forte e certo.

— Oi, Tommy — ela disse.

— É Tom — ele disse então se amaldiçoou internamente e encolheu os ombros. — Mas, seja o que for, são todos bons.



Sim, realmente habilidoso, porra. Ela não sorriu, mas o canto de sua boca pulou ligeiramente.

— Você chegou na hora exata.

— Eu tento fazer disso um hábito — ele disse, ficando ciente de algo cheirando seu traseiro e girando para encontrar um bode que o encarava. Ele não parecia feliz também.

— Você também faz de um hábito espiar as pessoas? — ela perguntou, fazendo com que ele girasse do animal para ela.

Filha da...

— Não, senhora — ele disse.

— Então você apenas decidiu que queria me encarar por uma hora e meia? — ela dobrou seus braços sobre seu tórax e ele deixou seus olhos passarem rapidamente por seus seios antes de encontrar o olhar dela e sorrir.

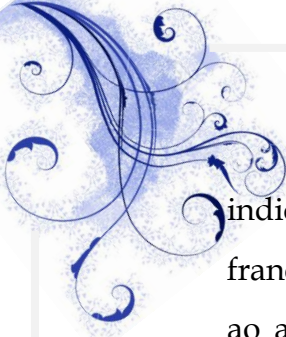
— Eu cheguei aqui um pouco cedo e quis tirar um cochilo. Não queria aborrecer você ou qualquer coisa. E então eu vi você, caminhando de um lado para outro do celeiro e, bem... — ele encolheu os ombros. — Merda, eu sou um homem de sangue vermelho, Kira.

Aquela parte era mais que verdade e, permanecer tão perto dela, inalando o aroma de maçãs, mel e cravos-da-índia que a cercava apesar dos outros cheiros mais pungentes próximos, estava o matando.

Ela estreitou seus olhos e ele segurou sua respiração porque não podia estragar isso tão cedo. Algo estava errado — muito errado. Ele nunca tinha sido visto... Ele estava escondido, camuflado e ele era bom o suficiente nisso para saber que ela conseguiu suas informações sobre sua observação de alguma outra maneira que ela não poderia explicar.

Quando o bode cutucou suas costas novamente, tudo de repente ficou claro. Kira observou o espião Tom por um longo momento, dando tempo ao Cheech para farejá-lo. O pequeno bode nubiana era um grande juiz de caráter e se ele





indicasse que Tom precisava ser observado, então era isso que ela faria. E, francamente, ela o observaria de qualquer maneira. Ela nunca foi do tipo rude e ao ar livre, mas algo sobre Tom a agarrou em lugares que nenhum homem tinha agarrado por muito tempo. Não desde sua última febre de primavera.

Agora que Maio tinha chegado novamente, a ânsia tinha começado, a queimação feroz e primitiva que penetrava em todas as suas células e lhe dizia que estava há dias — talvez horas — da loucura que a consumiria por mais de quatro semanas.

Ela estava ficando impaciente, tinha estado incapaz de se concentrar em tarefas simples. E tarefas simples na presença de machos... Esqueça. Estava definitivamente na hora de dar uma olhada em potenciais companheiros e dar a seus brinquedos a bateria um descanso. Ela imaginou que seu outro contratado — um gostoso moreno musculoso chamado Derek — seria o primeiro companheiro que tomaria nesta estação.

Mas agora, enquanto estudava Tom Knight — com seus penetrantes olhos azuis e cabelo loiro raiado de sol, que era muito longo para um corte militar e muito curto para um surfista — ela começou a pensar que ele poderia ser mais diversão até que ele se cansasse. Maças do rosto altas, boca firme... Sim, ele podia não ser seu tipo, mas durante esta época do ano, todos os homens eram seu tipo e, além disso, ela não estava procurando por “felizes para sempre”.

Nunca haveria um desses. Não para ela. Não para alguém que as pessoas achavam ser psicótica se elas não acreditassem que ela podia conversar com animais, ou tinham horror se acreditassem. Porque Kira não apenas conversava com animais. Ela os entendia e se comunicava com eles por palavras, linguagem corporal e odores, mas principalmente, imagens e sensações mentais que transcendiam a maior parte da compreensão humana. E, o outro aspecto de seu dom, a parte que era mais uma maldição, bem, as pessoas *realmente* não entendiam... Consequentemente, havia mudanças: as mudanças de nome.

Cheech deu a Tom uma cabeçada e então, com um berro baixo, lhe disse que vigiaria o homem. O bode pareceu pensar que era estranho para um





humano deitar no chão do modo como Tom tinha feito e Cheech não iria confiar nele tão cedo.

— Senhora?

Ela piscou, percebendo que tinha estado tão submersa em seu próprio mundo que não ouviu nada que Tom disse e o modo que ele a observava — como se não apreciasse ser ignorado — há deixou um pouco nervosa.

— Eu sinto muito. O que você disse?

— Eu perguntei se talvez pudesse ir me trocar? Começar o trabalho.

A voz dele, poderosa e convincente, rolava como uma carícia profunda em seus músculos e, ela se perguntou se seu efeito nela era um resultado de sua necessidade crescente ou se ele sempre conversava com uma extremidade rude e erótica, como se persuadindo uma mulher em direção ao orgasmo.

— Certo — ela recomeçou o caminho em direção à casa de hóspedes e gesticulou para ele seguir. — Eu não sei o quanto familiarizado você é com o Santuário Rainbow Ridge...

Ele fixou um passo fácil e longo ao lado dela e a brisa morna lhe trouxe seu aroma, uma mistura poderosa de grama, bosque e homem quente ao sol que ninguém mais teria cheirado a menos que estivesse em cima dele. O que, ela pensou enquanto olhava para ele, soava como um lugar bom para estar agora mesmo. Sim, a febre de primavera estava chutando na porta do celeiro e era apenas questão de tempo antes de eclodir em uma corrida mortal.

— Sei que está situado em aproximadamente quarenta acres e que há locais públicos e privados — ele olhou sobre o ombro, franziu para Cheech. — Essa coisa vai nos seguir em todos os lugares?

— Só você. Ele suspeita de estranhos.

— Ótimo — ele murmurou, voltando sua atenção para os arredores deles.

— Estou achando que este é o lado privado.

Ela assentiu.

— As pessoas que possuem o santuário vivem nos vinte acres da frente com os animais exóticos. Quinze ou tantos voluntários ajudam ali e eles cobram uma admissão nominal para as pessoas visitarem. Aqui — ela acenou seu braço em um gesto expansivo — nós cuidamos dos animais domésticos.

Ele diminuiu a velocidade para evitar pisar em Peepers, um incapacitado pato-real que ela salvou no ano passado de uma criança que ficou cansada de seu presente de páscoa.

— Eu pensei que você estava encarregada do lugar inteiro.

Assentindo, ela se curvou para passar a mão sobre a macia cabeça verde de Peepers, o que a colocava em nível de forquilha com Tom. Calor ondeava dele, calor e sedutores odores masculinos e, oh, ela precisava ficar sozinha com ele. Logo.

— Eu sou a gerente — ela disse rouca e se endireitando —, então faço as contratações e supervisiono todo o cuidado e treinamento animal. Vivo aqui em baixo com você e Derek.

— Derek?

— Ele é meu outro contratado. Vocês dois compartilharão a parte de cima da casa de hóspedes. O andar inferior é meu — ela pensou ter visto um cintilar de irritação em seus olhos, mas partiu tão depressa que poderia ter imaginado. — Há algum problema?

Ele encolheu os ombros e ignorou Cheech quando o bode deu-lhe uma cabeçada pelo puro prazer disso.

— Pensei que era o único contratado.

Eles começaram a caminhar novamente, suas botas mastigando o cascalho, seu passo mais suave do que ela teria esperado enquanto eles navegaram por rebanhos de aves de fazenda e três ovelhas que se recusaram a dar passagem. Tom não parou, moveu-se com ela para dar aos animais um grande espaço e Kira tentou não focar na maneira que suas coxas magras se flexionavam dentro de sua calça jeans bem usada e que bem se ajustava a cada passo. Ou o



modo que os músculos em seus braços nus pareciam fortes o suficiente para facilmente prendê-la embaixo dele.

— Dois de meus rapazes se demitiram de repente umas semanas atrás. Um deles saiu de férias e nunca voltou e, o outro levantou uma manhã, arrumou as malas e partiu antes de eu saber que ele tinha partido.

O tipo de trabalho de tarefa intensiva e baixo pagamento que eles faziam em um lugar como esse tinha uma tendência de extirpar todos, menos os amantes de animais mais dedicados, mas ainda assim tinha sido estranho perder Jack e David desse jeito e em um tão curto espaço de tempo. Especialmente desde que eles tinham estado ao redor no ano passado durante seu tempo de necessidade e pareceram felizes por estar por perto. Talvez ela não devesse tê-los cortado quando não mais precisava deles. Então novamente, ela sabia muito bem as consequências de tentar manter uma relação fora de suas febres.

— Eu contratei Derek para substituir um — ela disse — e você para substituir o outro.

Eles chegaram à casa de hóspedes que ela em parte remodelou com o dinheiro que fez trabalhando na administração do refúgio e subiram no degrau bambo.

— Preste atenção no corrimão, está praticamente solto.

— Eu posso provavelmente consertá-lo — ele disse, abaixando-se em um joelho para afagar um dos três cachorros que vadeavam na varanda. Quando Cheech bateu nos degraus e exigiu atenção, Tom coçou as costas marrons do bode.

— Tudo bem, Derek já se ofereceu. Eu acho que ele é um carpinteiro em suas horas vagas. Ele vai pintar a casa também, assim que tiver algum tempo.

— Desde que esteja tudo bem — Tom disse. — É sempre bom ter alguém habilidoso ao redor.



Ela mordeu seu lábio. Tom não tinha ideia alguma do quanto habilidoso *ele seria* para se ter ao redor... Em mais de um modo.

— Você e Derek sempre usarão as escadas da entrada traseira para o andar superior, mas estou levando você neste caminho assim pode ver o lugar e encontrar as crianças.

— Crianças?

— Os bichos da casa. Principalmente resgatados que eu não posso deixar do lado de fora sem supervisão.

Ela abriu a porta e os pêlos explodiram, enquanto gatos se espalhavam e cachorros vinham correndo.

— Me fudi.

Tom ficou em pé usando uma expressão chocada que ela duvidou que as pessoas ouvissem muito. Ele rapidamente se recuperou e engessou uma máscara neutra, mas seus olhos afiados e enfocados tomavam tudo. Ela pegou a distinta sensação que ele estava catalogando a mobília, os animais e a habitação inteira em sua mente.

— Isso é um lince? — ele perguntou, enquanto eles caminhavam para dentro e fechavam a porta só para serem cercados por vários cachorros felizes e um gato extragrande.

— É. É o Rafi — ela abaixou em seus calcanhares para coçar atrás das orelhas do lince. — Ele estava em uma mesa de açougueiro, prestes a ser esfolado vivo por sua pele, quando ele foi salvo — seu estômago se agitou, como sempre fazia quando pensava sobre o quão próximo ele chegou de uma excruciante e demorada morte. — As pessoas que o resgataram da fazenda de pele só tiveram dinheiro suficiente para comprá-lo e a outro gato. O resto... — ela calou-se incapaz de falar sobre isso.

Ela se endireitou, acenou para os animais se afastarem e eles saltaram para fora como um grupo de crianças do jardim de infância liberados para o intervalo.





— Então aqui é onde vivo. Nada extravagante. Móvel de brechó — ela gesticulou à esquerda, onde as únicas móveis — uma cadeira azul-claro com uma mancha e uma televisão minúscula que ela nunca assistiu — faziam o lugar parecer maior do que era.

— Sala de estar ali, sala de jantar à direita, meu quarto e guarita atrás. Aqueles degraus adiante levam para seu quarto, mas como eu disse você usará a entrada de trás — ela tirou uma chave da prateleira na parede do *hall* de entrada e a entregou para ele. — A porta à direita é sua. Derek está na esquerda. Você compartilhará uma cozinha e um banheiro. Lençóis e toalhas estão no guarda-roupa próximo à sua cama, que é de solteiro, então não espere ter quaisquer noites confortáveis com convidados.

— O conforto não é normalmente uma preocupação.

Ele girou seu olhar de volta para ela, flagrantemente observando seu corpo dos lábios até suas coxas, como se a menção de uma cama o fizesse imaginá-lo na dela. Ela podia certamente imaginar-se estando lá, podia imaginar seu corpo magro e duro contra ela. A energia potente o cercando, a aura de poder e erotismo, prometiam que o tempo compartilhado entre os lençóis seria algo para saborear.

— Alguma outra coisa, Kira?

— Sim. Nós começamos o trabalho às seis da manhã. Você pode parar para almoçar a qualquer hora entre onze e duas. Nós trabalhamos até por volta das seis, mas nós às vezes vamos mais tarde. Você e Derek podem cada um ter um dia de fim de semana de folga. Combinem que dia querem, sábado ou domingo. Eu trabalho em ambos. Se você precisar correr para cidade por qualquer coisa, mantimentos ou o que for você pode pegar minha caminhonete estacionada lá atrás. Apenas pergunte primeiro. O mesmo com meu computador. Você pode usá-lo, mas pergunte. E não há nenhuma conexão de Internet.

— Por que não?

Porque o Grande Irmão observa cada movimento seu.

— Eu gosto de minha privacidade.

Ele lhe deu seu habitual olhar “você-é-doida” e então esfregou sua nuca.

— Isso é tudo?

As palavras, faladas pausadamente de modo plano e sem emoção, soaram inocentes. Mas ela suspeitou que por dentro ele estivesse resistindo à sua autoridade tão rápido quanto podia lançá-la nele. Este homem não gostava que lhe dissessem o que fazer. O tornava estranho que ele fizesse esse tipo de trabalho. Quando ele ligou esta manhã sobre uma posição, ela tinha ficado satisfeita com suas credenciais, mas agora tinha que se perguntar se a experiência de fazenda dele, tipicamente um homem saído do comércio, o deixava um pouco irritado quando uma mulher dava as ordens. Então, foi com grande prazer que ela disse:

— Há mais uma coisa. Sob nenhuma circunstância você consumirá carne nesta propriedade ou em minha presença. Eu sou vegetariana rígida e relutantemente permitirei seus ovos e laticínios, não tolerarei o consumo ofensivo de carne animal por humanos neste refúgio. Compreendido?

Uma veia estalou na testa dele e começou a pulsar. Embora não existissem outros sinais externos de seu aborrecimento e mal-estar, ela podia cheirar a mistura potente saindo dele em ondas.

Ele sorriu, levantou sua bolsa o mais alto em seu ombro e disse:

— Tudo bem — e então ela observou seu belo traseiro enquanto ele tomava os degraus três de cada vez, como se não pudesse esperar para se afastar dela.

Mas Kira sabia melhor. Porque junto com os outros cheiros, ela pegou o odor de luxúria, pura e simples. Fechando seus olhos, ela permitiu que o tentador aroma invadisse seus sentidos e provocasse respostas sistêmicas que devia estar tentando suprimir por umas poucas horas pelo menos, porque depois disso, não estaria suprimindo qualquer coisa.



Mas Tom... Havia algo diferente sobre ele, um mundano magnetismo animal que ela nunca encontrou. Depois de onze anos sofrendo por algumas semanas ao ano, ela conhecia seu corpo e tinha estado certa que tinha uns dias para se preparar para isso, mas parecia como se a presença de Tom trouxe a febre cedo. Lutar contra ela parecia sem sentido.

Cerrando seus punhos, ela lançou sua cabeça para trás, deixando seu ritmo cardíaco dobrar, deixando ruborizar seu corpo com sangue que aqueceu alguns graus. Seu sistema nervoso faiscou como se alguém tivesse acendido um fósforo nele e cada terminação nervosa formigava com hipersensibilidade até que sua pele estava queimando. Respirações profundas e frequentes traziam odores e oxigênio tonificante a seus pulmões; ela podia quase sentir cada célula individual distribuir o combustível para os centros de prazer que começaram a inchar, pulsar e almejar o que só um homem podia dar a ela.

Começou.

Capítulo 2

TERÇA-FEIRA — CINCO DA TARDE, MST.

Kira era uma controladora. Novamente, algo inesperado. Ender, que não costumava ser pego pelo inesperado a menos que a surpresa viesse de seu lado, tinha planejado começar o serviço imediatamente e voltar para o conforto de ser a parte de limpeza do trabalho. Ele também contava com comer um belo bife suculento, ou dois, diretamente debaixo do nariz da *Srta. Greenpeace Abraçadora-de-árvore Doolittle*. E iria apreciar cada mordida também. Mas esta coisa do Derek iria ser um problema — um grande. E Kira tinha muito que aprender sobre em quem confiar.

Pintar a casa, meu rabo.

Aquela frase e seus significados definitivos era uma das especialidades de Derek Martin. De Ender também e ele nunca teria um problema em admitir isso. Quando Derek e Ender eram membros da mesma unidade de Delta Force dez anos atrás — um time que Derek teve que eventualmente deixar — Derek costumava dizer a Ender que seu pai criou a frase que realmente queria dizer matar um homem, quando ele trabalhou para Jimmy Hoffa. Ender não podia estar certo se era o mesmo sujeito até que ficasse cara a cara com ele, mas seu instinto lhe dizia que sim.

Derek não estava em lugar algum para ser visto quando Ender achou o quarto vazio designado a ele, entrou e fechou a porta atrás de si. Era quente como o inferno aqui em cima e quando ele abriu as janelas em uma tentativa inútil de pegar uma brisa, ouviu os sons de crianças rindo. Ele olhou para fora para ver um ônibus lotado de meninos e meninas com idade pré-escolar



correndo através de um campo aberto para chegar à parte principal do refúgio e suspirou. Como se este trabalho já não fosse problema suficiente.

Crianças, animais e mulheres. Alguém lhe devia muito.

Usando o pequeno dispositivo enganchado no botão na frente de sua calça jeans, ele fez contato relutante com a Divisão de Comunicação da ACRO, abaixando sua voz e falando rapidamente.

— Bryan, eu preciso que você puxe o imposto de renda dos dois sujeitos que trabalharam aqui antes de mim. Os nomes estão listados no relatório dos psíquicos.

— Por quê? O que aconteceu? — Bryan imediatamente perguntou. Ender estava certo que o cara nunca dormia, mas como cabeça de Comunicações, ele não podia dar-se ao luxo. Ele também ouviu risadinhas abafadas de mulheres ao fundo.

— Eu estou apostando que eles foram executados... Pelo cara com quem eu vou trabalhar — Ele disse.

— É um saco ser você. Agente firme, bro.

Sim, é um saco ser eu.

Ele deslizou seu monóculo e faca em seu bolso — a pequena pistola que ele sempre carregava seria descoberta por aquele maldito bode cheirando ao redor dele — e saiu para o corredor. Ele abriu a porta trancada de Derek fácil o suficiente e fez um exame rápido da área.

Nenhuma arma, mas ele não imaginava que o sujeito seria estúpido o suficiente para deixá-las abandonadas. Mas imediatamente focou em algo brilhante e de metal se esticando da cama. Cuidadoso em não tocar em qualquer coisa onde pudesse deixar impressões, ele puxou os cobertores até que viu as algemas contra os lençóis e seu sangue correu quente e frio ao mesmo tempo.





Se alguém iria usar algemas em Kira, seria ele. Porque não tinha dúvida alguma em sua mente que Derek contava em usar restrições mais fortes e mais, quando ele a sequestrasse — estas eram apenas para diversão. Estava na hora de descer seu traseiro até o celeiro. Ele grampearia o quarto para som e vídeo mais tarde, porque seu plano já tinha tomado forma.

Ender desceu as escadas praguejando o tempo inteiro. Ele chegou ao celeiro pela entrada traseira, levando apenas um segundo para criar uma distração que asseguraria que Derek deixasse Kira e ele sozinhos por alguns minutos pelo menos.

Ele ouviu a risada de Kira, viu Derek a ajudando a se equilibrar — é certo — na escada que seguia para o sótão. Ele tomou um longo olhar nas pernas dela, o modo casual que Derek tinha sua mão em seu quadril e sabia que não sairia dali antes de dar àquele sujeito um bom e velho pedaço de seu punho antes de matá-lo. Literalmente.

Vale tudo no amor, guerra e no mundo dos operantes raros.

— Peguei você — Derek estava dizendo, sua voz uma combinação de cidade grande, dinheiro velho, culto demais para ser um colono e Ender se perguntou por que Kira não percebeu isso.

Kira desceu da escada e Derek manteve sua maldita mão em seu quadril. Isto é, até que ela avistou Ender e se afastou do toque de Derek. Este girou e franziu para ele pelo mais breve segundo antes de vestir um falso sorriso de estou-contente-por-você-estar-aqui-cara.

— Derek, este é...

— Tom — Ender disse ao mesmo tempo em que Derek disse Tommy — e continuou sorridente. Não alcançou seus olhos e do que Ender se lembrava, nunca atingiu.

Kira olhou de um lado para outro entre eles e Ender notou, sem satisfação, que seu olhar fixou no dele quando ela falou.

— Você dois se conhecem?



— A comunidade agrícola não é tão grande — Derek disse e Ender de má vontade deu a ele pontos pela boa sacada. Interessante que ele escolheu admitir que eles se conhecessem absolutamente. Era um caminho que Ender teria preferido não ir. Mas seguiria com ele. Outro operante na mistura sempre tornava as coisas mais interessantes.

— Bom ver você novamente — ele disse para Derek antes de mudar sua atenção totalmente para Kira. Ele estava achando difícil pensar direito ou se concentrar em qualquer coisa além dela, como se ela estivesse lançando um aroma ao redor ou algo do tipo. Pelo modo como Derek a olhava, ele podia dizer que o sujeito estava sentindo isso também.

— Você vai me colocar para trabalhar?

— Eu imaginei que Derek podia te mostrar os arredores essa noite — ela disse, e *porra, não*, isso não iria acontecer. Não quando — de acordo com o arquivo urgente que o psíquico tinha juntado — o ritual de acasalamento da primavera de Kira estava prestes a começar e havia escolhas demais para companheiros.

— Legal. Mas primeiro, quer que eu cuide dos cavalos que se soltaram? A menos que eles devam ficar vagando — Ender disse.

— Eu pensei que você os tivesse amarrado bem? — Kira perguntou a Derek.

— Merda. Eu amarrei — Derek murmurou.

— Bem, você precisa reuni-los de volta. E então poderia também terminar de consertar a cerca no lado oeste do complexo antes de ficar escuro — ela disse. — Tommy pode terminar de me ajudar por aqui.

Ender segurou um sorriso — porque Derek estaria fora a maior parte da noite e não havia nada que ele pudesse fazer para protestar sem despertar suspeita. Especialmente quando Kira já tinha passado sua atenção firmemente para Ender, emitindo uma poderosa vibração que fez suas bolas formigarem. Oh, sim, ele iria ajudar Kira. Diretamente para fora de seu maldito short.





— Desculpe sobre isso. Eu tenho tudo sob controle, chefe — Derek disse. Ele passou por Ender, dando a ele um aceno com a cabeça que queria dizer *eu matarei você na primeira chance que conseguir* e Ender o observou entrar em uma caminhonete e partir à procura dos cavalos errantes.

— Acho que é só você e eu — ele disse e Kira sorriu para ele de um modo que ela não tinha feito para Derek. Ele não estava certo por que isto importou tanto, mas importava.

Kira observou Derek sair do celeiro, levando sua sensualidade feroz com ele. Ainda assim, ele não era nada comparado a Tom, cuja atração sedutora e primitiva a eletrificava, a girava para fora de equilíbrio e a deixou agarrando cegamente o ar por apoio. Ela nunca experimentara qualquer coisa assim e tremeu com o pesado esforço restritivo que a tinha no lugar agora mesmo.

— Você certamente se organizou rápido — Kira disse com uma casualidade que não sentia. Ela escorou um pé em um fardo de feno para amarrar os cadarços soltos de suas botas de caminhada rosa-claro. — Muito bom castor esforçado.

Tom sorriu provavelmente o primeiro sorriso genuíno que viu desde que eles se conheceram. Ele também olhou fixamente para suas pernas e traseiro pela centésima vez. Agradecidamente, homens eram previsíveis.

Ela pegou a impressão, entretanto, que Tom tinha algumas cartas em sua manga e seria uma idiota se o subestimasse. Então novamente, ela pegou aquela mesma impressão sobre Derek. Ambos os homens transpiravam confiança, poder e energia sexual crua e ambos compartilhavam uma qualidade que raramente encontrava em humanos: um sutil e corajoso aroma que ela podia descrever apenas como perigo. Kira apostaria seu último dólar — o que lhe restaria logo — que ambos passaram algum tempo no exército. Ou prisão. Ela inclinou sua cabeça e estudou Tom a estudando.

— Já estive na prisão?



— Não — ele passou a acariciar Morris, um dos gatos do celeiro que estava se esfregando em sua perna vestida de brim. — Por quê?

— Só imaginando — ela o observou por um momento mais longo, desejando que sua grande mão a estivesse acariciando em vez do gato. O calor fez seu caminho de suas veias ao pensamento e antes dela se lançar sobre ele em um ataque induzido pela luxúria, ela olhou para o sótão.

— Eu preciso armazenar esse equipamento de equitação. Você se importaria de ir me entregando e manter a escada firme?

— Como Derek estava fazendo? — ele perguntou seus olhos azuis de aço reluzindo na luz solar que fluía pelas janelas sujas.

Ela sorriu. Sabia exatamente o que Derek estava fazendo e ela não tinha se importado. Ela há muito tempo parou de tentar lutar contra o instinto animal que a dominava nesta época do ano, o desejo frenético para acasalar frequentemente e urgentemente. Nunca um único homem tinha sido capaz de satisfazê-la durante o que ela pensava como seu *período de cio* e agora parecia que com dois homens viris ao alcance, suas orações tinham sido respondidas.

— Sim — ela disse —, como Derek.

Ela agarrou alguns cabrestos de fibra sintética desfiada e recomeçou a subir a escada que, desesperadamente, precisava ser substituída. Quando ela quase alcançou o topo, lançou o equipamento sobre uma pilha que começou ali.

— Certo, eu estou pronta para mais — ela girou e a escada cambaleou.

Tom xingou e agarrou a escada, seu grande corpo ficou tenso, os músculos em seus braços se flexionando.

— Deixe-me fazer isso.

— Você é pesado demais.

— Se eu ganhasse uma moeda de dez centavos por cada vez que uma mulher disse isso para mim...



Ela riu, porque adoraria sentir seu peso em cima dela e decidir por si mesma se ele era ou não pesado demais.

— Apenas me passe às rédeas, espertalhão.

Sorrindo, ele o fez, então suportou a escada enquanto ela as colocava em um velho baú de madeira.

— Então, uh, você quer os açoites e chicotes de montaria?

Ela enrugou seu nariz.

— Sim. Eu vou trancar essas coisas aqui em cima onde ninguém as encontrará.

— Você não as usa?

— Nunca. Os cavalos cooperam sem serem açoitados.

Ele alcançou um chicote, uma vara de punho grosso com uma pá em uma das extremidades e o bateu em sua palma.

— Eles servem para... Outras coisas — sua voz era profunda, escura e tão sensual que ela queria se derreter em uma poça quente e deixá-lo enrolá-la.

— Como o quê? — ela perguntou ciente que estava atizando um ninho de vespões e podia apenas esperar que ele a ferroasse.

Uma sobancelha morena arqueou e um sorriso perverso virou sua boca sensual. Agarrando a escada com uma mão, ele se esticou para cima com o chicote até a tira suave de couro tocar em sua pele logo acima de sua bota. Um choque de desejo se lançou diretamente de seu tornozelo até sua forquilha, onde umidade começou a brotar enquanto ele lentamente traçava círculos mais e mais altos dentro de sua perna. O olhar dele acariciava sua perna junto com o chicote de equitação e, então, seus olhos pegaram os dela, escurecidos a um tempestuoso azul enquanto ele o enfiava para acariciar e provocar a abertura da perna de seu short de brim.

— Isso está errado — Ela disse sua voz soando um pouco sem fôlego para seus próprios ouvidos.



A ponta de couro deslizou embaixo do material e formigamentos prazerosos se dispersavam sobre sua pele subitamente inflamada.

— Por que isso?

Ela mordeu seu lábio quando a ponta do chicote fez cócegas nas dobras de seu sexo.

— Porque você não está usando isso direito.

Aquele sorriso perverso dele se tornou ainda mais, enviando um quente fluxo de sangue em ondas por seu corpo. Ele puxou a vara de seu short e estapeou levemente na parte de trás de suas coxas nuas. Ela quase gemeu.

— Melhor? — ele perguntou.

Melhor? Ela não tinha ideia de como responder isso, porque sua necessidade tinha se aprofundado, assim seu mundo tinha se tornado seu corpo e aquele homem de pé na base da escada.

— Novamente. Mais forte.

O couro estalou através de sua pele. A picada de prazer se lançando diretamente para seu sexo.

— Melhor? — Tom repetiu sua voz rouca.

Sua restrição escureceu, cintilou, então finalmente se apagou. Impulsivamente, ela oscilou escada abaixo para permanecer o encarando no degrau inferior, o que os colocava olho a olho. Chicote na mão, ele a observou com olhos semicerrados e inquisitivos. Ela podia sentir seu calor, podia cheirar sua excitação, que era óbvia na protuberância em sua calça jeans.

— Melhor — ela murmurou —, envolveria muito menos roupas.

Fome não oculta queimava no olhar dele e ela sentiu que sob qualquer outra circunstância ele não se conteria, mas no meio do dia em um celeiro onde alguém podia entrar — sem mencionar o fato de que ela era sua chefe e que ele a conheceu apenas duas horas antes — Tom estava em conflito. Conflito não era





algo com que ela tinha problema. Não durante essa época do ano quando estaria perfeitamente bem fazendo sexo em um campo de futebol durante o intervalo.

— Você está dizendo que quer se jogar no feno e fazer isso aqui mesmo?

— Se jogar no feno tomaria tempo demais.

Não teve tempo para piscar antes dele se lançar contra ela, apertando suas costas contra os degraus da escada. A boca dele desceu em sua garganta e ela jogou sua cabeça para trás, deixando os dentes dele roçarem sua pele. Uma de suas mãos se enrolou no cabelo dela, segurando-a para seus lábios exigentes e a outra, que apertava o chicote, abaixou para o traseiro dela enquanto ele puxava seu monte contra o cume duro de seu membro.

Um gemido baixo ressoou no peito dele quando ela levantou uma perna para enganchar a parte de trás da coxa de Tom com seu calcanhar, colocando seu sexo dolorido em contato com a costura de sua calça jeans. Os dedos dele se dirigiram para a abertura da perna de seu short, as pontas calejadas roçando suas dobras molhadas.

Desejo acelerou seu sangue e seu coração pulsava tão forte que zumbiu em seus ouvidos. Deus, até seus toques suaves a estavam matando. Ela não podia imaginar como ele pareceria dentro dela, seu comprimento espesso acariciando a pele inchada e esticada com sensíveis terminações nervosas.

Agarrando seus braços, ela o puxou tão perto quanto podia, até que ela podia sentir os mamilos dele endurecerem e se esfregarem contra seu peito pelas camadas de roupa. Ela quis arrancar a camisa dele com seus dentes e tomar as duras protuberâncias entre seus lábios para saboreá-las. Ela queria saborear ele todo, mas apenas depois que encontrasse alívio para a febre que fazia sua pele apertar firme, seus ossos doerem, sua cabeça anuviar.

Arqueando seus quadris, ela balançou seu sexo nele, criando um ritmo que tinha a ambos suando e ofegando, queimando pela fricção. Ele beijou um caminho ígneo acima do oco de seu pescoço para sua orelha enquanto ela





deslizava sua mão debaixo da camiseta dele para explorar os músculos de suas costas, que saltavam sob as pontas de seus dedos.

Lascas de madeira mordiam sua espinha, mas ela não se importava. Precisava de Tom dentro dela. Precisava que ele a tomasse repetidas vezes até que nenhum deles pudesse enxergar direito, até que ela se sentisse normal novamente, se só por algumas horas. Ela mordeu o lóbulo da orelha dele forte o suficiente para fazê-lo sugar ar por dentes cerrados e então disse a ele exatamente o que queria — e com que frequência. Gemendo, sua respiração irregular, ele alcançou entre seus corpos e envolveu seu seio, agitando seu dedo polegar sobre o mamilo sensível.

— Você é a chefe, senhora — ele disse e ela não estava certa se deveria se alegrar ou ter medo, porque de repente soube que este homem poderia ser aquele que esteve procurado por toda sua vida.

Aquele que poderia satisfazê-la quando ninguém mais podia.

Capítulo 3

Cristo, Ender iria tomá-la em breve contra a escada, à luz do dia, no meio do celeiro aberto e não havia por que se preocupar mais sobre isso. Ele não iria deixar esta oportunidade deslizar por seus dedos.

Foco, homem. Foco.

— Você é sempre tão avançada? — ele perguntou, observando a respiração dela acelerar enquanto se contorcia contra ele.

— Sim. Você tem um problema com isso?

— Eu não tenho problema algum em dormir com você. Eu só quero ter certeza que não estou pondo meu trabalho em perigo.

— Eu não estou pagando a você por serviços de garanhão. Estes precisam ser estritamente voluntários.

— E eu que sempre pensei que trabalho voluntário era superestimado — ele disse quando ela puxava forte o zíper em sua calça jeans. Ela olhou fixamente seu membro, então olhou em seus olhos e de volta para o membro e... *Yeah, quem é seu papai agora, Kira?* Sua mão circulou seu pênis asperamente e ele rosnou. — Ah, foda-se.

— Sim, isso... Agora — ela disse, acariciando-o enquanto olhava para ele com os olhos âmbar arregalados e sorria. Ele se perguntou quando perdeu o controle dessa situação, embora soubesse que um homem realmente nunca

— tinha qualquer controle quando estava fodendo. Ainda sim, ele nunca esteve tão ruim.

— Ei, espere um minuto — ele murmurou em um momento de claridade.
— Preciso estar preparado — Ender enfiou sua mão no bolso de sua larga calça jeans e retirou um preservativo, colocou a embalagem entre seus dentes para rasgar, desde que sua outra mão estava ocupada na camisa dela roçando em seu mamilo. Sua reação podia apenas ser descrita como violenta. Ela silvou, realmente silvou e bateu a embalagem para fora de sua mão.

— Não.

— Eu não brinco com merdas assim.

— Eu estou na pílula.

— Eu não me importo — ele disse, se curvando para pegá-la e ela o puxou de volta para si pela frente da camisa dele.

— Não — ela disse de novo. Beliscou sua orelha novamente, mais forte, ao mesmo tempo em que seu sexo roçava contra seu pênis.

— Kira...

— Eu estou na pílula e não posso usar preservativos — ela disse sua voz baixa e gutural e, não cederia sobre isso.

Ela era provavelmente alérgica. E se ele não a tomasse, ela iria direto para Derek, desenvolveria uma conexão íntima que poderia deixá-lo de fora. Era um movimento que ele não podia dar-se ao luxo de fazer, especialmente desde que o instinto lhe dizia que Kira não dormiu com Derek ainda. Além disso, esta não seria a primeira vez que tomaria sua vida em suas mãos.

— Eu preciso de você, Tommy — ela ronronou em sua orelha, seu aroma subindo ao redor deles, o cheiro de sexo, luxúria e tudo entre eles. Em segundos, seu único pensamento era a mulher na frente dele, a bela e excitante mulher que ele queria colocar sobre seu joelho e dar umas palmadas, a quem



gostaria de algemar na escada e fazê-la implorar por ele. Nada mais importava não o trabalho, não a ACRO, nada exceto entrar em suas calças e dentro dela.

Sua cabeça flutuou, como se ele tivesse algum tipo de vertigem passageira e cada um de seus sentidos aguçados, quase ao ponto da dor, lhe disse que se afastasse dela. Disseram-lhe que ela era mais perigosa que qualquer um que a ACRO conheceu. Ela se aninhou a ele, tudo se moveu em câmera lenta e Ender sabia que não havia escapatória quando cada fibra de seu ser gritava com o desejo para acasalar. Para fazê-la sua e apenas sua.

Maldição. Ele a girou, assim ela estava de frente para a escada, usou o chicote atrás de suas coxas uma última vez antes de lhe dizer.

— Solte seu short.

Ela obedeceu rapidamente, estendendo seu traseiro redondamente perfeito, e ele chutou suas pernas separadas bruscamente. Ender não se incomodou de tirar quaisquer de suas roupas. Ao invés, ele agarrou seus quadris e entrou nela forte enquanto ela se segurava à escada pela vinda querida.

Um baixo gemido agudo surgiu da garganta dela. Ele agarrou seus quadris quando seu sexo se contraía ao redor dele quase imediatamente, uma série de orgasmos múltiplos rasgando por ela fez seu mundo balançar e ainda assim ela não tinha terminado. Kira se empurrou contra ele com uma intensidade que jamais tinha visto em qualquer outra mulher.

Normalmente, ele não teria permitido a teria no limite e impotente, a tomaria em suas condições. Mas seu pênis era prisioneiro dela e não parecia se importar nem um pouco. Ela o estava levando para um passeio e suas bolas pulsavam pela pressão.

— Eu acho que ela ainda está no celeiro... — uma voz de mulher ecoou perto demais seguida pela de Derek. Ender não era de fazer show para ninguém, mas ele não podia se importar. Algo sobre o aroma de Kira o atraiu para ela como nunca tinha sido atraído antes. Ela gemeu seu nome, oferecendo seu pescoço para ele e a ouviu suspirar quando mordeu profundamente,



segurando-a para si, acasalando como um garanhão cobrindo sua égua. Ele sabia que ela teria um sabor tão bom entre suas pernas quanto seu cheiro, queria se retirar dela, espalhar suas pernas e lambê-la até ela gritar. Sim, ele iria fazer isso logo. Mas as vozes se aproximavam mais.

O áspero denim da calça jeans dele roçava as partes de trás de suas coxas nuas, sua camisa subiu e eles a enrolaram, os orgasmos dela ainda vindo um logo atrás do outro novamente e ela não parava. Seu traseiro esfregava contra ele, seu ritmo o persuadindo para mais fundo, mais rápido, lhe dando nenhuma escolha além de se derramar dentro dela com um gemido abafado contra seu pescoço.

Um fino brilho de suor cobria sua pele bronzeada e a última coisa que ele queria fazer era se retirar dela. Boa coisa que ela se sentisse da mesma maneira, porque não estava soltando-o. Ela girou sua cabeça, um sorriso largo em seu rosto e quando abriu seus olhos e olhou para ele, o olhar selvagem e desesperado tinha sumido. Ela apenas parecia satisfeita como o inferno. E sensual. Ele já estava em mais problemas do que tinha previsto e estava apenas há duas horas nesta missão.

A voz de Derek ficou mais alta, gritando por Kira, mas ainda assim Ender não se apressou em se retirar. Quando ele o fez, mal teve tempo para se enfiar de volta em sua calça jeans antes de Derek chamar novamente. Por um segundo, Ender ficou onde estava, de frente para Kira, assim ela podia subir seu short e arrumar sua camisa com um pouco de privacidade.

— Obrigada — ela disse, dando-lhe uma piscada rápida.

— Sem problema. E agora é realmente melhor eu começar a trabalhar — ele disse. Agarrou o chicote de equitação que tinha deixado cair no chão e o arrastou pela coxa dela antes de enfiá-lo debaixo de seu braço. — Seria melhor eu levar isso. Você não quer deixar que caia em mãos erradas.

— Kira, eu estava procurando por você — a mulher de quem a voz veio anteriormente entrou, em seguida Derek em seus calcanhares. — Eu encontrei Derek prendendo os cavalos e ele disse que você estava aqui.





— Desculpe, eu estava no sótão — Kira disse. — Tommy, essa é Deb. Ela é nossa nutricionista animal residente. Ela cuida de alimentar todos os exóticos. Deb, este é Tom, nosso mais novo trabalhador. Ele acabou de começar hoje.

— Oh, ei, Tom. Eu teria muito prazer em mostrar a cidade a você mais tarde quando tiver acabado por aqui. Não há muito que se fazer por aqui, mas há alguns lugares que aposto que você ficaria interessado — Deb disse. Ela era pequena, loira e atraente, mas não o seu tipo.

Ele estendeu sua mão, deu o cortês aceno de bom garoto da fazenda e observou Deb avaliar seu rosto e corpo.

— Parece ótimo — ele disse, sabendo que nunca iria.

Contudo, Deb sorriu, sacudindo seu cabelo e ele refreou uma risada quando Kira agarrou o braço de Deb e a guiou para longe. Sra. Doolittle era mais possessiva do que ele pensou que seria. Bom saber. Satisfeito, ele girou e passou por Derek, apenas perto o suficiente para o sujeito cheirar Kira nele como um distintivo de honra. Derek inclinou sua cabeça e lhe lançou um olhar penetrante, Ender mostrou seus dentes e deixou um grunhido baixo escapar de sua garganta. Derek recuou primeiro, murmurando sobre suportes de cerca e Ender girou para arrumar o resto do equipamento que Kira queria longe de vista.

Um a zero para mim, otário. Literalmente.

Quando leu a primeira vez o arquivo sobre Kira e seus instintos animais ontem à noite antes de deixar sua casa, ele imaginou que alguém tropeçou na parte sobre a febre de primavera dela para irritá-lo. Não era piada, não dessa maneira, pois quando ele usou o chicote nela seus olhos ficaram com aquele olhar ligeiramente vítreo que apenas um orgasmo incrível podia deixar. E sim, ele estaria mais que feliz em girá-la sobre seu joelho e lhe dar um tapinha, fazê-la concordar com qualquer e todas as suas fantasias. E era assim que ele iria prepará-la para este trabalho — alcançá-la.





Se ela era assim tão fácil de seduzir, o inimigo teria oportunidades com ela. Nas mãos erradas, Kira seria uma ameaça para qualquer sociedade e a ACRO queria ter certeza que ela estava firmemente em seu alojamento, sendo uma ameaça apenas para aqueles que fossem contra a proteção e segurança dos Estados Unidos e seus aliados. Inferno, ele iria ter que recomendar à ACRO que a mantivesse trancada durante sua febre de primavera, sem mencionar mantendo-a... Servida. Até então, servir era seu trabalho e era um que planejava fazer melhor que bem. Uma vez que a noite caísse, ele cuidaria de todo o resto.

TERÇA-FEIRA — OITO DA NOITE, EST.

Devlin O 'Malley — chefe da ACRO e todos os seus operantes — sentava-se à cabeceira da mesa de conferência, roçando as pontas de seus dedos ao longo do carvalho liso enquanto tentava prestar atenção nos dois homens que se sentavam a sua frente, discutindo sobre quem conseguiria a posse de Kira uma vez que Ender a entregasse nas mãos ávidas da ACRO.

Henry Stockton — o diretor da Divisão Paranormal, um homem que estava na ACRO desde antes de sequer ser chamada ACRO — tossiu. Ele apenas recentemente parou de fumar, mas não tinha sido cedo o suficiente. Seis meses atrás, doutores da ACRO acharam câncer nos pulmões do homem depois que um dos psíquicos alertou Dev de que algo estava terrivelmente errado com o homem mais velho. Até agora, os tratamentos estavam indo bem.

— Ela é uma comunicante de animais. Basicamente, uma psíquica animal. O que significa que ela pertence à minha divisão. Com os psíquicos — Henry argumentou.

— Onde, sem dúvida, chefes de departamentos estão discutindo como vocês dois sobre quem ficaria com ela — Dev disse.

E Henry concordou.

- 
- Principalmente os departamentos de Médiuns e Telepatas.
- Não importa — Jason Templar, o diretor de Operações Especiais, disse.
- Ela é fisiologicamente extrema.

Dev assentiu, embora eles não tivessem ideia de quão extrema ela era. A Divisão de Ciência expressou preocupação que por sua fisiologia sem igual, genéticas e doenças podiam ser modificadas. Nas mãos erradas, isso podia soletrar desastre.

— Não importa o quanto psíquica ela seja sua habilidade não afeta mentes ou ações humanas. Ela é uma OER — Jason terminou.

— Certo — Henry ridicularizou —, assim como Remy.

Dev suspirou na menção do nome de Remy — porque ele não podia passar por essa discussão novamente. Remy tinha uma conexão com o clima que era quase extraordinária demais para acreditar e seu controle sobre a Mãe Natureza apenas ficava mais forte desde que ele chegou à ACRO e estava passando pelo treinamento adequado.

As linhas entre o que tornava uma pessoa adequada para qual das divisões da agência não eram sempre claramente desenhadas. Ele tinha acabado de passar por isso com um novo recruta, um *Excedosapien* que aconteceu de ser ligeiramente clariaudiente². Ambas as Divisões Paranormal e Excedo queriam o sujeito, que por fim foi para Excedo, embora Paranormal pudesse pegá-lo emprestado. E Henry estava ainda irritado sobre a perda de Remy para o departamento de Operantes Especiais Raros.

— Vocês dois percebem que Kira será atribuída para a Divisão Animal.

— Ela ainda precisa de uma divisão de origem.

O *laptop* de Dev bipou e ele bateu seus dedos sobre o *touchpad*. Porque ele estava cansado levou ligeiramente mais tempo que o habitual para absorver a mensagem da parameteorologista da ACRO, Haley Holmes. Ela reduziu as localizações secretas da Itor para sua notável arma de clima para três lugares

² Faculdade mediúnica de se ouvir espíritos.

possíveis. Eram boas notícias, mas com a estação de furacões começando no próximo mês, não era bom o suficiente. Ele percebeu que Jason e Henry ainda estavam discutindo e rangeu seus dentes.

— Basta. Escrevam seus argumentos e os submetam a mim amanhã.

— Parece bom.

O olhar hostil de Jason para Henry chiou sobre a pele de Dev. Aqueles dois nunca concordariam. Mas então, Jason raramente concordava com alguém e, Henry fazia tudo que queria desde que nasceu. Jason partiu, mas Henry permaneceu sentado.

— Você tem algo mais para dizer? — Dev perguntou.

Henry se moveu em sua cadeira — o rangido de tecido em couro mais alto do que devia ter sido — e Dev soube que seu futuro próximo envolvia uma enxaqueca intensa.

— Eu quero que minha divisão finalmente consiga um tratamento justo. Desde então você começou a trazer tipos com habilidade rara.

— Eu estou ciente de suas visões, Henry.

Henry e um punhado de outros se opuseram à expansão de Dev para a ACRO das operações exclusivamente psíquicas que tinham estado sob a direção de seus pais. Ele aceitava a validade de alguns dos argumentos.

Trazer *excedosapiens* e OERs tinha criado vários problemas que ele não podia aniquilar não importa o quanto tentasse. Os dois tipos tinham uma propensão para causar muitos problemas e podiam ser difíceis de controlar. Havia também a percepção que os OERs recebiam tratamento preferencial, dadas as suas habilidades extremamente raras e números notavelmente menores — em comparação com os agentes nas Divisões Paranormais e *Excedosapien*. Por outro lado, a adição de Excedos e OERs fez da ACRO a agência mais poderosa no mundo — secreta ou não.



O uniforme de combate de Henry sussurrou quando ele moveu-se novamente.

— Você sabe que tenho grande respeito pelo trabalho que você e seus pais fizeram.

Dev inclinou sua cabeça.

— Mas?

— Mas talvez a ACRO tenha ficado grande demais e de difícil controle para uma pessoa. Uns poucos de nós temos conversado e pensamos que pode ser a hora de você aceitar associados.

— Entendo. Você quer que a ACRO seja administrada por uma diretoria.

— Asseguraria que todas as vozes sejam ouvidas.

— Por que eu não sou justo o suficiente para ouvir todas as vozes? — Dev suavemente perguntou e sentiu uma mudança distinta na energia da sala.

— Eu não disse isso. E você iria claro, permanecer como presidente...

— Que generoso. Vocês *poucos* tem tudo isso resolvido — Dev se empurrou para seus pés, apoiou suas mãos na mesa e se debruçou adiante. — Eu estou prestes a provar o quanto eu sou justo. Vê, eu esquecerei que você algum dia levantou isso. E você? Você sairá agora mesmo, por meio de seus próprios pés. Confie em mim, isso é mais que justo.

Ele ouviu a quieta evasiva enquanto Henry deixava a sala de conferência, fechando a porta atrás dele. Dev apertou o painel debaixo da mesa, o código que abriria a porta que levava a seu escritório privado, onde ele se recusava a manter reuniões, recusava a admitir muitas pessoas absolutamente. Ele precisava de um refúgio neste lugar.

Ele precisava se acalmar. Estava cansado mentalmente, fisicamente — mas mais que isso, Dev estava cansado das merdas da direção. Ele levou esta organização malditamente longe demais em oito anos para parar agora, mas às vezes desejava que estivesse de volta ao exército onde era mais que aprovado





resolver disputas com alguns bons socos. Mas não havia muitas opções para um piloto cego na Força Aérea. Que era por que sua súbita e extraordinária habilidade em VRC — Visão Remota Controlada — ganhou-lhe uma rápida evasiva de papelada para a NASA e seu programa de controle da mente depois do acidente que matou sua carreira de piloto dez anos atrás.

Seus pais tinham ficado desapontados. Novamente. Eles o queriam fora do exército completamente, o queriam com eles na ACRO. Ele se recusava. Eles tinham bastante ajuda. Mas enquanto todo mundo estava ocupado sentindo as sobras da paz e o amor pelo programa Stargate, o mundo exterior desmoronou, agências competidoras abriram e alguém derrubou seus pais, estilo execução, na mansão deles em Syracuse, a casa de infância de Dev.

O golpe foi ordenado por uma agência muito maior que o FBI ou a CIA. Na mente de Dev, foi definitivamente a Itor, embora as outras duas agências tivessem suas razões para também querer seus pais mortos. Apenas isso foi o suficiente para empurrar Dev firmemente pra longe do governo e nos braços da ACRO.

Hoje, quando o governo e o exército vinham a ele por ajuda, eles jogavam por suas regras. Dev apertou a segurança até ranger, expandiu as divisões da ACRO para incluir Operantes Raros com quem seus pais nunca sonharam — ele aceitava aqueles homens e mulheres raros que mancavam no exército ou onde fossem, como refugiados que perderam sua pátria; ele os recebia, os treinava... Os salvava. Tudo que eles tinham que fazer era comprometer sua lealdade a ACRO.

Aqueles eram os fáceis — os desesperados, os que não se importaram de se juntar à terra das aberrações. Os outros não se submetiam facilmente. Ou quietamente. E aqueles eram os que eles mais precisavam. Ele precisava fazer a velha guarda por aqui entender que mudanças poderiam nem sempre ser fáceis, mas frequentemente eram para melhor.

Ele deixou sua mente vagar para Henry e Jason novamente – cada um mais que um candidato perfeito para ser o vazamento — um vazamento que



precisavam tampar e rápido. Ele tinha acabado de descobrir que um de seus operantes morreu na China e a única maneira que poderia ter acontecido era se a missão tivesse sido comprometida. Do lado de dentro.

Havia poucas pessoas na agência que ele realmente podia confiar sem falhar e um deles estava desaparecido, em campo, provavelmente fodendo até perder sua mente, por ordens suas. Dev não estava pronto para compartilhar suas suspeitas com sua assistente, embora ele soubesse que Marlena faria o que pudesse para ajudá-lo a ir ao fundo das coisas. Se nada mais, ela sairia de seu caminho para ajudá-lo a tirar sua mente da intrusão, nem que fosse apenas por alguns minutos. Ele sorriu brevemente e bipou por ela sem outro pensamento. Gozar podia não focá-lo, mas nunca machucava.

TERÇA-FEIRA — SETE DA NOITE, MST.

Kira saiu do chuveiro, contente por ter lavado a sujeira do dia da fazenda de seu corpo, mas não tão contente por lavar o aroma de Tom. Ela amou como ele cheirava, amou o modo que a olhava, tocava. Ela tomou muitos amantes em sua vida — a maior parte deles durante as semanas de necessidade desesperada que faziam de sua vida um inferno vivo —, mas enquanto todos tinham servido a seu propósito, nenhum a excitou tanto quanto Tom.

Ela não podia esperar fazer isso com ele de novo — não porque precisava, mas porque queria. Essas semanas podiam ser o inferno, mas elas permitiam que ela passasse uma breve quantidade de tempo nos braços de um homem, tomasse a alegria no contato humano que a maioria das pessoas não dava valor. Quando mãos fortes alisaram sua pele e lábios mornos acariciaram os seus, sua solidão dissolveu-se apenas por alguns momentos preciosos.





A porta de seu quarto abriu com um rangido e Babs — uma Weimaraner³ que tinha estado no refúgio desde antes de Kira chegar a quase dois anos atrás — trotou para dentro e saltou em sua cama.

— Ei, garota — ela bagunçou as orelhas de Babs. — Você notou se Tom e Derek terminaram suas tarefas?

Um dos homens deve ter vindo para dentro da casa, porque Babs tinha estado próxima ao celeiro quando Kira entrou para seu banho. Uma mistura de imagens flutuou por sua cabeça... Babs, cavando em um buraco de roedores, então saltando na traseira da caminhonete de Kira, então Derek abrindo a porta de cima e deixando a cadela passar. Derek tinha aparentemente terminado com os consertos da cerca.

Ela vestiu uma bermuda cargo e uma camiseta, não se incomodando em fazer qualquer coisa com seu cabelo molhado além de levantá-lo em um rabo de cavalo alto. Kira caminhou até a cozinha laranja e dourada que era nada além de um santuário aos anos setenta e ligou o rádio no peitoril. Balançando ao som dos antigos sucessos, ela tateou pelos armários. Nem Tom ou Derek pegaram sua caminhonete hoje para ir à loja, então prepararia um grande jantar e se eles quisessem compartilhar, seriam bem-vindos.

Ela pegou tofu e vegetais frescos o suficiente para um prato decente que alimentaria os três e com mãos praticadas, fatiou, cortou em cubos e lançou os ingredientes em um wok⁴.

Os animais migraram para a cozinha para implorar — aspargo era sempre um favorito com os cachorros — e logo mais de dois pares de dúzias de olhos a cercavam. Rafi saltou em cima da velha máquina de lavar pratos no fim do balcão e dava patadas de brincadeira cada vez que Kira passava por ele. Ela cantou alto sobre ciganos, vagabundos e ladrões enquanto colocava a mesa com pratos — que não combinavam — do brechó. Quando ela terminou, procurou no refrigerador pelo jarro de limonada e então se virou para o grupo.

³ Raça de cachorro.

⁴ Um utensílio básico da culinária asiática.



— Um de vocês vai trazer os meninos?

Era desnecessário falar; os animais a entendiam em outras maneiras, mas conversar a mantinha sã quando às vezes não se sentia nem um pouco. Ela formou uma imagem em sua cabeça dos quartos de cima e Babs, sempre a ajudante responsável, saiu correndo, suas unhas estalando nos degraus de madeira atrás da cozinha. Tom poderia não reconhecer a mensagem, mas Derek, depois de apenas uns dias, compreendeu que quando um cachorro arranhava em sua porta, Kira o queria.

Ninguém veio. Murmurando para si mesma, ela diminuiu o calor no tofu, aspargo e tomates, depois seguiu para cima. Babs sentou-se entre as portas, suas orelhas caídas, uma expressão abatida, como se tivesse falhado em uma missão.

— Está tudo bem, pequena Babby-Sue. Volte lá para baixo.

Ela bateu na porta de Tom. Nenhuma resposta. Ela tentou a do Derek. A porta abriu em um rangido. Ele estava de pé no meio do quarto, falando em um telefone celular, sua voz silenciosa e severa. Sua frustração encheu o quarto com um odor amargo. Sentindo-se como uma intrusa, ela se virou.

— Kira. Eu sinto muito. Eu não vi você aí.

Ela se virou de volta para ver Derek colocar o telefone no bolso de sua calça jeans.

— Eu pensei que pudesse querer um pouco de jantar.

— Tom está convidado?

Pergunta estranha, mas então, sua febre de primavera afetava mais que apenas ela. Homens captando os sinais de seu corpo, reagindo a eles mesmo que apenas subconscientemente, de forma que ela esperava alguma tensão entre os dois eventualmente.

— Ele ainda está trabalhando, mas pode comer quando entrar — ela pausou. — Por quê?



Derek fez uma careta. Silêncio cresceu.

— Derek? O que é?

— É só que... — ele suspirou. — Você precisa ficar de olho nele.

Ela soltou uma respiração lenta e entrou no quarto.

— Existe mais do que a coisa da fazenda, não é?

Ele assentiu.

— Nós estivemos no exército juntos. Foi como nós realmente conhecemos um ao outro.

Interessante, mas não surpreendente, dado a vibração militar que ela sentia de ambos.

— Por que o segredo?

— Eu estava tentando protegê-lo — ele olhou abaixo, raspando sua bota no chão de taco. — Mas então percebi que você é quem eu devia proteger. Ele não é... Estável.

— Sim, bem, a maioria das pessoas não acha que eu sou muito estável, então você precisa ser um pouco mais específico.

Derek esfregou a mão sobre o rosto, que estava áspero com uma barba de um dia escura.

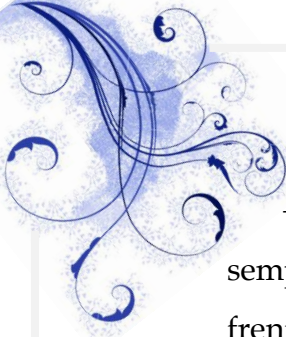
— Eu não quero colocar o cara em dificuldade, então não posso dizer muito, mas não fique perto demais. E não acredite em nada que ele lhe disser. Qualquer um com uma dispensa desonrosa... Bem, seja cuidadosa.

Ótimo. Seu primeiro companheiro da temporada e ele era provavelmente um maníaco homicida.

— Eu aprecio a advertência, mas posso cuidar de mim mesma.

A boca de Derek relaxou em um sorriso amigável. Aquele que teria lhe tirado a respiração antes de conhecer Tom, cujos sorrisos raros faziam todas as suas zonas erógenas gritarem por atenção.





— Eu estou certo que você pode — ele a estudou com olhos aguçados que sempre pareciam tirar sua medida, como se ele gostasse de ficar um passo a frente de tudo. — Você tem algum tipo de treinamento em autodefesa?

— Um pouco — muito, na verdade. Tempos atrás quando ela treinava cachorros da polícia e militares, os domadores tinham sido bons o suficiente para lhe dar lições particulares.

— Isso é bom — ele disse, mas seu desgosto flutuou para ela em uma balsa de odor. Talvez ele mesmo quisesse lhe dar lições. — Mostre-me o que você pode fazer.

Ele lançou seus braços em direção a ela, os dedos dele se esticando para seu ombro. Kira não hesitou, agarrou sua mão e torceu forte. Coração martelando, ela investiu para baixo em uma técnica de manipulação de pulso que praticou com um policial chamado Wayne. Rodando depressa, ela envolveu seu cotovelo com a outra mão e o apertou para baixo. Ele grunhiu e Kira sorriu enquanto o continha, seu corpo curvado na cintura, seu braço contorcido desajeitadamente atrás das costas.

— Bom — ele murmurou, a admiração em sua voz misturada com surpresa.

E, então, foi a vez dela de ficar surpresa, porque antes de ter tempo para ficar convencida, ele a empurrou adiante. Os dedos dele agarraram seu pulso e ele deu um passo atrás dela, torcendo seu braço para cima em suas costas forte o suficiente para fazê-la estremecer, mas não o suficiente para ser doloroso. Muito.

Maldição, ele era forte. Mas então, ela o viu erguer a traseira de sua caminhonete e tirá-la da lama em que tinha ficado atolada. Bem, viu pelos olhos do Cheech, mas ainda assim... Derek a manteve imóvel com uma mão, envolvendo seu outro braço musculoso ao redor do pescoço dela e pressionou o peito dele nas suas costas. Câimbras beliscaram seus bíceps e sua garganta parecia um pouco apertada, como se canalizasse suas respirações rápidas por ela.





— Sempre há um movimento contrário — ele disse, sua voz ressoando contra a orelha dela em um rico e sedutor tom que a atingiu como uma passagem de som. Ele balançou sua pélvis contra ela, dirigindo sua ereção em seu quadril. Soltando o braço de sua garganta, ele deixou flutuar abaixo do peito dela, sobre seus seios, para sua cintura.

Mensagem recebida.

Ele a queria e estaria disposto e capaz se ela chegasse a querer — ou precisar dele logo. Calor escoou através de sua pele e quando ele a lançou, ela girou para longe antes de seu corpo poder reagir mais a estimulação dele. Ela não iria *requerer* sexo por mais algumas horas, mas nasceu equipada com um interruptor de autopreservação que ativava sua libido na presença de um macho excitado, eficazmente a forçando a aceitar todas as oportunidades de acasalamento que se apresentavam. Se ela estivesse no quarto com Tom acolheria a chance de derrubá-lo no chão, mas dormir com Derek agora apenas intensificaria a tensão entre ele e Tom, algo com que ela não queria lidar ainda.

— Uau — ela enxugou suas palmas em sua bermuda simplesmente porque precisava fazer algo com elas. — Isso foi impressionante.

Extra impressionante, dado que Wayne lhe assegurou que o golpe que ela usou era difícil de quebrar. Wayne, que a segurou frequentemente o suficiente. Que definitivamente cumpriu seu dever cívico com ela de proteger e servir várias vezes durante uma de suas febres de primavera. Que foi quem lhe avisou quando os mandados para sua prisão tinham, de repente, sido reintegrados.

— Não se despreze. Você conhece suas habilidades — dobrando seus braços através de seu peito largo, Derek a observou com olhos escuros que tinham ficado quase pretos com desejo. — Você pode escapar de restrições?

Com o coração ainda acelerado, ela apertou suas mãos nos quadris.

— Perguntaram muitas coisas estranhas em minha vida, mas Derek, você está indo para alguns novos lugares aqui.

Ele sorriu.



— Eu podia ir para mais novos lugares, se você quisesse.

— Homens — ela bufou, mas faltava convicção em seu drama. Nesta época do ano, ela era receptiva a todos os flertes.

— Eu estou apenas cuidando de você — ele se moveu para sua cômoda, tirando um par de algemas da gaveta superior. — Deixe-me lhe mostrar algo.

— Ooh! Legal! Eu fui algemada antes — ela estreitou seus olhos. — Por que você tem algemas?

— Razões pessoais.

— Seja o que faz flutuar seu barco, eu acho.

— Sustente suas mãos — em dois fluidos passos largos, ele fechou a distância entre eles. — Por que você teria sido algemada? Ou eu não quero saber?

— Razões pessoais — ela piscou, esperançosa que ele compraria a mentira. A verdade, é que ela foi presa mais de uma vez e era algo que gostava de manter para si mesma.

— Estique suas mãos assim — ele girou seus pulsos — Fará as algemas ficarem mais soltas uma vez que forem colocadas — ele as estalou no lugar.

— Estou interrompendo algo?

A voz de Tom, calma e fria, flutuou no quarto. Kira sorriu e olhou sobre o ombro para ele.

— Derek estava me dando dica sobre como fazer algemas mais confortáveis.

— Aposto que sim — sua boca se curvou, mas se seu sorriso fosse genuíno, ela comeria um hambúrguer. Cru.

— Eu vim para ver se vocês dois queriam jantar.



— Oh, porcaria! Jantar! Está queimando — ela empurrou seus pulsos em Derek. — Tire-as — o sorriso dele não enfraqueceu, mas seu olhar nunca deixou o de Tom.

Homens. Doentes mentais. Uma vez livre, ela se lançou para fora do quarto.

— Venham, meninos. O jantar está pronto. Vocês vão amar. Aspargo salteado, tomates e tofu com curry — ela rolou seus olhos para os dois homens que se mantinham ali olhando um ao outro como galos rivais.

Babs, que não tinha ido para o andar de baixo, lhe deu um olhar que dizia tudo.

Machos são estúpidos.

Capítulo 4

Ender ignorou o sorriso de Derek, bateu levemente na cabeça de Babs e girou para seguir Kira. Toda a coisa de nunca-vire-as-costas-para-seu-inimigo era superestimada. Assim também era Derek. E, às vezes, virar as costas dava ao inimigo suficiente tempo para pisar na bola, ou mostrar a eles que você não dá à mínima. Mas Ender se importava e parecia que Derek estava planejando algo para esta noite. E, com o modo que Kira agiu esta tarde e novamente nas algemas de Derek, ele corria um risco real de que puxassem seu tapete.

Ele podia quase garantir que Derek chamou reforço. Quase. Mas este era o equilíbrio delicado envolvido em um Operador que agia como Convencedor e assassino. Em uma mão, ele precisava manter Kira segura e fora do alcance do inimigo. Mas ela já tinha perdido dois empregados e matar Derek agora mesmo — que seria seu primeiro e mais natural instinto — causaria suspeita demais da parte dela. Então novamente, podia deixá-los mais próximos, forçá-la a buscar a ele por proteção.

Parte de seu plano também envolvia descobrir exatamente que uso Itor tinha para ela. Ele tiraria isso de Derek mais tarde. E então ele o mataria. Porque matá-lo cedo demais soltaria os cachorros, literalmente. Agentes I tinham um verme virtual implantado em seus cérebros que transmitia de volta para o complexo de origem, deixando-os saber que depois de vinte e quatro horas de nenhuma atividade cerebral um agente tinha morrido. Ender precisava de um

pouco mais que vinte e quatro horas e tinha um plano para conseguir esse tempo.

A cozinha estava quente como o inferno embora o sol já tivesse começado a descer, o calor do cozimento aumentando bastante à temperatura, de forma que Ender desejou poder ficar apenas de calção e tomar um longo mergulho no lago que corria ao longo da parte de trás da propriedade.

Ele se moveu para perto de Kira, perto o suficiente, de modo que ela precisou tocá-lo ao passar por ele, a pele nua do braço dela roçando a sua, e Ender esperou para ver se ficaria com a mesma sensação de vertigem que ele teve mais cedo no celeiro. Quando ele conduziu com a cabeça errada. Não havia nada nos arquivos sobre uma alergia a látex, ou qualquer outra e ela nem se incomodou em checar para ver que o preservativo era pele de cordeiro. Embora com sua posição de militante dos direitos dos animais, isso não teria ido bem de qualquer maneira.

Ele inalou, absorvendo o frescor da pele dela, a mistura de mel e cravos-da-índia que o fazia subir pelas paredes e seu pênis se agitar, mas esta era uma resposta normal. Babs não deixava o lado dele, um pacote de energia cinza e grudento, procurando carinho.

— Aposto que ela é uma beleza quando corre — ele disse.

— Sinta-se livre para levá-la a qualquer hora que quiser. Ela sempre pode aproveitar mais exercício — Kira disse. Derek se esgueirou para o balcão, tirou o prato quente de suas mãos e o trouxe para a mesa.

— Tommy, você pode pegar a limonada, por favor? — Kira perguntou.

Tommy o cacete!

— Sim, senhora.

Colocar o sedativo na bebida tomou todos os três segundos entre dar uma misturada final e despejá-la nos copos. Ender tomou um gole primeiro, então bebeu mais ou menos metade de seu copo porque Derek o observava com suspeita. Finalmente, o cara seguiu o exemplo.



Ender pegou a cadeira na extremidade mais distante da grande e antiquada mesa da casa de fazenda, suas costas para a parede. Derek se sentava diagonalmente a ele no outro lado da mesa e sorriu quando Kira deslizou na cadeira próxima a ele, deixando Ender sozinho. Como se Ender fosse se importar com essa merda. Isso não era um jogo de encontros, mas se fosse, ele já estaria longe na liderança.

Ele sentou-se de volta em sua cadeira, esticou suas pernas debaixo da mesa, de maneira que elas travassem em torno das pernas da cadeira de Kira possessivamente. Até a puxou o suficiente em direção à mesa de forma que tanto Kira quanto Derek notassem. Ender lançou um sorriso de bom garoto da fazenda na direção de Kira e sim, os olhos dela se iluminaram. Então ela corou ligeiramente e começou a amontoar no prato porções de algo que deveria se assemelhar a comida.

— O que é isso? — ele perguntou.

— É aspargo, tomates e tofu com curry. Vocês vão amar.

Ele olhou para a pilha de tofu e legumes na frente dele, sabendo que nada ali iria satisfazê-lo bem o suficiente — ele iria precisar de alguma carne vermelha, e logo. Talvez Deb serviria para algo, afinal.

— Kira, está maravilhoso. Faz-me pensar sobre passar para o seu lado — Derek disse enquanto cavava entusiasmamente.

Ender bufou e Kira olhou para ele.

— Você não gosta?

— Tofu não é realmente minha coisa — ele disse. Agarrou um pedaço de pão do prato no meio da mesa e o carregou com margarina.

— A maioria das pessoas normalmente experimenta, apenas por educação — ela disse.

— Eu não sou a maioria das pessoas — ele disse, deu uma mordida no pão e o empurrou para baixo com limonada.



Mas Kira não iria desistir. Ela apenas olhou para ele com aqueles grandes olhos âmbar que lhe lembravam os de uma pantera satisfeita deitada ao sol da tarde, então olhou de volta para seu prato.

— Eu tive muito trabalho — ela disse.

— Não lhe pedi que tivesse. Senhora.

— Eu ficarei com a parte dele — Derek disse, enquanto continuava a se empanturrar com a porcaria do tofu com curry.

— Você não é bem-vindo a nada meu — Ender lhe disse, então deixou um pé descalço se demorar contra a panturrilha de Kira debaixo da mesa mesmo quando Derek girou para ela e tocou de leve em alguma merda de tofu que derramou sobre seu queixo.

— Deixe-me cuidar disso — Derek disse. Ender aumentou sua ação com o pé contra a panturrilha, satisfeito quando conseguiu uma resposta dela.

Kira parecia estar apreciando toda a rotina de dois-homens-competindo-por-sua-atenção. O que significava que estava na hora de virar o jogo de volta para ela.

Fácil o suficiente. Ele não tinha que se fazer de difícil por que ele *era* difícil. Sua relação digna de consideração mais longa foi quarenta e oito horas em Fiji, em uma praia privada com uma herdeira casada de vinte e quatro anos que não se importava com o fato dele lhe foder até o cérebro e não lembrar-se do seu nome metade do tempo.

— Então, onde a Deb fica? — ele perguntou, imaginando matar dois coelhos com uma cajadada e tudo aquilo, então, se lembrou de que ele provavelmente não podia dizer merdas assim alto ao redor da Senhorita Militante Vegetariana Rígida. Os olhos de Kira se arregalaram ligeiramente. Derek apenas agitou sua cabeça.

— O que? Você queria um pedaço dela? — Perguntou a Derek.

— Você não mudou nem um pouco, não é, Tom?





— Eu acho que Deb entrará em contato com você se ela estiver interessada — Kira disse a ele.

— Eu acho que ela está interessada — ele apunhalou seu garfo no tofu e deu algumas mordidas relutantes como por seu plano, ignorando Kira e Derek enquanto eles conversaram sobre o dia de trabalho, o refúgio e tarefas a serem feitas no dia seguinte.

Ele olhou para cima quando ouviu um pequeno impacto, a limonada de Derek derramando através da mesa. Um dos gatos saltou para investigar, mas Ender agarrou o animal e enxugou a bagunça rápido. Tudo que ele não precisava era machucar os bebês dela.

— Derek, você parece meio pálido — Kira estava dizendo quando se debruçou para tocar o braço de Derek. Este gemeu em resposta e olhou para Ender, seus olhos vagos.

Ele murmurou.

— Ender, mas saiu mais como Entre.

Ender empurrou seu próprio prato de tofu longe e grunhiu.

— Tem algo errado com esta merda.

— Não é merda. E eu estou bem — ela assinalou.

— Sim, no momento — ele abaixou sua cabeça na mesa e Babs lambeu seu rosto. — Cristo, leve essa vira-lata para longe de mim.

Babs o ignorou completamente, provavelmente porque ela sabia que ele não estava realmente falando sério.

— Eu preciso subir — Derek murmurou se afastando da mesa inseguramente.

— Eu ajudarei você — Kira ofereceu, mas Ender já estava atrás de Derek. Nenhuma diversão se o sujeito caísse da escada e quebrasse o próprio pescoço. Ele procurou garantir um balanço extra em seu passo.

— Você realmente acha que é a comida? — ela lhe perguntou.



— Como você se sente? — ele perguntou enquanto fingia agarrar seu estômago como se estivesse se dobrando de dor.

— Eu me sinto bem — Kira disse enquanto se levantava. Então deu dois passos e ele notou que seu andar estava ligeiramente estranho e que ela segurou nas costas da cadeira um pouco firme demais. Mas ela não estava nem de perto tão ruim quanto Derek.

Falando dele, houve um ruído na escada quando Derek perdeu seu equilíbrio. Ender o agarrou e o empurrou pelo restante dos degraus, logo pelo resto do caminho porque Derek perdeu a consciência quando eles chegaram ao topo.

— Está tudo bem? — ela chamou.

— Estará uma vez que as migalhas dessa porcaria saiam do nosso sistema. Defecá-las — ele respondeu e então sorriu quando a ouviu murmurar “*vai se foder*”.

Ele empurrou Derek pela porta de seu quarto, o colocou na cama e verificou sua pulsação. O sujeito estava frio e estaria até de manhã. O que dava há Ender bastante tempo para decidir seu próximo movimento. Ele alcançou no bolso de Derek e retirou o telefone celular que sabia estar lá. Seria protegido por senha, claro, mas Ender nunca soube de Bryan não conseguir quebrar uma senha.

Ele tirou seu próprio celular e conectou os dois, discou uma linha para Bryan e emitiu as informações do telefone de Derek para Bryan pelo seu. Nem mesmo teve que conversar com o cara — a magia das capacidades das merdas de espião. Dentro de uma hora, Bryan o deixaria saber as horas que Derek precisaria reportar para a Itor e os códigos especiais que Ender precisaria no caso de ser ele a fazer isto para Derek.

Normalmente, agentes só tinham que reportar uma vez a cada quarenta e oito horas, ou mais. Coisas como fazer um telefonema suspeito podiam severamente comprometer a missão de qualquer agente disfarçado e ele



duvidava que a Itor trabalhasse de forma diferente que a ACRO com aquele padrão.

Uma vez que a transferência de arquivo estava completa, ele limpou o celular de suas impressões por força do hábito, o enfiou de volta no bolso de Derek e fez uma varredura rápida no quarto para ter certeza que nada tinha mudado, especialmente o pequeno monitor que ele equipou mais cedo naquele dia.

Mais merda de espião. Ender preferia as boas e antiquadas armas de fogo. Ele fechou a porta de Derek atrás dele, na hora certa para ouvir um impacto alto vindo da cozinha. Os cachorros começaram a latir e Babs estava subindo as escadas para consegui-lo quando ele passou por ela.

— Eu a tenho — ele disse, perguntando-se quando diabos tinha começado a falar com animais.

Kira olhou para a bagunça dos pratos que derrubou e desejou que pudesse se descolar da lateral do refrigerador onde estava achatada. Seus pés pareciam ter parado de funcionar. Seu senso de equilíbrio também tinha se tornado uma vítima do que quer que seja que afetou Tom e Derek. Talvez o curry tenha dado errado. E maldição, ela não podia sentir seu rosto.

O som do bater de passos ecoou em sua cabeça e ela cheirou Tom antes de vê-lo.

— O que aconteceu? — ele derrapou em uma parada antes de se chocar com os pratos de jantar e os cachorros se servindo com as migalhas.

— Eu estava alimentando os cachorros — ela disse, piscando porque sua visão ficou embaçada. — Eu acho que o curry deu errado. Preciso jogar fora.

Tom se curvou para pegar alguns dos pratos.

— Pode ter sido qualquer coisa. Quanta limonada você bebeu?



— Limões não dão errado, tolinho — ela mordeu seu lábio. — Bem, eu acho que eles dão... — ela se arrastou ao longo do refrigerador em direção ao gabinete de especiarias. Os pés ainda não funcionavam. — Eu só dei um gole.

Ele ergueu seu pescoço e olhou para ela.

— Um gole?

— Uh-huh. Um gole pequenino. Um gole. Se eu tivesse um dicionário poderia procurar para você. Gole.

— Está tudo bem — segurando uma pilha de pratos, ele se endireitou e se moveu em direção a pia.

Ela deu um passo. Suas pernas foram, mas seu corpo ficou. Uma onda de vertigem enviou um redemoinho piscante de pontos na frente de seus olhos e ela afundou para o chão, suas costas raspando os gabinetes da cozinha, suas pernas espreguiçadas diante dela. Imediatamente, seis cachorros subiram em seu colo.

— Merda — Tom esvaziou os pratos na pia e se apressou para seu lado. — Kira? Você está bem?

Ela piscou para ele, não completamente certa do que ele disse. E uau, ele tinha os olhos mais azuis. Os quatro deles. Legal.

— Eu estou rastejando com cachorros.

— Eu posso ver isso — ele se acomodou em seus calcanhares, erguendo uma das pálpebras dela com seu dedo polegar e analisando seu olho. — Você tomou alguma coisa hoje? — ele baixou sua mão para o pulso dela, apertando alguns dedos contra este. — Algum medicamento? Álcool?

— Não. Não, não, não — ela balançou um dedo na frente do rosto dele. — Eu não posso. Eu sou como um cachorro.

Tom xingou novamente. Ele soava tão sensual quando xingava.

— Você não está fazendo qualquer sentido.



— Nossa, oh, nossa. Limpe suas orelhas. Cachorro. Meu, hum... Metabolismo. É como se eu... — ela procurou pela palavra, mas surgiram coisas que não se ajustavam. Como máquina de escrever e campos de trigo. Ou advogados.

— Processa?

— Sim! — ela bateu palmas, assustando Brutus, um Lab amarelo de três patas deitado sobre suas coxas. — Você é tão esperto, Tommy Knight. Surdo, mas esperto. Uma de minhas gatas é surda. Ela não é muito esperta, contudo. Ela está ali.

Kira tentou girar em direção à área de serviço onde a Senhorita Priss gostava de dormir, mas sua cabeça caía apenas para um lado, então tudo na cozinha pendeu e balançou em um redemoinho psicodélico de cor. Maravilhoso.

As mãos de Tom emolduraram seu rosto e o trouxeram de volta, assim ela estaria olhando para ele.

— Você disse algo sobre seu metabolismo. O que era? Pode ser bom saber.

— Um... Meu corpo. Processa coisas de um jeito esquisito. Drogas. Chocolate. Eu não pego doenças humanas. Nenhum resfriado. Nenhuma gripe. Eu peguei Parvo⁵ uma vez. Eu tenho que ir ao veterinário — ela franziu a testa. — Eu disse isso alto?

Ela não devia estar falando sobre nada disso, mas sua boca continuou se abrindo e palavras continuaram caindo.

— Eu vou, uh, pôr você na cama agora.

— Mmm, cama — ela deixou seu dedo traçar os lábios dele. — Que horas são? Eu já devia estar excitada? Porque eu não acho que estou. Talvez você pudesse me tocar e descobrir.

— Deus, eu espero que você não se lembre disso amanhã — ele murmurou.

⁵ Parvovirose é uma das viroses mais conhecidas e contagiosas entre os cães domésticos.



— Eu me lembro de tudo — ela bateu em suas têmporas. — Como um elefante. Eu gosto de elefantes. Eles falam lentamente, contudo. Tão lento. Eles acham que humanos são estúpidos. Provavelmente porque eles são.

— Vamos.

Ele deslizou um braço atrás de suas costas, mas congelou quando sua mais nova aquisição — um pastor alemão que tinha sido treinado para trabalho policial, mas tinha sido aposentado devido a excesso de agressividade — rosnou baixo em seu peito, mostrando os dentes.

— Luke — ela disse, envolvendo seu braço em torno do pescoço do cachorro rosnante e o abraçando para seu lado. — Está tudo bem. Tommy está ajudando — o olhar dela pareceu irregular quando o arrastou de volta para Tom. — Ele cheira perigo em você. Você meio que exala isso. É como uma mistura de pólvora e... Qualquer outra coisa. Queijo, talvez. Não, não é a palavra que estava procurando.

— Certo, Kira, eu preciso que você se foque. Você pode dizer ao Luke para não arrancar meu braço?

— Oh, certo — ela deu a Luke um duro olhar fixo. — Não arranque o braço do Tom.

Luke fez cara feia e olhou para Tom como se o cachorro planejasse ganhar a próxima rodada, mas lhe entregou esta de má vontade.

— Bom menino — Tom espantou o resto dos cachorros e antes que soubesse, ela estava em seus braços, sendo levada por seu corredor e para seu quarto.

Ela se aconchegou contra seu peito, inalando seu odor, uma mistura agradável de grama e terra, pele quente pelo sol e pólvora. Nenhum queijo, com certeza. Mas havia alguma outra coisa embaixo disso tudo, embaixo até mesmo da fragrância sutil do sexo que eles tiveram mais cedo...

Um sopro de ansiedade e medo. Ele estava preocupado com ela?





— Isso é tão doce, Tommy — ela disse, envolvendo seus braços ao redor do pescoço dele para enterrar o rosto na curva de seu ombro.

— O que é doce? — ele empurrou a porta de seu quarto.

— Eu não lembro. Mas é bom ser segurada. Ninguém me segura. É tudo que eu quero, sabe. Alguém que me segure. Entenda-me. Ame-me.

Ele tropeçou um passo, provavelmente não tinha visto o tapete em seu chão de taco. Quando ele a depositou em sua cama, ela imediatamente se enfiou nas cobertas.

— Você tem pijama? — ele perguntou.

Pijama?

— Eu acho que durmo nua — ela bocejou e esfregou seu rosto no travesseiro, ajeitando-se para desmaiar. — Eu aposto que você o faz também. Se nós dormíssemos juntos, nós estaríamos nus. Pele com pele. E quentes. Tão quentes...

O som de sua maldição severa flutuou sobre ela em algum lugar, derretido em um redemoinho de suaves sons de fazenda. Pobre Tommy e seus quatro olhos azuis. Ela teria que fazer sexo com ele mais tarde.

Quando ela pudesse abrir seus próprios olhos.

TERÇA-FEIRA — ONZE DA NOITE, EST.

Annika Svenson examinava as duas dúzias de perucas em seu closet até que achou a perfeita. Longa. Profundamente preta com uma faixa azul nas têmporas. O polo oposto de seu curto cabelo loiro prateado, que deixou crescer ao longo dos últimos meses para tocar em seus ombros, embora mantê-lo curto significasse um tempo mais fácil com as perucas.





A seguir, ela puxou um corpete de renda dourada de um cabide. Uma jaqueta curta de couro preto veio depois. Uma saia de couro super curta e de cintura ultrabaixa e botas de combate completaram o conjunto de motoqueira gótica. Creed não saberia o que o atingiu.

Era terça-feira à noite e o caçador de fantasma estaria curtindo na espelunca do bar do motociclista no limite da cidade, um lugar que ela entrou apenas uma vez, um ano atrás, para arrastar um operante bêbado que estava falando demais. Ela se sentia confortável em qualquer lugar, contudo, especialmente quando vestida para a ocasião, o que estaria.

Além disso, esta noite era toda sobre prazer e como Creed tinha lhe mostrado várias vezes desde que tirou sua virgindade no ano passado, prazer podia ser encontrado em qualquer lugar. Inclusive em uma escura mesa de canto na parte de trás de uma taverna. Ou no assento da motocicleta dele em um estacionamento.

Ela não queria admitir o quanto amava os jogos deles, mas se Creed não acreditasse que ela estava cem por cento em algo, ele não faria. Ele podia tomar o controle quando se tratava de sexo, mas tudo que fez foi sobre o prazer dela. Ele era tão bom para ela; uma parte minúscula sua sabia que Creed merecia algo melhor que ela. A parte maior, mais egoísta, queria mantê-lo por tanto quanto ele estivesse feliz com uma relação estritamente sexual.

Sangue já zumbindo com excitação, ela vestiu um par franzino de roupa íntima preta que devia rasgar com pouca dificuldade. Annika considerou um sutiã e então o lançou para o chão. Menos roupas significavam acesso mais fácil, o que era importante quando se estava em um lugar público ou muito excitado para levar as coisas lentas... Ou ambos.

Ela tinha acabado de retornar de uma tarefa de seis semanas na Bélgica e estava mais que preparada para subir a bordo de Creed e montá-lo até ele desmoronar. Para deixar um círculo de batom preto em torno da base de seu pênis. Para lavá-lo mais tarde com um punhado de sabão no chuveiro. Não que eles alguma vez chegaram ao chuveiro, ou mesmo em uma cama.





Ela manteve sua virgindade por vinte e um anos e desde que Creed a estalou, tinha estado ávida para compensar o tempo perdido e ele não tinha quaisquer reclamações. O que era bom, desde que ele era possivelmente o único homem no mundo com quem ela *podia* fazer sexo. O único que era imune à massiva onda de poder que seu corpo emitia no orgasmo.

Seu corpo corou com calor no pensamento de Creed levando-a ao clímax repetidas vezes. Seu sexo já doía, seus músculos internos se apertando como se preparando para a intrusão erótica de seu membro espesso e tatuado. Contudo realmente, ele podia ser considerado tatuado se nasceu com as marcações?

Annika encolheu os ombros, porque não importava. Ela lambeu todas as coisas que cobriam todo o lado direito do corpo dele e esta noite lhe daria algo para lambar. Algo além do que pulsava entre suas pernas. Ela fez tatuagens temporárias profissionalmente aplicadas em sua perna esquerda, quadril, braço e pescoço.

Sim, ele não saberia o que o atingiu esta noite quando ela entrasse no bar. Annika se perguntou quanto tempo levaria para reconhecê-la, especialmente se usasse um sotaque, um abrangendo qualquer dos doze idiomas em que ela era fluente. As lentes de contato marrons disfarçariam seus olhos azuis.

Ela apenas esperava que a estúpida fantasma fracassada de Creed não interferisse novamente. Aquela vadia arruinou mais de uma noite com ele, e Annika estava seriamente tentada a dar um choque no *espírito terreno*, como ele a chamava, diretamente para fora do mundo terreno permanentemente. Mesmo quando eles conseguiram uma boa foda sem a interferência de Kate, Annika tinha uma sensação que Creed pagava por isto mais tarde, embora ele nunca falasse sobre isso.

Então novamente, eles não conversaram muito, absolutamente. Creed tentou, como se ela precisasse de algum tipo de conexão sentimental melosa ou algo, mas de jeito nenhum. Ela não era alguma palerma insegura que pensava que um homem a *completava*. Piada.





Uma picada de eletricidade deslizou sobre sua pele, lembrando-a para se apressar, se vestir e parar de pensar sobre conversa de travesseiro e fantasmas sinistras e superprotetoras. Esta noite ela ia transar, com fantasma ou não.

Creed estava sentado em um tamborete gasto no bar, duas mulheres de um lado tentando ganhar sua atenção à noite toda sem sucesso e um motociclista no outro. Ele tinha acabado de abaixar sua segunda dose *Jägermeister* e estava gesticulando para o bartender lhe despejar uma terceira, quando sua pele começou a ficar sensível a uma mudança súbita na pressão do ar ao redor dele. Ele se moveu para poder ver melhor a porta da frente e tentou não elevar suas esperanças.

ACRO estava começando a entrar em alta velocidade nesta época do ano — tinha sido um longo inverno no norte do estado de Nova York e a empolgação pela primavera estava assumindo o comando rápido. Para operantes que estavam fora do país, tem sido uma estação longa e fria. Mas Creed finalmente tinha encontrado o calor que esteve esperando por anos no último mês de Setembro na mansão da família do Dev.

Mesmo agora, apenas pensando sobre aquela experiência, um calafrio desagradável disparava através de sua espinha que não tinha nada a ver com as memórias de fazer amor com Annika naquela casa. Ele se moveu em sua cadeira, sabendo que se ela estivesse aqui não poderia esconder o olhar de preocupação em seus olhos pela súbita reação dele.

Eles discutiram isso na última vez que tinham estado juntos, quando Annika mencionou que estava preocupada com Dev. Que algo estava aborrecendo o chefe deles. Embora rachasse seu traseiro ficar em segundo plano na vida de Annika, ele nunca desapontaria Dev. Este lhe conhecia sua vida inteira e Creed tinha de longe respeito demais pelo homem para deixar qualquer coisa lhe acontecer.

Sua pele se apertou novamente, a linha entre prazer e dor se estreitando e ele se forçou a dar as costas para a porta. Porém quando pegou a visão de sua



abertura não podia desviar o olhar, seu corpo inteiro suspirando em alívio quando a mulher com o cabelo longo e escuro caminhou diretamente até ele, sua curta saia de couro exibindo o melhor par de pernas que já viu. Precisou de tudo que ele tinha para não agarrá-la e beijá-la. Ao invés, Creed debruçou-se de volta em seu tamborete e apenas a observou.

— Ei, baby — ela disse, sua voz baixa e sedutora.

— Amei suas tattoos.

Ela estendeu uma mão para traçar o padrão complicado cobrindo o lado direito de seu rosto e pescoço — que ele teria alegremente se despindo ali mesmo no meio do bar para deixá-la continuar sua trilha de tocar até embaixo todo o lado direito de seu corpo.

— As suas não são más também — ele disse.

— Eu tenho mais — ela disse, descobriu um ombro provocantemente, até que o sujeito sentando a sua direita — membro dos *Hell's Angels* — começou a apreciar o show um pouco demais.

Annika sempre gostava quando Creed seguia com a encenação tanto quanto possível. Fazia-a se sentir como se realmente tivesse uma chance em enganá-lo. Mas ele não estava para deixar um homem cujo apelido era “Carne” chegar a qualquer lugar perto da mulher que amava. Não que ele tivesse mencionado a coisa de amor para Annika, porque ela surtaria.

— Ela está comigo — ele disse para Carne, que relutante voltou para sua cerveja. Creed focou sua atenção total e exclusivamente em Annika, desejando que ela tirasse as lentes de contato, assim poderia assistir o normalmente glacial azul de seus olhos suavizarem-se quando a tocasse.

— Quanto tempo você soube que era eu? — ela perguntou.

Creed deixou o canto de sua boca subir em um sorriso, do modo que inevitavelmente fazia sempre que ela estava dentro de quinze metros dele. Poderia ser a eletricidade que levava com ela que alertava o corpo dele para sua presença, mas ele não estava reclamando.



— Eu sempre sei que é você, *baby* — ele disse, puxando-a para entre suas coxas abertas. — Vamos sair daqui.

— Eu não tenho certeza... Você acha que é homem o suficiente para lidar comigo?

— Eu sei que sou — ele estava duro no segundo que a sentiu caminhar pelo bar, seu familiar andar pomposo puxando todas as suas correntes em tantas diferentes e primorosas maneiras.

Seu pênis se moldou duro contra suas calças de couro suave e todo o lado direito de seu corpo pulsou.

— Eu não sei se posso esperar tanto tempo — ela disse. — Por que nós não apenas ficamos aqui?

— Aqui?

— Eu já verifiquei a dispensa, não está trancada — ela disse.

Ela correu uma mão sobre a tatuagem do pescoço dele, a palma dela se demorou através de sua garganta e o fato de que ela podia matá-lo com seu dedo mindinho o excitou, talvez mais que qualquer coisa. Ele não se importava em entregar as rédeas para a bela de vinte e um anos de idade com um corpo como o pecado e uma mente para combinar.

Se ele cedesse agora mesmo, estaria estremecendo sob seu toque em minutos na despensa, ou na ruela, ou atrás da sua hog⁶ na floresta, mas esta noite isso não iria ser suficiente. Esta noite, ele queria uma cama. Porque queria muitas posições diferentes e queria Annika onde não seria fácil para ela apenas ir embora quando estivesse satisfeita. Porque por mais vezes que tentasse conversar com ela, acabou o parando forçando-o a usar sua boca para coisas diferentes de conversar. E então ela deixaria a cidade em uma tarefa.

Ela esteve fora por seis semanas desta vez. Kat estava irritada que ele nem mesmo tentou ficar com qualquer outra — ela sabia que significava que Annika

⁶ Motocicleta Harley-Davidson.

era especial para ele. Ela estava certa, claro, e não havia razão para tentar negar isto.

— Venha para casa comigo, Annika — ele murmurou, seu dedo polegar acariciando seu mamilo pelo fino tecido de seu corpete. — Venha para casa, para minha cama.

— Seria mais quente aqui — ela contrariou e em seu olhar longo e convencido, ele quase perdeu sua determinação.

— Minha casa — ele firmemente disse, colocando uma mão ao redor do braço dela em uma tentativa de guiá-la para fora do bar.

— Não — ela ruidosamente disse, sua voz se elevando sobre a música do *jukebox* e os geralmente roucos clientes do bar. O que fez todo mundo parar e olhar.

Quase todo mundo aqui conhecia Creed. Ele era um homem difícil de esquecer por causa de sua altura e as tatuagens. Ele estava sempre sendo abordado e perguntado sobre o nome do artista de sua tatuagem e dizia que as fez fora do país. O que, tecnicamente, não era uma mentira. Ele apenas não mencionava o quão longe do país.

— Problema? — o *bartender* perguntou.

Creed olhava entre ele e Annika, que ainda usava aquele olhar eu-estou-determinada-a-ganhar-esta-rodada que conhecia tão malditamente bem, logo soltou seu braço.

— Nada que vai ser resolvido esta noite — ele disse, pouco antes de sair, sem Annika.

Ele chutou sua Harley rudemente em marcha e a acelerou duas vezes, seu comportamento normalmente calmo lançado para o inferno. Mesmo a tentativa de Kat de acalmá-lo não iria ajudá-lo esta noite — nada além de Annika em sua cama tornaria tudo melhor.

Capítulo 5

TERÇA-FEIRA — DEZ DA NOITE, MST.

Ender estava inquieto — despertou com os cobertores meio fora de seu corpo nu, um brilho fino de suor cobrindo-o e ele logo soube que não voltaria a dormir. Havia algumas coisas que podiam curar aquela inquietude imediatamente, coisas com que Kira podia ajudá-lo se ela não estivesse desmaiada, então ele limitou suas opções para atividades ao ar livre que podia fazer sozinho.

Ele nunca dormia muito de qualquer maneira. Algumas horas de REM⁷ bastariam e, a habilidade de alcançá-lo rápido e efetivamente foi exercitada em seus primeiros dias de treinamento Delta. Ele abriu seu telefone celular, selecionou as informações do quarto de Derek e a imagem dele, largado na cama na mesma posição que Ender o deixou horas mais cedo.

A força de Derek podia superar a sua, um fato que admitia de má vontade, mas o metabolismo de Ender permitia que bebesse a mesma quantidade de droga que Derek e Kira com efeitos mínimos. Ele ficava com uma breve e

⁷ Estágio do sono em que sonhamos e que nosso cérebro fica ativo, porém nosso corpo permanece imóvel. As pessoas acordadas durante o sono REM, normalmente, sentem-se alertas, com maior índice de atenção e refrescadas, ou mais dispostas e prontas para a atividade normal.



moderada embriaguez, o mesmo que ficaria com o dobro ou triplo da dose do que usou, ou drogas muito mais fortes. E as boas pessoas da ACRO certamente tentaram todas elas com ele quando foi admitido, recentemente libertado da prisão da Marinha dos Estados Unidos e odiando a porra do mundo inteiro.

O que não tinha realmente mudado.

Ele deslizou em um par de bermudas e uma camiseta, deixando seus pés nus enquanto caminhava discretamente para o quarto de Kira, abrindo a porta silenciosamente e deslizando para dentro. Os vários animais ergueram suas cabeças em saudação, alguns sacudiram suas caudas para ele e olharam de volta para Kira, como se estivessem preocupados.

Ela se mexeu em seu sono, estava encarando a porta, deitada de lado, sua cabeça descansando em seu braço. *Totalmente nua, porra.*

Ele não tinha sido capaz de dar uma boa olhada nela no celeiro ou mais cedo, quando todos os animais estavam saltando ao redor. Mas agora, com o luar pelas janelas, ele podia pegar tudo — o fato que tinha um bronzado dourado por toda parte, o rosa escuro de seus mamilos emoldurando dois dos melhores seios que ele já viu, a cintura esbelta e os quadris curvilíneos que levavam a pernas longas e bem formadas.

Que horas são? Eu já devia estar excitada? Porque eu não acho que estou. Talvez você pudesse me tocar e descobrir.

Ele se aproximou da cama, colocou dois dedos na pulsação em seu pescoço e contou. Novamente, um pouco mais rápido do que esperava, mais rápido do que devia ter sido. Ele usou a luz de seu celular para verificar sua cor — o rosa em suas bochechas e lábios, a respiração não estava difícil e não havia sinal de angústia.

Eu não pego doenças humanas. Nenhum resfriado. Nenhuma gripe. Eu peguei Parvo uma vez. Eu tenho que ir ao veterinário.

Ele fez uma nota mental para a ACRO verificar o metabolismo dela e percebeu que sua própria pulsação estava agora correndo rápida demais. Ele



girou para deixar o quarto e ficou distraído pelas prateleiras de livros do chão até o teto, algo que não se deu uma chance de verificar mais cedo. Nas prateleiras medianas — as de mais fácil alcance — estava uma coleção de peças de Shakespeare que rivalizava com a sua própria. Ele puxou *Macbeth*, sua favorita, viu que a cópia dela também estava bem gasta. Com anotações também, com passagens sublinhadas.

Não queria dizer nada. Ele empurrou o livro de volta para a prateleira e deixou o quarto sem olhar para trás, seguindo abaixo pelos degraus para o lado de fora. Porque algo estava acontecendo. Uma vez que seus pés atingiram a grama fresca, ele esperava se sentir melhor. Quando não o fez, soube que alguma outra coisa estava errada. Ele nunca quis habilidades psíquicas, mas, às vezes, elas iriam certamente vir a calhar.

Ender se moveu rapidamente em direção à parte de trás do celeiro, deixando seu instinto guiá-lo. Algo lançou uma sombra através da parede traseira e ele se moveu de uma maneira que nunca tinha sido capaz de descrever, não até as pessoas na ACRO gravá-lo em ação e ele perceber que se movia tão rápido, que mal era uma mancha na tela. Seja quem fosse não saberia o que o atingiu e Ender não hesitou por um segundo em pegar o sujeito em seu aperto mortal. Ele o encarou nos olhos por um segundo e foi lembrado novamente sobre quem era e porque estava aqui.

Com um estalo, o pescoço quebrou e ele deixou o corpo do sujeito afundar-se para o chão. Ele procurou nos bolsos, sabendo que não encontraria nada exceto a arma de fogo que seria usada nele e em Kira. Ele deixou Derek nervoso o suficiente para chamar reforço. Um operante nervoso sempre cometia erros, estúpidos também, mas isso podia funcionar a favor de Ender. Isso também iria mover as coisas muito mais depressa do que Dev tinha previsto, mas entre a febre de primavera de Kira e agentes da Itor aparecendo inesperadamente, não havia o que fazer.





Kira tinha se ligado a ele — ela o tomou sem vacilação, como se não pudesse evitar e ele soube lá fora no celeiro que tudo que o arquivo dizia sobre ela era verdade.

Pelo menos você chegou a ela antes de Derek.

Ele ainda estava inquieto e pensar sobre o corpo tenso de Kira contra o seu não ajudava. Arrastou o corpo rudemente pela área arborizada na parte de trás do celeiro e tentou empurrá-lo debaixo de uma das velhas lonas que cobriam as toras de madeira.

Dois outros corpos estavam no caminho. Os dois empregados desaparecidos — muito provavelmente caras que nunca fizeram qualquer coisa pior que cuspir tabaco e transar com a filha do fazendeiro. Ele olhou mais perto buscando pela causa da morte e viu que ambos seus pescoços tinham sido quebrados de modo limpo — com muito pouco esforço, baseado no estado dos corpos.

Derek.

Eles estavam mortos por umas duas semanas — com o cheiro de adubo e esterco aqui fora, a decomposição de carne apodrecida era fácil de não perceber. Seu corpo fresco se juntou aos outros dois homens e os recobriu com a lona. Ele os enterraria mais tarde, assim os animais não entrariam em contato com eles. Isso era desleixo da parte de Derek.

Ender olhou para a casa principal para verificar que todas as luzes ainda estavam apagadas. Ele não estava preocupado com Derek — o sujeito iria dormir até de manhã. Ele não estava tão certo sobre Kira, mas imaginou que teria pelo menos mais algumas horas sozinho.

Algo roçou suas costas e ele girou rapidamente, imaginando que seria aquele bode novamente. Mas agradecidamente, não havia sinal da criatura fofqueira. Ao invés, um dos cavalos mais bonitos que viu mais cedo relinchava e batia o casco na frente dele.

Nada mais bonito que uma fêmea quando está procurando por atenção.



— Venha aqui, baby — ele murmurou e ela concordou, abaixando a cabeça e aninhando contra seu peito. Ele passou suas mãos pelo pescoço dela, então colocou sua cabeça contra ele e inspirou profundamente. Ele sentia falta disso, não importava o quanto dissesse a si mesmo que não sentia. Talvez se tivesse sido apenas sua escolha deixar a fazenda há todos aqueles anos antes, as coisas teriam sido diferentes.

Mas esta noite, agora mesmo, não havia diferença entre o menino que ele foi e o homem que se tornou. Seus músculos se esticaram, tensos debaixo de sua pele, sua pulsação corria regularmente e Ender soube o que precisava. Ele deu à velha égua uma firme pancadinha na anca e ela decolou, ávida pelo jogo. Ele estava logo atrás dela, cortando pelo ar da noite até que sua pele estava úmida com suor e as árvores eram um borrão, correu até que não podia pensar ou sentir qualquer coisa além de seus próprios membros voando e o natural e desesperado êxtase que almejava.

O comichão que acordou Kira a fez estremecer entre seus lençóis, embora sua pele parecesse quente ao toque. Ela gemeu, rolou para um ponto fresco em sua cama e olhou para o relógio. Pouco depois das dez. Cinco horas desde que teve Tom. *Cinco horas*. Ela devia estar exausta, porque seu corpo nunca permitiu mais que quatro.

Uma escrava da apertada atração entre suas pernas que estava pior que o habitual graças à hora extra que dormiu, ela embriagadamente balançou seus pés para o chão, bocejando. Sua cabeça flutuou. Ela pressionou sua palma na testa. Privações de sexo. Exatamente na hora certa. Ela precisava se apressar.

Ela se levantou. Franziu a testa. Olhou para baixo. Ela estava nua. Não normalmente alguma coisa para causar preocupação, desde que dormia



daquele modo, mas não se lembrava de ter se despido. Ela não se lembrou de muito de qualquer coisa depois do jantar.

Seu corpo não se importava com o que sua mente se lembrava ou não. Zumbiu com fome, pulsava com necessidade e ela decidiu que resolveria o mistério da memória mais tarde. Rapidamente, vestiu um par de shorts e uma regata e caminhou para fora de seu quarto. Uma dúzia de cachorros e gatos dormindo em vários lugares em cobertores no chão ergueram suas cabeças para observá-la com esperança exagerada, como se ela fosse uma tola completa.

— Boa tentativa, pessoal — ela sussurrou. — Não é hora de comer.

Ela se arrastou pelos degraus rangentes acima, seu pulso já batendo em antecipação de ter Tom dentro dela. No alto da escada, Spazzy, um *Terrier* de pelo duro, estava deitado na porta de Tom como uma sentinela. Por um momento, ela pensou que Spazzy poderia ter o mesmo problema que Cheech, mas quando alcançou para coçá-lo entre as orelhas, a sensação que relampejou por ela não era uma de suspeita. Spazzy gostava de Tom. E Spazzy também o viu ir para fora de bermuda e pés descalços.

Estranho. Tom não era um fumante; ela teria cheirado isso. Talvez ele tivesse ficado quente demais. A velha casa não tinha ar condicionado e os quartos aqueciam demais nas tardes ensolaradas. Ela hesitou no alto da escada, lançou um olhar para a porta de Derek. Derek, que a advertiu sobre Tom. Que tinha flertado com ela, tinha gostado da sua comida. Que não parecia querer Deb como Tom fazia. Ela fechou seus olhos, inspirou uma respiração profunda, afastou a estranha picada de ciúme que a beliscou pela segunda vez hoje. Ela nunca tinha sido territorialista quando se tratava de homens. Como poderia ser, quando não podia limitar-se a um homem por temporada?

Nada disso importava agora mesmo. Ela precisava de sexo, precisava agora. Derek poderia não se importar com ela subindo na cama com ele inesperadamente, mas ela já teve uma conexão com Tom. Ela podia guardar Derek para mais tarde. Para quando Tom se esgotasse ou decidisse que preferia ter uma loira peituda. Ela se apressou degraus abaixo e saiu na varanda



dianteira, agradecida pela brisa fresca que ondulou o tecido de seu folgado short suado e que pareceu encolher sua regata para seus peitos doloridos.

Ache o Tom.

A grama orvalhada fez cócegas em seus dedos dos pés enquanto seguia em direção ao celeiro. Ela não precisava da luz brilhante da lua quase cheia para guiá-la — ela podia encontrar o celeiro vendada —, mas ajudava manter um olho em Tom, que não estava em lugar algum para ser encontrado.

Erguendo seu nariz, ela inalou, buscando o odor dele. Agora que eles acasalaram, sua fragrância se tornou um farol, mais forte do que tinha sido antes e ela devia ser capaz de cheirá-lo se ele estivesse perto. Ela pegou uma impressão prolongada — ele esteve nesse caminho recentemente.

Franzindo o cenho, ela parou na pilha de fardos de feno que tinha sido entregue ontem e que precisava ser arrastada para o celeiro. Uma camiseta cobria um dos cantos. Bufos de cavalo, cacarejos de galinha sonolenta e os sons de animais se movendo nos estábulos colidiram em suas orelhas, mas nenhum passo.

Kira olhou de volta em direção a casa, amaldiçoando. Derek poderia ser sua única opção agora mesmo. Mas maldição, dormir com ele apenas causaria problemas tão cedo no jogo. O jantar tinha sido ligeiramente divertido, o modo como os dois homens tinham sido tão flagrantemente competitivos, mas seriamente, a rivalidade era um mau sinal. Claramente, nenhum era do tipo que compartilhava e ela não tinha tempo ou desejo de lidar com ciúme, atitude ou batidas no peito de macho alfa. E infelizmente, Tom e Derek pareciam ser tão alfas quanto possível.

Com as mãos nos quadris, ela examinou a distância, na floresta atrás da fazenda, subindo a colina em direção aos acres de animais exóticos, no campo para o oeste. O campo onde um dos cavalos brincava, aparentemente perseguindo um homem. Um homem que se movia como um corredor Olímpico. Ela piscou o sono para fora de seus olhos. De modo algum um humano podia acompanhar um cavalo. Não, seus olhos *não estavam* lhe





pregando peças. O homem era Tom, que estava apostando corrida com Shamal, sua pequena égua árabe cinza.

Ela inalou nitidamente, sua mente tentando fazer sentido do que ela estava assistindo. Tom possuía algum tipo de dom animal como o seu? Ele era de alguma maneira geneticamente melhorado? Ela não colocaria no passado as tentativas do governo de fazer algo assim. Especialmente com soldados.

O poder gracioso de seu corpo a hipnotizou, a atraiu, fez cada célula tremer até que elas se sentiram prontas para estourar e ela de repente não se importava se ele fosse o *Robocop*. O calor lavava por ela até suas roupas parecerem pegajosas e limitantes, então se livrou delas, as espalhando nos fardos de feno. Ela jogou sua cabeça para trás e deixou a brisa da noite esfriá-la, acariciar sua nua e formigante pele.

Quando ela olhou adiante novamente, Tom estava voltando, seguindo Shamal agora que ela trotava em um bonito e fácil passo largo. Era difícil de acreditar que uma vez o cavalo tinha estado tão faminto que esteve apenas horas de distância da morte.

Kira subiu nos fardos de feno e espreguiçou-se, estômago abaixado nas roupas, querendo uma visão de Tom quando entrasse, querendo estar pronta para ele. Ela ergueu seus quadris ligeiramente, deslizou sua mão por seu estômago, imergiu seus dedos entre suas pernas e viu que estava definitivamente pronta. Seus sucos já correriam quentes e pesados, combinando com sua respiração, seu pulso, seu desejo.

Enterrando seus dedos até a segunda junta dentro de seu núcleo, ela se acariciou. Seu sangue despertou e soube que não duraria muito uma vez que Tom entrasse nela. Nossa, ela estava no limite agora. Kira imaginou que seu dedo polegar circulando seu clitóris era a língua de Tom, que seus dedos eram os dele... Tinha sido há não tão longo tempo desde que qualquer homem fez mais que simplesmente transar com ela, que almejou atenção. A atenção de Tom.





Ele chegou mais perto, a respiração dela ficou mais rápida e, relutantemente, ela deslizou sua mão de entre suas pernas e admirou o modo como o sinuoso e sem esforço galope o trouxe para ela rapidamente. Enquanto ele diminuiu a velocidade, Kira tentou alcançá-lo.

— Tom.

Um borrão de movimento prateado e obscuro sequestrou sua visão. Pressão e uma pontada de dor se lançaram por ela. Mal teve tempo para piscar, logo a pressão e dor evaporaram. A mão que tinha estado triturando sua nuca partiu, enrolada em um punho ao lado da coxa de Tom.

— Porra! Kira, que diabos? Você me assustou, merda.

Ela se empurrou a seus joelhos e limpou pedaços de feno de sua bochecha que tinha estado esmagada nos fardos de feno.

— Sim — ela murmurou, movendo sua mão para esfregar sua nuca. — Idem.

O odor forte e bravo dele se misturou com o súbito odor almiscarado de estimulação. Sua falta de roupas tinha sido registrada.

— O que você está fazendo? — sua voz, já ligeiramente forçada pela corrida, agora soava um pouco baixa e áspera. — Por que você não está dormindo?

— Por que você não está?

Ele xingou, passando uma mão por seu cabelo.

— Eu precisei queimar um pouco de energia.

Ela se contorceu ao redor para se sentar no fardo, plantando seus pés nas extremidades e abrindo suas pernas largamente, deixando o ar fresco da noite aliviá-la onde queimava.

— Assim como eu — corajosamente, ela colocou a mão no interior das coxas e acariciou seu caminho para o próprio sexo. Usando as pontas de dois dedos,

Ela achou seu broto, inchado, duro, escorregadio. — Eu espero que não tenha queimado demais.

Seu engolir audível badalou nas orelhas dela, quase tão alto quanto o zumbir de sangue se apressando por elas.

— Não, senhora.

Ela nunca tinha se masturbado na frente de um homem, mas graças à hora extra, sua necessidade tinha dobrado e quanto mais excitado ele estivesse, mais sêmen ele derramaria. Além disso, as inibições partiam rapidamente quando ela estava no cio. Quando seu ciclo terminasse, estaria humilhada e cheia de remorso pelas coisas que fez, mas agora mesmo ela não se importava.

Reprimindo um gemido, ela deslizou seus dois dedos, um em cada lado de seu clitóris, de cima abaixo, logo adicionando uma fricção com seus quadris.

— Eu imaginei sua língua fazendo isto — ela disse e o modo que ele a observava, seu olhar como fogo azul, acendia seu sangue como se houvesse gasolina em suas veias.

— Eu imaginei a mesma coisa — ele deu um passo em direção a ela e embora estivesse morrendo para deixá-lo fazer o que suspeitava que ele iria, ela não podia esperar mais.

Rapidamente, ela saltou para baixo da pilha de feno. Exibiu-se para ele, traçou um dedo pelo brilho de umidade em seu peito nu e musculoso.

— Outra hora. Agora mesmo eu preciso de você dentro de mim.

— Você não tem medo de pedir o que quer, não é?

Ela estremeceu ao som de sua voz, no odor denso de sua excitação e da dele, no modo que suas narinas se alargaram enquanto ela arrastava sua mão abaixo pelo pouco cabelo em seu peito.

— Nunca.

Espalhando seus dedos, ela aplainou sua palma sobre o abdômen dele, absorvendo o modo que ele se agrupou sob seu toque. Uma onda de vertigem



girou sua cabeça e não havia mais tempo para preliminares. Avidamente, ela puxou para baixo sua bermuda encharcada de suor. Seu pênis, escuro e duro pelas veias espessas curvou-se para cima, assim a ponta quase tocava em seu estômago e embaixo do comprimento magnífico, seu saco ficou apertado diante dos olhos dela. Quando ela endireitou sua postura, fez sua bochecha roçar a ereção dele, deixando a pele aveludada acariciar a sua. O modo que a respiração dele ficou ofegante e seu corpo tenso causou outra onda de vertigem e desejo. Oh, ela queria tirar tempo para saboreá-lo, chupá-lo até que ele implorasse que o deixasse gozar, mas a dor enfadonha em seu útero piorou.

Maldita hora extra.

— Agora, Tommy — ela sussurrou.

Antes que ele pudesse se mover, ela balançou uma perna para cima, envolveu seus braços ao redor do pescoço dele e o escalou como se ele fosse uma árvore. Ele mal teve tempo de pegar seu traseiro para sustentá-la antes dela se abaixar sobre seu pênis e se empalar profundamente.

— Jesus, Kira — ele rosnou e, oh, Deus, apenas a voz dele... O clímax explodiu por ela.

Ela gritou com a intensidade disso, com o doce e agudo prazer que seguiu continuamente. Secantes lampejos de luz explodiam atrás de suas pálpebras e ela se contorceu contra ele, sentiu-o erguê-la para cima e para baixo, perfurando em seu núcleo. A força incrível que precisaria para fazer algo assim mal se registrando, porque tudo que importava era encontrar o alívio que orgasmos não podiam trazer... Não seu orgasmo de qualquer maneira.

— Goze, Tommy, por favor...

Ela caiu para frente, enterrando seu rosto no pescoço dele. A investida de seu membro contra as pulsantes paredes internas trouxe-a ao limite novamente e cavou suas unhas profundamente nos músculos pegajosos entre suas escápulas. Ele era tão forte, tão bruto e ela só podia aguentar tanto. Gemendo em prazer primoroso, ela se esfregou contra ele. Um tremor se lançou por ela,





apreciação pelo corpo duro segurando o seu mais suave. A sensação de pele deslizando contra pele obscureceu seu cérebro até que tudo que ela podia era sentir.

E, as coisas que ela sentia... Fogo onde seus corpos se juntavam, seus sucos fluindo abaixo do sexo dele, os pelos alourados de seu peito roçando os duros mamilos dela... Deus, ela nunca teria o suficiente.

Ela apertou seus músculos secretos ao redor do membro dele, apertou tão forte que sentiu sua pulsação no círculo sensível de tecido na entrada dela.

— Oh, homem — ele ofegou e inchou dentro dela, sua liberação tão próxima que ela podia senti-la chegando.

— Tommy, encha-me...

Ele grunhiu, se enterrou tão forte que ela quase perdeu seu aperto, então seu banho quente de semente se espalhou em seu interior como a carícia de um milhão de dedos minúsculos e ela partiu-se novamente. Dobrando-se tão violentamente que sentiu um estalar em sua espinha, ela se prendeu contra ele, deixando seu canal apertar e ordenhar cada gota que ele podia lhe dar.

Lentamente, a névoa sexual retrocedeu e ela se aliviou de volta em seus movimentos circulares de quadril que fizeram o corpo de Tom sacudir em reação.

— Obrigada — ela disse, sua voz trêmula e ele meramente assentiu, sua respiração ainda saindo em ofegos ressoantes.

Suas pernas pareciam de borracha e líquidas quando as deixou deslizar abaixo do corpo magnífico dele, deixou seu pênis semiereto deslizar de seu sexo. Ele a observava, seus olhos cobertos e não denunciando nada, mas conseguiu a impressão que ele não sabia o que fazer com ela. Ninguém sabia, não importava o quanto ela rezasse para achar alguém que soubesse.

Quando seu calcanhar pegou em um barbante de enfardar, a mão dele relampejou para firmá-la e desta vez seu olhar empreendeu um brilho ligeiramente protetor. Agora poderia ser a oportunidade perfeita para



estabelecer algumas regras para a segurança e melhor interesse de todos os envolvidos.

— Olhe — ela disse, quando recuperou suas roupas dos fardos de feno. — Nós precisamos deixar algumas coisas claras.

Ele arqueou uma sobrancelha e levantou sua bermuda.

— E estas seriam?

— Você nunca, jamais deve entrar em meu quarto a menos que eu convide você. Nem mesmo bata a menos que haja uma emergência — ela deslizou sua regata sobre a cabeça. — E, só porque você está me servindo, não pense que isso lhe dá quaisquer privilégios especiais por aqui.

Ele assentiu e ela jurava que um canto de sua boca se contraiu em um sorriso divertido antes de contrair de volta para Sr. Rosto Rígido. Ela levantou seu short.

— E por último, mas não menos importante, não pense que sexo se equipara a uma relação. Você não me possui, você não tem reivindicação sobre mim e não tem voz em minha vida. Eu faço o que eu quero e vejo quem eu quero. E, claro, o mesmo vale para você.

Agora ele não parecia divertido absolutamente. De fato, seus lábios se puxaram em um franzir ainda mais profundo, embora nenhum outro sinal externo que ele sequer a ouviu fosse visível.

— Sim, senhora.

— Bom.

Passando por ele, ela seguiu em direção aos currais de animais exóticos para fazer suas rondas noturnas. Esperançosamente, se ela precisasse de Derek — ou qualquer outro — logo, Tom se lembraria do que ela disse sobre ter quem escolhesse. Ela também definiria alguma de suas limitações, algo que aprendeu há muito tempo que precisava neste tempo crítico. Uma rédea firme em sua vida, especialmente durante a febre, mantinha seu mundo tão controlado

quanto possível, um elemento vital desde que a febre a tornou vulnerável. Uma rédea firme que também a mantinha viva.

O C-130 se estabilizou, saltando na turbulência. Dev manteve uma mão no manche para firmar o avião e se preparou para ir para casa.

— Dream Catcher, este é Ghost Control, nós temos Deltas procurando por uma carona para casa — o controlador no rádio emitiu latitude e longitude e Dev verificou os quadros.

— Ghost Control, este é Dream Catcher. Confirmado, copiei suas coordenadas. Nos veremos em trinta. — Dev disse. Ele deu um aceno de cabeça para seu copiloto e inclinando lateralmente o avião vazio ao redor, inverteu o curso. A ordem incomum irritava sua curiosidade — e sua sensação de pressentimento. Em algum lugar, algo tinha dado errado se sua tripulação estava sendo marcada para ser apanhada de última hora.

Eles entraram na parte superior de uma nuvem e imediatamente o sibilar de chuva em metal ecoou na cabine. O avião estremeceu e sacudiu na leve mudança do vento, e então as nuvens de nível médio diminuíram, e eles estavam no claro.

— Este tempo é uma merda — Monty observou.

— Que tempo? É suave, azul, o que mais você pode pedir? — Dev lançou a Monty um olhar preocupado, porque o sujeito tinha estado estressado ultimamente. Problema em casa; ele casou jovem demais com uma mulher que não tinha se ajustado a vida militar. Ele via tempestades em todos os lugares agora.

— Sim, o que seja — Monty murmurou e eles voaram em silêncio até que o ronronar dos motores acalmou a tensão residual do ar.

Sua descida os levou por mais ar claro, mas Monty murmurou sobre nuvens e Dev decidiu que o copiloto precisava de uma séria sessão de descompressão quando eles voltassem para a base.

Era tempo ridiculamente bom, mas por um breve segundo, na aproximação final, a visão de Dev nublou e então retornou. Ele piscou, mas ignorou, porque adiante a pista acenava, lisa como a merda e refletindo sob o sol Afegão. Ele empurrou os manetes para trás. Oh, sim, esta aterrissagem iria ser uma beleza...

Monty puxou os manetes para cima novamente.

— O que você está fazendo, porra? Puxe a porra de volta! Você não está vendo as fódidas explosões? — ele agarrou o manche e puxou de volta, seus olhos selvagens.

— Tire as suas mãos dos meus controles! — Dev gritou. — O que diabos está errado com você? Eu tenho uma aterrissagem perfeita!

A cabine do piloto ganhou vida com luzes e alarmes vociferando, advertências de baixa-altitude e... Mas que porra? Todo o avião enlouqueceu, o copiloto perdeu a cabeça, estava lutando pelos controles. Eles iriam bater.

Dev se desafiou e se lançou, batendo seu punho no rosto de Monty. O outro homem grunhiu e caiu adiante contra o painel de instrumento. Ofegando, Dev recuperou o controle da aeronave, diminuindo em direção à pista.

A próxima coisa que ele se lembrava era do calor, empolando sua pele. Combustível em chamas secando suas passagens nasais e pulmões, e mesmo no meio do caos, ele sabia que nunca esqueceria o crepitar e ranger de metal superaquecido.

Lentamente, Dev se tornou ciente de seus gritos quase inumanos. O pesadelo surgiu inesperadamente e graças a Deus que decidiu passar a noite sozinho. Ele até mandou para casa o cão de guarda que Ender lançou nele antes de partir para sua missão ontem à noite, um excedo com super força apelidado de Trance⁸ por causa de seu olhar hipnótico e poderes de persuasão que iam além do padrão.

Ele sabia que o estresse iria pegá-lo, se era esta noite, amanhã ou semana que vem, sabia que iria despertá-lo, fazê-lo reviver cada e toda memória dolorosa. Em tempos assim, ele gostava de culpar todo mundo menos ele

⁸ Significa transe.

mesmo — a velha guarda da ACRO, os militares... Inferno, a própria Mãe Natureza pelo clima que nem tinha causado o impacto na zona de aterrissagem.

Erro do piloto. Apareceria direto na caixa preta. Devia ter aparecido. Ele sabia que Ender era bom, mas até ele não poderia ter feito o erro de piloto desaparecer. E ainda, Ender foi julgado perante a corte marcial, colocado na prisão por dois anos com o pior do pior depois da investigação do acidente.

Ender, que ainda se culpava por tudo — acusado do mais horrível dos crimes. Ele deveria ter passado o resto de sua vida na prisão. Teria, se Dev não tivesse se juntado à ACRO e conseguido tirá-lo. E ainda, Ender resistiu entusiasticamente. *Não queria nenhuma porra de favor de você*, ele cuspiu por detrás das barras da solitária onde passava vinte e três horas por dia. Até agora ele recusava a admitir que tivesse sido a pessoa a salvar a vida de Dev. Disse a Dev na sua cara que ele *não teve problema em matar amigos, então por que iria salvar alguém que mal conhecia*.

Dev nunca incomodou aos militares dizendo que Ender podia ter escapado a qualquer hora que desejasse. O fato que ele nunca tivesse se incomodado em fazer era o que mais preocupava Dev.

É o vazamento na ACRO que está fazendo isto com você.

Sem dúvida havia um espião na ACRO — seja quem fosse tinha infiltrado seu caminho nos segredos mais profundos da organização, colocou-se a par de todas as informações pertinentes e quase conseguiu que Remy, Haley e Wyatt — todos operantes da ACRO — fossem mortos vários meses atrás.

E a máquina de clima ainda estava lá fora — embora não tivesse sido confirmada, Dev podia sentir em seus ossos. Itor tinha algo grande planejado. Foi a primeira e única razão por que enviou Creed e Annika para sua velha casa de família em Syracuse. O fantasma que misteriosamente o assombrou por anos quando adolescente, o mesmo que voltou na terrível noite que Dev colidiu seu C-130 no lado de uma montanha e novamente quase quatro anos atrás, ainda estava lá, banido para um portal dentro da mansão deserta.



— Era um fodido chefão na vida real e está procurando por vingança — Oz, seu ex-amante e o mais poderoso médium que a ACRO já viu, tinha lhe dito quando eles ainda eram apenas adolescentes. — Está tentando encontrar um caminho por você.

Na época, Dev não sabia ou se importava por que a entidade o buscava especificamente — crescendo com pais psíquicos e porcarias sobrenaturais ao redor dele, tudo que queria era normalidade. O que tinha sido até que seu avião colidiu dez anos atrás e sua segunda visão surgiu alta e clara. Depois disso, ele quis saber mais sobre o espírito.

O espírito queria Dev — almejava-o — e prometeu revelar verdades sedutoras sobre o passado de Dev, sobre inimigos atuais e futuros — até sobre a Itor Corp. Coisas que Oz sempre lhe convenceu que ele estava em melhor situação não sabendo. E como Dev nunca quis ouvir o que tinha a dizer quando era um adolescente, o bloqueou com a ajuda de Oz e o banuiu de seu ser.

Quando Dev o convocou quatro anos atrás, tinha sido para um propósito específico, tentar localizar um agente perdido em território da Itor, e novamente Oz teve que resgatá-lo. Oz o exorcizou de Dev, foi forte o suficiente para trancar o que ele julgou como um espírito da verdade buscando redenção em um portal especial na casa de infância de Dev.

E, então, Oz o deixou — um estouro enorme sobre Dev estar se sacrificando pelo bem maior da ACRO. Dev nunca achou que sequer tentaria usar o espírito novamente, mas o vazamento na ACRO o tinha encurralado em um canto. Sim, o espírito definitivamente sabia coisas cruciais para o sucesso da ACRO. Desta vez, Dev queria ouvir — precisava, embora não estivesse certo se estava pronto para pagar o preço.

Creed afirmou que o fantasma ainda estava lá — livre do portal para onde tinha sido banido, mas não livre das reais quatro paredes da casa propriamente. O que significava que ainda era controlável. Dev ainda não tinha sido capaz de se obrigar a fazer a viagem até lá, mesmo depois de todos esses meses. Ele





pensou sobre ligar para seu antigo amante, deixar tudo às claras, mas no fim resolveu que estava em melhor situação indo sozinho.

Uma da manhã e, ele não estava nem perto de preparado para retornar para cama — imaginou então que natação poderia relaxá-lo. Ele se despiu enquanto caminhava degraus abaixo, tropeçou quando chegou ao final da escadaria no primeiro andar e se agarrou ao corrimão firmemente, seu coração martelando em seu peito.

Ele nunca tropeçou, nem quando perdeu sua visão e, certamente, nunca em sua própria casa. Não quando nada era movido uma polegada sem sua permissão. E ainda que não importasse, sua segunda visão estava sempre lá. Dev verificou a área em torno do último degrau. Nada. Ele ficou preso em seus próprios pés.

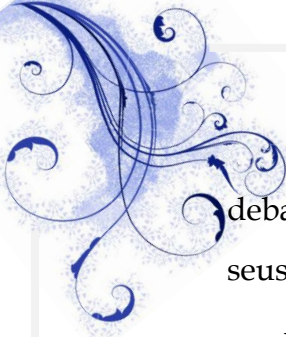
Esqueça.

Nu, ele abriu as portas de vidro e deixou o ar da noite rodar ao redor dele. Cheirava como chuva, tinha um sabor doce como o verão, pesado como sua marca favorita de porto. Havia uma tempestade definida se preparando no oeste. Remy e Haley devem estar tendo um dia de campo. Aquele pensamento pelo menos conseguiu tirar um pequeno sorriso dele. Seus dois operantes trabalhavam muito bem como um *time* — Remy controlando o clima e Haley sendo a única que podia controlá-lo.

Seu próprio pênis se agitou, não que precisasse muito de qualquer maneira, mas o pensamento de sexo rude e quente era quase demais. Existiam pessoas que ele podia ligar para aquele propósito específico, pessoas que não conversariam com ele ou fariam perguntas. ACRO treinava Sedutores bem naquela área e estivessem no campo ou ajudando um de seus colegas de trabalho, viviam à altura de seu nome. Mas esta noite ele precisava ficar sozinho.

Dev mergulhou na água, mantida gelada o suficiente para esfriar a preocupação diretamente para fora dele. Sua cabeça martelou quando ele ficou





debaixo tanto quanto pôde — ele chutou forte e saiu no outro lado da piscina, seus pés facilmente tocando o fundo da extremidade rasa.

Ele se empurrou para fora da água e caminhou em direção a casa. Quando sentiu uma mão tocar em suas costas ele girou, embora soubesse que nenhum humano estava ali. Dev lutou por respirar enquanto sua cabeça ficava mais leve. Porque estava acontecendo novamente.

Você não pode controlar tudo, Dev, a presença sussurrou.

Ele caminhou de costas em direção a casa, sua segunda visão tentando cobri-lo em todas as direções. Mas suas panturrilhas bateram em uma das espreguiçadeiras antes que pudesse impedir e ele se sentou duro. Uma mão quente o tocou novamente, no meio de suas escápulas, traçando um caminho para baixo de sua espinha e ele se sentou imóvel. O toque era calmante a princípio, reconfortante, querendo embalá-lo em uma falsa sensação de segurança. O afago ficou mais duro, mais forte, uma carícia de duas mãos de dedos fortes que tentava massagear a tensão de seus músculos. Ele lutou contra o impulso de gritar, mordeu seu lábio ao invés, tão forte que tirou sangue.

Você me convidou, Devlin. E estou aqui para ficar.

Não, isto não podia estar acontecendo. Creed lhe disse que o espírito permaneceu na casa — livre do portal, mas não libertado. Mas não havia como negar que o espírito escapou da casa de infância de Dev e achou seu caminho até ele. Deus, ele estava em apuros. Sua mente imediatamente mudou para o único homem que sabia que podia ajudá-lo e sentiu o espírito enxugar a lágrima solitária que rolou por sua bochecha.

Capítulo 6

QUARTA-FEIRA — DUAS E MEIA DA MANHÃ, MST.

O som de rosnado despertou Kira. Grunhidos descomunais, seguidos por um súbito e urgente latindo. Ela se sentou, olhou para o relógio da mesa de cabeceira. Duas e meia da manhã. Ela teria acordado logo de qualquer maneira, seu corpo precisando achar Tom. Enormes barulhos no corredor a fizeram saltar. Raivosas vozes de machos.

Ela pulou da cama, vestiu o mesmo short e regata que tinha usado mais cedo e abriu a porta. Derek e Tom estavam em pé no corredor. Eles encaravam



um ao outro, mostrando os dentes, fazendo alguns impressionantes rosnados deles próprios. Atrás dela, os cachorros estavam cutucando suas pernas com os focinhos, ávidos para se juntarem a ação, mas ela os parou com um rápido comando mental.

— Filho da puta — Derek rosnou, saliva vermelha de seu lábio dividido espirrado pelo chão. Ele deu um passo ameaçador em direção a Tom. — Belo truque com a porra da limonada.

— Você só está irritado por que caiu nessa — Tom manteve seu olhar bravo em Derek enquanto dava seu próprio passo adiante. — Kira, volte. Tranque-se no seu quarto.

— Kira — Derek disse em um baixo e chiante tom —, venha aqui. Lembra o que eu lhe disse sobre ele? Eu protegerei você.

O odor de perigo, de ódio, de sangue, fez seu estômago se agitar. Querido Deus, estes homens não estavam engajados em uma disputa secundária induzida por testosterona sobre território. Isso era vida ou morte.

— Não faça isto, Kira — Tom estalou e ela olhou entre os dois homens, confusa e mais que um pouco assustada.

Ao redor deles, uma dúzia de cachorros assistia, alguns choramingando, outros se agachando, prontos para a luta. Uma sombra preta passou; Luke, rastejando pela multidão de espectadores, baixou para o chão, seus lábios enrolados em um grunhido mudo.

— Luke! Não!

Tarde demais. O pastor atacou, afundou seus dentes profundamente na panturrilha de Derek. Gritando, Derek se contorceu, descendo seu punho na cabeça de Luke com tal força que o cachorro afundou parecendo sem ossos no chão.

— Bastardo! — ela gritou e então Tom estava lá em um borrão de movimento, pegando Derek em uma chave de braço.





Ambos bateram na parede em frente a ela. De alguma maneira, Derek se soltou, girou Tom e acertou seu punho em suas costas tão violentamente que ele grunhiu e seus joelhos se curvaram. Tom atingiu o chão. Derek sorriu, lançando um chute circular nas costelas de Tom. Este voou na parede com um ruído repugnante.

Oh, Deus. Kira deslizou atrás deles, apanhou Luke em seus braços, verificando sua respiração. Ainda vivo. Alívio fluiu por ela, até que Derek trocou seu peso para lançar outro chute. Internamente ela gritou para ele parar, mas nada saiu. Seu coração martelando. Seus dentes trepidando. Kira agarrou punhados da pele de Luke enquanto assistia Tom rolar e varrer suas pernas.

Derek caiu no chão. O punho de Tom bateu com força na mandíbula dele e sangue espirrou nas paredes.

— Isso — ele rangeu —, foi porque você tocou em Kira — ele atingiu Derek novamente, a batida de punho em pele molhada soando repulsiva. — Isso foi por foder a esposa do Sargento Jones enquanto ele estava sendo morto — outro soco. — E isso foi por trabalhar para a Itor.

Derek caladamente envolveu suas mãos ao redor da garganta de Tom. Este lutou para respirar, levantou sua perna com força entre as de Derek, que gritou de dor e deve ter soltado seu aperto apenas o suficiente, porque Tom bateu com seu ombro nos braços do outro homem e então, em um movimento tão rápido que ela não viu até que estava terminado, ele bateu sua mão na garganta de Derek.

Derek deu um meio ofegar, seus olhos arregalados, chocados. Então eles ficaram vítreos e seu peito parou de se mover. Ofegando, Tom caiu para trás em seu quadril, sentado ali a observando enquanto recuperava o fôlego. Ele não disse nada, apenas olhava para ela com olhos cobertos e impassíveis. Ele parecia exausto, mas ela sabia que se tentasse mover-se — para seu quarto, para o telefone, por qualquer coisa — ele a derrubaria em uma batida de coração.

Em seus braços, Luke se mexeu e ela fechou os olhos, deixando os pensamentos dele fluírem para ela. Ele era confuso, um pouco faminto e



irritado como o inferno. Ela queria sorrir, mas havia um homem morto sangrando por todo seu chão e o homem que o matou estava a olhando fixamente, como se ela pudesse ser a próxima.

— Como está o cachorro? — ele perguntou com voz áspera e ela piscou.

— Por quê? Você vai matá-lo agora?

Ele não respondeu. Meramente se levantou, estremeceu e cutucou o corpo de Derek com seu pé. Engolindo debilmente, ela ajudou Luke a seus pés e o empurrou de volta quando pareceu como se ele ainda poderia querer um pedaço de Derek. Ela ficou em seus próprios pés, erguida em pernas trêmulas. Kira lançou um olhar para a porta de seu quarto, se perguntando o quão rápido podia entrar e trancar a porta. Talvez ela pudesse escapar pela janela de trás.

— Nem mesmo pense sobre isso — ele disse.

— O que... — ela engoliu novamente, tentado fazer o caroço de terror descer. — O que aconteceu? Por que você o matou?

Ele deixou suas mãos em punhos aos seus lados, olhando de Derek para ela, não dizendo nada. Ela inalou profundamente, precisando saber onde as emoções dele estavam. O odor de perigo tinha enfraquecido, mas um novo, mais agudo afundou em seus pulmões e lançou sua pulsação em um palpitar martelante. Seu corpo estava respondendo ao dele, ainda que o odor de luxúria rolando dele viesse de um fluxo de adrenalina e uma batalha. Inacreditável. Ele podia matá-la agora mesmo e seu corpo não se importaria desde que fizesse sexo com ela primeiro.

— Responda-me — ela rosnou. — Essa é minha vida, maldito seja, me responda!

Ele ficou em pé ali, todo sombrio e ameaçador e um calafrio correu por ela porque sabia que não gostaria da resposta que ele iria lhe dar.

— Ele ia matar você, Kira — Ender disse finalmente, não reconhecendo sua própria voz. Mas foi algo sobre o modo como ela ficou ali, parecendo tão valente e forte, que parou de ser um otário completo. Ao invés, ele lhe mostrou





as algemas que Derek segurava, a arma de tranquilizante presa no bolso de trás do sujeito com uma dose grande o suficiente de cetamina para derrubar alguns cavalos.

Era uma mentira, claro. Os planos de Derek iam muito além de matá-la, mas ela estava em modo preciso-saber-e-agora mesmo, ela não precisava saber qualquer coisa além do que lhe contou.

Ela olhou entre ele e o corpo, sem dúvida revivendo a cena da briga dentro de sua mente. Suas mãos tremeram ligeiramente e ela as fechou em punhos enquanto o encarava.

— Quem é você?

Existiam tantas maneiras de responder isso. *Um assassino* foi a primeira que veio a mente, seguida brevemente por *o cara que lhe fodeu como um animal mais cedo*, mas ela já sabia ambas as coisas. Não era disso que ela estava atrás. Ele teria que estabelecer algo que ela gostasse e lhe dar um pouco da verdade — uma vantagem combinada.

— Eu sou o cara que acabou de salvar sua vida.

Ela bufou, não acreditando. Sem chance, não depois de tê-lo avistado correndo mais cedo, o modo como lutou com Derek.

— Eu deveria aceitar sua palavra?

— Sim.

— Eu não entendo nada disso — ela disse, cruzando seus braços firmemente através de seu peito. — Eu não acho que quero — ela assentiu para o corpo de Derek. — O que você vai fazer com ele?

— Eu cuidarei disso — ele disse. — Mas você terá que vir comigo.

— Você está louco? Eu não vou com você enterrar um cadáver.

— Na verdade, não é apenas um. Eu tenho quatro para enterrar, mas não deve tomar muito tempo.

— Quatro?

— Eu achei seus dois empregados desaparecidos — ele admitiu.

— Oh, meu Deus — ela sussurrou e engoliu ficando pálida. — Jack e David... — Kira nivelou um sombrio e raivoso olhar para ele. — E quanto ao terceiro corpo? Você apenas pegou um extra para boa sorte?

— Algo assim.

Ela agitou sua cabeça e deu um passo atrás, como se deslizando em direção à porta de seu quarto.

— Para quem você trabalha?

— A partir de ontem, eu trabalho para você.

— Não mais — ela correu para o fim do corredor e agarrou o telefone sem fio da mesa contra a parede. — Saia. Eu lhe darei uma vantagem antes de chamar a polícia.

Ele quase riu. Ela era toda atuação, nenhuma ação. Ela não tinha ninguém para ligar e a polícia não era uma opção. Pelo próximo par de dias ele iria ser o mundo inteiro de Kira Donovan. Ele a deixou encarando uma palma vazia enquanto deslizava o telefone dela em seu bolso.

— Como você fez isto? — ela exigiu, mas sua voz tremeu sob o desafio.

A atuação de bom garoto da fazenda estava terminada. Acabada. Para o próprio bem de todo mundo.

— Eu trabalho para uma agência chamada ACRO. Eles sabem tudo sobre você. Eles querem que venha trabalhar para eles.

Ele não tinha o toque para esta merda, a especial, melosa, tudo-vai-ficar-bem-baby atitude que o resto dos agentes que faziam este trabalho tinham. Além disso, suas costelas doíam para porra onde Derek o rasgou, seus rins doíam e estaria urinando sangue pela manhã. Ele deixaria tudo às claras para Kira, lhe diria o que ela precisava fazer. O descumprimento não era uma opção.

Se ele for, você vai ter que matá-la...

— Por que eles me querem?



— Porque eles sabem que você é uma comunicante de animais. Eles querem desenvolver suas habilidades, tirá-la do mercado antes que outra pessoa lhe agarre. Alguém muito mais perigoso que minha organização — ele disse.

Ela lançou um olhar ao corpo de Derek, então de volta para o rosto de Ender.

— E você trabalha lá. Como o quê? Um bandido? Um assassino?

— Eu sou um operante — ele disse.

— É disso que eles chamam? — ela agitou sua cabeça e estreitou seus olhos nele. — Por que você é tão rápido? Eles fizeram experimentos em você, não é? Algum tipo de pesquisa governamental maluca.

— Truque do luar — ele disse, mas ela empurrou suas palmas contra o peito dele, colocando todo o seu peso atrás disto. Ele não cedeu uma polegada.

— Besteira. Diga-me o que você é.

Maldição — ele sempre odiaria aquela pergunta, nunca realmente sabendo como respondê-la. Dev sempre conseguia uma boa risada do fato que Ender nunca se incluía com os tipos de habilidade especial. Então novamente, ele não sabia que havia um nome para o que ele era até que foi recrutado na ACRO oito anos atrás.

Você é um excedo, Dev lhe disse.

Eu sou um assassino, ele respondeu de volta e Dev agitou sua cabeça e o acolheu nos braços da ACRO apesar de grande resistência.

Ele apenas pensava que era algum tipo de aberração. Ainda o fazia de muitas maneiras, mas isso não o incomodava. Muitos dos operantes raros amavam gemer e ranger seus dentes, uma atitude ai-de-mim para com os dons especiais que a natureza lhes concedeu.

Até onde ele estava interessado, se a Mãe Natureza quisesse lançar algo extra em seu caminho, ele era todo a favor. Ela lhe concedeu super visão e a habilidade de se mover em velocidade de guepardo. Um borrão humano. Super





visão e velocidade eram as melhores de todas as combinações, em sua opinião, dons estáticos que colocava em bom uso regularmente. Isso e um pênis maior-que-a-média, também colocado em bom uso mais que regularmente. Porque às vezes a natureza insistia que estava na hora de apenas desacelerar e apreciar o passeio.

Agora, claro, não era hora de desacelerar merda nenhuma. Estava na hora de começar a convencer Kira de que ela precisava fazer para permanecer viva.

— Eu explicarei mais assim que cuidar de algumas coisas — ele disse. Seu tempo, seu horário. O de ninguém mais nunca.

— Eu não trabalharei para ninguém além de mim mesma, especialmente para alguma agência misteriosa que envia bandidos para fazer o recrutamento.

— Você não tem mais o luxo dessa escolha — ele disse a ela, as palavras saindo em um grunhido baixo.

— O que... Tipo do seu modo ou a estrada?

— Mais como, é do meu modo de um jeito ou de outro — ele disse, mostrando seus dentes ligeiramente, porque detestava esta merda pré-convencedora.

— Você é um otário.

— Qual é o seu ponto?

Ela o encarou e lentamente agitou sua cabeça.

— Você pode dizer a CIA ou NSA, ou o que for para ir se foder.

Ele bufou.

— ACRO não é governamental.

— Militar? Derek disse que você era do Exército. Ele disse que você tinha sido dispensado desonrosamente.

— Derek estava certo sobre isso. Provavelmente a única coisa em que esteve certo desde que ele chegou aqui — ele disse.



Seus próprios dias de Delta Force eram mais um borrão que qualquer coisa, um modo de legalmente passar o tempo e queimar a constante energia extra que sempre possuiu. Uma maneira de ficar fora de problemas. Muitos excessos levavam uma boa e produtiva vida de crime e fiel à fôrma, Derek desceu por esta estrada durante algum tempo antes de se juntar a Itor Corp, uma agência menor de operantes raros que regularmente estava cabeça a cabeça com a ACRO.

— O que você fez para conseguir ser dispensado desonrosamente? — ela perguntou.

— Não faça perguntas para as quais não posso lhe dar respostas, Kira. Respostas que você não quer.

— Aqui vai uma resposta que estou certa que *você* não quer: eu não vou me juntar a sua agência. Nunca. E não há nada que você pode dizer ou fazer para me convencer. Eu vivi pior que você — ela disse. — Agora você precisa dar o fora daqui, porra, antes que eu solte meus cachorros — mas faltava em sua voz certa convicção, embora ele estivesse muito certo que ela estava falando sério.

Alguma outra coisa estava errada. Ele a encarou, uma das alças da regata caindo de um ombro, o short apressadamente vestido, seu cabelo solto ao redor do rosto e ombros. E aqui estava — a necessidade estava de volta em seus olhos. Ele podia dizer que ela estava despedaçada entre odiá-lo e querê-lo.

Junte-se ao clube, querida.

Ela envolveu seus braços ao redor do peito, apertou suas pernas juntas firmemente como se estivesse tentando se impedir de alcançar e agarrá-lo. Até sua mandíbula ficou tensa e ela fechou seus olhos momentaneamente, balançando um pouco como se não pudesse controlar seu próprio corpo.

— Deixe-me cuidar do que eu preciso — ele disse. — Nós conversaremos mais sobre isso de manhã. Quando você se acalmar. Quando tiver suas necessidades satisfeitas e puder pensar claramente.



— Não. Eu não posso ficar aqui com você esta noite — ela disse. — Eu tenho que ir encontrar... Alguém. Vendo como você matou meu substituto.

— Você não vai sair das minhas vistas.

— Então você pode vir comigo e assistir.

— E lhe dar uma oportunidade para escapar ou conseguir ajuda? Eu não acho.

— Eu tenho que ir, maldição — a necessidade estava queimando brilhante em seus olhos e ela movia-se de pé para pé. Parte nervos, parte luxúria.

— Tommy, você precisa me deixar ir.

O modo como ela o chamou de *Tommy* reverberou diretamente para seu pênis.

— Você precisa de *mim* — ele disse. — E eu sou todo seu.

— Eu sou sua prisioneira — ela estalou. — Eu não posso confiar você. E eu não confio.

— Eu não confio em você também. Isso não importou nas últimas duas vezes e não pode importar agora. Eu sei como ajudar você.

— Você não sabe nada sobre mim.

— É onde você está errada. Muito errada — ele disse.

Ela hesitou brevemente, a adrenalina quase visível ao redor dela, antes de fugir pela porta de trás, correndo a toda velocidade pelo campo vazio atrás do celeiro. Ela tinha que saber que isso não lhe faria bem algum, mas ele lhe deu crédito por ter a coragem de tentar.

Ele a alcançou dentro de segundos, derrubando-a para a terra macia e a fixando sob seu peso. Por um minuto, ele apenas ficou ali, seu rosto centímetros do dela, deixando os planos duros de seu corpo sentir cada curva suave do dela, se divertindo no fato que ela não tentou lutar.





A adrenalina da corrida pareceu ter diminuído o efeito dos desejos dela ligeiramente, mas o calor de seu corpo começou a subir ao redor dele, queimando por sua camiseta e fazendo sua pele formigar.

— Quer jogar *This Is Your Life*⁹, Chastity Belle? — ele murmurou rudemente contra o lado de sua bochecha.

— Não — ela cuspiu entredentes. Seus olhos lhe atiravam fogo. — E é Charity, seu otário. Mas você sabe disso.

Ele sorriu, porque sim, ele sabia.

— Que pena. Nós podíamos conversar sobre o fato de que você está muito mais acostumada a usar algemas do que deixou Derek saber. O fato de que você foi presa em comícios pelo direito dos animais.

— Grande coisa. Protestar contra o tratamento pouco ético aos animais é algo que tenho todo direito de fazer sob a Constituição — ela disse.

— Que tal começar incêndios em matadouros?

— Nunca provado.

— O afundamento do navio baleeiro? — ele perguntou, observando seus olhos se arregalarem ligeiramente, metade pânico, metade luxúria assumindo o comando e o sentimento de atordoamento que ele captou anteriormente estava voltando forte.

— Você sabe que está na lista de observação de terroristas do governo?

Não, ela não sabia. Ele podia dizer pelo jeito que sua boca caiu aberta, seus lábios cheios e rosas se abrindo de um modo que o deixou ofegante. Ele encarou seu rosto até a coluna graciosa de seu pescoço, pensou sobre os bons ossos que corriam ao longo dos lados de sua traqueia, sabendo que levaria apenas a pressão de um de seus dedos para terminar seu trabalho quieta e limpamente. Humanamente. Tão fácil terminar esse trabalho agora, provavelmente fosse a coisa certa para fazer, porque suas entranhas lhe diziam que Kira não tinha um

⁹ Programa da NBC que foi ao ar entre 1952 to 1961, onde seus convidados eram surpreendidos com histórias de sua vida.



osso cooperativo em seu corpo quando envolvia qualquer coisa diferente de seu período de cio.

— Você está totalmente sozinha neste vasto grande mundo, Chastity. Tantas pessoas procurando por você. O governo, a polícia, os homens que tentaram lhe levar em um furgão fora de Memphis — ele disse e ela choramingou. — Quem vai cuidar de você agora? Seus animais não podem lhe proteger para sempre.

— Pare de me chamar de Chastity. E não me chame de Charity também. Não é mais meu nome.

— Por quê? Você mudou seu nome legalmente? — ele zombou. — Oh, certo. Sem maneiras para fazer isso quando você é uma mulher procurada.

— Pelo menos eu não sou uma assassina — ela disse.

— Não que eles tenham provado. Não ainda. E o tempo está se esgotando — seus dedos coçavam com o desejo de fazer algo, mas ele se manteve imóvel sobre ela, seus cotovelos escorados na grama e pressionando os braços imóveis dela contra seu próprio corpo, suas coxas um peso morto sobre ela. Seu pênis esticado contra sua bermuda pulsou contra ela com vida própria, algo que não podia ter parado não importa o quanto tentasse.

Seu coração bateu contra ele, mais rápido que quando ela tinha tomado às drogas. Seu metabolismo, seus impulsos, estavam seguindo em capacidade máxima.

— Você vai me entregar? — ela perguntou.

Quem dera, querida. Especialmente se ela soubesse a alternativa.

— E se eu o fizesse? Você deixaria um policial tomá-la, ali mesmo em sua cela de prisão, com todos os guardas assistindo?

— Aconteceu antes — ela estremeceu fechando seus olhos e quando os abriu, o olhar dela se agarrou ao seu, suplicando a ele. — Não faça isso comigo. Por favor, Tommy, apenas pare com isso e me deixe ir.





— Eu não posso.

— Você não irá.

— Mesma coisa.

Ela começou a entrar em pânico, girando sua cabeça de um lado a outro e não era sua imaginação que estava começando a ganhar força. Não seria o suficiente para resistir a ele, mas as coisas estavam se intensificando. Ele não iria matá-la esta noite.

— Que tal eu tirar a escolha? Isto tornará as coisas melhores? — ele perguntou.

— Não — ela sussurrou, mas ele não acreditou nela, podia cheirar seu aroma, seu desejo bruto surgindo no ar da noite. — Você não entende minhas necessidades. Elas são demais para um homem lidar. Você nunca poderá me acompanhar.

— Eu acho que me sairei bem. Desde que você obedeça.

Ela se moveu debaixo dele, tentando parar de roçar-se contra ele.

— Obedecer? Eu não obedeco ninguém ou qualquer coisa além de minhas necessidades — ela disse e Jesus, ela estava realmente, juro-por-Deus ronronando enquanto estava presa debaixo dele.

— Você vai ter que começar se quiser ficar viva — ele disse, mas suas palavras tinham parado de ser registradas por ela.

— Não mova. Eu gosto de seu peso sobre mim — ela murmurou, os baixos ronrons ressoantes começando novamente em sua garganta, vibrando por todo o corpo dele. Ela gemeu roucamente e empurrou seus quadris contra ele.

— *Obedecer* é a palavra chave aqui. Não pense que não lhe colocarei sobre meu joelho, Kira — a voz dele era áspera com aquela promessa, pulsou com uma luxúria que se lançou direto para ela. — Não pense que não amará isso, de traseiro nu, se submetendo a cada uma de minhas fantasias.





Ela inspirou uma respiração afiada por seus dentes porque, maldição, ela precisava dele, não iria ser capaz de aguentar muito mais tempo se ele não a tomasse de cada modo que possivelmente pudesse, e logo. Não importava quem ele era ou o que ele fez. Tudo que importava era o modo como ele a fazia se sentir. Ela nunca pensou que precisaria de um assassino para salvar sua vida.

— Eu tenho que dar o fora daqui — ela sussurrou, o arranhando freneticamente, tentando arrancá-lo. Mas a combinação da pele dele na sua, seu odor, o comando inerente em sua voz...

Ela não iria conseguir.

— Eu sou o único que pode mantê-la segura agora. Manter você, foder você, satisfazer você — ele murmurou, seus dedos roçando entre as pernas dela habilmente, não ligeiramente, do modo que ela gostava de ser tocada.

— Deus, sim.

— Vai me deixar ajudar você?

— Eu odeio você — ela gemeu, mesmo quando arqueou contra sua ereção.
— Faça. Faça agora, Tommy.

— Uma coisa — ele agarrou seus pulsos e os empurrou sobre sua cabeça. Em um movimento rápido, ela achou seus pulsos algemados juntos. — Não é mais você que dá as ordens.

— Bastardo — ela disse. Pelo menos, ela tentou dizer isso, mas suas orelhas ouviram algo mais como: eu-não-me-importo, porque neste exato momento, ela não se importava. Mais tarde, ela se importaria muito, mas agora precisava dele.

— Agora que nós resolvemos isso... — sua voz, uma carícia áspera, fez sua pele formigar. Ele passou a palma calejada de uma de suas mãos por um braço esticado sobre a cabeça dela, então a abaixou por seu lado, para seu quadril e cada centímetro do caminho que sua mão tomava chiava.





Ela se contorceu, conseguiu tirar suas pernas de debaixo das dele, assim podia envolvê-las ao redor de sua cintura. O comprimento duro de sua ereção roçou pelo tecido de sua bermuda suada exatamente no lugar certo, a fez gemer, mas não era o suficiente.

Os dedos dele deslizaram embaixo de seu cós, então ele soltou seus braços algemados e se afastou o suficiente para despi-la de seus shorts. A grama suave fez cócegas em sua pele nua enquanto deixava seus joelhos caírem abertos. O ar fresco da noite acariciou o próprio lugar em que ela queria que Tom estivesse, mas ele apenas ficou ali de joelhos entre os dela, seus olhos reluzindo ao luar. Seu peito levantando, seu olhar queimando a pele dela onde pousava.

Um músculo na mandíbula dele se contorceu com a força de seus dentes cerrados e ela inalou, encontrando o odor severo de raiva embaixo do aroma mais potente de luxúria. Uma batalha se enfurecia dentro dele e terror cortava por ela como uma lâmina fria. E se ele não fosse fazer isto? E se ele a deixou para sofrer e morrer no campo?

— Tommy?

Ela tentou alcançá-lo com suas mãos algemadas, tentando se sentar, mas ele a empurrou de volta para baixo com uma mão forte em suas costelas. Sua outra mão agarrou a coxa dela, espalhando-a largamente e ela respirou um suspiro de alívio quando ele voltou para cima, colocou a boca entre suas pernas como ela tinha desejado que ele fizesse desde que eles se conheceram. Angulando sua pélvis para encontrá-lo, ela derreteu na primeira erupção de respiração quente que envolveu seu sexo.

Os dedos dele separaram sua carne inchada, abrindo-a completamente para sua língua invasora. Ela lutou para inspirar uma respiração irregular enquanto estremecia com o prazer de suas lambidas ávidas e, embora isso não fosse o que ela precisava, sua boca talentosa a desafiava a argumentar. Ela perdeu o desafio. Seu corpo apenas teria que esperar mais alguns minutos para conseguir o que almejava.





— Eu pensei sobre como seria seu sabor — ele disse, em uma voz baixa, gutural e ela choramingou curvada contra sua boca. Ele chupou seu nó pulsante entre os lábios, puxou forte e ela teve que morder seu lábio para se impedir de gritar. — Jesus — ele ofegou. — É como a porra de uma droga.

Ele arrastou a língua sobre seu centro, lambendo seus sucos como se fosse morrer se não conseguisse o suficiente dela. Dois dedos empurram suavemente em sua entrada lisa e o dedo polegar empurrava em seu clitóris enquanto a língua dele tremeluzia sobre ele. Deslizando seus dedos dentro e fora, ele encontrou um ritmo que a fez se contorcer.

— Assim mesmo — ele disse, sua voz vibrando profundamente no sexo dela. — Foda minha mão.

Ela gemeu.

— Sim, Tommy, sim.

Oh, maldição, ele era bom nisso e ela o alcançou, agarrando seu cabelo para segurá-lo ali embora ele não estivesse indo a lugar algum. O metal frio das algemas enviou um calafrio subindo sua barriga de onde elas descansavam contra sua pele quente.

Ainda deslizando dentro e fora com seus dedos, ele agarrou as algemas com sua outra mão. Ele arrastou seus pulsos para baixo, quebrando seu aperto no cabelo dele e então ela ofegou quando ele usou a corrente entre as pulseiras de aço para acariciar seu clitóris. A ação a forçou a espalhar suas coxas mais largamente para prevenir as algemas de cavar em sua pele, mas a sensação dos elos frescos roçando sua carne era mais sensível... Ela estava fora de controle, louca com a necessidade de gozar. Ela se ouviu implorando:

— Por favor, por favor, oh, por favor — mas ele tirou a tortura, sacudindo a corrente de cima abaixo, ao redor, finalmente empurrando um elo ao redor de seu clitóris como uma gaiola. A língua dele batia levemente no exposto e sensível nó e, ela saiu do chão, cavando seus dedos do pé na terra por apoio.





Era tudo demais e quando ele substituiu seus dedos por sua língua, a empurrando dentro dela, ela não podia prevenir um gemido gutural de prazer de escapar. Ele circulou sua abertura, mergulhou profundamente, acariciou suas paredes internas até ela querer gritar.

Os olhos tinham estado fechados, mas ele os abriu quando arrastou sua língua achatada de volta para cima por suas dobras molhadas. A visão dele satisfazendo-a com sua boca enquanto ele assistia suas reações a lançaram sobre o limite. Desfazendo-se de modo selvagem, ela fechou seus olhos como sempre fazia na liberação, lançando sua cabeça para trás para uivar à lua.

Ela gozou forte, se bombeando contra o rosto dele pelo que pareceu como horas enquanto sua língua talentosa a levava mais e mais alto. Suas pernas tremeram, sua respiração queimou sua garganta e, finalmente, assim que se preocupou que poderia desmaiar, seu orgasmo se dissipou. Seus músculos pareciam de borracha, mas a tensão interior permanecia, parecendo pior agora que a luxúria de Tom tinha crescido e a sua tinha apenas sido contida.

Arrastando o cabelo dele, ela tentou puxá-lo para cima, assim ele podia lhe dar o descanso, mas ele se afastou e se empurrou a seus pés. Ela piscou, confusa, enquanto ele cavou em seu bolso.

— Apenas procurando pelas chaves. Eu roubei as algemas do Derek.

Ela agitou sua cabeça.

— Não me importo. Apenas termine — ela rastejou em direção a ele, mas Tom deu um passo atrás.

— Nós terminamos. Eu tenho trabalho a fazer.

— Não — ela respirou. — Não! Você não pode fazer isso comigo!

Ele a encarava como se ela tivesse ficado louca enquanto arranhava em sua perna, tentando agarrar um punhado de sua bermuda para arrancá-la.

— Que diabos há de errado com você? Eu acabei de lhe dar o que você precisava — ele virou para longe e se curvou para apanhar o short dela.



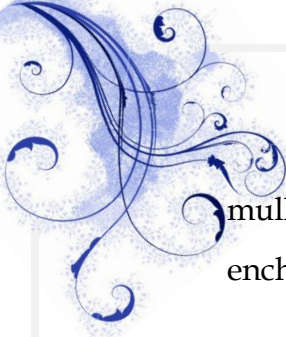
Uma névoa de vermelho nublou sua visão. Pânico, ira e luxúria a apertavam como um torno. Seu sangue, já correndo quente com necessidade primitiva, agora fervia, secando em cinzas tudo que a fazia humana.

Rosnando, ela saltou. Aterrissou forte nas costas de Tom e o derrubou como um leão a um gnu.

Capítulo 7

Ender sabia que estava fora de equilíbrio quando tentou se afastar dela, estava atordoado desde o segundo que colocou o rosto entre suas pernas e sentiu o desejo inegável de ficar ali por dias, dane-se o resto da missão. Fora de equilíbrio, sim, mas alguma outra coisa estava errada, evidenciada pelo modo como ele foi pego de surpresa e derrubado completamente por uma pequena





mulher magrela que não podia pesar cinquenta quilos nem se estivesse encharcada.

— Porra — ele grunhiu quando ela caiu contra suas costelas feridas e rins doloridos, grunhindo novamente quando ela cavou suas garras em seu peito e subiu em cima dele para escarranchar seus quadris. Ele podia lutar com ela, mas merda, ele estaria lutando contra um animal, porque Kira deixou o edifício. Até seus olhos tinham mudado, ficaram luminosos, selvagens, como o grunhido severo ressoando próximo à superfície da garganta dela.

Não haveria uma briga — ele apenas teria que matá-la. E ele ainda não estava pronto para fazer esta escolha, não até que fosse capaz de ver por si mesmo exatamente que inferno estava realmente acontecendo aqui.

Ela se moveu como um gato, rasgou as roupas dele com suas mãos algemadas. A posição dela fixou sua bermuda, permitindo que apenas a cabeça de seu pênis cutucasse para fora do cóis. Aparentemente, isso era suficiente. Ela saltou para frente, batendo as algemas contra a garganta dele, a corrente interrompendo sua traqueia, o embainhando dentro dela no mesmo movimento.

— Preciso de sexo — ela rosnou, mostrando seus dentes quando ele pegou em seus braços para tirar a pressão de cima da garganta, cavando as unhas tão profundamente nos lados do pescoço dele que Ender estremeceu.

O corpo dela se movia como se estivesse possuído, suas rápidas e rasas investidas impedidas pela bermuda mantinham seu pênis parcialmente vestido. Talvez devesse ter lhe dado outro orgasmo, mas merda, ele estava com pressa, tinha coisas para fazer. E não queria ser um escravo para os feromônios dela, ou seja qual fosse a merda que nublava sua mente e fazia seu corpo responder ao dela.

— Kira, abaixe minha bermuda — ele disse, sua voz áspera e baixa graças à coleira de elos de corrente que ela lhe fez. — Não vai funcionar deste modo.





Mas ela parou de escutar, seus movimentos ficando mais frenéticos, especialmente uma vez que percebeu que não estava conseguindo o que precisava dele.

Ele girou seu pescoço ligeiramente, assim sua traqueia não tomaria o peso da corrente, baixou suas mãos e alcançou para ele mesmo se livrar da bermuda. Ele quase vomitou, sufocou, o mundo girou pela pressão em seu pescoço e, porra, ele não era tão bizarro a ponto de se excitar com asfixia. Mas por mais que lutasse, seus reflexos, sua velocidade, não parecia importar — era como se a vida estivesse sendo extraída dele e se forçou a não entrar em pânico.

Ele exerceu o que parecia como uma enorme quantidade de energia para conseguir suas mãos de volta embaixo dos pulsos de Kira ao mesmo tempo em que deslizou completamente dentro dela. Isso pareceu satisfazê-la, porque ela gemeu, soltou seu pescoço e ele respondeu com um gole agradecido de bom e limpo ar. E embora ele não quisesse e estivesse irritado como o inferno, a parte de seu corpo que nunca dava a mínima sobre suas outras emoções pulsou dentro dela, seus quadris balançaram para cima e ele soube que Kira iria tomar o que queria, com ou sem o consentimento dele.

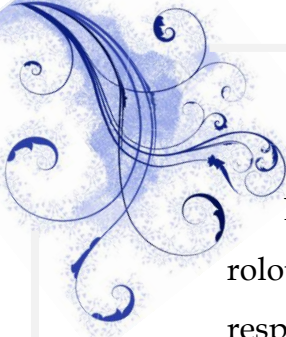
Ele queria mais também, queria sentir empurrando bem no fundo no calor dela, porque era tão fodidamente bom quando eles gozavam juntos. E quando ela se moveu para frente, ele foi capaz de afundar completamente nela com um gemido alto, satisfeito.

— Deus, Tommy, Deus — ela choramingou. Kira jogou sua cabeça para trás, fechando seus olhos e sorriu enquanto ele deixava seu calor molhado roçá-lo de todos os jeitos certos.

Tão fodidamente bom.

Ele agarrou seus quadris para alavancagem quando ela arqueou de volta, seus pulsos algemados apertando a caixa torácica dele enquanto gozava. Ele seguiu logo depois, gozou com força suficiente que inspirou por seus dentes cerrados enquanto ela desmoronava contra ele, soluçando.





Ela estava soluçando, porra. Ele nunca, jamais entenderia as mulheres. Ela rolou para fora dele, enrolada em uma bola enquanto seu choro silenciava e a respiração dele saía em suspiros duros. Ele teria as impressões da corrente através de sua garganta por dias. Ele moveu sua mão em frente a seu rosto, satisfeito em ver o borrão prateado. Suas habilidades ainda estavam lá. Apenas não quando Kira o teve tão fundo em seu período de cio.

Um homem nunca está seguro quando está fodendo, Dev sempre dizia e Ender sempre ria. Ele respondia: *Eu sempre estou no controle*. Mas isso, isso não era controle, não com sua febre de primavera aumentada em um ciclo violento que prometia durar duas semanas, se não mais tempo.

Eles encontrariam maneiras de servi-la na ACRO seguramente. Reservadamente. Ela não seria mais sua preocupação uma vez que eles chegassem às instalações. Nenhum dos recrutados jamais foi e ela não seria diferente.

Ender pegou as chaves de seu bolso e destrancou as algemas dos pulsos dela. Depois que ele se afastou, ela se sentou, vestindo seus shorts. Uma vez que os colocou, ela puxou seus joelhos para seu peito e olhou para onde ele continuava deitado esparramado sobre suas costas na grama.

— Você está bem? — ela perguntou.

Ele ignorou sua pergunta.

— Vinte e uma horas — ele disse a ela ao invés. — Eu lhe darei mais vinte e uma horas aqui no refúgio. Até meia-noite da noite de amanhã.

— Então o quê? Ou me junto a você e sua agência ou você me sequestra?

— Algo assim — ele disse, se movendo no chão para achar uma posição mais confortável. Ele se curava mais depressa que as pessoas comuns, mas ainda sentia dor como todo mundo. — Amanhã à noite, não vai ser seguro para você ficar aqui. Você colocará a vida de todo mundo em perigo. Inclusive a de seus preciosos animais.

— Pare de tentar me assustar.



— Eu achei que já tinha tido sucesso em fazer isso, Kira.

— Foda-se você — ela disse, se empurrou do chão e caminhou sobre ele. Com o luar fluindo atrás, ela parecia quase irreal, bonita e pura demais para estar em qualquer lugar próximo a ele, apesar do que tinha acabado de acontecer.

— Você acabou de fazer, querida — ele disse, sua voz mais áspera do que teria gostado. Mas sua paciência tinha finalmente esgotado. — Eu estou tentando lhe dizer a verdade, mas você é muito cabeçuda para ouvi-la. Isso é muito maior do que você é. Eu posso apenas retardar os homens com que Derek trabalhava por tanto tempo. Eu não sou o Super-homem.

— Sim, podia ter me enganado — ela murmurou. — E você nunca me disse o que você é. Você sabe tudo sobre mim e eu não sei se uma única coisa que sei sobre você é verdade.

Ele xingou suavemente, agarrou sua bermuda e camisa, vestindo-se rapidamente antes de se levantar.

— Este é o modo como gosto disso. E você tem o dia para decidir se vai do jeito fácil ou difícil.

— Você não está preocupado que eu possa escapar? — ela perguntou, distraidamente roçando seus pulsos onde as algemas tinham estado. Ele estava contente por ver que as marcas vermelhas já estavam desaparecendo e nenhuma contusão era aparente.

Ela nem mesmo tinha lutado contra as amarras de aço. Ele se perguntou como seria estar tão fora de controle e percebeu que ela lhe deu um gosto real. Ele alcançou, agarrou o pulso dela e trouxe a mão para sua forquilha. Então ele sorriu.

— Não. Eu não estou preocupado, querida. Você parece saber de que lado está à manteiga de seu pão.

Ele tinha planejado se afastar então, deixando-a de queixo caído e balbuciando como uma louca no meio do campo. Ele tinha trabalho a fazer e

por seus cálculos ela precisava de sexo há aproximadamente cada quatro horas. Ele se virou de costas, mas ela chamou por ele.

— Só porque seu pinto é grande e você pode me dar orgasmos não significa que vai poder me manter satisfeita. Otário.

Ele não girou de volta para encará-la.

— Eu nunca tive quaisquer reclamações.

— Sim? Bem, quer saber, Sr. Operante Figurão Bionicamente Melhorado. Eu não preciso de orgasmos. Não quando estou no cio. Você não acha que eu mesma podia cuidar das coisas se fosse tão simples?

Ele suspirou, finalmente girando para encará-la.

— Por que então você está desejando meu pinto a cada quatro horas?

— Sua agência não lhe contratou por seu cérebro, não é? É tudo sobre os seus orgasmos. Meu corpo consegue o que precisa de seus fluidos, como qualquer bom animal faz — era sua vez de sorrir agora, malditamente presunçosa também. — Assim nós apenas veremos o quão adequado a este trabalho você é. Enquanto isso, eu espero que você tenha um plano B.

Ele queria lhe perguntar o que acontecia se ela não conseguisse o que precisava, mas não quis lhe dar a satisfação. Contudo, ela sabia. Kira caminhou para ele, seus olhos cintilando.

— Se eu não conseguir o que preciso, eu morro. Acasale ou morra, Tommy. Como eu disse, espero que você seja adequado, porque minha vida está na linha — e então ela marchou passando por ele, em direção à casa principal, enquanto cada músculo no corpo dele ficou tenso.

Filha da puta. Ele precisava voltar ao controle, começar a toda velocidade e encontrar algum caminho para levar estas quarenta e oito horas a um fim satisfatório.

— Kira, espere — ele chamou. Ela parou, seus ombros ficaram tensos, mas não se virou para encará-lo.

Ao invés, ele diminuiu a distância entre eles, acabando na frente dela.

— É muito para assimilar — ele disse.

Ela assentiu, cruzando os braços na sua frente e olhou para algum lugar sobre o ombro dele antes de fixar seu olhar nele.

— Você está dizendo que me dará mais tempo?

— Eu não posso fazer isso. Desejava que pudesse. Mas aqui vai a questão: em vinte e uma horas, não importa o que mais aconteça, eu estarei fora daqui.

— E eu tenho que ir com você — ela disse.

— Não, você não tem. Mas o que eu lhe disse antes é verdade. Sua vida *está* em perigo — ele falou devagar, cuidadosamente, querendo que suas palavras a atingissem, mas não querendo usar intimidação desta vez. — Se você não partir comigo, você vai ser morta. E isto é algo que eu posso lhe prometer que acontecerá.

— Então eu posso ficar aqui e tentar a sorte ou partir com você amanhã à noite?

— Sim.

Ela riu, mas saiu severo e amargo.

— Isso não é muita escolha.

— Nós nunca temos muita escolha, Kira, não importa o quanto tentemos nos iludir.

Ela assentiu devagar.

— E você estará, ah, ao meu redor o dia todo amanhã?

— Sim. Eu estarei ao redor de você — ele disse.

Ela girou e tomou um caminho que a levaria em direção ao celeiro em vez da casa principal, enquanto ele mancava. Ele cuidaria de Derek, faria um relatório de comunicação para a Itor usando os códigos que Bryan lhe conseguiu. Ele sabia que tentar convencer Kira a deixar este fodido lugar antes





dela estar pronta — se ela alguma vez estaria pronta — era inútil. Ele iria usar amanhã para conseguir sua maldita perspectiva de volta e assim poder fazer o trabalho que foi enviado aqui para fazer, não importa de que maneira as coisas afundassem.

Ryan Malmstrom desconectou sua conexão de comunicação com o homem que acabou de fingir ser Derek Martin. Seja quem fosse o sujeito, ele fez um trabalho admirável com a personificação, mas Ryan era um perito em reconhecimento de voz e idiomas; ninguém podia enganá-lo.

Com as consequências de ser pego em uma mentira firmemente em sua mente, ele mandou um e-mail para seu supervisor da Itor, um britânico irritante de fala mansa, chamado Andrew, deixando o cara saber que tudo na tarefa da comunicante de animais estava sólido como pedra, que Derek reportou como programado. E então Ryan assinou o e-mail como Steve Kurtz, porque este era o nome que a Itor lhe deu no recrutamento. Todos os agentes da Itor recebiam novos nomes e identidades.

Claro, a Itor não tinha ideia que a ACRO lhe deu uma identidade falsa também, o chamou de Curtis Hancock e o plantou no mundo civil para causar distúrbios até que a Itor tomasse conhecimento e o recrutasse. Tal era a vida de um agente secreto.

Uma batida na porta de vidro de seu cubículo minúsculo o surpreendeu e ele girou para ver Gabrielle, uma belíssima psíquica loira com um coração de titânio. Ela não esperou por permissão para abrir sua porta.

— Você ouviu sobre o Victor?

Ele agitou sua cabeça.

— Ele não está previsto para reportar por outro dia.

Ela fungou, fechou a porta. Ninguém obrigado, nenhum reconhecimento, ninguém vai se foder. Vadia. Não era culpa dele que seu precioso Victor, um

Sonhador que se excitava dando pesadelos que causavam ataques cardíacos às pessoas, não completou sua tarefa em Israel.

Um símbolo verde relampejante apareceu em seu computador e ele abriu o arquivo enviado por alguém muito mais alto na Itor que qualquer um que conhecia, amaldiçoando a fotografia na tela. Uma fotografia que deveria excitar. É, certo.

Seu chefe na ACRO forjou toda uma estória quando criou uma identidade que deveria atrair a Itor para Ryan, identidade que incluiu um extremo fetiche BDSM¹⁰. Quanto mais depravada uma pessoa fosse, mais fácil controlá-la por seus desejos e, a Itor pensava que eles o tinham na palma da mão. Pequenos presentes, como a foto em sua tela, deveriam deixá-lo feliz e duro.

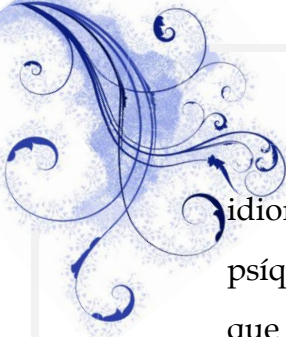
Elas o fizeram querer derrubar a Itor do próprio topo até embaixo, apagar cada um dos bastardos doentes da existência, especialmente porque sabia que a foto era apenas o início dos *presentes* de hoje. Esta noite eles lhe mandariam uma mulher. Esperançosamente, uma disposta desta vez, porque ele não podia se dar ao luxo de fingir uma doença novamente para sair de uma situação potencialmente torturante.

Sim, estes fodidos precisavam afundar. Infelizmente, fazê-lo então ia levar tempo e um inferno de muito mais liberdade do que lhe foi dado. Ele nem mesmo sabia para qual dos seis locais principais da Itor tinha sido levado. Tudo que sabia era que os terrenos estavam localizados fora dos Estados Unidos, todos em países diferentes, o que assegurava que a destruição de um em nenhuma maneira incapacitaria a agência.

A paranoia deles não terminou nisso. Até que novos agentes provassem sua fidelidade, vigilância constante os mantinha em xeque, e interrogatórios regulares e procedimentos psíquicos intrusivos os mantinham honestos.

Felizmente para Ryan, seus dons iam muito além da habilidade de aprender qualquer idioma em questão de horas e quebrar códigos baseados em

¹⁰ Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo



idiomas. Ele também podia distribuir seus pensamentos, algo que muitos psíquicos podiam fazer de maneira limitada para enganar outros psíquicos, mas que ele levou a um nível excepcional.

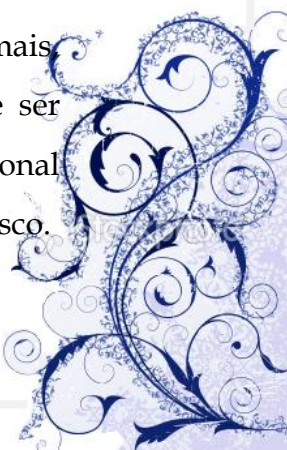
Em vez de separar um único pensamento de sua mente e circulá-lo como um escudo que defendia seus pensamentos verdadeiros, como a maioria dos psíquicos fazia, ele podia criar cenas inteiras, histórias, relatos. Ele então as organizaria dentro de um campo de força imaginário cercando sua mente, onde eficazmente bloqueava todas as tentativas de penetração. Alguém vasculhando dentro de sua cabeça sairia com imagens inócuas de sua infância, algumas memórias adulteradas da faculdade e descrições pervertidas de seus falsos fetiches sexuais. A habilidade o fez o único agente da ACRO capaz de se infiltrar na Itor.

Seu talento verdadeiro, contudo, aquele pelo qual ACRO e Itor o contrataram e que complementava seu talento para idiomas, era sua habilidade de usar qualquer modo de conexão elétrica para entrar em outra pessoa, ver, brevemente, pelos olhos daquela pessoa.

Que era por que, quando ele esteve falado com “Derek” alguns momentos atrás, viu algumas imagens passageiras de animais, um quarto e o pé do locutor. Se o sujeito tivesse olhado no espelho, Ryan poderia tê-lo reconhecido. Então novamente, ele não conhecia cada agente da ACRO, nem mesmo perto. E era possível que o sujeito não fosse da ACRO. Ele podia ser um agente independente, ou até alguém de uma agência do governo dos Estados Unidos.

O que ele descobriu, contudo, foi que seja de quem fossem os olhos pelos quais ele estava vendo tinha sido resistente a sua presença. Provavelmente não em um nível consciente, mas a mente do cara definitivamente não queria Ryan lá, e as imagens tinham sido deslocadas, embaçadas e comuns.

Ele desejava como o inferno que pudesse contatar a ACRO e descobrir mais, mas comunicações com sua agência tinham que permanecer limitadas e ser cuidadosamente organizadas sem divergências do procedimento operacional padrão. Qualquer outra coisa podia colocar sua tarefa — e sua vida — em risco.



Além disso, sua tarefa não era ajudar quaisquer das dúzias de missões da ACRO acontecendo em torno do mundo. Seu objetivo era para juntar inteligência desde que ele foi o primeiro a ter entrado — vivo e como algo diferente de um prisioneiro de qualquer maneira — ele tinha que deixar o peixe pequeno ir e ficar focado no atum de troféu.

Era uma missão que podia potencialmente durar por anos, uma que realmente podia matá-lo depois de longas horas de tortura dolorosa. De nenhuma fodida maneira ele seria torturado novamente.

Então sim, seja quem tivesse sido este cara no telefone, se ele fosse da ACRO, estava por conta própria. Ryan lhe arrumou algum tempo com seu relatório falso para Andrew, mas era melhor o sujeito manter seu traseiro coberto. O outro agente que a Itor enviou como reforço não tinha reportado, então da próxima vez que “Derek” ligasse, Ryan teria que reportar a personificação.

E a Itor atacaria o objetivo com vigor.

Capítulo 8

QUARTA FEIRA — MEIO DA MANHÃ.

Annika invadiu o escritório de Dev, sua cabeça martelando por muitas razões, estando à ressaca no topo da lista.

— Noite difícil? — Dev perguntou sobre a borda do seu copo de café e ela nem se incomodou em perguntar como ele sabia. Qualquer um que considerasse a sua cegueira uma deficiência o estava subestimando.

— *Difícil* é muito suave.



Depois de Creed a ter deixado furiosa naquele lixo de bar, ela bebeu quase uma dúzia de shots de tequila, flertou com tantos idiotas quanto conseguiu, que por sinal nem tinham comparação com Creed e depois quando um ficou amigável demais, ela reagiu mal o suficiente para criar uma rixa. Rixa que ela mesma acabou.

— Eu ando tentando entrar em contato com você desde a noite passada. Você não respondeu as minhas chamadas — ela lançou uma chave em sua mesa. — E trocou as fechaduras.

Ele arqueou uma sobrancelha e pousou seu copo.

— Você invadiu minha casa dez vezes antes que eu lhe desse uma chave e está me dizendo que não poderia entrar?

Ela bufou. Sim, ela tinha encontrado falhas na defesa dessa sua fortaleza a que ele chamava de casa, na maior parte fritando seus sistemas de segurança, mas cada vez que ela entrava, ele a agradecia por ter encontrado uma falha e depois a reparava, assim ninguém mais poderia entrar da mesma maneira outra vez. Sua casa era agora impenetrável, ele sabia disso.

— Eu finalmente tive que fazer um agendamento para vê-lo.

— Você fez um agendamento?

— Bem, não. Mas eu pensei sobre isso — por dois segundos. Então ela apareceu no escritório de Dev e olhou fixamente para Marlena até que a outra mulher indignada a apressou a entrar.

O computador a seu lado zumbiu e ele correu seus dedos pelas teclas antes de perguntar.

— O que aconteceu a noite passada para que você precise me ver tão desesperadamente?

— Nada de especial, de verdade. Apenas um idiota que me deixou pendurada. Sozinha no meio de um bando de desconhecidos psicóticos.

Dev respirou um longo e tolerante suspiro.



— Você ajudava operativos da CIA¹¹ em missões quando tinha nove anos, Anikka. Você era uma assassina de classe mundial com quatorze. Você consegue colocar uma sala inteira cheia de pessoas inconsciente com um simples toque. Assim eu sei que você não está me pedindo para acreditar que você estava assustada e indefesa.

Ela sentiu seu rosto aquecendo, porque sim, essa fala não ia funcionar e ela nem devia ter tentado. Dev nunca a deixou ir sem outra coisa que não fosse a verdade. Mas a verdade, além do fato de não querer simplesmente estar sozinha, não era algo que ela queria compartilhar. Tinham falado sobre seu passado, sua infância, as coisas que tinha feito em nome da segurança nacional e da paz mundial. Discutiram coisas que ela nunca foi capaz de dizer a ninguém antes, mas sua vida sexual tinha sido amplamente ignorada, provavelmente porque, isso, seria como falar sobre orgasmos com um pai.

Não que ela soubesse o que era um pai, desde que o casal da CIA que a criou desde a idade de dois anos tentou lhe dar uma infância minimamente normal, mas nunca tinha sido bem-sucedido. Não quando a palavra amor nunca foi mencionada. E não quando jogos como pega-pega eram jogados com armas de eletrochoque e acampamentos em “família” acabavam por serem exercícios de sobrevivência. E quantos pais ensinaram a filha de seis anos não só como jogar pôquer, mas como cortar uma garganta com o Rei de Copas¹²?

— Por que mudou as fechaduras, Dev? O que tem você ultimamente?

— É um assunto privado. Eu não a quero envolvida.

Assunto privado. Uma onda de dor a atravessou. Ele a deixou fora de sua casa e agora fora do que quer que esteja acontecendo com ele.

— O que quer que seja... Posso ajudar. Eu quero ajudar.

¹¹ Central Intelligence Agency, uma agência civil dos Estados Unidos da América responsável por fornecer informações de segurança nacional e envolvida em atividades secretas a pedido do presidente.

¹² São as cartas do baralho que têm um coração.

— Fora de questão. Isso é algo que eu tenho que lidar por mim mesmo. As poucas pessoas que estão envolvidas.

— Quem são eles? — a inveja a invadiu. O controle tinha sido jogado nela desde cedo, mas contenção foi sempre um problema e ela não sabia como lidar com uma emoção que nunca tinha experimentado. — Por que você confiou em alguém mais, mas não em mim?

Jogando para trás sua cabeça, ele fechou seus olhos e ela sabia o porquê ele a tinha evitado. Ele não queria ter esta conversa.

— Annika, você tem que deixar este assunto — ele deixou cair sua cabeça para lhe lançar um olhar feroz apesar de sua cegueira. — Agora.

— Ok — ela estalou. — Então me atribua uma missão. Tira-me fora de seu caminho. Obviamente é isso que você quer.

Outro suspiro tolerante agitou os papéis na mesa dele, alimentando sua raiva. Ela não era a porcaria de uma criança.

— Você sabe as regras. Todos tiram um tempo depois de uma missão e você precisa.

— Como no inferno você sabe o que eu preciso? Bem, você poderia saber se você se dispusesse a me ver a noite passada. Você poderia saber como o único garoto que eu alguma vez dormi totalmente me dispensou como se eu não fosse boa o suficiente para ele — um indício de lágrimas estava queimando nos seus olhos, o que a irritou ainda mais, porque Creed não valia uma única lágrima. Não era como se houvesse alguma coisa entre eles. Ela travou seus dentes e apertou seus punhos no seu colo. — Não importa. Não era nada mais do que sexo.

— Algum idiota a estava usando para sexo?

Nós estávamos usando um ao outro.

— É mais complicado que isso.



— Você está tendo sexo? — ele perguntou, como se o que ela tinha dito tivesse afundado somente agora.

— Dev. Olá... Eu não sou mais uma criança.

Um fato que aparentemente ele não tinha confrontado mesmo quando soube acerca de suas lições com um Sedutor quando ela fez dezoito. Tinha feito somente sentido que ela aprendesse como beijar, tocar, confundir a mente de um homem assim como a seu pênis para no caso que a situação surgisse, se ela ia tornar-se uma agente convincente. Visto que ela não foi capaz de ter sexo para ganhar a experiência por si mesma, o treino como Sedutora preencheu o buraco.

Dev reconheceu esse fato com dignidade, graça e só amaldiçoando um pouco... Mas quando ela foi para a sua próxima lição, o Sedutor, Adam, fez tudo exceto bater a porta em sua cara. Até hoje, ele empalidece quando a vê e ela se pergunta o que, exatamente, Dev disse ao pobre rapaz.

— Qual é o nome dele? — Dev exigiu.

Annika quase sorriu perante o ato do irmão mais velho, porque mesmo que não tivesse um irmão, ela imaginou que um poderia soar um pouco como Dev nesse momento. Claro, ela estava chateada por ter sido colocada fora de sua vida subitamente, mas agora soube que não era porque ele não se importava com ela.

— Você me diz os nomes de todas com quem você dorme? — a lista se leria como uma lista telefônica. Ela não podia contar o número de vezes que tinha ido a sua casa e teve que desaparecer por ela mesma até que ele terminasse com quem quer que estivesse na cama naquele momento.

Ele amaldiçoou alto e ruidosamente.

— Olhe, eu não acho que seja uma boa ideia que você esteja num relacionamento agora.

— O que você quer dizer com agora?



— Você é jovem.

— Eu tenho quase fódidos-vinte-e-dois!

Para seu crédito, ele pareceu um pouco desconfortável enquanto se movia em seu assento.

— Fisicamente.

— Oh, assim, o quê? Você está dizendo que eu sou emocionalmente retardada?

— Eu estou dizendo que você não teve uma educação normal. Você poderia ser vulnerável a algum bastardo que não a compreende — disparou nela um olhar aguçado. — Ou quem a quer por uma coisa e você a confunde por algo mais.

— Oh, Deus. Você anda lendo muitas revistas de mulher. Sexo não é amor. Eu sei disso — e ela confundir sexo com amor não foi o problema aqui. O problema é Creed ser um idiota arrogante que pensou que poderia provocá-la e depois deixá-la encalhada. Ele a rejeitou, quando tudo o que ela queria era sexo. Não era como se ela tivesse pedido um compromisso. Que infernos era o problema dele?

— Apenas me faça um favor e fique longe de homens por um tempo, ok? Especialmente o filho de uma cadela que se aproveitou de você.

Ela quis lhe dizer que Creed não tinha feito nada disso, mas um olhar de relance para o seu relógio lhe informou que estava atrasada para a aula de artes marciais que ensinava na base para os operantes, então em vez disso ela se calou.

— Então me envia numa missão. Em qualquer lugar. Qualquer coisa. Eu preciso me afastar — ela precisava ser necessária. E desde que Dev claramente não a queria para qualquer porcaria supersecreta que ele estava lidando, um trabalho ocuparia sua mente.

— Annika...





— *Por favor!*

O silêncio se prolongou então, Dev assentiu lentamente.

— Eu verei o que posso achar para você.

— Obrigada.

— Não me agradeça. Eu não estou lhe fazendo nenhum favor. Você precisa de uma pausa — ele suspirou. — Eu nunca posso dizer não para você.

— Você me estraga — e ela não era tão mimada que não poderia ver isso. Ele sempre foi bom para ela, mesmo quando ela não merecia. — Dev?

— Hum?

— Por que você me manteve?

Suas sobrancelhas se ergueram, provavelmente combinando com as dela. Ela tinha ficado tão surpresa com a pergunta quanto ele, porque embora ela sempre se tenha perguntado, tinha estado assustada em perguntar.

— Você tinha dezesseis quando chegou aqui. Uma criança. Eu não estava indo matar uma criança não importa o quão perigosa você era.

Ele era tão mole. Como ele foi capaz de gerir uma operacional como a ACRO com um aperto tão suave estava além dela.

— Ainda assim você não precisava estar sempre tentando me integrar. Você poderia ter me prendido numa masmorra e me deixado definhar. Assassinando-me em meu décimo oitavo aniversário. Teria sido a coisa esperta a se fazer.

Especialmente depois do que ela lhe fez e a outros operantes da ACRO. Eles a mantiveram trancada numa cela de treinamento e, depois que ela danificou seriamente dois de seus alimentadores, recorreram a falar com ela através do senso comum e tranquilizaram-na por meios médicos. Dev veio diariamente por semanas, tentando falar com Annika, mas ela não acreditava em nada do que qualquer um deles lhe dizia. Finalmente, ela se acalmou e os enganou lhes fazendo pensar que haviam ganhado.





E, quando Dev entrou na sua cela para falar com ela face a face, ela emitiu suficientes *volts* nele para enviá-lo através do quarto. Ela escapou, correu através do edifício de treinamento até o campus principal, onde alarmes estavam soando e os operantes se acumulavam. Eles a cercaram, dúzias deles. Ela colocou o seu escudo elétrico para que ninguém pudesse tocá-la e ela poderia ter atravessado a multidão dessa forma, só que algo a manteve imobilizada. Mais tarde, ela aprendeu que o seu captor era um Telecinético¹³ chamado Dawn, mas mesmo sem o agarre invisível, Annika duvidava que teria se movido.

As pessoas que a circundavam eram exatamente como Dev tinha descrito. Ela viveu sua vida com a CIA acreditando que ela era única, uma arma com nenhuma função exceto matar. Mas a sua direita um homem lançava bolas de fogo da ponta de seus dedos. A sua esquerda, uma mulher levitava a um pé do solo. A mulher na frente dela abriu seu macacão de voo preto e pisou fora dele... E misturou-se imediatamente com o fundo como um camaleão.

Annika ficou ali, de boca aberta, pasmada olhando o grupo e, quando Dev empurrou através da multidão — coxeando, seu braço num ângulo estranho e sangue escorrendo de uma abertura na sua cabeça — ela liberou o poder que estava segurando. Dev tinha acenado para Dawn e, de repente, Annika estava livre.

Dev esticou sua mão e sem nenhuma palavra, ela a agarrou — o permitiu liderá-la até seu escritório onde, depois de ser costurado e reparado a deslocação de seu ombro, ele explicou de novo o que a ACRO era e como ela nunca seria usada da forma que a CIA a tinha usado.

Ele a salvou nesse dia, tinha salvado sua vida quando tinha todo direito de tomá-la. Ela devia-lhe, e embora estivesse chateada por ter sido colocada de fora, ela não podia ser uma idiota. De fato, ela provavelmente deveria lhe dizer

¹³ Capacidade de mover fisicamente um objeto com a força da mente, fazendo-o levitar, mover-se ou apenas ser abalado por esta.

que se ele precisasse de alguma coisa, ela estaria lá para ele — mas então, ele sabia disso.

E obviamente não importava para ele.

QUARTA-FEIRA — SEIS E MEIA DA TARDE, MST.

Deb era boa para algo, embora se estivesse esperando alguma coisa de Ender em retorno, ela estaria profundamente enganada. Dolorido sendo a palavra-chave — porque de repente sentiu a esmagadora necessidade de colocar uma placa em torno de si mesmo onde estivesse escrito: Serviços de Garanhão Ltda. E, ele estava malditamente cansado de beber água e Gatorade¹⁴.

Ele tinha que aturar Babs, olhando fixamente para ele com sua cabeça inclinada e um olhar de *você vai levar*, enquanto ele cozinhava no fogão de Kira os dois enormes hambúrgueres que Deb lhe tinha fornecido. E, logo ele tinha enchido sua boca depois que os colocou entre o único pedaço de pão que Kira parecia ter — algum trigo molhado e cagado que quase lhe fez vomitar. Mas ele precisava de proteínas e, infernos, ela também.

— Não comece comigo — ele disse ao cão. — Por que você não faz nem ideia com o que eu estou lidando. Oh, merda, você é uma fêmea. Talvez você faça.

Babs ficou e abanou sua cauda e ele gemeu. Ele tinha se mantido ocupado em torno da quinta, mantendo-se a par de Kira e se certificando que nada mais estava acontecendo por detrás dos panos. Itor nunca apareceria durante o dia de qualquer forma — nem muitas pessoas, nem muitos turistas.

E, como se trabalhasse por um relógio, a cada quatro horas Kira olhava para ele — desespero em seus olhos. Ele se perguntou por que infernos o incomodava o fato de que poderia ser qualquer outro a servindo, que ela necessitava apenas sexo, não exatamente do sexo dele. *Nenhum laço que dure*

¹⁴ Uma bebida que repõe, reidrata e reabastece os sais perdidos no suor.

sempre foi o lema dele. Mas laços que ligam por algumas horas, bem, claro, esses eram o melhor tipo.

O tipo que quase acabou com você ontem à noite, idiota.

Talvez tenha sido isso. Seu ego levou uma boa pancada, a contusão que corria pela dianteira de sua garganta um doloroso lembrete visual e, ele estava fazendo tudo em seu poder para viver de acordo com tudo que alardeou — para se preparar para quando ela sussurrasse contra ele: *Vem, Tommy. Toma-me agora mesmo. Eu não posso esperar.*

Como um vivo e respirante sonho, exceto que seu pau estava tão dolorido que ele tinha receio, pela primeira vez em sua vida, que ele talvez pudesse cair por excesso de uso. Falando sobre tomar uma pela equipe... Ele tinha sobrevivido a guerras. Balas. E o sexo estava sendo a coisa que iria matá-lo.

E, de repente, ele soube a razão pela qual Dev o enviou sozinho nessa. Nada a ver com seu coração duro e tudo a ver com seus vícios sexuais e seus poderes rejuvenescedores. Mas merda, Dev havia subestimado esta e, assim, todos na ACRO. Não que eles tivessem alguma forma de saber que Kira necessitava mais do que sexo para a sobrevivência. Aquela foi uma bonita pequena bomba que ela largou em seu colo noite passada. Mate ou morra.

Ele se certificou que ela estava copulando com ele, tudo bem. Seu orgulho se agitou mais do que um pouco, porque ele teve que admitir que tinha feito um trabalho malditamente bom em mantê-la satisfeita nas últimas vinte e quatro horas. Ser um *Excedo* tem suas vantagens.

Sua refeição o tinha energizado ligeiramente. Ele checkou seu relógio, viu que a noite chegou mais rápido do que ele tinha percebido. Ele teve apenas tempo suficiente para fazer uma rápida varredura da área antes que Kira o necessitasse de novo. Ela arrebentaria uma veia quando cheirasse o hambúrguer nele e pela primeira vez nesse dia, ele estava realmente ansioso para vê-la.

Capítulo 9

QUARTA-FEIRA — NOVE DA NOITE, MST.

Era a parte favorita do dia para Kira. Após o pôr do sol quando os voluntários do refúgio tinham ido e a parte exótica do santuário estava viva com os sons dos animais noturnos se tornando ativos. Ela fez suas rondas, checou os animais com problemas de saúde primeiro. Dentro do pequeno edifício usado para abrigar animais sob cuidado veterinário, um urso preto severamente subnutrido ainda estava lutando para sobreviver, mas a outra



dúzia de animais que tinha sofrido nas mãos de humanos estava indo bem.

Ela apenas desejou que pudesse dizer o mesmo. Como podia sua vida ter ido mal tão rapidamente? Ontem ela tinha sido feliz. Tão feliz como ela poderia ser de qualquer forma, dado que era caçada em vários estados e estava entrando no período sazonal que fazia sua vida um inferno vivo. Agora, vinte e quatro horas depois, tinha visto um homem sendo assassinado, descoberto que os seus ajudantes tinham sido chacinados, tinha sido tomada refém por um bandido que a queria trabalhando para a sua agência secreta de bandidos e então praticamente forçou esse bandido a ter sexo com ela.

Engolindo um gemido, ela pisou na área dos lobos e brincou com a dúzia de lobos e lobos híbridos¹⁵, deixando-os dizerem-lhe sobre o seu dia. Os animais não domésticos eram mais fáceis de estabelecer comunicação e os lobos eram abertos à aprendizagem e partilha. Ao contrário de um macho humano que ela tinha atacado por sexo.

Desta vez ela gemeu, afundou-se em uma rocha e deixou que os lobos a cercassem. Ela não teve nenhuma ideia do que tinha acontecido e muito pouca memória dos eventos que seguiram o sexo oral. Tudo o que sabia era o desespero que a tinha preenchido e, então, se encontrou sobre Tom ordenhando seu orgasmo para o que ela necessitava. Flashes de suas ações perfuraram seu cérebro em pequenos e dolorosos sopros.

Ela tinha pulado nele. Quase o sufocou com suas algemas. Rosnou como um demônio. Nunca, em seus vinte e sete anos ela esteve tão fora de controle. Não quando ela persistentemente planejava cada aspecto de sua vida a fim de evitar o desespero. Para evitar a doença e a dor que veio quando o sexo não.

E agora a estranheza que a cercava tinha jogado todo seu cuidadoso planejamento no caos, tinha virado sua vida de cabeça para baixo e a deixado girando, tão impotente como uma tartaruga sobre suas costas. Tom certamente não tinha ajudado ao provocá-la e mantê-la prisioneira.

¹⁵ Lobo híbrido ou Cão-lobo: Animal descendente de cruzamento de cães com lobos.



Para ser justa, embora ele tenha revisado seu ultimato, pelo menos lhe tinha dado a ilusão de ter uma escolha. Vá com ele e viva ou permaneça e morra. A parte dela que gostava de respirar queria ir. A parte teimosa dela — a mesma parte que não confiava em ninguém que, ao menos insinuou ser militar ou do governo — queria ficar e provar que ela conseguia superar tudo isso sozinha. Mesmo se ficar significava sair em seus próprios termos mais tarde. Ela o tinha feito antes.

Confusão a corroía. Ela alimentou todos os seus animais de casa e deixou notas para os proprietários, só no caso. Mas não importava o que ela decidisse, ainda teria que lidar com Tom, teria que realmente falar logo com ele. Seu tempo estava quase acabando e tinham deixado coisas em aberto e estranhas a noite passada.

Estava claro que ele tinha sido inconsciente a respeito da seriedade de suas necessidades sexuais — e estranho o bastante, ele parecia estar tentando compensá-la. Seus acasalamentos desde o incidente no campo tinham sido silenciosos, mas ele tinha sido atento, tinha tomado tempo para fazê-la vir repetidamente.

Ele tinha permanecido com ela após a primeira vez, como se quisesse falar, mas ela tinha escapado. Suas emoções tinham se tornado uma mistura confusa... Ela o odiava por ter mexido com sua vida, no entanto sua confusão sobre como ela o tinha tomado como uma besta descontrolada a cutucou como os dentes de um forcado¹⁶. Ele poderia tê-la parado, mas ela não o teria feito fácil e ele teria que feri-la. Obviamente, ele não queria magoá-la, ou ele já o teria feito.

Ou então seus chefes a queriam ilesa. Assim poderiam magoá-la eles mesmos e submeterem-na a experimentos, como acontece nos filmes. E se a sua agência fosse a má e Derek tinha pertencido à boa? O que Derek tinha dito sobre a limonada tinha acendido uma memória e depois de juntar dois e dois,

¹⁶ Garfo de lavoura. Utensílio de lavoura, formado de uma haste de pau, terminada em duas ou três pontas do mesmo pau ou de ferro.



Ela percebeu que seu jantar não tinha ido mal, que Tom havia os drogado. Além de que, ela não tinha nenhuma prova de que uma palavra que Tom dizia fosse verdade e ela cheirou carne nele durante seu último acasalamento, então realmente, ela não deveria sentir culpa sobre qualquer coisa.

Se sentindo inexplicavelmente melhor, ofereceu boa noite aos lobos e dirigiu-se a zona dos grandes gatos. Na entrada da área completamente fechada que abrigava quase cinquenta gatos variando de lince aos tigres, ela parou. A necessidade tinha começado e ela iria precisar de Tom mais uma vez em poucos minutos. Kira pendurou sua cabeça e fechou os olhos, porque merda, ela daria tudo para ter outro homem agora mesmo, um que não fosse tão assustador, que não enterrasse corpos tão facilmente como respirava. Talvez ela deveria ter tentado fugir hoje, tentado escapulir com os visitantes.

Mas se ele estava certo, se ele era a sua única esperança... Ela não poderia arriscar fugir. Nem mesmo para encontrar outro que a servisse. Uma coisa era certa: ela não estava juntando-se a sua estúpida agência. Uma vez que a ameaça estivesse acabada, talvez ela poderia retornar. Se ainda estivesse em perigo, ela poderia assumir outro nome e encontrar trabalho em outra parte. Era uma perita em começar de novo desde que tinha sido forçada a abandonar seu negócio de treinamento de cães — depois que alguns homens saltaram de uma van um dia e tentaram arrastá-la para dentro. Seus cães a salvaram, mas a um preço elevado — dúzias tinham sido assassinados. Ela teve que fugir, porque o mesmo homem voltou dois dias depois e, de repente, a polícia que a tinha louvado como a melhor treinadora de cães policiais no mundo, tinha decidido prendê-la.

Ela não tinha dúvida nenhuma que o governo estava por detrás do incidente da van, assim como o repentino aparecimento da polícia. Ela foi presa vezes demais por perturbar a paz e por suspeita de ser cúmplice em crimes violentos em favor aos direitos dos animais. Mas agora, depois do que Tom tinha dito, ela não estava tão certa sobre quem a tinha tentado agarrar.

O som do bufo de um tigre a trouxe de volta ao presente, onde seu corpo



ansiaava por Tom, mas se esta era a última vez que veria seus bebês, ela necessitava passar tempo com eles primeiro. Além de que, ele iria manter um olho próximo a seu relógio e a encontraria, se não estivesse já próximo. Ela cheirou a brisa, mas não apanhou nenhum traço dele, o que significava pouco, pois ele poderia estar contra o vento.

— Hey, crianças — ela disse, enquanto pisava dentro da entrada principal e então com cuidado fechava o portão.

Um jaguar preto esticou a cerca de alambrado perto dela em cumprimento, e ela enfiou sua mão através da abertura de alimentação para coçar sua barriga. Sorrindo, passou as áreas dos lincês e dos pumas, dando a todos uma pancadinha afetuosa. Ela entrou na zona dos dois leões e tigres — híbridos — para brincar com eles por um momento e então visitou o refúgio dos três tigres siberianos.

As duas fêmeas — Anya e Nika — imediatamente estabeleceram um profundo e vibrante ronrono enquanto se esfregavam contra os seus quadris, empurrando-a ao redor com seu delicado entusiasmo. Anya enganchou sua pata matreiramente em torno da panturrilha de Kira e a puxou, quase a fazendo cair sobre seu traseiro.

Através da área, Pasha — o grande macho branco — passeava. Ele manteve sua cabeça baixa, seus olhos trancados em Kira. Um lábio levantou em um meio rosnado.

— O que você está fazendo, garoto? — ela perguntou e ele não respondeu.

Pasha regularmente não o fazia. Ferozmente inteligente, ele sempre tinha sido difícil de ler, um dos poucos animais que ela tinha encontrado que poderia obstruir sua mente contra sua sondagem. Anya e Nika começaram uma luta e Pasha rugiu. Ele tomou um passo na direção de Kira, seus dentes afiados reluzindo na luz do refúgio.

— Você pensa que é duro, huh? — ela dobrou-se na cintura, capturou seu olhar e o encarou — algo que ninguém nunca deve tentar com um gato grande.



Pasha rugiu, agachando. Ela deu um lento e ameaçador passo em sua direção. Ele rosnou baixo em sua garganta. Ela rosnou de volta.

— Você não quer se meter comigo, *baby* — sussurrou e desta vez ela obteve uma resposta. Uma visão. Um retrato dela presa debaixo dele, sua boca fechada em torno de seu crânio.

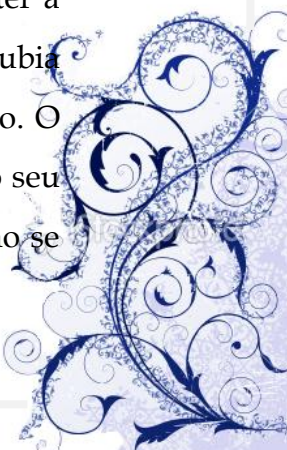
Ela rodou ao redor, tomou três passos e então, de repente, estava no chão com trezentos e dezoito quilos de tigre em cima dela. Quentes bafos de respiração correram sobre sua cara enquanto Pasha abriu sua boca em torno de sua cabeça. Duros dentes a morderam, mas a pressão, embora intensa, não magoava.

Você ganhou, Pasha. Mas eu estou ficando mais rápida. Eu dei um passo extra esta noite.

O grande gato fez alguns ruídos de ronco e liberou sua cabeça, mas ele a segurou em baixo apenas porque ele podia. Ela sentiu uma boca fechar em torno de seu pé e outra em torno de seu braço. A afeição, respeito e gratidão que todos os três gatos sentiam por ela correu através de seu corpo, fez cócegas de uma forma que sempre fazia quando os animais comunicavam suas emoções.

Os tigres sentiram sua preocupação e então, em sua maneira de tigre, tentaram confortá-la. Ela enviou todo o amor e conforto de volta para eles, porque ela não tinha nenhuma ideia do que o futuro lhes reservava e eles precisavam de sustento mais do que ela precisava.

Deitada ali como um grande brinquedo de mastigação, ela olhou de relance para seu relógio, surpresa que tinha passado duas horas se despedindo de seus bebês. Então outra vez, a tensão crescente em seu interior poderia lhe ter dado uma pista do tempo. Ela fechou seus olhos, concentrada em conter a grande necessidade que iria, em um momento, forçá-la a caçar Tom. Calor subia em suas veias, desejo esticou através dela com um profundo e *sexy* gemido. O perfume de pele aquecida pelo sol e grama agradou suas narinas enquanto seu corpo se lembrava do cheiro. Humidade explodiu entre suas pernas como se



preparando para o acasalamento e a fome rasgou através dela.

A besta queria ser alimentada.

Capítulo 10

QUARTA-FEIRA — ONZE DA NOITE, MST.

Vinte horas e, contando, Ender se encontrou deitado de costas na cama de seu quarto superaquecido na antiga casa de fazenda, olhando para o teto. Ele queria estar na estrada antes da meia-noite. Meia-noite era quando a segurança que cercava o refúgio diminuía consideravelmente, deixando dois guardas



solitários em cada lado da grande parcela de terra. Já que o refúgio não fechava oficialmente até as dez e algumas noites até mais tarde dependendo do tráfego a pé e turistas que ficavam distraídos vendo os animais exóticos, ele não estava preocupado que Itor poderia vir bem mais cedo que isso. Muitos animais preferiam caçar suas presas sob as cobertas da noite e, ele não era exceção.

Não, ele tinha outras coisas para se preocupar. Como se Kira havia tomado sua decisão. Ele não tinha conseguido ler a expressão dela o dia todo, seu cérebro se tornando efetivamente uma polpa quando ele estava na presença dela e se desligando quando ele estava dentro dela. Uma hora, ele não tinha força para fazer nada senão deixar tudo se esvair a não ser a sensação de pele na pele.

Se *ele* tinha tomado *sua* decisão era a grande pergunta e, uma que ele se recusava a responder. Ao invés disso, ele se içou para fora do colchão e jogou seus pertences na bolsa que havia trazido consigo para o refúgio ontem. Depois de estudar sua arma por um segundo, ele a carregou, destravou a trava de segurança e a enfiou no bolso da frente da bolsa. Esta ficava na altura da sua cintura, o bolso era perfeito para um acesso fácil sem chamar muita atenção se a sua mão descansava lá. Agora ele só precisava encontrá-la.

O último acasalamento — como ela gostava de chamar — foi um pouco mais de quatro horas atrás e ele havia sido surpreendido que ela não houvesse entrado para pegá-lo até agora. Ele havia contado para ela aonde andaria e normalmente ela estaria em cima dele antes que tivesse a chance de ir procurá-la. E, enquanto nada acionou seu alarme interno, suas vísceras estavam tensas e sua marcha teve um aumento na velocidade. Ele usou como disfarce a escuridão e a trilha por trás da mata que somente os trabalhadores usavam, para chegar dentro de segundos na parte mais afastada do refúgio, o lugar onde Kira havia contado a ele que ela sempre terminava seus dias.

Os lobos levantaram suas cabeças e começaram um uivo de pesar enquanto ele avançava por eles com mais velocidade, seu radar procurando por Kira. Ele estava quase no fim dos grandes habitats quando ele a viu, dentro de uma





gaiola com os tigres. Com o maior dos grandes gatos deitados em cima dela, boca aberta e dentes aparecendo.

Por um segundo, ele congelou no lugar com medo que um movimento seu pudesse assustar a besta negra e branca cujas mandíbulas estavam muito perto do pescoço de Kira para o seu conforto. Sua mão se moveu lentamente para a arma em sua bolsa e a única coisa que o parava de matar o tigre imediatamente era o fato de Kira provavelmente nunca o perdoaria.

Desde quando ele ligava alguma merda para o que alguém pensava sobre ele? Perdão era a última coisa que ele precisava. E isso seria uma perfeita oportunidade para fazer seu trabalho com uma audiência cativa. Que porra estava acontecendo com ele? Ender havia pensado que talvez a falta de proteína tinha bagunçado sua cabeça, mas apesar de se sentir mais forte comendo hambúrgueres mais cedo, sua mente ainda não era inteiramente dele. Não era a mesma desde que ele havia conhecido Kira.

Sua mão se firmou na arma quando ambos — o tigre e Kira — viraram suas cabeças na direção dele. Ele acenou, esperando que ela desse a ele algum tipo de sinal, alguma forma de ajudá-la, quando de repente ela prendeu uma perna fortemente ao redor das costas do tigre. Ele ficou tenso, o tigre rugiu e se virou de costas e Kira apenas passou uma mão sobre o seu estômago enquanto ele ficava deitado, de barriga para cima e ronronando como alguma porra de gato caseiro.

Ela sorriu em cima dele e Ender se tocou de repente, de quanto esta mulher era incrivelmente especial. Tudo o que Ender podia fazer era balançar a cabeça em sua direção e se virar para que ela não pudesse ver o alívio em seu rosto. Ele tirou sua mão da coroa da arma e largou a bolsa no chão. Ender deixou suas pernas se afundarem na grama e deitou de costas como o tigre, olhando para as estrelas, deixando Kira terminar o que fosse que ela estivesse fazendo.

Dentro de minutos, ele escutou um leve tilintar da jaula se fechando, um rosnado coletivo dos grandes gatos que reverberou por sua alma e viu Kira de pé em cima dele.



— Que porra foi aquilo? — ele perguntou. Ela sorriu para ele, sua pele suada do esforço, seus olhos de um âmbar líquido sob seus cílios pesados. Seus lábios cheios permaneciam levemente abertos, a ponta de sua língua despontando entre seus dentes. Pela primeira vez em tudo isso, queria juntar sua boca na dela e ele desviou seu olhar. A blusinha que ela usava enfatizava seus seios cheios, mamilos já duros de excitação e ela ainda usava o short que ele havia tirado dela o dia todo. No celeiro. Perto do poço velho. Na cozinha. E no pequeno banheiro reservado para os turistas. Eles haviam quase derrubado a parede lá.

— Você está com ciúmes? Você quer lutar comigo garotão? — sua voz estava rouca, parecia um pouco sem ar enquanto ela colocava um pé em cada lado do seu quadril e se abaixava nele, trazendo muita lembrança da noite passada para o seu conforto.

— Eu não sou um garoto, Kira. Eu pensei que já havia provado isso para você — ele disse quietamente, seu corpo ficando tenso contra o dela enquanto ela trazia suas mãos para passar pelos seus ombros, até seu pescoço e então pelo seu cabelo. Ele a cheirou, a necessidade, a vontade completamente absorvida pelo seu sistema nervoso até cortar toda visão de qualquer coisa a não ser ela.

Ele chegou por atrás de seu pescoço para agarrar-lhe os pulsos e afastá-los para os lados dela. Ela resmungou e levou suas mãos de volta para cima tentando deitar em cima dele, mas ele usou sua velocidade para agarrá-la e prendê-la no chão, de maneira parecida ao que ele havia visto o tigre fazer.

Ela se arqueou contra ele, o traseiro dela se esfregando com vontade contra sua virilha e ele pressionou-a não tão gentilmente, na terra. Jesus Cristo, seu coração ainda estava acelerado e, apesar dela já estar segura fora da jaula e em seus braços, por um segundo ele enterrou seu rosto em seu cabelo, sentindo o cheiro que era unicamente dela. Mesmo sabendo a decisão que ela havia tomado, ele queria este momento mais.

— Por que você demorou tanto? — ela estava perguntando, palmas para baixo e ainda empurrando contra o chão e contra ele ao mesmo tempo. Ele



finalmente a deixou, relaxando-se novamente até que ela estivesse de quatro. A mão dele passou pela cintura dela, deslizando ao longo de seu abdômen reto para desabotoar seu short e arrancá-lo para fora. Ela levantou os joelhos levemente do chão para que ele pudesse então arrastar o tecido por eles e deixar seu short emaranhado ao redor de seus tornozelos, deixando suas pernas presas no lugar enquanto seus dedos começavam a acariciá-la. Ele manteve sua outra mão firme e pesada na parte baixa das costas dela, firmando, enquanto ela levantava sua cabeça e gemia, empurrando para trás contra o seu ritmo constante.

Esta foi a primeira vez que ele havia a provocado após o dia inteiro — ele havia aprendido sua lição efetivamente na última noite, mas agora... Agora ele queria brincar, não queria um final rápido.

— Você está bem, Kira? — ele perguntou.

— Sim. Ah, sim — ela murmurou. Ele tirou o short dela de seus tornozelos e abriu suas pernas mais amplamente. Ele inclinou a cabeça pra prová-la novamente, deixando sua língua mergulhar nesse doce molhado, lambendo, sugando seu clitóris, usando a cintura dela para trazê-la contra si, para conseguir penetrar mais profundamente nela enquanto seus orgasmos começavam a rolar através dela. Ela gozou em seus lábios várias vezes até ele perceber que poderia morrer feliz, dessa maneira.

Por um segundo, ele se perguntou como seria, como *ela* seria, quando ela não estivesse no cio, mas empurrou o pensamento para fora de sua cabeça. Ele não estaria por perto para isso.

Ela não ia te querer de qualquer forma.

Ele mordiscou sua coxa relutante — em parte com o que ele estava fazendo para dar o que ela precisava. Mas a respiração dela havia começado a se acelerar, sua cabeça pendia para baixo e ele sabia que era um teste de confiança. Ele se ajoelhou atrás dela, esfregando sua ereção entre suas delicadas dobras. Ela se arrepiou e soltou uma risada misturada com alívio. Não importa quantas





vezes ele havia tomado-a hoje, seu pênis renascia dos mortos na mesma hora que ele estivesse ao alcance de seus feromônios.

Ele tomou-a com um golpe longo e sua vagina se contraiu ao redor de seu pênis com vontade. Ender se inclinou para frente e então ele estava de quatro também, seu corpo cobrindo o dela enquanto eles se balançavam juntos, com força e rápido, seus gemidos se misturando com os uivos que os cercava no escuro.

Seu orgasmo o pegou de surpresa — ele havia se concentrado tanto nela, que não havia percebido o quão perto ela havia o trazido para o abismo. Ele levantou sua cabeça em direção ao céu, soltou algo semelhante a um uivo enquanto o sangue corria em suas veias e ele se sentiu mais vivo... O que não acontecia há muito tempo.

Ele descansou sua testa contra a pele nua da parte de cima das costas dela — onde a blusinha havia subido —, enquanto tentava colocar sua cabeça para funcionar em ordem. Depois de um minuto, ele soltou o quadril dela, ficando de joelhos. Ela se ajeitou e se alongou enquanto ele assistia seus músculos dispersos nas suas costas esbeltas se flexionarem. Ela era tão mais forte do que parecia.

Kira se virou e ele entregou para ela o short, ficando então de pé para puxar seu próprio jeans para cima. Ele checkou seu relógio: 23:30. Muito perto da meia-noite para relaxar.

— Você está indo embora? — ela perguntou, seus olhos em sua bolsa. Ele acenou, levantando a bolsa e a colocando em seu ombro. Ele deixou sua mão descansar casualmente contra o lado de fora e esperou por uma batida.

Sua garganta ficou seca quando ela não disse mais nada, só subiu o zíper, abotoou o short e enfiou a blusinha nele. E, então, ela olhou de volta para a gaiola que segurava seus grandes gatos. Eles estavam descansando, uma grande pilha de pelos juntos perto de grandes rochas no canto afastado.





— Eu não posso — ela começou, e sua palma se tencionou contra o metal gelado da arma.

Ele deslizou sua mão dentro do bolso, seu subconsciente tomando conta — porque ele sabia que sua mente consciente estava muito cheia de pensamentos, de sexo, de Kira, de tudo... Para fazer o trabalho que ele precisava fazer. A parte dele que estava treinada a não ligar para porra nenhuma a não ser o trabalho, a mataria sem um momento de hesitação. Fazê-lo rápido não iria fazer machucar menos.

— Então você vai ficar? — ele perguntou, e merda, por que ainda estava enrolando procurando tempo?

— Eu não posso deixar os animais sem proteção — ela disse, seus olhos o implorando para entendê-la. — Eu quero ir com você. Eu só não estou certa. Eu acredito quando você diz que eu estou em perigo, mas quem vai protegê-los?

Ele respirou fundo, deixando o oxigênio inundar seus pulmões, mas não moveu sua mão para longe da arma.

— Se eu chamar reforço agora, sua escolha de se juntar a minha agência vai pela janela — ele disse. — E eu não posso me permitir te manter aqui por tanto tempo.

— Você acha que eles ficarão a salvo?

— Eu acho que você é o alvo principal, então eu não acho que eles vão perder tempo aqui. Mas eu não posso prometer isso — *não posso prometer porra nenhuma.*

Ele lembrou-se que já tinha feito suas promessas e deixou seu dedo se curvar no gatilho, como ele tinha feito tantas vezes antes, em torno do protetor de gatilho já desgastado da pistola.

Um tiro, direto em seu coração, iria matá-la instantaneamente. Onde isso iria deixar os animais dela não era de sua conta. Onde isso o deixaria também não era da conta dele.





— Eu não concordei entrar para a sua agência — ela disse.

— Eu sei.

— E você não vai me forçar a me juntar?

— Eu te forcei a fazer alguma coisa que você não queria desde que eu estive aqui? — ele perguntou, se lembrando dela o segurando pela garganta contra a grama. Sua mão livre se movia pelo seu pescoço, que agora possuía um leve machucado e se perguntou se ele havia salvado a vida dela ontem à noite por nenhuma razão.

Ele poderia deixá-la fugir sozinha, dar tempo para ela escapar, segurar a Itor. Mas isso seria como dar a raposa para os cães de caça. Kira não teria chance, não sabia se esconder apropriadamente. E toda primavera, ela estaria aberta a sugestão de qualquer um.

— Não, você não me forçou a fazer nada que eu não quisesse — sua voz era leve, pensativa. Deus, ele desejava que ela não estivesse o assistindo dessa maneira.

De acordo com Dev, ela era muito perigosa para se deixar viva. Seu potencial como uma arma biológica de destruição em massa era uma ameaça muito real. Era nisso que ele precisava se concentrar... No seu trabalho.

— Eu preciso saber a sua escolha — ele disse, sua voz estranhamente suave.

Ela abriu sua boca e ele sabia que a resposta dela ainda era não. Antes que ela pudesse proferir uma palavra, Ender escutou um baixo conjunto de rosnados ameaçadores vindo da jaula dos tigres atrás dela. Kira virou-se para eles, então de volta para ele e sua mão ficou firme no metal, a batida de seu coração diminuindo.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, sua voz um sussurro, e Ender não sabia se estava perguntando para ele ou para os animais. Ele vasculhou a área, não percebendo nenhum perigo.



Quando olhou na direção dos tigres, notou que estavam encarando diretamente a ele. *Merda.*

— Os animais dizem que eu estou em perigo — Kira disse. — Que tem alguém aqui que quer me matar. Tommy, quem está aqui?

Ender tirou vantagem da situação, tentando não deixar sua voz mostrar o seu alívio de que poderia haver outra opção. Mas, ele se recusava a tirar sua mão do gatilho.

— Pode ser gente da equipe do Derek. Eu te disse que eles estavam vindo.

Ela mordeu seu lábio inferior e se moveu em direção a ele. Os rosnados dos animais ficaram mais altos.

— Quando eu me arrumar em um lugar novo, eu poderei ter alguns de meus bichos? Babs e Spazzy e...

— Sim. Eu garanto isso — ele disse. — O que isso quer dizer, Kira?

— Me mantenha segura, Tommy — ela disse. Ender deixou sair uma respiração profunda e somente então tirou sua mão da bolsa. Ele a esticou ao lado de sua coxa.

Tecnicamente, seu trabalho não tinha terminado — ela não tinha concordado em se juntar à agência, mas ele podia convencê-la disso. Umas horas a mais não faria diferença.

— Nós temos que ir. Agora — ele disse. Escutou os uivos à distância, como se os animais estivessem no meio do acontecido.

— Nós podemos levar minha caminhonete — ela disse, apontando para onde estava estacionada do outro lado do campo. — As chaves já estão na ignição.

— Vamos — ele pegou seu braço e correu com ela para o veículo. Mas enquanto eles se aproximavam, o cheiro pungente de gasolina chegou nele e *porra*, talvez os animais não estivessem uivando para ele. — O cano da gasolina foi cortado.

Ele empurrou Kira atrás dele, vasculhando a área e não vendo nada. Isso não era bom. Se Itor havia perdido tempo fazendo isso, queria dizer que eles haviam feito algo para incapacitar cada veículo deixado aqui pela noite.

— O que acontece agora?

— Nós vamos a pé — ele disse.

— Eu só vou pegar minha bolsa. Está tudo bem se abirmos a caminhonete?
— ela perguntou.

Eles não devem ter armado o carro para explodir — Kira era muito valiosa para algo assim.

— Está tudo bem. Mas eu pensei que você havia dito que não tinha certeza que iria embora comigo?

Ela tirou uma bolsa rosa-choque do banco de trás da caminhonete. Sim, *isso* ia se camuflar muito bem.

— Eu sempre tenho uma mochila preparada... Só em caso de eu ter que fugir.

— Isso acontece muito? — ele perguntou.

— Acontece o suficiente.

Falando em suficiente...

— Nós temos que dar o fora daqui e rápido. Eu tenho alguns uniformes camuflados¹⁷ que eu vou te pedir para vestir para que nós possamos nos mover sem sermos notados durante o dia, mas por agora, se mantenha da melhor forma possível.

— E se eu não conseguir?

— Eu te carregarei — ele a pegou pelo antebraço e levou para dentro da mata atrás do refúgio. Ele viu as lágrimas correrem por suas bochechas, sabia

¹⁷ BDU (Battle Dress Uniform): Uniforme de combate de uso militar para camuflagem, mais comum nas cores verde, bege, marrom e preto, mas as cores podem ser diferentes dependendo do terreno ao que se pretende misturar-se.



que havia mais do que um pouco de resistência no seu andar, mas ela havia acabado de se salvar. E talvez, de alguma forma, havia salvado a ele um pouco também.

Capítulo 11

QUINTA-FEIRA — QUATRO E MEIA DA MANHÃ, MST.

Homens com armas são ruins. Diga aos outros. Avise-nos.



O coioote passeava assistindo Kira — mas em grande parte Tom — com suspeita. Eles assustaram a criatura perto de um riacho e, quando Kira havia chamado-o com a sua mente, ele tinha quase tropeçado em seus próprios pés. Animais selvagens cativos e domésticos raramente eram surpreendidos quando eles descobriam que um ser humano podia se comunicar com eles, mas os animais completamente selvagens, por vezes, reagiam mal. Felizmente, de todas as espécies animais, caninos selvagens tendem a ser mais abertos e curiosos.

O coioote cheirou o ar em todas as direções, então se virou de volta para Kira. *Homens são maus*. Ela captou o sentimento mais quando o viu — ela geralmente precisava de contato para conseguir imagens — ele fugiu para a escuridão quebrada pela luz da lua cheia.

— Eu acho que ele nos avisará se vir outros humanos.

Tom acenou, olhando o seu relógio.

— Vamos descansar. Hidratar-nos.

Eles haviam parado por uma hora mais ou menos para ter um breve descanso — mas também um intenso sexo contra uma árvore, porém depois de mais de quatro horas de movimentação sem parar, ela estava exausta e sem vergonha de afundar no chão e descansar. O ar fresco noturno de Idaho dava uma sensação boa contra a sua pele molhada de suor e, apesar da grande quantidade de arranhões de galhos e arbustos, ela estava contente por Tom não ter insistido que ela usasse os uniformes camuflados que ele havia mencionado. Kira se perguntava como as roupas ficariam com sua bolsa rosa e botas de escalada vegan¹⁸. Ela agradecidamente pegou a garrafa de água que ele tirou de dentro da mochila.

— Então o que acontece quando chegarmos nessa agência sua?

¹⁸ Botas de escalada vegan: O termo vegan refere-se à vegetariano e significa que o produto é feito inteiramente de materiais sintéticos, como o nylon e poliéster, sendo livre de produtos de origem animal como o couro, por exemplo.



Ela havia feito perguntas desde que eles haviam saído, mas ele não tinha feito nada mais a não ser grunhir, então ela não esperava muito. Para sua surpresa, ele olhou para o riacho gorgolejante e disse:

— Você provavelmente vai conhecer as instalações dos animais. E então será levada para os alojamentos de treinamento onde serão assinalados a você treinadores e um dormitório.

— Se eu me alistar. O que não vou. Nunca.

— Não importa. Você se alistando ou não, é isso que vai acontecer. Tudo na ACRO é estritamente estruturado e o programa de treinamento é especialmente dessa maneira. Qualquer um que considera se alistar tem que passar pelo mesmo processo e tem que permanecer na base. É para a segurança de ambos, ACRO e o recruta.

— Ótimo — ela murmurou. Soava ainda mais militar do que os militares, então a vontade de correr, de escapar de Tom e sua agência, a golpeou novamente. Se sua temporada não tivesse começado, com certeza ela fugiria, mas fugir agora significaria morte certa. — Eu ainda não entendo nada disso. Tipo, por que a agência do Derek estava tentando me matar?

Ele olhou para ela, logo desviou o olhar.

— Por que eles preferem te ver morta a estar em nossas mãos.

— Por quê? Por que eu sou tão importante que é melhor me matar do que deixar outra agência me ter? Porque se alguém acha que eu treinarei animais para a guerra ou alguma merda assim, de jeito nenhum.

— Não é por isso que nós queremos você.

Quando ele não ofereceu outra forma de explicação, ela suspirou.

— Então o que acontecerá quando nós chegarmos à ACRO e eu precisar de você? Como isso vai funcionar? Eles sabem sobre a minha situação? Eles vão entender?





Seus dedos se apertaram ao redor de sua garrafa d'água e ela sentiu uma nota de irritação vindo dele. Talvez ela estivesse fazendo muitas perguntas, mas droga, esta era a sua vida.

— Não serei eu, Kira.

— Oh.

Ela fechou de repente sua boca, tanto de vergonha como de mágoa. Claro que não poderia esperar que Tom estaria lá para ela depois, mas... *Idiota. Eu sou uma maldita idiota.* Seu rosto ardeu e ela estava de repente agradecida pelas sombras da manhã. E por que a resposta dele incomodava-a de qualquer forma? Por que ela deveria sentir até uma pequena picada de mágoa? Tom foi claro que o trabalho dele era tirar ela de lá viva. Nada mais. Sua vida provavelmente melhoraria consideravelmente uma vez que ela estivesse fora da vida dele e na cama com outra pessoa.

Oh, Deus. E se...?

— Vai haver outra pessoa? Eles não vão me deixar morrer, certo? Não depois de tudo isso.

Sua voz havia ficado trêmula e aguda, mas ela não ligava, porque o pânico havia se instalado. Pânico de que ela teria que se acasalar com outra pessoa — talvez várias pessoas — e que ela confiaria ainda menos do que em Tom. Pânico que poderia não ter controle sobre ter o que ela precisava quando ela precisava. A memória do cárcere dois anos atrás ainda era muito fresca em sua mente.

Tom não olhou para ela.

— ACRO tem pessoas que podem lidar especificamente com a sua situação.

— Pessoas que somente fazem sexo? Para que tipo de organização louca você trabalha?

— Confie em mim, tudo vai fazer sentido logo — ele finalmente virou seu olhar em direção a ela. — E, a Divisão Médica pode até ser capaz de criar algum tipo de cura. Um jeito de lidar com sua febre de primavera sem o sexo.





— S3rio? — seu cora33o se elevou antes dela poder traz3-lo de volta a terra, onde ele n3o se despeda3aria com a queda inevit3vel. — Eles poderiam fazer isso?

— Talvez. Eu n3o sei.

Por um momento, ela se permitiu sonhar com uma vida depois da cura. Ela h3 muito tempo havia desistido de ter esperan3as de uma vida normal, mas se a ag3ncia de Tom pudesse dar isso a ela...

— Eu seria capaz de fazer tantas coisas — ela respirou. — Eu poderia ter amigos. Talvez uma fam3lia. Oh! Eu poderia fazer sexo durante o ano todo.

Tom franziu a sobrancelha.

— Voc3 n3o faz sexo a n3o ser na 3poca de acasalamento?

Ela balan3ou a cabe3a.

— Eu aprendi h3 muito tempo que a minha situa33o n3o combinava muito bem com relacionamentos. Assim que o meu cio come3a, as mulheres se viram contra mim porque seus namorados e maridos me querem. E qualquer cara que eu estou namorando acha que o meu desejo sexual 3 legal por uns dois dias, mas ent3o, quando ele n3o consegue aguentar... Bem, vamos s3 dizer que n3o 3 bonito.

N3o 3 nem um pouco bonito. Durante os anos em que estive sozinha, ela tinha seus ve3culos e casas vandalizadas, pintadas com a palavra vadia e prostituta, havia sido amea3ada, atacada, as pessoas se recusavam a atend3-la em lojas e restaurantes e muito mais do que ela j3 tinha compartilhado com alg3m.

— Todas as minhas rela33es terminam com muita dor — geralmente, no entanto, a dor era de um lado s3. Do lado dela.

— Por que relacionamentos ent3o? Por que n3o s3 transar por a3? S3 divertir?





— Porque eu transo por aí com estranhos o bastante durante a primavera. Com todos os tipos estranhos aí fora, por que arriscar mais do que eu tenho que fazer? E a última coisa que eu quero é fazer as pessoas acharem que eu sou mais vadia do que elas já acham.

— Ninguém na ACRO vai pensar que você é uma vadia.

— Não importa quantos homens forem mandados para me servir? — ela perguntou calmamente e captou outro sopro de irritação.

Ele parou abruptamente, cavou alguns comprimidos de purificação de água para fora de sua bolsa e acrescentou um para cada uma das suas garrafas.

— Nós precisamos nos mover — ele pegou as garrafas, passando-as no riacho e as enchendo.

— Você não me respondeu.

Ele pegou outras garrafas de dentro de sua bolsa.

— Não importa quantos — ele disse apertadamente. Então levantou a bolsa dela e dele no ombro e esticou uma mão para ajudá-la a se levantar do chão. — Agora, vamos.

De manhã, a escuridão de Idaho não apresentava problema para Ryan, não quando ele estava milhares de quilômetros de distância e procurando pelos olhos de um *excedosapien* com visão noturna natural. O Agente-I, Jarrod Warren, falou suavemente dentro de seu fone de ouvido, deixando Ryan saber sobre cada movimento seu.

Nervosismo de primeira missão. Por que Itor havia mandado este novato como um apoio secundário era um mistério, mas então, Itor frequentemente fazia coisas que deixava Ryan sem entender nada. Muitos generais e muita falação faziam a Itor mais desorganizada e mais desequilibrada do que a



ACRO, o que levava a ordens conflitantes, ordens desfeitas... Caos total às vezes.

— Onde está sua parceira? — Ryan perguntou e Jarrod desviou o olhar em direção a um celeiro que ele esperava ter uma melhor aparência durante o dia do que aparentava a noite.

— Eu não sei. Gina estava parada bem lá naquele palheiro.

Um mal-estar se acomodou nas entranhas de Ryan, mas ele não tinha ideia do por que. O desaparecimento da parceira de Jarrod — uma pirocínética¹⁹ experiente — provavelmente significava que a ACRO havia chegado à cena no refúgio de animais e estava fazendo limpeza. Eles também haviam pegado a encantadora de animais e dominado a segunda equipe de Itor? Ele não saberia, não estava na linha de comunicação da Equipe Dois.

— Eu vou achar Gina — Jarrod sussurrou, e Ryan sentou-se de volta na sua cadeira do escritório, permitindo que sua mente absorvesse as visões que Jarrod o levava — como a sombra no canto de sua visão. Ryan escutou um grunhido, então de repente ele estava encarando o céu estrelado. Jarrod gemeu, piscando repetidamente até que um rosto feminino aproximou-se.

Annika?

A loira sorriu e sim, era Annika. Ele reconheceria aquele sorriso gelado em qualquer lugar. Não havia um único homem solteiro na ACRO que não adoraria derreter aqueles icebergs que flutuavam em suas veias. Claro, ninguém se arriscava a tentar. Mesmo aqueles que poderiam estar dispostos a arriscar a vida deles pelos talentos perigosos dela não pensariam em ultrapassar o território do chefe deles. Todo mundo sabia que Dev e Annika tinham algo e, apenas um idiota com um desejo de morte iria transar com qualquer um dos dois.

Annika levantou sua cabeça e encarou os olhos do Jarrod — os olhos do Ryan — e o pulsar do seu coração dobrou. Pensou nas coisas que ela poderia

¹⁹ Pirocinético: Aquele que possui a habilidade de aumentar a temperatura corporal ou a de objetos para gerar, controlar ou absorver fogo.



fazer com ele, prazerosas ou não — Deus, talvez ao mesmo tempo — e um suor frio apareceu em sua testa. Ele não podia sentir o que Jarrod estava sentindo, mas ele viu o que o outro homem viu, podia sentir a intensidade do olhar de Annika.

— Onde está a encantadora de animais? — ela perguntou, sua voz pequena através da estática do fone de ouvido. — Há outra equipe?

— Já foram — Jarrod gemeu e, de repente, a visão ficou embaçada.

Flashes cegantes de luz explodiram atrás das pálpebras de Ryan. Ele gritou e empurrou para trás em sua cadeira. Tudo ficou escuro e ele teve que piscar algumas vezes para trazer sua própria visão de volta para a luz. Annika acabava de dar um tremendo choque em Jarrod. Ryan não deveria sentir pena dele por ser um agente da Itor, mas ele sentia. Vários operantes da Itor pensavam que eles estavam lutando junto com os mocinhos.

Dando uma respiração para se estabilizar, ele apertou o botão do intercomunicador. O responsável pela comunicação da Equipe Dois respondeu.

— Eu perdi minha equipe — Ryan disse, esperando que o outro homem dissesse o mesmo. Riso ecoou em seus ouvidos.

— Minha equipe está em perseguição da encantadora de animais. Ela está sendo protegida por apenas um idiota da ACRO. Nós teremos os dois em questão de horas.

— Eu informarei o Sr. Blake — Ryan desligou e apertou seus dentes. Ele orou para que quem quer que fosse o encarregado de proteger Kira fosse bom — o melhor — porque a Equipe Dois tinha experiência e uma quantidade não muito pequena de insanidade com eles.

Kira e seu agente poderiam ter a luta de suas vidas.

Capítulo 12

QUINTA-FEIRA — DEZ DA MANHÃ, EST.

Creed abriu a porta da sala principal de conferência com um chute de sua bota pesada e entrou, trazendo consigo um zumbido de energia que interrompeu todas as mentes no local, exceto a de Dev, espalhando seus sentidos psíquicos como bolas de gude e deixando-os balançando as cabeças para limpá-las.

A aparência física de Creed não ajudava — mesmo para aqueles que o conheciam ele parecia um pouco mais que escandaloso. Mais de um e oitenta, longos cabelos escuros amarrados na base de seu pescoço e piercings que subiam pela sua orelha esquerda, seu queixo, em sua língua, através de sua sobrancelha... E Dev não queria saber se ele possuía alguns mais escondidos. Acrescente a isso as tatuagens que cobriam o lado direito do seu rosto, pescoço e corpo, dando-lhe uma aparência *yin yang*²⁰ que irritou até mesmo os mais calejados agentes da ACRO. Esqueça as pessoas do mundo real. A roupa negra de couro da cabeça aos pés também adicionava um belo toque.

Creed ignorou todo mundo para concentrar-se em Dev, assim como este pensou que ele faria. E Dev sentiu uma pitada instantânea de alívio ao ver o jovem intérprete de fantasmas — a primeira vez que alguém tinha tomado uma decisão desde a noite passada quando o espírito fez sua aparição.

— Você chegou cedo — Dev disse.

— Eu pensei que nós não íamos chamar mais os caça-fantasmas depois daquele último incidente com a Bruxa Bell — uma das psíquicas mais velhas fungou, em referência ao espírito de que o Creed supostamente descendia. Dev fez uma nota mental para mandar um dos homens Sedutores, ou dois, para a casa dela naquela noite. Ela precisava de algo para melhorar sua perspectiva. — Eu marquei a reunião com o Devlin, não o contrário — Creed mentiu, da forma

²⁰ Segundo a filosofia chinesa o yin yang é a representação do positivo e do negativo, sendo o princípio da dualidade, onde o positivo não vive sem o negativo e vice e versa.

que Dev tinha pedido a ele. — Uma reunião particular. E deixe a Bruxa Bell fora disso. Aquela vaca não precisa de mais propaganda.

— Você sempre deve passar pelo seu supervisor antes de marcar uma reunião particular com o Devlin — Henry disse.

— Foda-se — Creed mandou outra explosão de energia que Dev sentiu como se tivesse levado um tiro no peito. O cara nem percebia que fazia aquilo e ninguém da equipe da ACRO havia descoberto como ajudá-lo a controlar isso. Até aquele momento, Dev chegou à conclusão que era um segredo melhor mantido longe de Creed.

— Já chega. A reunião terminou. E eu passarei o protocolo para Creed eu mesmo — Dev esperou até que a única energia que ele sentisse no cômodo fosse a de Creed, então apontou para o grandalhão segui-lo pelo corredor até seu escritório particular.

O Departamento Caça-Fantasma na ACRO estava lá há quase tanto tempo quanto os clarividentes, mas era raramente usado como um ativo. A maior parte dos operantes designados lá eram mantidos ocupados refutando boatos, e foi em uma dessas missões, vinte e nove anos atrás, que os caça-fantasmas casados Dave e Martha McCabe haviam descoberto Creed.

No início, as várias décadas de choro vindo de dentro da caverna no Tennessee — onde a famosa Bruxa Bell supostamente assombrava — fizeram os experientes e cínicos caça-fantasmas um pouco mais que entusiasmados. Eles não tinham certeza do que pensar quando encontraram um bebê berrando — que havia sido deixado nu em um cobertor de lã áspera no meio da caverna ao invés do fantasma da Bruxa Bell.

Naquela época, parecia como um incrível presente, já que os McCabes haviam há muito tempo deixado de tentar ter filhos, sendo incapazes de conceber depois de muitos dolorosos anos. Martha havia recolhido o bebê e imediatamente sentiu o zumbido de energia pinicar sua pele ao mesmo tempo em que ela percebia a pequena e enroscada tatuagem que cobria o lado direito da criança, da cabeça aos pés e em alguns lugares entre eles. Mas ela não ligava.



Depois de maiores investigações, os McCabes descobriram que o bebê havia ficado deitado lá por horas, porque ninguém na cidade queria entrar na suposta caverna mal-assombrada. E os rumores eram que o bebê era o descendente direto da família Bell, deixado lá para apaziguar o fantasma que deveria fazer uma aparição dentro de um ano para os membros sobreviventes da família. Um sacrifício humano.

Os McCabes haviam levado o bebê para casa, dado o nome dele de Creed e não se preocuparam com a bobagem sobre a Bruxa Bell. Mesmo que eles tenham começado a experimentar atividades de poltergeists²¹ desde o minuto em que o bebê entrou na casa, era muito mais uma benção do que uma maldição.

Creed contou aos seus pais depois, quando ele tinha idade suficiente para falar, que ele não era descendente dos Bells, mas um descendente do verdadeiro fantasma. Ele não estava exatamente certo de como ele sabia disso. Ele apenas sabia.

Ele também não tinha certeza de que era a Bruxa Bell que o perseguia, mas sabia que era o fantasma de uma nativa americana chamada Quaty. Ele a chamava de Kat só para irritá-la, desde que as boas pessoas de Tennessee sempre chamavam a Bruxa Bell de Kate.

Creed havia contado em confidência para Dev anos antes:

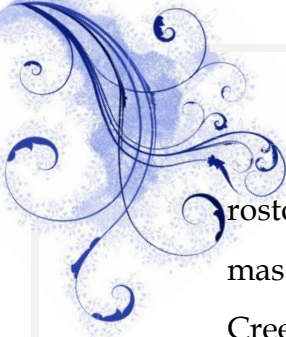
— *A vadia não me deixa chegar perto de nenhuma mulher por tempo maior do que fazer sexo e ir embora.*

Mas Dev sentiu a energia estranha e maravilhosa do Creed no segundo em que esteve no mesmo cômodo que o bebê. Dev tinha sete anos quando os McCabes visitaram os seus pais e encontrou o zumbido passando pelo seu cérebro.

Dev tinha perguntado à Martha se ele podia tocar o bebê porque ele era fascinado por tatuagens. E enquanto seus dedos tracejavam os contornos do

²¹ Poltergeist : (Do alemão *polter*, que significa ruído, e *geist*, que significa espírito) é um tipo de evento sobrenatural que se manifesta deslocando objetos e fazendo ruídos.





rosto de Creed, ele realmente sentiu alguém colocando sua mão nele, não forte, mas com pressão suficiente para fazer saber que se ele planejava machucar Creed, iria estar contra algo maior.

Creed ainda permaneceu na ACRO muito tempo depois que Dev havia partido para a Força Aérea, e ainda estava trabalhando lá quando Dev retornou para retomar a ACRO. Ele era um dos operantes melhor adaptados apesar do empecilho em sua vida amorosa, e uma das pessoas em que Dev mais confiava, ao lado de Annika e Ender. Não poderia pedir mais de um operante — qualquer ajuda, seja vivo ou morto, dava certo na visão de Dev.

— Feche-a e não deixe ninguém entrar — Dev falou para Trance, que estava esperando do lado de fora do escritório, uma vez que ele conduziu Creed para dentro na frente dele.

— Estou dentro, senhor. Acabei de limpar seu escritório. Não encontrei nada. — Trance disse.

— Você teve alguma notícia de seu amigo? — Dev perguntou, mesmo que ele já soubesse a resposta.

— Nada, senhor. Mas você sabe como Ender odeia dar atualizações — Trance disse facilmente.

Sim, ele sabia. O filho da puta podia bloquear sua mente melhor que qualquer um.

— Me avise no segundo que ele se dignar a nos notificar que ainda está vivo — Dev disse.

Ele foi para seu escritório e deixou Creed passar por ele antes que fechasse a pesada porta. E, então, se virou para Creed, que havia se mantido ocupado andando pela sala porque ele nunca conseguia parar quieto, mesmo quando mandado.

— Isso tem alguma coisa a ver com o que aconteceu na mansão? — Creed perguntou assim que a porta se fechou.





Não havia por que mentir. Creed descobriria que o fantasma que ele havia brigado era o mesmo assombrando Dev, um fantasma que tinha a profunda necessidade de compartilhar algo com ele, mesmo se isso sempre viesse com um preço. E agora ele havia começado a pagar o preço novamente.

— Sim — Dev finalmente respondeu. — Está aqui.

— Eu nunca deixei aquele espírito sair — Creed murmurou para si mesmo.
— Eu me certifiquei disso. Estava preso lá.

— Eu sei que você não o deixou sair — Dev disse.

— Então como... — Creed parou. — Você sabia que isso ia acontecer.

— Não, eu não pensei que ele fosse forte o suficiente para deixar a casa. Eu nunca deixaria você libertá-lo do portal se soubesse disso.

— Então agora ele está livre para malditamente perambular. Você envolveu a Ani em mais alguma coisa disso? — Creed exigiu e Dev ficou sem palavras por alguns segundos.

Ani?

— Não, eu não envolvi Annika desde que ela retornou da casa. E se eu tivesse envolvido, isso seria da minha maldita conta. Você vai me ajudar ou não?

Creed não vacilou.

— Claro. Mas você tem que me dar mais informações.

Dev hesitou brevemente, mas seus sentidos o avisaram que o cômodo era seguro. Assim como Trance havia dito. Quem quer que fosse o infiltrado não poderia entrar na sua cabeça a menos que ele permitisse e, nesse momento ele estava mais fechado que um tambor de aço e ainda mais reforçado. Se alguém pudesse entrar em sua mente agora, Dev tinha maiores problemas e nenhuma maneira de resolvê-los.

Ele virou suas costas para Creed enquanto ele desabotoava sua camisa preta de combate — a mesma que todo o resto dos operantes da ACRO deveria



usar na base. Dev as usava no caso de que alguém da Itor invadissem e tentassem sequestrá-lo. Camuflar-se de acordo com a paisagem era algo que Dev havia aprendido dos militares e ainda levava muito a sério.

Ele puxou a camisa pelos ombros e se perguntou por um breve segundo se Creed conseguiria ver, se ainda estava lá. Mas ele sabia que estava. E sabia que se a dermatografia²² rabiscada entre suas escápulas não havia desaparecido até agora, não era um bom sinal.

Quando Dev a observou ontem à noite, a escrita parecia à mesma de anos atrás — a mesma escrita ampla, as mesmas três letras, tudo invocando os mesmos sentimentos de desamparo e medo que ele havia tentado evitar.

Meu.

Creed respirou profundamente e Dev esperou um pouco antes de abaixar sua camisa e abotoá-la. Quando ele se virou, estava no comando novamente.

— Você pode me ajudar?

— Você vai precisar de alguém mais forte que eu — Creed disse e Dev percebeu que ele estava cantarolando *Não diga*, em sua cabeça, várias vezes. Mas Creed pressionou. — Você precisa de alguém que pode ver os mortos. Você precisa chamar Oz para isso.

— Não! — Dev não pretendia que a palavra saísse como um grito. Quando ele falou novamente, sua voz possuía um timbre normal. — Isso não é uma opção.

— Eu odeio ser aquele que te fale isso, mas eu acho que pode ser a sua *única* opção.

— Deve haver algo que você possa fazer.

²² Dermatografia: Do grego "dermos" = pele e "grafia" = escrita. São marcas na pele que podem ser atribuídas a explicações religiosas (espíritos, demônios, etc.) ou causas naturais do corpo. Uma dermatografia famosa é o sinal que Deus pôs em Caim.



— Ele não quer lidar comigo. Pode ser que Kat esteja o irritando ou algo, mas ele precisa de alguém mais forte para pegá-lo de jeito. Alguém que nasceu no meio dessa merda.

— Você nasceu no meio dessa merda.

— Não como o Oz.

Não, ninguém era como Oz.

— Você sabe onde ele está?

— Você quer dizer que você não sabe? — havia definitivamente surpresa na voz de Creed. Ele não sabia o que havia acontecido entre o Oz e Dev. Nenhum deles sabia. Nenhum deles jamais saberia também.

— Não — ele simplesmente disse, escutando a derrota em sua própria voz.
— Você consegue chamá-lo? Ver se ele pode vir para a ACRO?

— Deixa comigo.

Enquanto Creed saía do escritório, Dev caiu meio baqueado na cadeira de couro atrás de sua mesa. Ele esperava que não tivesse cometido um erro ao trazer alguém de sua agência para ajudá-lo em algo que não era especificamente um assunto da ACRO. Mas, se Dev fosse destruído, ele poderia terminar destruindo toda a agência com ele, aquela que seus pais haviam construído do chão, começando com alguns dos membros Stargate originais depois que os militares declararam o projeto nulo e sem força legal.

A velha guarda na ACRO não ficaria feliz sobre a maneira que ele gerenciava as coisas por aqui. Mas Dev sabia que para a ACRO sobreviver, para ficar à frente eles precisavam empregar mais do que apenas psíquicos. Eles precisavam de força e poder e, se isso significava um pouco de instabilidade às vezes, então que seja. Um preço pequeno a se pagar para manter o mundo seguro.

QUINTA-FEIRA — TRÊS DA TARDE, MST.



Kira havia passado a maior parte de sua vida fugindo, mas Tom Knight havia dado um novo significado ao *Não pare até cair*.

Eles haviam mantido um ritmo acelerado por outras três horas após o encontro com o coio, seguindo até onde ela podia ver, para o leste no sol da manhã. Eles tinham parado para tomar água e comer umas barras de granola, mas as paradas não eram suficientemente longas. Finalmente, lá pelas sete da manhã, Tom puxou uma pequena tenda portátil de sua bolsa. Depois de ele satisfazer suas necessidades e eles se limparem no riacho que estavam seguindo, dormiram até que ela precisou dele novamente.

O calor lambeu sua pele com a memória de como ela havia acordado ele, sua boca deslizando para cima e para baixo em seu pênis até que ele inchou quente contra seus dentes. Ele havia permitido a ela montar nele, a se sentar totalmente em seu comprimento duro, mas então ele prendeu seus pulsos em seu abdômen com uma mão e usou a outra para pegar em sua cintura e dominar seus movimentos.

Uma forma de dominância pura e simples, sua pegada havia ditado o tempo, a profundidade de suas investidas e, quando ela achava que não conseguiria segurar-se mais, quando começou a choramingar e lutar, eles gozaram juntos em uma onda explosiva de prazer que a deixou prazerosamente imóvel por diversos minutos depois. Agora, horas depois e pronta para desmaiar ali mesmo no lado da montanha, ela sentiu seu sangue esquentar com a necessidade de explodir novamente. Logo.

— Kira? Você escutou isso?

Ela saiu de seu estupor sexual no mesmo momento que um urso negro explodiu na trilha em frente a eles. Ele rugiu, seus dentes à mostra e brilhantes com saliva que pingava do canto de sua boca. Tom havia sacado a arma de Sabe-Deus-Onde e gelo passou pelas suas veias.





— Não atire nele — ela sussurrou. — Vá para trás lentamente — Kira o puxou com ela.

Se concentrando, ela mandou pensamentos ao urso — imagens agradáveis de cardumes de salmões e campos de frutos. Qualquer coisa para distrai-lo e mandá-lo em busca de uma presa mais fácil que humanos.

Desarticuladas imagens quebradas e cheiros voltaram para ela, raiva almiscarada, medo amargo, sangue, um grande e raivoso urso... Seu filhote mais novo havia sido atacado, ele ainda estava confuso e procurando uma forma de descontar sua fúria.

Ele balançou a cabeça e vagarosamente caminhou para frente.

— Você pode falar com a porra desta coisa?

Ela encontrou o olhar do urso. Angústia rolava em ondas pungentes.

— Não.

— Então para que serve a droga do seu dom?

O urso rosnava, enrolando seus lábios em volta de dentes afiados.

— Quietos. Dispare sua arma, mas não atire nele. Coloque medo nele.

— Merda — ele mirou um toco podre e atirou. Madeira morta explodiu, dando um banho no urso que rugiu, mas se virou e caminhou pesadamente para longe.

Kira respirou aliviada e Ender foi para perto dela.

— Por que você não pôde acalmá-lo?

Ela revirou os olhos.

— Só porque eu posso me comunicar com os animais não quer dizer que eles vão ouvir — ao seu olhar vago, ela cruzou os braços em cima de seu peito.

— Olhe dessa maneira: Você pode ser capaz de se comunicar com um ladrão nervoso e tentar convencê-lo a não levar sua carteira, mas ele vai ouvir você?

— Ele vai ouvir o som da garganta dele sendo arrancada.

Ela bufou e ele riu enquanto retornava sua arma para a bolsa.

— Sim, tudo bem. Eu vejo seu ponto. Todos os animais são assim?

Ela deu de ombros.

— Algumas espécies são piores que outras. Lobos são ótimos comunicadores. E grandes felinos. Leões são realmente abertos a cooperar. Tigres são um pouquinho mais rabugentos.

— Quais são os piores?

— Texugos. Eles são os mais teimosos, cabeças-duras, desagradáveis... — ela inclinou a cabeça e o estudou enquanto ele vasculhava a área como se esperasse o urso voltar da mata a qualquer momento. — Tipo você.

— Você não me conhece.

— Minha avaliação foi errada?

— Bem, não.

Ela deu a ele um olhar convencido.

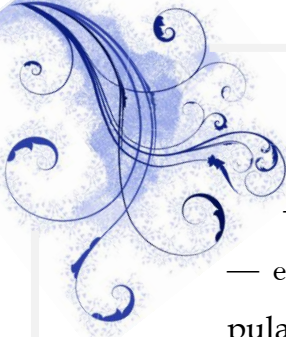
— E eu nem precisei usar os meus ótimos super poderes para saber estas coisas sobre você.

Uma brisa ondulou seus cabelos cor de areia enquanto ele balançava a cabeça no que ela suspeitava que fosse exasperação.

— Senhora, eu conheci muitos tipos com habilidades especiais na minha carreira, mas você tem que ser a primeira que é tão bem ajustada.

— Isso tem que ser a primeira vez que alguém usou as palavras *bem ajustada* para me descrever.

— Sim, bem, as pessoas com quem eu lido costumam esconder suas habilidades. Eles as negam, ou não têm controle delas, ou eles têm esse negócio de amargura por ser um esquisito — ele a olhou como se ela fosse uma espécie de animal que ele nunca tinha visto antes. — Não você. Eu nunca vi alguém tão confortável em sua própria pele.



— Ah, não pense que o meu dom não é um real pé no saco algumas vezes. — ela disse, lembrando uma noite quando quatro de seus cachorros haviam pulado na cama para acordá-la, reclamando um sobre o outro como um bando de meninos de cinco anos de idade.

— A vida é um pé no saco — ele fez sinal para ela sentar, outra pausa de quinze minutos para ele pegar seus pertences e para ela descansar seus pés doloridos.

Enquanto ela esticava seus braços acima da cabeça, seus músculos falhavam a relaxar, ao invés disso, se apertando. Tudo se apertou, seus seios, seu abdome, tudo menos seu sexo, que pulsava com uma plenitude suave.

Tom sentou no chão a alguns metros, suas costas para ela, sua atenção focada na densa mata ao redor deles. Sua camiseta preta mostrava músculos definidos que ela nunca se cansava de admirar. Uma manga estava arregaçada ao redor de seu bíceps e tudo o que ela podia pensar era correr sua língua sobre aquele inchaço duro. Sim, ela faria isso.

Ela se agachou, deixando sua respiração ficar superficial, mas lenta. Ficou de quatro, se movendo silenciosamente em direção a ele. O interior de suas coxas se roçando enquanto ela se movia, aumentando a sua já intensa necessidade. Parando, ela cheirou o ar. Árvores, solo e homem... Seu coração acelerou.

Ela não podia parar o ronronar leve que ressoava profundamente de seu peito enquanto se aproximava e Tom se virou tão levemente que ninguém mais teria notado, mas ela sabia que havia sido descoberta. Seu pulso martelou enquanto ela roçava sua boca pela parte de trás do pescoço dele e então foi mordiscando até a ponta da orelha.

— Você não precisa me seduzir, sabe. Eu sou uma coisa certa.

Ela sugou o lóbulo da orelha dele e ele gemeu, inclinando sua cabeça para dar melhor acesso a ela.

— Você poderia tentar se fazer de difícil de vez em quando — ela o mordiscou, não se preocupando em ser gentil.

— Eu sou difícil — ele grunhiu.

Sorrindo, seus dentes ainda presos em seu lóbulo, ela colocou seus braços ao redor da cintura dele para acariciar sua ereção pelas suas calças.

— Ah, muito difícil, certamente.

Ele a alcançou por seus ombros, agarrando ao redor de suas costelas e, então, em um movimento suave, a trouxe para frente enquanto se deitava para trás e ela encontrou seu rosto na virilha dele. Ela sentiu seu rosto na dela. Em segundos, tinha tirado a calça militar que ele finalmente havia a feito ela usar, libertando uma perna e deixando as calças ao redor de seu outro tornozelo.

— Você acha que pode segurar o evento principal por um minuto? — ele murmurou contra a pele sensível do interior de sua coxa e ela acenou, apesar de ele não poder ver.

Sua língua deslizou na abertura da perna de sua calcinha, provocando e sondando enquanto um dedo fazia espaço na outra abertura. A ponta de seu dedo acariciou ao longe de sua perna e ela se contorceu para criar mais espaço para ele brincar. Seu sorriso pinicou sua pele e mandou um arrepio involuntário por seu corpo.

O cheiro quente e almiscarado da excitação dele encheu seu nariz. Ansiosamente, ela abriu suas calças militares e liberou seu pênis. Ele se projetava para cima, pulando enquanto ela pressionava um lento beijo em seu eixo. Nenhum homem que ela havia estado tinha sido tão bem dotado, tão idealmente formado para sua passagem feminina e quentes botões. Antes, sempre os seus orgasmos eram incertos durante o sexo. Mas com o Tom, ela gozava toda vez, várias vezes, frequentemente com nada mais do que a penetração. Era como se o corpo dele fosse feito para ela e era hora que o recompensasse por isso.



Passando suas unhas sobre a pele do interior de suas coxas, ela sacudiu sua língua para baixo. Ela rodou em suas bolas, escutando o som de sua respiração enquanto se acelerava. Seu pênis esticado contra a sua bochecha, uma vara de mármore aquecido e embaixo de sua língua, suas bolas incharam, a pele cobrindo-as ficando tensa, as levantando para sua boca.

— Jesus, Kira... Ah, *sim* — seu gemido ressoou por seu sexo, liberando um jorro de umidade em que a língua dele mergulhou. Ela se contorceu, içando seus quadris para permitir um melhor acesso a ele.

Ela segurou sua ereção, sentindo seu pulso bater em sua palma enquanto trazia a cabeça para seus lábios. Pingos cremosos de pré-ejaculação formaram uma gota na ponta, pequenas pérolas preciosas que ela não devia desperdiçar. Mas fazia tanto tempo que ela quis conhecer algum homem tão intimamente que sua boca encheu de água com o desejo de prová-lo.

Um som de desespero irrompeu dele enquanto ela tracejava sua ponta veludosa com sua boca, aplicando a essência dele como um protetor labial. Ela tomou a pequena abertura até que ele começou a latejar e então ela se virou para sorrir para ele. Lentamente, sedutoramente, ela correu sua língua por seus lábios, lambendo os fluidos dele. Seu sabor, selvagem e picante, deu um zumbido em sua boca e quando ela viu como ele estava assistindo-a, tão cativamente que havia esquecido o que estava fazendo entre suas pernas, seu corpo inteiro zumbiu com uma vontade tão intensa que ela tremeu.

— Você está me matando — ele disse asperamente e então deu o troco nela por seu joguinho prendendo seu olhar penetrante nos olhos dela enquanto esticava a virilha de sua calcinha de lado e perfurava seu interior com a sua língua.

Ele não tirou seus olhos dela enquanto trabalhava e, enquanto começava a chegar ao ápice ela deixou cair sua cabeça entre suas pernas, puxou suas bolas para sua boca e deixou-se gritar em torno dele.





— Ah, Deus! — ele gritou, o eco reverberando pelas montanhas enquanto sua libertação trovejou através dela, seus barulhos abafados vibrando pelos dois.

Mesmo antes de seus últimos espasmos acabarem, ele agarrou sua calcinha e deu-lhe um puxão frenético.

— A hora de brincar acabou.

Um som — um latido distante — trouxe a cabeça dela para cima com um rosnado suave. Tom congelou.

— O que é isso? — ele perguntou quietamente, enquanto diversos outros latidos se juntaram ao primeiro, alguns bem perto.

— Coiotes. Eles estão advertindo-nos.

Ele xingou. Ela saiu de cima dele, seu corpo reclamando frustrado porque seu orgasmo havia apenas intensificado sua necessidade. Tom ficou de pé como um relâmpago, uma arma numa mão, a outra enfiando seu pênis de volta em sua calça militar. Ele estremeceu enquanto a abotoava e ela sabia que não era a única sentindo dor pela retirada sexual.

— Tom...

— Fique aqui — ele disse bruscamente e começou a se mover, seu andar um pouco rígido.

— Tom, espere. Você tem que se apressar.

Ele concordou e ela esperou que a urgência em sua voz tivesse mostrado o quanto ele teria que se apressar. Ela precisava de sexo. Logo. Ender havia sido o último a saber que havia problemas. Ele tinha estado muito perdido no jeito que sua boca estava fazendo coisas que nenhuma mulher havia feito com ele, o gosto que ela tinha quando gozava, o jeito que as bolas dele estavam prestes a explodir. E sim, seria malditamente bom...

O rosnado baixo que havia saído de sua garganta não soava como o final de seu orgasmo, mas ele havia estado tão ocupado pensando em entrar nela — seu



corpo satisfazendo as necessidades dela e realmente dolorido por ela depois de quatro horas — que não havia percebido que sua reação tinha sido em resposta a outro som, muito mais sinistro.

Ele mandou Kira embora com aquele coiole que ela afirmava conhecer para um lugar seguro e esconder-se, mas houve um breve momento de hesitação por parte dela. Ele imaginou que tinha mais a ver com a necessidade de sexo do que realmente estar preocupada com ele e sentiu sua raiva aumentar por até mesmo se preocupar com os sentimentos dela. Merda, ele precisava se recompor. Talvez matar esses agentes da Itor ajudaria.

Ele esperou até Kira ter saído de vista, tão rapidamente e silenciosamente quanto qualquer operante que ele já havia trabalhado e então se moveu — tão silenciosamente quanto rapidamente, para encontrar os homens que a Itor havia mandado atrás dela.

Dois homens. Itor sempre mandava dois homens de cada vez, enquanto a ACRO preferia equipes de um no campo com apoio constante na forma de psíquicos. Ender sempre se recusou a abrir sua mente para eles e, dessa vez ele não havia nem informado ao Dev sobre seus planos.

Ser uma aberração no mundo real era uma coisa engraçada e ambas as agências sabiam que se você quisesse continuar no jogo e prosperar, você não mandava uma enorme equipe de operantes para criar um espetáculo. Nenhuma das agências poderia ter certeza de quem os estava assistindo, esperando para tirar uma foto ou capturar um operante, o exibindo qualquer que fosse sua super-habilidade ao escrutínio público, expondo a todos com isso.

Não, sob o radar queria dizer missões mais perigosas para todos os operantes e isso estava se tornando pior do que o habitual. Ele esperou, totalmente parado, meio escondido pela folhagem como um bom atirador, investigando o perigo que vinha em sua direção. Dois homens — um *Excedo* com poderes ainda desconhecidos e uma entidade desconhecida. Possivelmente um *fode-mentes*.





Um toque em sua coxa fez ele virar sua cabeça lentamente, até que estivesse encarando um urso negro agachado de quatro, como se ele estivesse de prontidão. Ender sabia que se o urso ficasse em suas patas traseiras, homem e besta ficariam olho a olho.

Você está aqui para ajudar ou eu vou ter que lutar contigo também?

O urso inclinou sua cabeça e Ender podia jurar que ele lhe deu o mesmo olhar exasperado que Kira continuamente dava a ele. Virou-se novamente para os homens, observando enquanto o *Excedo* arrancava um grande e grosso tronco de uma árvore próxima como se fosse um graveto — ele sabia que estava lidando com outro Derek, ou pior.

Itor estava fazendo experimentos com seus Excedos, especialmente aqueles com super força, dando a eles doses maciças de esteróides para melhorar suas habilidades naturais. A combinação resultava em homens que ficavam com o dobro de sua força — e dobravam sua raiva até que se tornassem incontroláveis. Animais. As drogas devoravam suas mentes até que alguns dos operantes tinham que ser abatidos. Este homem que estava de pé a alguns metros dele era um deles. Ender podia ver em seus olhos.

O outro cara ainda não dava indicação sobre o que ele era. Em uma hora dessas, ter um pouco de psíquico em si realmente vinha a calhar. Ele tirou sua arma e a posicionou lentamente para que não perturbasse seu novo amigo peludo, ajustou a mira e se preparou para atirar primeiro no segundo cara. O demônio que você não conhecia sempre era o mais perigoso. Ele puxou o gatilho com a confiança de alguém que havia feito isso vezes o suficiente para saber que ele tinha acertado o alvo.

Ele também havia feito isso o suficiente para saber que algo tinha dado terrivelmente errado. À bala, que se acelerava em direção ao alvo, diminuiu a velocidade quando chegou a vinte metros do homem. *Ele tem um campo de força.* Não é uma habilidade muito conhecida, mas isso dizia para ele que o homem era telecinético. E Ender sabia que estava bem ferrado.





O homem se virou e sorriu mordaz, enquanto se movia para fora do caminho e a bala acertava uma árvore atrás dele. Ender o viu articular, *Vá pegá-lo*, para o *Excedo* enquanto a arma era arrancada da sua mão. Ender nem se incomodou em puxar a sua segunda arma. Armas não iriam funcionar até que ele se livrasse do telecinético, o que queria dizer quebrar o pescoço dele.

— Estamos juntos nisso — ele disse, porque, inferno, ele poderia muito bem começar a falar com animais também. Mas antes que pudesse dar um passo para fora de seu esconderijo, ele foi abatido rapidamente e eficientemente no chão.

O urso rosnou, baixo e controlado, ficando em suas patas traseiras e permitindo distração suficiente para Ender se controlar e reagrupar. O urso atacou e ele escutou um grito, enquanto o *Excedo* e o animal rolavam um sobre o outro em uma briga até a morte.

Tinha que me deixar com o mais difícil — ele pensou, segundos antes de encontrar-se voando pelo ar. Ele lembrou-se o que Wyatt o ensinou naquele workshop que Dev o fez participar no ano passado — algo sobre particionar e não ser capaz de usar muitos poderes de uma vez sem drenar um ou ambos. Mas havia algo mais, algo sobre a velocidade da luz e poder vencer a mente de um telecinético, penetrando em seu campo de força. Ender teria que fazer algo totalmente estranho para ele. Ele teria que ir mais devagar.

Ele afiou, usando sua visão excepcional para manter vigilância no rosto do homem para que pudesse detectar quando este iria arremessar seus poderes. Ele entregaria algo, sem dúvida — uma pequena levantada de sua sobrancelha, uma pressão nos lábios, um enrugar do nariz. Todo mundo entregava algo.

— Jesus, tire-o de cima de mim — ele ouviu o grito horripilante do *Excedo* e o telecinético sorriu, sem intenção de tentar salvar seu suposto parceiro. Ender mudou sua atenção para o massacre por um segundo, a tempo de ver um braço pendurado na boca do urso e merda, esteróides não eram páreo para a natureza.





— Não importa, ela pode mandar todos os amigos animais que quiser para ajudar, mas nós já a temos — o homem disse.

Foco, Ender. Porra de foco. Ele tem que estar mentindo. Mas o rosto do cara não revelava nada, uma máscara impenetrável de ódio que fez revirar até mesmo as entranhas de alguém como Ender.

— Ela estava chamando seu nome enquanto nós a levávamos — o homem continuou e Ender permaneceu agachado de quatro, sem tentar se mover. — Eu me pergunto por quanto tempo ela vai durar antes que implore para que um dos homens a fôda? Da pesquisa que eu vi, ela vai morrer sem isso.

Por quanto tempo ele esteve separado de Kira? Deveria ser uma hora, pelo menos e ela já estava necessitada naquela hora. Uma hora depois, ela deveria estar subindo pelas paredes. Mais de duas e... — ele não queria ter que pensar nisso. Pensar que foi isso que o colocou nessa situação em primeiro lugar.

— Você poderia ser bem útil para nós na verdade, se você quiser se afiliar.

— Não, obrigado. Eu vi como vocês tratam os seus agentes — ele respondeu finalmente.

— Ele? Ele precisava ser eliminado. Eu só estava esperando por uma desculpa. Eu esperava que você acabasse com o sofrimento dele, mas isso na verdade é mais divertido — o homem disse.

— Para onde você levou Kira? — ele perguntou e, Jesus Cristo, o urso se virou para olhá-lo e ele sabia, droga, sabia com certeza que Kira estava a salvo. Isso era louco. Ele estava ficando completamente doido e estaria voltando para a civilização o mais rápido possível.

Apesar de que, ele viveu cercado de animais por toda a sua vida — alguns mais ferozes que outros — mas todos primitivos, da mesma forma.

— Eu te contaria, mas daí eu teria que matá-lo. Apesar de que eu planejo fazer isso de qualquer forma, porque você não parece ser um tipo muito cooperativo — o homem disse.





Venha mais perto, seu bastardo. Dê-me mais um tiro.

Ele sabia que estava vindo, viu o puxão sutil da pálpebra esquerda do cara, então quando ele foi jogado em suas costas novamente foi capaz de cair com mais facilidade. O cara segurava uma arma em uma mão, uma faca na outra e, quando Ender testou sua teoria sobre mover-se lentamente, parecia como se seu braço estivesse sendo puxando através de melaço. Serviu o propósito de dar falsas esperanças ao cara e agora Ender sabia com certeza que seu plano iria funcionar. Ele também ganhou com isso um corte profundo de faca em seu bíceps que iria doer pra caralho enquanto curava.

— Agora você morre — o homem disse. E Ender não seria aquele a dizer-lhe o quanto estava errado.

Quando o cara se inclinou em cima dele, arma sacada para matar, Ender colocou suas mãos ao redor da garganta do homem. Velocidade normal humana, mas para ele era quase doloroso se mover com esse ritmo. Seus músculos não entendiam, seus ligamentos gritavam por velocidade e os olhos do cara se abriram surpresos enquanto Ender quebrava seu pescoço. Claro, Ender teve uma surpresa própria quando a última energia telecinética do cara o arremessou facilmente sobre o precipício e para dentro da densa floresta abaixo.

Todos os sentidos de Kira falaram para ela ir com Tom — em parte porque não queria perdê-lo de vista, não quando ela precisava de sexo tão desesperadamente, mas em parte também porque ela queria ajudar. No final, apesar disso, ela sabia que ele estava certo e relutantemente seguiu o coiole para dentro da mata. Ela quase pulou para fora de sua pele quando o urso que eles haviam encontrado antes emergiu de algum arbusto atrás dela. Aparentemente, ele tinha seguido-os, sua curiosidade havia aumentado uma vez que o choque inicial de encontrá-los passou. Foi fácil o bastante convencê-lo de cuidar de Tom. O preço foi dois doces de sua mochila e a sugestão que o homem que Tom estava perseguindo podia ter mais.

Quando nem o homem ou a besta retornaram uma hora depois, ela considerou ir atrás deles. Mas não, se Tom voltasse e ela não estivesse aqui,



poderia ser tarde demais para ela. Kira andou mais um pouco. E quando, duas horas depois que Tom havia ido, a dor começou, ela sabia que não teria escolha. Ela teria que encontrá-lo. Ela teria que encontrar alguém.

Náusea revirou seu estômago, enquanto ela cambaleava na direção que Tom havia ido. Suas pernas ficaram mais trêmulas com cada passo. Até mesmo sua visão havia começado a ficar embaçada. Kira resvalou em algumas árvores e perdeu seu equilíbrio, batendo no chão da floresta em um emaranhado de arbustos.

— Tom!

Corvos surgiram das árvores ao redor dela e desejou poder falar com as aves mais do que podia. Ela tentou ficar de pé, mas suas pernas não aguentaram. Sem problema. Ela rastejaria. Espinhos e agulhas de pinho se enfiavam em suas mãos e câimbras atingiam todos os seus músculos. Ah, Deus, ela não ficava doente assim havia anos. Ela tremeu, sentindo o gosto de bÍlis.

— Tom — ela grasnou, porque sua garganta estava seca e áspera e só respirar já havia se tornado agonizante.

Cada passo à frente era uma luta e finalmente ela não podia mais nem rastejar. Tremendo, curvou-se contra uma árvore e mandou sinais para quaisquer animais que estivessem por perto. *Por favor*, ela implorou. *Eu preciso de ajuda*.

Um esquilo deslizou em direção a onde ela estava ao pé de uma árvore caída. Ele conversava, repreendendo-a, então balançou seu rabo e a assistiu com suspeita. Fechando seus olhos, ela mandou ao pequenino uma imagem de Tom, mandando para ele o cheiro dele. Mandando diversas imagens para o pobrezinho que ele não precisava ver, mas sua mente estava rodando com pânico, dor e delÍrio que haviam transformado-a em uma palpitante bolha de hormônios.



Um gavião sobrevoou por cima deles e o esquilo correu rapidamente para longe. Ela não tinha ideia se o pequeno roedor seria capaz de achar Tom, ou se ele até mesmo tentaria. E se ele encontrasse, Tom prestaria atenção?

Câimbras na barriga a dobraram e sua pele — tão quente que deveria estar queimando a folhagem embaixo dela — pinicava com pontadas insuportáveis de uma dor parecida com agulhadas. Seus ossos pareciam que estavam raspando-se uns nos outros, se fragmentado.

— Depressa, Tom — ela perdeu o fôlego. — Acasale ou morra.



Capítulo 13

QUINTA-FEIRA — SETE DA NOITE, MST.

Ender voltou a ser consciente como um interruptor ligado abruptamente. A luz do sol estava quase indo embora e ele encarou a massa escura de árvores altas acima dele, se perguntando como Dev podia suportar acordar na escuridão total.

Ele ignorou a dor pulsante em sua cabeça e se concentrou em flexionar os músculos em suas pernas primeiro. Não podia dizer se os seus dedos do pé estavam realmente se curvando ou se aquilo era só pensamento positivo, porque ele havia caído de uma altura do caramba. Ele finalmente recorreu a beliscar suas coxas e quando teve certeza que sentiu aquilo, juntamente com o latejar em seu braço que o lembrou do corte de faca, suspirou aliviado. Lentamente, ele moveu seu pescoço de um lado para o outro, enquanto a consciência completa voltava e tornava-se ciente das pedras em que estava deitado. Elas haviam se cravado em sua espinha e ele nunca esteve tão grato por sentir dor em toda sua vida.

Um movimento a sua esquerda o assustou, porque ele tinha certeza que aqueles dois agentes da Itor estavam mortos já fazia tempo. E se havia algum mais, ele precisava que seu corpo estivesse pronto. Imediatamente. Justo enquanto a sombra chegava mais perto, ele pulou e ficou de pé em um movimento rápido, adrenalina correndo através de seus músculos e pulsando em suas veias e, então, Ender ficou cara a cara com o urso que havia matado o inimigo para ele. E ele não parecia feliz.

Ele rugiu na sua cara e Ender rugiu de volta, mais de surpresa do que de qualquer outra coisa. O urso não estava se afastando e apenas quando ele já



— tinha se preparado para usar suas habilidades recém-descobertas de cair fora rapidamente, percebeu o que o urso estava fazendo.

O urso não estava bravo — ele estava protegendo-o — de novo. Porque o sangue de seu próprio machucado havia atraído outros animais e agora Ender podia ouvir o rosnado baixo atrás dele. Ele virou sua cabeça para ver mais de um lobo, dentes arreganhados e uivando para a noite e, merda, Ender não era páreo para isso.

Agradecidamente, o urso não pareceu querer sua ajuda. Ender se afastou e começou a subir pelo penhasco. Quando ele encontrou chão, começou a se mover. Sangue pingando dos seus bíceps, mas ele o ignorou. Porque, como Kira, seu corpo estava gritando por sexo. Ele estava longe por quase quatro horas.

Ender se atirou de volta para o penhasco e uma vez que firmou o pé, ele saiu fora. Dezesseis quilômetros e quinze minutos depois, ele estava de volta na área onde havia deixado-a e descobriu que ou ela ou aquele maldito coite haviam limpado totalmente a trilha. Ideia excelente, exceto pelo fato que ela poderia estar morrendo e ele não tinha tempo para perder rastreando-a.

Quando sentiu um puxão na sua bota e olhou para baixo para ver um esquilo ali, olhando para ele ansiosamente, não se incomodou em resmungar em voz alta do jeito que queria. Ao invés disso, ele na verdade disse *Depressa*, em voz alta e a coisa saiu correndo, o levando pela mata e para o chalé deserto que mantinha Kira sã e salva.

Bem, salva, mas ela parecia muito longe de sã, deitada no chão. Kira estava molhada, suja e parecia como se ela estivesse procurando por ele quando desmaiou e teve que ser arrastada de volta para por alguns de seus outros amigos. Ele estava de joelhos perto dela em segundos, todo o resto esquecido exceto ela.

— Kira. Merda, Kira querida, você pode me ouvir?



Sua cabeça se moveu para o lado e um gemido baixo escapou dos seus lábios. Um brilho fino de suor cobria seu corpo e o pulso na base de sua garganta estava filiforme²³ contra seus dois dedos. Ele puxou sua calça excêntrica bruscamente, enquanto libertava seu pênis, que parecia voltar à vida só de pensar nela e abriu as pernas dela.

— Kira, estou aqui. Eu vou te ajudar — ele murmurou enquanto deslizava-se dentro dela e conseguiu uma resposta quase imediata, suas pernas se colocando ao redor de sua cintura para prendê-lo como que em ato reflexo.

— Tommy, por favor, depressa. Depressa — ela resmungou e, algumas vezes a super velocidade realmente tinha suas vantagens. Ele gozou dentro de segundos bombeando seus quadris e quando ele se derramou dentro dela, ela gemeu, seus olhos abrindo e sua respiração ficando mais fácil.

Ender tocou seu pescoço novamente e ela gemeu suavemente com o contato. O pulso dela era forte, mas ainda mais fraco do que ele gostaria. Kira precisava de mais dele e ele precisava limpar os dois e suturar seu machucado, ou se arriscaria a ter uma grande infecção.

Ele a carregou cuidadosamente em seus braços e levou-a para o lado de fora em direção aos sons da água que escutou mais cedo. O largo e suave riacho estava abrigado da brisa por rochas da montanha de um lado e pelas árvores do outro. Ele deixou cair sua bolsa na beirada do riacho, tirou suas botas com ela nos braços e continuou.

Ender havia manchado de sangue aos dois e andou — ele ainda totalmente vestido e ela usando somente a camiseta que ele deu a ela antes — para dentro da água fria. Aquilo a reviveu ainda mais e ela começou realmente a sorrir para ele.

— Hey — ela sussurrou.

— Hey para você — ele disse.

— Eu pensei... — ela começou e ele colocou um dedo em seus lábios.

²³ Termo médico que quer dizer que o pulso estava muito fraco.



— Eu estou aqui agora.

Ela concordou, seus olhos ainda levemente desfocados.

— Você conseguiu pegar o homem que estava nos seguindo?

— Já cuidei disso. Obrigado por mandar o apoio peludo — ele disse.

— O Cheveyo está bem? — ela perguntou.

— Você deu nome ao urso?

— Ele já tinha um nome — ela disse e ele balançou a cabeça.

— Ele parecia estar indo bem quando eu o deixei.

— Bom — ela cheirou seu pescoço e ele percebeu que seu próprio pulso estava se acelerando — parte com medo, parte com adrenalina. Ele estava muito ligado.

— Você está quente — ele disse quando percebeu que ela estava encarando ele.

— Se eu fico muito tempo sem sexo, à temperatura do meu corpo alcança o limite. Está baixando agora. Mas eu vou precisar de mais. Logo — ela disse e, apesar de não desviar o olhar do seu enquanto ela dizia, ele sabia que ela queria.

— Você conseguirá mais. E então nós temos que sair, ganhar tempo.

— Tudo bem — ela disse.

— Você pode me dar alguns minutos agora, ou você precisa de mim? — ele perguntou.

— Eu posso te dar alguns minutos, mas você não vai para nenhum lugar, não é?

— Eu vou ficar bem aqui — ele assegurou. — Você pode ficar de pé?

Ela acenou e ele soltou-a para que ficasse de pé na água até a cintura em frente a ele. Ela não tirava os olhos dele nem por um segundo e ele não a

culpava. O jeito que ela estava quando a encontrou era aterrorizante o bastante — e ele não queria saber que tipo de dano havia feito ao corpo dela.

Ender tirou a camiseta e avançou para onde havia deixado sua bolsa, a água salpicando ao redor dele enquanto se movia.

Ela estava bem ao lado dele.

— Você está machucado.

— Eu estou bem.

— Bem não requer pontos — ela apontou. Ele não discutiu mais, deixando-a limpar seu machucado, primeiro com água acumulada em sua mão e então com um peróxido de seu kit médico. Ele podia ver nos olhos dela que ela iria precisar dele de novo dentro de minutos, mas só de tocá-lo já parecia acalmá-la o bastante para esperar.

Com os olhos de Kira ainda fixos nele e suas mãos em suas costas, ele rapidamente usou o fio preto para fechar a ferida. Ele se curava mais rápido que a maioria das pessoas e os pontos ajudariam naquele processo de cura. Uma dose de antibióticos e ele estaria pronto — isso era algo que ele normalmente esquecia e corria o risco, mas não podia se dar ao luxo de ficar doente agora, não com Kira precisando dele.

Ela acariciou suas costas com uma mão e desfez os botões de sua camisa militar com a outra. Ele podia sentir sua urgência enquanto ela tirava a calça dele, que ainda estava aberta e puxava para baixo dentro d'água. Ele saiu da calça e Kira jogou-a na margem lodosa e submergiu, esfregando seu rosto para se livrar da sujeira. E então ela ficou de pé de novo na água que estava até sua cintura, sua pele luminosa embaixo da suave luz da lua que conseguia passar pelas árvores.

Era tão quieto — ele nunca ouviu a floresta tão silenciosa — e sua mente ficou devagar e tudo mais esquecido, exceto a maneira que os mamilos dela se endureciam enquanto ela olhava para ele e ele a observava. Ele nunca teve a

oportunidade de somente olhá-la, apreciar as curvas de seu corpo e a maneira que ela se movia, ágil e *sexy*. Tão desinibida quando estava neste estado.

— Você está encarando — ela disse.

— Sim.

— Você gosta do que vê?

Sua garganta ficou seca e ele culpou isso aos eventos do dia, não ela. Não podia ser ela que fazia sentir-se como um estúpido colegial. Ele acenou ao invés de respondê-la diretamente.

— Venha aqui agora — ela disse, e apesar de ele ter se arrepiado um pouco com o comando, se moveu em direção a ela de qualquer forma.

Ela precisava do controle — ele entendia isso, mas merda, isso não iria ser fácil.

— Você não gosta quando eu te digo o que fazer — ela disse e ele somente encarou os olhos dela. Eles já haviam se tornado dourados e seu braço serpenteou para agarrar a cintura dela e puxar sua coxa contra ele.

— Eu não gosto que ninguém me diga o que fazer — ele grunhiu. — Nunca gostei, nunca vou gostar.

Ela aceitava isso, os cantos de seus lábios cheios se ergueram e ele sabia que toparia tudo.

— Então eu acho que você não quer pôr a sua boca nos meus mamilos. Porque isso é algo que eu quero agora mesmo — ela sussurrou.

Ele a ergueu pelos quadris para que os seus seios estivessem na altura de sua boca e chupou um mamilo, então o outro, até que os seus gemidos encheram o ar da noite, até que as costas dela se arquearam e ela estava cantarolando *Não posso esperar, não posso esperar*.

O corpo de Kira zumbia de uma necessidade tão intensa que ela pensou que iria brilhar. Tom havia revivido ela, mas horas passariam antes que seu corpo estivesse totalmente recuperado, antes que seus músculos restaurassem sua

força, para sua temperatura se normalizar e seus órgãos pararem de dar câimbra. Nunca foi assim tão ruim.

Esperançosamente, Tom não havia notado o quão doente ela ainda se sentia, porque não queria ser tratada como um bebê. Ela o queria cru e selvagem, como a paisagem em volta deles, como a fragrância de batalha que ainda estava grudada em sua pele e a deixava louca.

Ele lutou por ela e ganhou e estava mais do que pronta para expressar sua gratidão.

— Não posso esperar — ela contorceu para baixo o seu corpo escorregadio até a sua ereção, que escorregou entre as suas dobras e esfregou seu clitóris. *Não posso. Esperar.*

Dedos se aprofundaram em suas nádegas, ele a levantou, posicionando sua abertura sobre a cabeça larga de seu pênis. Seu movimento, suave e certo a poderia ter convencido que ele estava bem, mas a careta quase imperceptível no canto de sua boca contava o contrário. Sangue esvaía das beiradas de sua ferida no braço, os pontos estourados pelo flexionar dos músculos embaixo de sua pele.

— Não — com as palmas das mãos plantadas contra a dura parede de seu peitoral, ela empurrou com força e caiu com as pernas trêmulas de volta para o leito do rio. Seu corpo gritava em protesto, mas teria que esperar até que ela conseguisse chegar à rocha do tamanho de um fusca que se projetava para fora da água a alguns metros de distância.

— Que infernos? — Tom agarrou seu braço, mas ela o escorregou para fora de seu aperto e acabou caindo para baixo dentro do riacho.

Rochas afiadas pinicavam as solas de seus pés, mas ela não ligava.

— Eu não vou te machucar.

— Eu estou bem...



Suas pernas não aguentaram e ela escorregou para dentro d'água. Mãos fortes a trouxeram para cima e ela chiou, tossiu, ainda arranhando seu caminho até a rocha.

— O que você está fazendo?

Ele soava bravo agora enquanto a segurava fortemente contra si, seu pênis cutucando o seu centro e tudo o que ela queria era cavalgá-lo até desmaiar novamente.

— A rocha. Me leve para a rocha.

Murmurando obscenidades, ele a carregou para lá, a firmou quando ela não podia ficar de pé sozinha. Sua pele brilhava molhada ao luar e ela tremeu com o desejo de lambe cada centímetro, para se afundar para baixo do espelho d'água e colocá-lo em sua boca como ela tinha feito antes, mas não esta noite. Ela estava muito fraca, muito necessitada e com uma angústia ela percebeu que nunca seria capaz de engolir um de seus orgasmos. Sêmen era muito precioso durante seu cio. E quando a febre terminasse e ela tivesse tempo de fazê-lo gozar do jeito que ela queria, ele já teria ido embora.

— Me tome — ela se deitou na rocha, dando boas-vindas ao chão frio, a rocha molhada contra o calor furioso de sua pele.

Ele a olhava como se ela tivesse ficado louca, mas ela já havia se acostumado com essa expressão, decidindo que gostava de ser capaz de surpreender um homem que não se perturbava facilmente. Deslocando-se para frente, ele levantou suas coxas ao redor de sua cintura e afundou-se nela, a lubrificação de seu orgasmo anterior facilitando a entrada. Lento, gentil, exatamente o que ela tentava evitar. Suas palmas tapearam a rocha de cada lado da cabeça dela enquanto ele se segurava em cima dela para que pudesse tocá-la apenas da cintura para baixo. Permanecendo imóvel, ele olhou para ela.

— Me desculpe por ter chegado tarde.

Ele não podia esperar por uma resposta, provavelmente não queria uma e a conversa poderia render. Ao invés disso, ele se balançou contra ela, seu pênis



esticando-a, empurrando profundamente onde ela precisava. Suas bolas faziam cócegas na parte sensível na base de seu sexo e ela mudou seus quadris, o angulando para que o seu eixo pudesse acariciar o seu clitóris exatamente no lugar certo.

O rio borbulhava ao redor deles, fazendo redemoinhos e espumando onde os seus corpos estavam ligados intimamente. Água fria rodava em suas peles e aliviava o intenso calor que formava da fricção de sua conexão. O pio de uma coruja foi carregado pela brisa que cheirava como pinhas e amoras da primavera. Ela fechou os olhos, deixando a besta primitiva se acasalar com o seu amante, com a natureza.

Como se ele estivesse sentindo o mesmo puxão primitivo, introduziu-se nela com a força que ela queria desde o começo. Cada investida tirava-a um pouco da água, fazendo as ondas lamberem seu clitóris até que ela estava pronta para gritar. Sua respiração presa em suspiros rasos que queimavam sua garganta, ela fechou os olhos, no precipício da liberação que ela sabia que a levaria para o além fisicamente, emocionalmente... E para outro lugar.

Ela não estava pronta para ficar sozinha nessa, precisava que Tom visse a verdade, tudo. Apertando suas pernas ao redor de sua cintura, ela enfiou seus calcanhares nas nádegas dele. Ele grunhiu, preso nela porque ela não deixava ele se afastar para dar outra investida. Se ela pudesse segurá-lo dentro de seu calor molhado — onde cada cume e solavanco em seu pênis texturizado acariciava seus tecidos sensíveis sem nem se mover — ela seria feliz para sempre.

— Kira — ele falou roucamente —, deixe-me gozar.

Abrindo seus olhos, ela olhou profundamente nos olhos dele, vendo o brilho feroz lá, aquele que revelava tanto sobre ele simplesmente por causa do tanto que tentava escondê-lo. Homem e besta batalhavam dentro dele e ela queria a besta, o lado selvagem dele que agia por instinto e não deixava as convenções humanas interferirem com o que ele realmente sentia.

— Droga, Kira. Pare de brincadeira. Você precisa disso.



Para provar suas palavras, seu corpo se apressou, querendo se liberar da sua força de vontade de se restringir, mas ela ignorou o jeito que cada célula havia se tensionado a ponto de doer enquanto esperavam pela arremetida de hormônios que ele podia dar a ela.

— Eu preciso — ela enfiou as unhas nos ombros dele, passando-as por suas costas e ele chiou entre dentes apertados. — Mas porque você precisa, Tommy?

Ele caiu de cotovelos para que então os pelos de seu peito roçassem em seus seios e o nariz dele tocasse o dela.

— Eu preciso te manter viva.

Para a sua agência. Ela não disse, não perguntou, não queria escutar. Era a verdade, mas ela queria outra verdade agora, aquela que ele não queria admitir.

— E o que mais? — ela se arqueou para cima, liberando seu aperto da cintura dele para que ela pudesse montá-lo em carícias rápidas e rasas, não ligando para as colisões duras nas rochas que machucavam suas costas. O clímax dela pairava muito perto, muito quente. — Você quer saber o que eu realmente sou?

Um som gutural rasgou de dentro do seu peito e ele tentou guiar seus quadris com mais força, mas ela prendeu suas coxas mais duramente, mantendo-o prisioneiro dentro dela.

— Porra.

— Eu vou entender isso como um não — as palavras dela vieram como um gemido, porque as lutas dele haviam sido o bastante para levá-la até a beira. Estremecendo com a vontade de gozar, ela segurou seu rosto e quando ele quis se afastar — tão teimoso! — ela o segurou firme até que ele parou de se mexer para trás. — Você precisa ver.

Ela soltou seu aperto depravado da cintura dele, mas manteve as palmas das mãos contra as maçãs de seu rosto. Ele saltou para frente, a levando a beira do abismo e ela lutou contra o impulso de fechar os olhos, para esconder o que ela sempre escondeu, o que nenhum homem deveria ver.





Explosões se espalharam por suas entranhas, rasgando-a em uma série de explosões que a trouxeram para fora da rocha no rio. Ela cerrou os dentes, se esforçando para manter abertos seus olhos e seu orgasmo rasgou através dela.

— Sim, Tom — ela ofegou. — Oh, sim.

Ele se direcionou para dentro dela, a respiração dele vindo em suspiros e arfadas e a surpresa cintilou nas profundezas dos olhos dele enquanto olhava para ela.

— Oh, cara — ele disse e era a vez dela de ficar surpresa, porque ele sussurrou *tão linda* e, então, ele deixou cair à testa contra a dela e gozou, seu quente sêmen a preenchendo e desencadeando outro poderoso orgasmo.

Quando ela voltou para a terra, sua mente podia apenas repassar o que ele havia dito. Ele viu suas pupilas se contraírem e alongarem em fendas iguais aos olhos de um gato e ainda achava que ela era linda. Não uma estranha.

Mas então ele se retirou, muito rapidamente, como se precisasse de distância, apesar de ele não precisar ir para nenhum lugar. A perda repentina de sua conexão caiu sobre ela como se eles estivessem em ondas no mar e não em um rio suavemente ondulado.

— Você está bem? — ele perguntou roucamente e ela acenou, apertando seus músculos internos, desesperada para evitar que o riacho roubasse as sementes dele.

Silenciosamente, ele a juntou em seus braços e a carregou para a margem, onde eles se vestiram o mais rápido possível, apesar de ela ainda se mexer como uma lesma e ele ter que ajudá-la a colocar as meias e as botas.

— Então, hum, o que realmente aconteceu lá? — Kira perguntou, vendo em seus olhos que ele sabia que ela estava falando sobre os caras maus. — Quantos tinham lá?

— Dois.

— E você tem certeza que eles... Ah...



Ele deslizou seu olhar para o dela, a fúria parando seu coração.

— Eles não virão atrás de nós novamente.

Ela tentou evitar que sua imaginação corresse solta, mas as feridas dele, o sangue em suas roupas que não poderia pertencer a ele, a faca letal que carregava... Incriminavam. Sua mente a levou para lugares horríveis e o seu coração começou de novo a explodir dolorosamente. Ele parecia saber, cobrindo a mão dela em um raro gesto de ternura.

— Kira você fez bem. Você mandou ajuda para mim e se escondeu como eu te pedi. E você foi tão forte. Eu sei de homens que já teriam desmoronado em uma hora dessas.

Ela se agarrou ao seu elogio enquanto ele terminava de amarrar o cadarço de suas botas e se levantava.

— Nós temos que nos mover. Haverá mais agentes I e nós temos que colocar alguns quilômetros entre nós e eles.

Ela acenou, sem ter certeza se conseguiria andar alguns metros, quanto mais quilômetros. Tom dispensou a questão, porém, e depois que reuniu sua bolsa e a mochila dela, as colocou em seus ombros e foi em direção à jusante do rio.

QUINTA-FEIRA — NOVE DA NOITE, PST.

— Sua mãe está aqui — Oz disse. Ele encarou diretamente a linda loira que se sentava à mesa frente a ele, seus grandes olhos azuis amplos e fixos nos dele.

— Ela está aqui? Neste cômodo? — sua voz tinha uma ligeira agitação, os lábios dela tremiam e era hora dele ganhá-la de uma vez.

— Ela está de pé bem atrás de você. A mão dela está no seu ombro direito. Você pode senti-la? — ele perguntou e depois de um segundo ela acenou. Porque o poder da sugestão era uma coisa maravilhosa; noventa e nove por



cento das pessoas não podiam sentir um fantasma tocando-os a menos que eles realmente quisessem isso. E se este tipo de contato acontecesse entre os vivos e os mortos, os vivos estavam em grandes problemas.

— Eu sinto — ela sussurrou dramaticamente e ele lutou contra a vontade de revirar os olhos.

Kiki Karlson era uma das atrizes mais notáveis e bem pagas de Hollywood, vivendo em uma casa bem no topo das Colinas de Hollywood e, ela estava descascando milhares de dólares para esta merda de truque de festa. Mesmo se ela descobrisse que o que ele estava falando para ela não era exatamente a verdade, não ligaria. Tudo sobre essa mulher era falso — cabelo, seios, unhas. Então sim, ele diria para ela o que ela queria ouvir.

As pessoas em geral não queriam ouvir a verdade — a maior parte das entidades que não haviam cruzado para o outro lado não era de boa natureza: eu-ficarei-no-seu-ombro-para-sempre... Uma porra de Gasparzinho, o fantasminha camarada vindo fazer uma doce visita. Não, na experiência dele, a maioria dos fantasmas ou almas ou aparições queriam vingança. Queriam estar vivos ao invés de presos no reino sombrio entre a vida e o Outro Lado. E eles fariam qualquer coisa para fazer os vivos sentirem a dor deles.

Claro, este era seu único legado — ele não estava certo se outros psíquicos que viram as figuras lindas de robes brancos estavam mentindo ou não, mas por alguma razão havia sido dado a ele o dom de ver o pior do pior. Isso não havia incitado nele muita fé pela humanidade. Então, ao invés de verdades, ele dava aos seus clientes a merda de circo. Viajando de casa em casa prostituindo o seu dom. Ele achou que era bem melhor do que se prostituir, mas se prostituir teria dado uma sensação muito melhor.

Kiki o deixaria transar com ela se ele jogasse suas cartas direito.

— Ela disse que ama você. Que ela está sempre cuidando de você — ele disse.

— Ela está bem? Feliz? Ela está bonita?



— Ela está muito feliz. E ela está linda.

— Ela não está do jeito que estava quando eu a encontrei? — Kiki perguntou, as lágrimas começando a correr pelo seu rosto. — Eu odeio pensar sobre aquela noite...

— Ela já superou o assassinato, Kiki — ele disse. — Ela está vestida toda de branco. Sem cicatrizes.

— Está tudo bem se eu colocar a minha mão sobre a dela? — ela perguntou. Oz olhou por cima do ombro de Kiki para o fantasma com os longos cabelos brancos e enrolados, uma constante careta puxando os lábios para trás para revelar os dentes podres. Seus olhos possuíam aquele olhar desumano que Oz conhecia bem e ele viu o sangue gotejar de um buraco no pescoço do espírito na camiseta branca bonita de Kiki. A mão que agarrava o ombro de Kiki era uma garra, atrofiada e óssea, apenas esperando por Kiki para tocá-la. A coisa acenou para Oz, implorando *A deixe fazê-lo, deixe-a abrir a porta*, e Kiki olhava para ele com a mesma expectativa.

— É melhor que você não faça — ele disse.

Bastardo — o espírito balbuciou.

Diga-me algo que eu não sei — ele respondeu, porque sentia outro distúrbio na energia — um humano, não um fantasma — e ele sabia que tinha que ir para casa.

Oz pegou o caminho mais curto para sua casa, sua moto ecoando pelas colinas, chamando os fantasmas que assombravam a hora das bruxas. Alguns deles o seguiam até em casa e ficavam putos quando dizia para eles que não podiam ficar. Mas essa não era a preocupação dele agora. Dev era. Como sempre, mesmo ele não vendo o homem por três anos inteiros e contando. Agora isso estava prestes a mudar. Ele estaria recebendo uma ligação logo — mais provavelmente do Creed, não do Devlin.

Oz e Dev haviam ficado juntos quando Dev tinha dezessete e Oz tinha dezenove, terminando quando Dev foi para a Força Aérea aos dezoito. Oz





trabalhou para a ACRO antes e depois que Dev pegou o reinado aos vinte e oito e os dois se reconciliaram. Cinco anos depois, Oz deixou a agência depois de ajudar Dev a destruir um fantasma que estava o incomodando desde que Dev era um adolescente. Um fantasma que nem Oz e nem o seu grupo de espíritos podia atingir — um fantasma que somente queria Dev e faria qualquer coisa para controlá-lo completamente.

Na época que Oz deixou Dev disse-lhe que não voltaria para ajudá-lo com o espírito de novo, que se Dev o trouxesse novamente, era problema dele para lidar. Não havia como Oz manter essa promessa... Não quando ele sabia que Dev estava em apuros. Oz não sabia quem era o homem por trás do fantasma, mas dessa vez ele faria questão de descobrir — e ele baniria o fantasma de uma vez por todas.

Capítulo 14

SEXTA FEIRA, DUAS DA TARDE, MST.

Kira acordou, seu estômago um pouco enjoado, sua cabeça latejando. Ontem à noite tinha sido por pouco. Tão perto que quando o sol apareceu e Tom os deixou parar para dormir, ela o despertou para fazer sexo três vezes, apesar de sua necessidade não ser tão grande.

Ele havia encarado como um soldado, contudo, deu o que ela precisava, mesmo fazendo todo o trabalho, porque ela ainda estava fraca demais para fazer muito além de ficar ali na pequena barraca como uma boneca sexual inflável. O pobre rapaz tinha que estar esgotado; ela sabia que ele tinha passado metade do dia rondando a área para se certificar de que estavam seguros.

Uma explosão de desejo roubou sua respiração com a lembrança de como ele começou dormindo tão longe dela como as paredes da barraca permitiam, mas depois, em seu sono, ele rolou contra ela e ficou rígido, deixando-a em chamas por dentro e por fora.

Seu corpo tremeu com a feroz necessidade súbita que tomou conta dela. Ela alcançou por trás, mas sua mão caiu no fino chão de lona. Ela rolou. Tom tinha ido embora.

Uma instantânea e aterrorizante faixa de pressão se apertou em torno de seu peito. *Ele está provavelmente apenas vigiando os bandidos.* Ela repetiu as palavras em sua cabeça enquanto se lançou para suas mãos e joelhos. Suas coxas e braços pareciam fracos, mal conseguindo carregar seu peso.



— Tom? — Ela puxou a aba da porta e se arrastou para fora. Pânico fez seu estômago se apertar. — Tommy? — Oh, Deus, onde ele estava? Ela ficou de pé, balançou como um bebê dando seus primeiros passos. — *Tommy!*

Então ele estava ali, do nada, e ela estava em seus braços. — Eu estou aqui, Kira. Eu estou aqui.

Ela se envolveu em torno dele, tentou esconder seus tremores. — Eu não estava preocupada, — disse ela, sabendo que ele não acreditava, mas querendo se convencer. Ela se sentia como uma idiota. Uma idiota grudenta e exigente. Ela odiava ser tão dependente de alguém, especialmente quando sua vida estava em jogo e ela não tinha controle sobre se ia viver ou morrer.

Mas Tom tinha as coisas muito bem controladas. Ele colocou sua vida em risco para salvar a dela, e fez isso sem vacilar. O conhecimento a despia até os ossos, escancarando suas emoções, assim todo o resto que ele tinha feito para enfurecê-la não tinha importância. Ela sempre foi mais uma criatura de emoção do que de lógica, e tê-lo salvando sua vida a abriu para sentimentos que ela precisava reprimir. Ela poderia se apaixonar por esse homem. A mão dele acariciava suas costas em lentos e suaves círculos enquanto se aconchegava no cabelo dela, pressionando beijos tenros contra seu couro cabeludo. Ele era tão engraçado assim, como ele poderia ser gentil e atencioso, e então em outros momentos lhe dar um gelo com indiferença.

— Eu sei que você não estava. — Ele apertou os braços ao seu redor, e ela se derreteu contra ele. — Você precisa de mim outra vez?

Ela assentiu, apesar do fato de que eles tinham se unido apenas duas horas atrás. Ele a envolveu, se agachou, e levou-a para a tenda. Ele a deitou cuidadosamente no chão e desabotoou a calça e ela tirou a sua própria. Eles dormiam em suas roupas; Tom tinha lhe dito para ficar tão totalmente vestida quanto possível em todos os momentos, no caso de eles terem que sair rapidamente. Ajoelhado entre suas pernas, ele a montou.

— Espere, — ela disse, mesmo quando ele deslizou para casa. — Será que nós ... talvez ...?





— Ir devagar?

— Dar uma mudada.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela, e seu rosto queimou. Ela não devia ter perguntado. Às vezes ele estava disposto a adicionar preliminares, mas depois ele sempre era muito mais distante do que depois das vezes em que a possuía rapidamente só para lhe dar o que precisava para sobreviver.

— Você quer dizer, como, algemas?

Um rubor agradável eclodiu sobre o corpo dela com a memória do que ele tinha feito com as algemas na noite em que a tinha derrubado no campo. Mas ela também esteve perto demais da morte ontem à noite para querer estar indefesa de forma alguma.

— Não... esquece. Esqueça que eu perguntei.

Ainda embainhado dentro dela, ele tentou alcançar sua mala. Ele vasculhou por ela, e quando assentiu para si mesmo, ela sabia que estava em apuros. — Perfeito.

Ele puxou o chicote de montaria de sua bolsa, e ela engasgou. — Eu não posso acreditar que você manteve isso.

— Você nunca sabe quando um pode vir a calhar.

Excitação se lançou através dela, porque para todo o sexo que ela teve em sua vida, a maior parte tinha sido sobre alimentar seu corpo. Nunca sua mente. Ela nunca tirava um tempo para brincar.

Tom saiu dela e deslizou para trás, ainda de joelhos. Quando ela tentou se sentar, ele empurrou a ponta do chicote contra seu esterno e a forçou a se deitar.

— Fique.

Sem fôlego com antecipação, ela fez como ele mandou, e depois ficou de olho em seu rosto enquanto ele traçava a aba de couro para baixo de seu abdômen. Ele hesitou quando chegou em seu monte, mas quando ela cortou o contato visual para ver o que ele estava fazendo, ele deslizou para mais baixo,





entre suas dobras úmidas. Ele começou uma exploração vagarosa com a aba de couro, persuadindo um gemido dela.

— Você gosta disso, Kira?

— Oh, sim.

— Alguém já usou um chicote em você desse jeito?

Ela olhou para cima, seu olhar se chocou contra o dela, e de alguma forma, ela soube que sua resposta era mais importante para ele do que ele jamais deixou transparecer. — Nunca.

Ela pegou o sutil abrandamento em seus olhos antes que ele voltasse a olhar para baixo para o que estava fazendo com o chicote. — Bom. Isso é bom.

O roçar do couro macio ficou mais firme, mais rápido, e sangue começou a rugir em seus ouvidos. Seu clitóris pulsava, mas cada passagem que ele fazia por sua fenda mal tocava a protuberância dolorida. Quando ele afastou a coisa, ela choramingou—até que ele se aproximou, virou o chicote, e usou o cabo rígido e revestido de couro para acariciá-la em vez disso...

— Abra mais suas pernas, — ele ordenou, uma palma colocando pressão contra sua coxa interna, até que ela deixou seus joelhos abrirem. Um som baixo de aprovação veio dele, e ele lambeu os lábios enquanto se movia para ainda mais perto. Ela pensou que ele iria colocar a boca onde o cabo do chicote estava, mas em vez disso, ele desceu o cabo para sua entrada. A respiração dela se prendeu na garganta. Será que ele ia —

— Você está encharcada, — ele murmurou. — Pingando.

Oh, Deus, ela sabia disso, podia sentir umidade inundando seu sexo, ali mesmo onde ele estava girando a ponta do cabo do chicote, acariciando o sensível círculo de nervos em seu núcleo. Prazer corria através dela, e quase atingiu o pico quando ele mergulhou o cabo dentro dela.

— Tom!



— Você quer que eu pare? — Tom começou um simples e sensual ritmo *dentro, fora, torcer*. — Você fodeu meu pau, minha mão, minha boca, agora isso... você acha que pode gozar?

A excitação do que ele estava fazendo era demais para permitir uma resposta. Em vez disso, ela firmou seus quadris para encontrar as investidas dele, enlouquecida pela sensação do atrito escorregadio, o prazer erótico que rompia por seu clitóris e a fazia apertar a ferramenta que sempre pensou, e desprezou, como um meio de transmitir dor. Ela apertou os olhos, concentrando-se no som da respiração de Tom, rápido, irregular, concentrando-se na primorosa sensação de ser penetrada com uma arma empunhada por um homem que sabia a melhor maneira de usá-la.

— Solte-se, baby —, ele sussurrou. — Deixe-me vê-la gozar.

Como se ela precisasse da permissão dele, suas terminações nervosas explodiram, e seu orgasmo se espalhou através dela como se tivesse sido incendiada. Tom fez alguma coisa — angulou o cabo apenas da maneira certa — e antes que o primeiro clímax diminuísse, outro a pegou de surpresa, a derrubou e não a abandonou.

Ele retirou o cabo do chicote, e enquanto ela ainda pulsava, ele a penetrou com o seu pênis duro como pedra. O delicioso esticar de seu tecido a fez gozar mais uma vez, e em sua terceira investida ele se soltou dentro dela com um gemido. Esgotada, saciada e sentindo como uma gata mimada, ela se preparou para ele se retirar imediatamente, como sempre. Mas desta vez ele se deitou em cima dela até que eles parassem de ofegar, e, em seguida ele rolou para o lado e a levou com ele, seu sexo se contraindo dentro dela. Ele a observou, seus olhos injetados de sangue, as cavidades escuras embaixo enfatizando sua fadiga.

— Você está exausto. — Deixando o seu olhar se demorar nos planos angulares da face dele, ela correu os dedos por seus cabelos, tirando-os de sua testa. — Eu sinto muito.

— Isso não é nada. Eu já passei por coisa pior.



— Você foi forçado a ter relações sexuais a cada três horas em vez de quatro?

Um sorriso torceu sua boca e de repente ela queria muito beijá-lo. Impossível, ela sabia. Algo lhe disse que fazer isso o enviaria ao modo distante-glacial.

— Eu nunca pensei que ia acreditar que existia tal coisa como sexo demais. Estou dolorido como o inferno. — O sorriso dele desvaneceu, e então ele se retirou de seu corpo, deixando-a se sentindo vazia. Quando ele se sentou ao lado dela, ele balançou a cabeça. — Como você lida com isso?

Ela alcançou suas roupas de baixo e calças. — Não é horrível enquanto eu tenha tudo planejado e companheiros organizados.

Lá fora, pássaros cantavam, provavelmente buscando seus próprios companheiros, alguns para a vida. Pesar e tristeza roçaram seu coração. Um companheiro de vida e família eram coisas que Kira desesperadamente desejava, mas nunca poderia ter. Ela vestiu suas roupas enquanto Tom abotoava, e então ela juntou os joelhos e colocou os braços ao redor deles.

— É quando as coisas ficam malucas que tudo fica ruim.

— O quanto ruim?

Movendo-se para evitar a borda afiada de uma rocha embaixo, ela mordiscou o lábio inferior, incerta do quanto ela deveria lhe dizer. Ele não a havia julgado até agora, tinha sido nada além de compreensivo com tudo o que tinha visto. O que ele pensaria quando soubesse o quanto ruim as coisas tinham sido para ela? Então novamente, não importa realmente. Uma vez que chegassem à sua agência, ela podia não vê-lo novamente. Ele certamente deixou claro que não seria ele a servi-la.

— É como um vício em drogas. Se acordos prévios não são feitos, então no momento em que consigo sexo, eu começo a pensar sobre como eu vou consegui-lo novamente. Eu faço coisas... Quer dizer, eu tive que propor a caras estranhos em bares.





Incapaz de suportar ver um olhar de desgosto no rosto dele, ela desviou o olhar, concentrou-se na pinha que um deles trouxe para dentro. — Você tem alguma ideia do quanto desesperada eu tenho que estar para fazer isso? Para caminhar até um estranho e perguntar se ele quer me comer no beco? — Ela estremeceu. — Na hora, não importa quem eles são ou o que eu tenho que fazer. É como isso me afeta. Eu só preciso disso. Depois, eu me sinto suja e enjoada.

— Você não deve. Não é culpa sua.

Ela bufou. Tão fácil para um homem a dizer. — Diga isso para as cidades Great Falls, Albany e Jasper.

— É uma daquelas onde você foi presa?

— Você me diz. Você parece saber o meu registro criminal melhor do que eu.

— Eu conheço o seu registro oficial. Eu estou supondo que a vez que você foi estuprada na cela estava estritamente fora dos livros.

Náusea borbulhava em sua garganta. — Eu não fui estuprada.

— Besteira. Você precisava de sexo, e eu aposto que os homens fizeram fila para tirar proveito disso.

A memória martelava ao redor de seu crânio, o mesmo som de quando as barras da cela tremiam. Ela queria se enrolar em uma bola a ideia de como tinha sido presa por perturbar a paz em um bar onde tinha ido para encontrar alguém para servi-la. A namorada de um homem interessado os pegou e causou um inferno. Como uma recém-chegada na cidade com um semáforo, Kira tinha sido a única a ir para a cadeia, e ela quase enlouqueceu na cela. Ela se jogou contra as barras, implorou para um dos oficiais por sexo, se degradou como nunca antes ou desde então.

— Eles se alinharam— querido Deus, eles assistiram enquanto cada homem tomava a sua vez — mas você sabe como é estar ao meu redor quando é hora. Eles não podiam evitar. E eu pedi.





As maldições dele empolaram suas orelhas. — Droga, Kira, você precisava de um homem. O resto dos bastardos não tinham motivos para ficar perto de você. Quantos estavam lá?

— Quatro, — ela sussurrou, — mas um só assistiu.

Gelo se espalhou através de seu interior. Ela implorou por sexo enquanto eles riam, a chamavam de vagabunda, puta—e coisas piores. Eventualmente, seus feromônios os venceram, e aquele que cheirava a cigarros e cachorro-quente empurrou o rosto dela na parede, levantou sua saia e a penetrou. Depois, ela deslizou pela parede e sentou-se sobre os calcanhares, enquanto soluçava. O som do ranger das portas se abrindo alguns momentos mais tarde a encheu de pavor. Então vieram passos, o tilintar de uma fivela de cinto, a mão quente do segundo oficial quando ele a arrancou do chão. Ela não precisava dele, tinha pedido a ele para voltar em quatro horas, mas ele bateu nela com tanta força que sua visão ficou enevoada por uma hora. O terceiro homem seguiu, e eles revezaram a noite toda. Até então, ela não tinha se importado, porque não sabia quanto tempo ficaria presa, e ela tinha que aproveitar todas as oportunidades que podia.

— Eles me deixaram ir pela manhã, cedo. Provavelmente não queriam que o próximo turno descobrisse o que aconteceu. Quando cheguei em casa, minha casa tinha sido vandalizada. A namorada do bar, eu tenho certeza. — Ela suspirou. — Eu fiz uma mala naquela manhã e peguei uma carona para Idaho com um caminhoneiro que ficou mais do que feliz de ter sexo como pagamento.

— Onde isso aconteceu?

— Não importa.

— Oh, sim, importa, — ele pressionou, e o tom de sua voz, baixo, afiado e dentado como a faca amarrada na coxa dele, a fez estremecer.

— Eu só quero esquecer, Tom. Por favor. Eu sei que soa patético —

— Foda-se, — Tom murmurou. — Você é tão forte Kira. O que você passou teria quebrado a maior parte das pessoas.



— Forte? — Ela balançou a cabeça. — Houve momentos em que tentei ficar sem sexo, só para me deixar morrer. Mas eu fui fraca. Quando a náusea e dor tomaram conta, eu cedi. Eu continuo dizendo a mim mesma que se eu morrer, ninguém vai ouvir os animais. Eles não vão ter uma voz. Eu não tenho certeza se estou sendo fraca ou egoísta, ou ambos.

— Eu diria que nenhuma das coisas. — Tom ficou em silêncio por um longo momento, e então ele alcançou o que ele chamou de sua mochila de campismo. — Você sempre falou com os animais?

Oh, ela poderia beijá-lo por desviar a conversa, mas sabia que o assunto não estava esquecido. Não para ele. Ela não era estúpida o suficiente para achar que ele ia procurar justiça para uma garota que não era nada além de um trabalho para ele, mas ela tinha a impressão de que o código de honra de Tom Knight não permitiria que ele se sentasse e ignorasse bandidos com distintivos.

— Desde o nascimento. Meus pais disseram que no dia em que me trouxeram para casa do hospital, os animais de estimação se reuniram em volta e não me tiraram de vista.

— Eles achavam que era estranho? — Ele lhe entregou uma barra de granola, diferente das outras que haviam comido, e ela verificou os ingredientes para produtos de origem animal antes de rasgar o invólucro.

— A princípio eles achavam que Deus usou animais para cuidar de mim.

— A princípio?

Ela assentiu. — Eles achavam encantador como eu ‘inventava histórias’ sobre os pensamentos dos animais e outras coisas. Então, quando as coisas que eu lhes contava se transformaram em coisas que eu não deveria saber, eles subitamente não achavam mais que Deus tinha algo a ver com isso.

— Então, o que, eles achavam que você estava possuída?

— Mais ou menos. — Ela arrancou um cantinho de sua barra de granola e mastigou lentamente antes de responder. — Eu cresci no Cinturão da Bíblia, onde as pessoas pensam que psíquicos recebem suas mensagens do





diabo. Meus pais acreditam que eu falo com Satanás através de animais maus. Eu acho que lá atrás em minha árvore genealógica, uma das minhas bisavós foi queimada como uma bruxa por falar com os animais, então é claro que eu era uma semente ruim.

— Deve ter sido divertido perto da sua casa.

Ela riu, porque, sim, bons tempos. Seus pais haviam se livrado de todos os animais de estimação quando ela tinha onze anos, e seu pai atirava em qualquer animal desgarrado que se aproximasse.

— Foi um inferno. As coisas realmente ficaram ruins quando o cão de um vizinho escapou de sua corrente, e quando eu o encontrei, ele me deu uma imagem de um cadáver em uma vala. Eu tinha quinze anos, então liguei para a polícia. Meus pais ameaçaram me chutar para fora de casa se dissesse aos policiais como eu sabia sobre o corpo, mas eu não podia mentir. A cidade inteira pensou que eu era louca.

— Seus pais a expulsaram?

— Sim. Eu tive que ir morar com uma amiga. E então as coisas ficaram realmente ruins.

— Pior do que seus pais acreditando que você estava conspirando com Satanás e a cidade inteira pensando que você é uma bala curta do pente?

— Seu tato me surpreende. — Os lábios dele se curvaram em um sorriso satisfeito, e ela revirou os olhos. — Sim, pior que isso. Eu tinha dezesseis anos. E o cio começou. Eu não entendia, apenas sabia que precisava de sexo. Então, basicamente, depois disso, eu estava conspirando com o diabo, louca, a puta da cidade.

— O que aconteceu?

— A família da minha amiga me expulsou da casa deles, e meus pais não me acolheriam. Então eu fugi, mudei meu nome e nunca mais olhei para trás. — Bem, isso não era inteiramente verdade. Em um ataque de solidão, ela entrou em contato com seu único irmão, Peter, alguns de anos atrás, mas ele lhe disse





que Charity Belle estava morta para ele e para nunca ligar novamente. — Em Memphis, uma senhora que treinava cães farejadores de drogas e bombas teve pena de mim. Marcia. Ela era uma comunicante de animais também.

Kira pegou sua barra de granola, enquanto Tom começou sua segunda barra de proteínas. Ela não tinha ideia quantas daquelas coisas ele tinha em sua mala, mas ela lhe dava a medalha de mérito por preparação, com certeza.

— Ela é a pessoa que lhe ensinou a treinar cães policiais?

— Sim. Eu assumi o negócio dela quando ela morreu em um acidente de carro.

Marcia também a introduziu aos grupos radicais de direitos dos animais e antigoverno que ela se juntou. À parte das questões de acasalamento anual, sua vida tinha ido bem até sua primeira prisão durante um protesto antipeles. Depois disso, coisas estranhas aconteciam quando ela estava perto, coisas que ela não tinha qualquer participação mesmo se tivesse sido culpada. Matadouros explodiam em chamas. Barcos baleeiros afundavam. Laboratórios de pesquisa foram vandalizados. Somente desde que Tom entrou em sua vida as coisas começaram a fazer sentido. Alguém estava tentando incriminá-la. Talvez aquela agência inimiga que Derek tinha saído.

— Sua agência vai ser capaz de fazer algo sobre todos os mandados de prisão contra mim?

Ele latiu uma risada. — Mandatos? Kira, nenhum órgão oficial no mundo jamais irá tocá-la novamente. E se você quiser que aqueles policiais que a machucaram pague, isto pode ser arranjado também.

— Eu lhe disse, apenas quero esquecer isso, — ela disse, e tentou tornar sua voz mais otimista, porque definitivamente não queria que ele soubesse o quanto a experiência ainda a assombrava, quantas vezes ela tinha pesadelos sobre ser trancafiada.

— Sim, eu entendo isso.



Ela apenas apostava que ele entendia. Ele provavelmente viu coisas durante sua carreira que a faria desejar nunca dormir de novo, por medo dos sonhos.

— Quando chegarmos à sua agência, eu posso providenciar que meus funcionários sejam encontrados? Eu não posso suportar a ideia deles... — Ela engoliu nauseada, incapaz de falar.

— Eles provavelmente já enviaram uma equipe de limpeza.

Certo, porque eles precisam se livrar dos outros corpos. Os caras maus. — Há quanto tempo você trabalha para eles?

— Parece que desde sempre. — Ele organizou as coisas misteriosas em sua mala e colocou a munição em cima.

— E que, exatamente, você faz lá?

— Principalmente, eu trago pessoas especiais como você.

— Principalmente?

Ele enfiou a mala em um canto e se moveu em direção à frente da tenda. — P e R²⁴ acabou. Eu preciso patrulhar. Veja se consegue dormir um pouco.

Quando ele começou a sair, ela agarrou seu braço. — Tenha cuidado. — Ele assentiu, e ela acrescentou suavemente: — E Tommy? Eu quero que saiba que acredito em você.

— Sobre o quê?

— Tudo. Os caras maus. Derek. Você disse que não iria me machucar, e que me manteria segura. Você tem mantido. Obrigado.

Todo corpo dele ficou rígido, e então ele espaçou. Lá fora, os pássaros pararam de cantar como se houvesse um predador em seu meio. Levou-lhe um instante para perceber que o predador era Tom.

²⁴ Q and A no original. Questions and Answers: Perguntas e Respostas.

SEXTA FEIRA, OITA DA NOITE, EST.

Alguma coisa estava na casa. Dev chegou ao fim das escadas sem incidentes, tropeçou nos próprios pés enquanto entrava no recanto, onde passava a maior parte de seu tempo quando estava em casa. Era o lugar em que se sentia mais seguro. Imbatível. De pé, ele mantinha suas costas firmemente contra a parede para evitar quaisquer toques indesejados, e uma rajada de ar frio roçou sua bochecha. Ele colocou as mãos sobre o rosto e o toque correu por seus antebraços nus. Ele se perguntava como algo poderia parecer tão reconfortante e assustador ao mesmo tempo.

— Você está preparado para me ajudar desta vez? — ele exigiu finalmente, gritou para o teto enquanto se empurrava da parede e caminhava até o meio da sala. Ele ficou imóvel, os punhos cerrados, o corpo posicionado em modo lutar-ou-fugir. Exceto que ele não ia a lugar algum. — Responde-me!

— Isso é jeito de cumprimentar um velho amigo?

Dev se virou para a voz, mesmo quando o som deslizou sua coluna abaixo daquela maneira dolorosamente familiar e ele se amaldiçoou por não ser capaz de conduzir certas fraquezas para fora de seu corpo. Mesmo que ele estivesse esperando Oz, ele odiava nunca ser capaz de descobrir onde e quando ele apareceria.

— Vai se foder, — ele rosnou.

— Sempre um lutador. Não pode simplesmente calar a boca e ceder, não é? Nem sequer uma vez.

Dev se manteve firme, mesmo quando o seu mundo se moveu debaixo dele e ele respirou o cheiro familiar de almíscar e uísque enquanto Oz se moveu para mais perto. Perto demais. Ele apostaria seu último dólar que Oz ainda parecia exatamente o mesmo. Devastadoramente bonito. Masculino como o inferno.

— Faz um tempo, — Oz disse.

Mais de três anos. Mas ele estaria condenado se deixasse Oz saber que esteve contando. — Isto foi um erro. Você precisa partir.

— Você envia o Creed para me encontrar, me arrastar até aqui, e agora quer me chutar para fora antes que as coisas fiquem interessantes?

— Eu não pedi para você vir aqui para que as coisas fiquem interessantes, — ele disse, odiando notar que o espírito havia fugido agora que Oz estava aqui.

— Sim, você o fez. — A mão de Oz se apertou em volta do ombro de Dev, e respiração quente e doce roçou seu ouvido. — Peça novamente.

Dev se empurrou para longe. — Não.

— Ainda chateado comigo?

Silêncio se estendeu até Dev finalmente suspirar. — Isto não é sobre o passado. É sobre salvar a ACRO.

Oz estava de pé na frente dele, seu rosto centímetros de distância do rosto de Dev. Enquanto a tensão raivosa se dissipava, uma nova se construía, e Dev não podia evitar, levantou suas mãos para tocar o rosto de Oz, da maneira que lhe foi ensinado a fazer quando ele perdeu a visão. Ele deixou os dedos vaguearem sobre as maçãs do rosto bem afiadas, o nariz patricio, a boca cheia que ele beijou mais vezes do que podia contar.

Oz tomou a oportunidade para chegar mais perto. Promessa sensual escorria dele, denso e quente. O corpo de Dev respondeu, endureceu, uma fração de segundo antes de sinos de alerta soarem em seu cérebro, porque ele não ia deixar isso acontecer. Ele esteve por esta estrada antes, e foi acidentada como o inferno.

Oz riu e Dev girou para longe. Ele se movia em círculos, eliminando tanto o calor que o corpo de Oz emitia e puro instinto, e ele sabia que Oz estava fazendo o mesmo.



— Você está aqui sozinho? — Dev perguntou, embora soubesse a resposta.

— Estou sozinho. Assim como você, a propósito. Pelo menos por agora. Eu vou me fazer confortável no terceiro andar. Você não vai nem saber que estou aqui.

— Besteira. — Ele saberia se Oz estivesse no mesmo município, quanto mais na mesma casa.

— O quê? Você quer que eu fique no seu quarto? É uma ideia melhor, porque eu não acho que você devia estar sozinho.

Dev parou, tentado lançar Oz na parede distante. — Não force.

— Eu estava falando sério, Dev. Sem segundas intenções. Eu não estaria aqui se não quisesse ajudar. — Quando Dev não respondeu por que não tinha certeza de como, Oz murmurou uma maldição leve. — Quer me mostrar esta escrita em suas costas antes de eu subir?

— Por quê? Você sabe exatamente o que diz.

— Sim, eu sei.

Dev ouviu os passos pesados de Oz sair da sala e subir os dois lances de escadas e percebeu que não tinha sequer se preocupado em usar a sua segunda visão a partir do minuto que Oz entrou no recanto. Como se soubesse que ele não queria ver Oz, ou talvez o espírito que o assombrava não iria deixá-lo ver Oz.

De qualquer maneira, ele estava grato até o momento.

NOITE DE SÁBADO

Ender ouviu os gritos de gelar o sangue antes que percebesse que eram seus, acordou para se encontrar desabado sobre suas mãos e joelhos como se estivesse tentado rezar e caiu para frente em vez disso. Os gritos continuaram,





Embora seus olhos estivessem abertos, não parariam até que as imagens que passavam na frente de seus olhos fossem substituídas pela grama macia e a terra em que ele estava deitado. Ele se arrastou para fora da barraca e ao longo da terra fria como se à procura de uma fuga — do pesadelo. De si mesmo.

— Tommy. — As mãos macias de Kira estavam em seu rosto, suas bochechas, tentando virar sua cabeça para olhar para ela. — Tommy, por favor, me diga o que está errado. Você está machucado?

Finalmente, as imagens desapareceram completamente, e ele estava olhando para aqueles grandes lagos de âmbar, viu-se refletido ali em vez de sangue, morte e destruição. Não havia rifle em sua mão, apenas seus dedos agarrados até as palmas na terra fria, mas ele ainda podia sentir o cheiro do resíduo de pólvora e fogo sob a superfície do perfume de mel e cravo dela.

— Estou bem, — disse ele, sua voz rouca. Virou-se e respirou fundo, esperava que não vomitasse aqui mesmo na frente dela, porque seu estômago ainda se contorcia e doía com um conhecimento que nenhum homem deveria ter.

— Ponha sua cabeça para baixo, — ela insistiu. — Respirações profundas — dentro pela sua boca, fora pelo nariz. Isto ajuda a náusea.

Ele não discutiu, porque ter alguém lhe dizendo o que fazer agora parecia estar ajudando. Parte da desordem decolou de seus ombros e ele apenas respirou, deixando o ar da noite substituir os odores do sangue, carne queimada e fumaça oleosa.

Você está no trabalho. E seguro, relativamente falando. Ele havia os levado mais um dia inteiro mais próximo do destino dele próximo de Butte, Montana, e ele acordou com o pesadelo para ver o crepúsculo. O que significava que era hora de se mover novamente, não surtar.

— Água, — ele resmungou finalmente.

— Você acha que vai manter sob controle? — ela perguntou.



— Nós vamos descobrir. — Ele se inclinou sobre os joelhos e bebeu alguns goles tentativos da garrafa que ela lhe entregou. Seu estômago não protestou, e em poucos minutos ele havia drenado a garrafa. — Mais, — disse ele, e ela obedeceu.

— Você está queimando, — ela observou, limpando a mão na testa, e ele quase riu.

— Estou bem, — ele disse.

— Não vamos passar por isso novamente, não é? Você não está bem. O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça como não tivesse ideia, mas ele sabia exatamente. Dev estava tendo pesadelos novamente. Quando isso acontecia, eles de alguma forma se transferiam para o subconsciente de Ender, e ele acordava gritando com as imagens que Dev viu em sua mente. Como Dev sabia o que aconteceu na terra em torno de Ender e sua equipe, ao mesmo tempo em que Dev estava ocupado batendo seu maldito C-130 era algo que Ender nunca se preocupou em perguntar ao seu chefe. De alguma forma, cada detalhe terrível, até o último momento, estava impresso nos cérebros de ambos.

O pior tinha sido quando Ender foi para a prisão pela primeira vez. Eles estavam mantendo Dev drogado até então, mas enquanto ele melhorava, eles aliviaram tudo e a mente de Dev continua revivendo o acidente repetidas vezes. Às vezes era tão frequentemente quanto cada hora. Ender acordava a si mesmo e do bloco inteiro de celas, gritando tão alto que perdia a voz. Finalmente, eles tiveram que colocá-lo em confinamento solitário, em uma cela que era a prova de som. Até o fim do porão. Paredes acolchoadas. Jogue o homem louco lá e jogue a chave fora. Eventualmente, a mente de Dev se aliviou, mas até então Ender não tinha se importado. Havia protestado quando eles abriram a porta da cela e lhe disseram que poderia partir—dois anos, quatorze dias e doze horas depois. Seu cabelo estava até os ombros, como estava sua barba, e ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha tirado vantagem de sua uma hora diária de liberdade ou a última vez que tinha





tomado banho. Depois de um tempo, os guardas iam geralmente apenas enfiar uma mangueira através das barras e lavar tudo.

E ainda, as habilidades de excedo de Ender tinham permanecido intactas. Tinham até mesmo ficado mais fortes, como se respondendo à subutilização inflando-se em preparação, um fato que as boas pessoas na ACRO havia descoberto uma vez que eles tentaram amarrá-lo para limpá-lo.

— Vamos limpá-lo, — Kira disse, quando ele não lhe respondeu. Ela arrastou-o para seus pés e o conduziu para água. — Você vai se sentir melhor quando estiver mais frio.

Ele tirou sua roupa enquanto caminhava em direção ao córrego que eles continuavam a seguir. Ele entrou na água até que podia afundar sua cabeça e ficou sob a água fria tanto quanto pôde, até que seus pulmões imploraram por ar, até que Kira o estava puxando para a superfície.

Ele não poderia fingir que o que ela lhe contou sobre a prisão, sobre o que teve que fazer para sobreviver, não tinha rompido em suas entranhas. Ela era tanto um sobrevivente quanto ele, e mais corajosa do que ele. Ela enfrentou seu passado. Ele ainda tinha que fazê-lo, e até que o fizesse, ele estaria ligado aos pesadelos de Dev. Por alguns minutos, eles apenas encararam um para o outro, e ele sabia que outra parede em seu sistema de segurança pessoal tinha sido violada. Vulnerabilidade era algo que ele não mostrava, especialmente na frente de outras pessoas.

— Talvez se você me contar, se você falar sobre isso, vá embora, — ela disse finalmente.

Ele riu, um latido curto e duro. — Me contar sobre todos os homens que se aproveitaram de você a cada ano tornou tudo melhor para você?

— É disso que se trata — você está preocupado comigo?

— Não, — ele disse rispidamente, chateado que ele sequer tivesse pensado nisso como um possível gatilho para o maldito pesadelo. Sempre tinha sido o

Dev, principalmente porque Dev era a pessoa que era mais próximo. Mas depois de passar todo esse tempo com Kira...

Merda.

— Se você falar sobre o pesadelo —

— Foi apenas um sonho, — ele a cortou, consciente de o quanto ridículo ele soou. Mas ela não lhe pediu explicações, apenas continuou como se fosse uma profissional experiente.

— Falar sobre o seu sonho nunca vai dissipar toda a dor. Mas ajuda contar a alguém que entende—que compreende o quanto somos diferentes. Me ajudou. Ela tocou seu braço e ele se afastou de uma vez. Completamente encorajada, ela estendeu a mão para ele. Ele não conseguiu se afastar da mão dela de novo.

— Eu sei que você não é normal. Eu vi que você pode fazer , — ela disse em voz baixa.

— Eu posso matar. Não me torna diferente de qualquer assassino sentado na cadeia.

— Eu estava falando sobre sua velocidade. Você matou para me proteger , — disse ela, e ele não se preocupou em negar ou elaborar sobre as muitas vezes antes que tinha tomado vidas sob a ordem de defender e proteger. E as vezes que tinha feito isso quando não existiam ordens...

Ele balançou a cabeça, deu mais um mergulho na água sombria pela escuridão que se movia rapidamente pronta para assumir o crepúsculo, na esperança de que quando ele voltasse à superfície esta teria cansado de falar. Claro, não havia chance disso. Quando ele rompeu a extensão serena e vítrea, ela estava sentada na beira do rio, esperando por ele.

— Quando você soube que era diferente? — ela perguntou, e ele amaldiçoou este trabalho novamente. Não era para isso que ele se alistou—nada disso—e ele ia garantir que Dev entendesse isso. Ou ele estava fora desta vida, fora da ACRO.



— Nós os chamamos de tipos de habilidade especial. Impede as pessoas de sentir pena de si mesmas. — Ele passou as duas mãos pelos cabelos molhados. — Eu tinha quatro anos na primeira vez que fui chamado para isso. Ele se lembrava do dia claramente. As ovelhas estavam se espalhando, graças a uma tempestade que ameaçava as planícies dentro de segundos, sem aviso prévio. Tornados não podiam estar muito atrás, e sua mãe havia enviado o cachorro deles, Boss, para arrebanhar os animais assustados e cercá-los à segurança.

— Eu não queria que ele fosse sozinho, — disse ele. — Então eu corri atrás dele, antes que alguém pudesse me impedir. — Ele se lembrou do vento ganhando força, os gritos de sua mãe, os latidos de Boss enquanto Tom teimosamente empurrava para frente e ultrapassava a todos — as ovelhas, o cão, a caminhonete se aproximando ao longo da estrada de terra trazendo seu pai e seu tio para casa da cidade. Tinha sido uma sensação tão boa, como se seus músculos finalmente tivesse conseguido o longo e ardente alongar que eles precisaram desde que ele nasceu. Foi como se ele tivesse finalmente se encaixado em sua própria pele.

— Eu vi o funil de nuvens se formando, gritei para avisar a todos. Eu não sabia, na época, que a coisa estava a 150 milhas de distância. Vi clara como o dia.

— O sistema original de alerta precoce, — ela brincou levemente. — Então você não estava mentindo quando disse que tinha experiência de fazenda.

— Parecia que eu estava fingindo? — ele rosnou, envergonhado por ter compartilhado qualquer coisa com ela. Principalmente porque ela estava olhando para ele como se ele fosse fofo, porra, ou algo assim, e Jesus, Dev ia definitivamente ouvir sobre isso.

Capítulo 15

TARDE DE SÁBADO

Creed não tinha deixado sua casa durante todo o dia. Uma vez que ele tinha chamado Oz para Dev, ele tinha planejado ficar na casa de Dev até a chegada de Oz. Mas Kat tinha outros planos, tornou impossível para ele ficar lá — ela gritou em tais altos decibéis em seus ouvidos que ele não poderia suportar a dor e Dev ordenou que ele partisse. Mas não antes que o fantasma o encurralasse, o segurasse e tentasse terminar o que tinha começado no último outono na mansão de Dev. Ainda assim, Creed esperou do lado de fora da casa, dormiu em seu carro e garantiu que Oz chegasse à ACRO e ganhasse acesso à casa de Dev em segredo. Então ele se trancou dentro de sua própria casa, ligou as luzes em baixa intensidade e acendeu uma vela branca, como seus pais lhe ensinaram, e tentou descomprimir.

Não, o fantasma não o havia seguido para casa, mas não importava quantos banhos tomasse, ele não conseguia limpar aquela sensação serpenteante de sua pele. Kat tinha estado surpreendentemente tranquila também. Respeitosa, mesmo quando seus pensamentos e sonhos se viraram para Annika, mas Kat não responderia a nenhuma de suas perguntas sobre o espírito atualmente na residência de Dev. Ele tinha acabado de sair de um banho quente, tinha planejado se colocar na cama, onde sabia que iria apenas se lançar e girar, quando ouviu o bater urgente em sua porta da frente.

Ele raramente tinha visitantes. Sua casa estava a 10 milhas de distância do complexo principal da ACRO, acima de um monte tortuoso, assim ele tinha uma visão completa do vale abaixo dele. Seus vizinhos mais próximos estavam



a milhas e milhas de distância, sua casa estava envolta em completa folhagem verde agora que os últimos pedaços de neve finalmente derreteram. Mas mesmo que o dia estivesse ensolarado e quente lá fora, ele ainda teve que ligar o aquecedor. E ele acendeu a lareira também. Ele havia verificado sua temperatura na esperança de que simplesmente estivesse com gripe, mas ela permaneceu normal.

As batidas estavam ficando cada vez mais persistente, como se alguém estivesse realmente se preparando para derrubar a porta. O que era muito parecido com algo que Oz faria. Mas quando ele finalmente atendeu a porta, ele encontrou Annika em vez disso. E ele não tinha dúvida que *ela* teria derrubado a porta a chutes. Ela olhou para ele, ainda na soleira da varanda, como se pisar sobre aquela linha invisível seria travessar para um território perigoso. Eles não tinham se falado ou visto um ao outro desde que ele saiu do bar na noite de terça, e ela ainda estava regamente irritada. Mas ela não o atacou diretamente, estava na verdade contida – tinha que ser porque ele não parecia bem. Ao olhar no espelho, sua pele normalmente dourado estava pálida e havia círculos sob seus olhos.

– Você está bem? – ela perguntou.

– Estou melhor agora, – disse ele, e esta era a verdade. – Vamos lá dentro.

Ela hesitou, então colocou um pé, vestido com sandálias de primavera e mostrando unhas dos pés lindamente pintadas – a cor favorita dele, Vixen, um cruzamento entre preto e roxo – sobre o piso de madeira de seu vestíbulo. Ele não forçou, se virou e voltou para sua sala de estar. Depois de um minuto, ele a ouviu fechar a porta e seus passos firmes ecoaram no chão enquanto ela cruzava para a parte principal de sua casa para vê-lo. Ele tinha afundado no sofá, um frio arrepio o inundando.

– Você não está bem, porque pessoas que estão bem não tem uma lareira quando está mais de vinte e um graus lá fora, – ela disse. Ela colocou uma mão quente em sua testa e franziu a testa. – Você está frio.



— Eu não estou doente. — Ele fez uma pausa, olhou para ela por quaisquer novas contusões ou arranhões e não viu nada. — Como foi seu trabalho?

— Missão cumprida, como sempre.

— Bom para você.

— Ouvi dizer que você estava em uma missão também, — ela disse, e ele sabia que ela estava mentindo. Ela estava em uma caçada por informação, provavelmente queria saber mais sobre Dev do que dele e sentiu a raiva crescer dentro de si. O que, pelo menos, o aqueceu brevemente.

— Você ouviu corretamente.

— Com o Dev? — ela perguntou, e ele não respondeu. Kat tinha saído muito antes de Annika chegar — resmungando porque Creed resistiu ao toque dela também.

— Conte-me o que está acontecendo, — ela exigiu.

— Eu não posso.

— Você ainda está bravo comigo, não é?

— Nem tudo é sobre você, Annika.

— Eu sei disso — e eu não preciso de um sermão de você também. Mas você me largou na outra noite, então eu tenho o direito de estar irritada com você.

— Irritar você é a única maneira de fazê-la a vir a minha casa? Quem saberia? — ele murmurou, puxou o cobertor mais apertado em torno de si e se perguntou se outro banho ajudaria.

— Algo está errado com você. Eu quero saber onde você estava e o que aconteceu para fazê-lo se sentir assim.

— Você está me verificando agora? Porque eu não achava que você realmente dava a mínima para ninguém além de si mesma. E do Dev.

Outro tiro barato, e os olhos dela brilhavam de raiva. Por mais que quisesse lhe contar que, sim, ele achava que o precioso Dev estava em apuros, ele tinha





jurado segredo. Seu corpo ainda vibrava com um zunido desagradável sempre que ele pensava sobre o toque indesejado do espírito. Ele não contou ao Dev exatamente o quanto violado tinha se sentido. Esta tinha sido a segunda vez que o fantasma tentou segurá-lo e tocá-lo—na primeira vez, lá atrás em setembro na mansão, Kat chegou na hora certa. Na casa de Dev, o espírito estava forte demais mesmo para Kat fazer muita coisa. A única razão pela qual o espírito ter parado quando o fez foi porque realmente queria o Dev, e nenhum substituto adiantaria.

— Eu me importo, Creed. Ou então eu não estaria aqui.

— Você está aqui porque quer um orgasmo, — ele disse antes que pudesse se parar, e porra, isto não era nada como ele.

Ele sabia que Annika era mais imatura que a maioria das mulheres de sua idade, menos experimentada socialmente por causa de sua educação. Ela tinha sido uma assassina treinada para a CIA, não esteve em encontros ou bailes de formatura, e ele não tinha direito de tentar encurralá-la. — Merda, Ani, eu não quis dizer isso. Eu apenas... Eu não sei o que está errado.

Ainda assim, mesmo agora, quando ela estendeu a mão para tocar em seu braço, ele recuou um pouco, odiando-se por essa reação.

— Então, o quê? Você está tão chateado comigo que não posso sequer tocar em você?

— Não é isso, — ele disse, mas ela já começava a sair de sua casa. — Annika, espere. — Ele se mudou para fora do sofá, perdendo seu cobertor quando agarrou o braço dela. Ela virou-se e o atingiu no maxilar, uma resposta automática à ameaça de captura.

Ele não soltou o braço dela, mesmo seu gancho de esquerda não ser nada menos que incrível. Ela tinha conectado com sua bochecha direita, e apesar do fato de que seu toque tinha sido um golpe, seu lado direito começou a formigar naquele jeito bom que esteve sentido falta.





— Vai se foder, — ela cuspiu, e então parou e o encarou. Porque ele estava nu sob o cobertor e os olhos dela foram atraídos para baixo entre suas pernas. Ele era um homem grande em todos os lugares, mas isso não foi o que manteve o interesse dela. Não, ela foi atraída para as tatuagens que cobriam sua bola direita e metade de seu pênis, adorava ficar entre suas pernas e passar algum tempo traçando o padrão com a língua, e Cristo, ele a queria ali agora mesmo.

— Coloque sua boca em mim, — ele disse, e viu a resistência em seus olhos, mesmo quando ela lambeu os lábios. Ele colocou uma ligeira pressão no braço dela quando falou novamente. — Agora, Annika. Eu quero você de joelhos diante de mim. E não minta para mim — eu sei que você quer também.

Os lábios dela se entreabriram, suas narinas se alargaram e ela caiu de joelhos lentamente. Ele se preparou para seu toque, rezou para que fosse ser capaz de lidar com isso. Ele queria que Annika limpasse o toque daquele espírito dele.

Ela cavou os dedos em seus quadris, lambeu a ponta de seu pênis e então o tomou profundamente em sua boca. Ele percebeu que estava segurando a respiração quando ouviu seu próprio gemido longo e baixo, e deixou seus olhos fechar quando ela continuou a curá-lo com seus talentosos e quentes lábios e língua. Quando ela roçou os dentes levemente sobre a ponta da cabeça de seu pênis, seu lado direito começou a mudar de temperatura, variando entre congelante e mais quente que o inferno. Ele colocou as mãos nos ombros dela, não tendo certeza se poderia se firmar assim.

Mas Annika tinha parado, estava olhando para ele novamente. — Isso já aconteceu antes? — ela perguntou, e ele estava prestes a responder que não, quando percebeu que ela não estava falando sobre as mudanças de temperatura.

Um olhar para baixo em seu peito e perna revelou que suas tatuagens pareciam estar em metamorfose, quase se movendo por sua pele, como se o padrão estivesse tentando lhe dizer alguma coisa.



Annika ficou de pé, manteve a sua estrutura de quase dois metros firme. — O que há de errado? Por favor, Creed, conte-me.

Sua boca estava seca, a garganta apertada, e tudo o que podia fazer era deixá-la sustentá-lo. — Apenas me leva para a cama, baby. Por favor, apenas me foda e não me faça mais perguntas hoje à noite, — ele disse, sua voz rouca.

Ela não hesitou, o puxou sem dizer nada até que ele a seguiu pelas escadas para a área do sótão que era todo o segundo andar. Aberto e arejado, com janelas com vista para o redor de tudo o vale e uma grande cama king-size no meio do cômodo, era um dos lugares favoritos de Creed para estar.

— Luz demais, — ele murmurou, e depois de Annika ajudá-lo subir na cama, ela encontrou os controles para as cortinas e rapidamente cobriu o quarto na escuridão, rolando os blackouts shades. Ele a ouviu se despindo — normalmente, ele lhe diria para desacelerarem assim poderia desfrutar de cada revelar de seu bronzeado e curvilíneo corpo. Mas agora, na escuridão total, tudo o que ele queria era sua carne quente na dele, e esperava que a corrente elétrica dela estivesse no ponto alto.

— Ani, depressa, — ele se ouviu dizer.

Ela se arrastou em cima dele, os seios pressionados contra seu peito, sua excitação pressionando a barriga dela. — Eu estou aqui, Creed.

— Frio. Eu estou com tanto frio. Você pode me dar um choque?

— Você sabe que não funciona...

— Experimente, — ele insistiu.

Mas ela o ignorou em favor de deslizar seu pênis dentro dela, onde era quente e molhado e o atingiu melhor do que qualquer choque de eletricidade. Ambos gemeram alto, enquanto ela o tomava ao máximo, os quadris dele se levantaram da cama e seu lado direito começou a se aquecer de novo, finalmente.





— Oh, meu Deus—Creed, eu não posso esperar, — ela gritou, mas ele já estava à sua frente. Suas bolas se apertaram, seu pênis latejava e ele se liberou dentro dela, agarrando os lençóis enquanto o orgasmo rolava por todo o seu corpo.

Ele estava vagamente consciente de que ela tinha gozado também—fortemente, seu sexo o ordenhava seco. Mas ele logo percebeu que era como se a eletricidade que sentiu quando a penetrou não ia deixar nenhum deles livre tão facilmente. Porque ele permaneceu duro como pedra e ela parecia estar no meio de algum tipo de incrível e múltiplo orgasmo.

— Tão... bom, — ela gemeu. — Oh, Deus... sim.

— Mais forte. Monte-me mais forte.

O som da voz dele aumentou o clímax, o seu quinto, sexto... ela não sabia. Ela perdeu a conta. Creed sempre a fazia perder a conta. As mãos dele em concha em seus seios, e os polegares raspando sobre seus mamilos, que tinham ficado mais sensíveis desde que ela tinha conhecido Creed do que tinham sido em toda a sua vida. Espasmos a possuíram, quebra atrás de quebra, e enquanto as ondas de êxtase derretiam, Creed impulsionava para cima tão ferozmente que ela gritou com sua força.

— Eu adoro quando você grita para mim. — Ele arqueou nela novamente, seu pênis seguindo fundo e a alongando tanto quanto sua espessa raiz, sua dureza de aço atingindo todos os lugares certos. — Apenas para mim.

Sim, mas ela era a única mulher que gritava para ele? Ela não sabia se ele era celibatário enquanto ela estava fora em missões. Ela não esperava, não lhe pediu isto, mas era melhor ele não cometer o erro de deixá-la ficar cara a cara com uma das vadias Maria-motocicleta que viu com ele no passado. Não que ela estivesse com ciúmes. Como ela tinha dito ao Dev, isto era apenas sexo. E que ótimo sexo era. Ela sorriu e correu as mãos sobre as ondulações no abdômen dele e depois para cima, para seu peito, que ainda corria quente de um lado e mais frio no outro. As tatuagens pareciam se mover sob suas palmas, coisas vivas que mexiam logo abaixo da pele, embora ela jurou que por vezes





pudesse sentir um contorno. Testando, ela lançou um pequeno choque no lado tatuado de seu corpo, e isto a fez se contorcer mais, raivosamente. Ainda empalada no membro de Creed, ela acendeu a lâmpada de cabeceira e observou os desenhos em seu peito, pescoço e rosto se transformaram de símbolos Nativos Americanos em rostos. Faces arrepiantes com dentes irregulares, e olhos cerrados que pareciam olhar diretamente para ela. Se eles pensavam que podiam assustá-la... ela lançou um choque em uma delas, e ela gritou silenciosamente como se em agonia antes de mudar de volta para o desenho original.

— O que você fez? — ele respirou.

— Um pouco de choque.

Jogando a cabeça para trás assim os tendões em seu pescoço se esticaram, ele fechou os olhos. — Não... uma boa idéia.

— Você disse —

— Eu estava errado.

A mão dele subiu por suas costas para seu couro cabeludo, e ele trouxe sua boca para a dele. Escorregando sua língua entre os lábios dela, ele estalou o piercing contra seus dentes e assim enviou um raro choque chiante através de seus ossos. Nada a eletrocutava, não no sentido elétrico, mas às vezes as joias do corpo de Creed agiram como um eletrodo entre eles—ele frequentemente dizia que se um de seus piercings a tocava quando ela chegava ao clímax, ele sentia sua liberação. O que explicava por que a sua maneira favorita de fazê-la gozar era com a língua, e ela não estava disposta a reclamar.

Em um movimento fluido que ela não podia acreditar como um corpo tão grande quanto o dele pudesse controlar, ele a virou, prendendo-a na cama enquanto mergulhava fundo. Ele podia ser rude às vezes, porque ela gostava, mas isto era diferente. Urgente.

Creed grunhiu e se chocou contra ela, empurrando-a alguns centímetros acima da cama, assim seu cabelo roçava na cabeceira da cama. Cada investida a



trazia para mais perto de outro pico, cada uma das respirações ofegantes dele fazia sangue rugir em seus ouvidos. Ela adorava os sons que ele fazia, então primitivo, tão bruto. Ele aumentou o ritmo, algo que ela não pensava ser possível. Ela se agarrou a ele, segurou seus ombros com tanta força que tinha certeza que iria deixar marcas. Ele a montou como se sua vida dependesse disso, e quando ele sussurrou: — Eu preciso que você me toque, — ela não tinha certeza do que ele queria.

Pelo menos, ela não tinha certeza até que passou as mãos nas costas dele para agarrar suas nádegas e puxá-lo tão profundamente quanto ele poderia ir. Mesmo assim, ele não estava satisfeito.

— Toque-me, caramba.

Ela olhou para seu rosto, uma máscara de dor que não entendia, mas quando os dedos caíam para acariciar o vale de seu traseiro, a expressão dele suavizou em algo como alívio. Um lado queimando, o outro congelando — e seus dedos se encontraram no meio do caminho para acariciar tudo, para juntar as duas metades.

— Sim, — ele gemeu. — É isso aí. Deixe tudo bem novamente.

Okay, isso era novo... ele lhe mostrou posições e técnicas que ela sequer tinha sonhado, mas jamais ela tinha o tocado tão intimamente, e enquanto a ponta de seu dedo roçava a abertura sensível, ele engasgou, estremeceu e se liberou dentro dela em rajadas quentes que se seguiam e a mandaram além do limite mais uma vez. Êxtase a tomou em uma explosão de cor e luz, e ela pode ter desmaiado, porque de repente estava consciente apenas do peso dele sobre ela, suas respirações difíceis. Ele era tão grande, tão esmagadoramente grande, mas logo quando parecia que os ossos dela iriam se amassar um sobre o outro, ele se retirou e caiu de costas.

Rolando para ele, ela acariciou seu peito, as tatuagens que agora pareciam completamente normais. — Creed, — ela disse, levantando-se sobre um cotovelo, — o que está acontecendo? Você está bem?



— Eu estou bem agora. — Ele a enfiou debaixo de um braço assim a cabeça dela descansava em seu ombro. — Obrigado.

Isto foi estranho demais. Ela ainda não tinha ideia de por que ele a abandonou no bar, mas agora ela estava igualmente confusa com os seus comentários mal-humorados e descaracterizados na sala de estar, e então a súbita necessidade—não, exigência—por sexo. Toques específicos. E as tatuagens...

— Conte-me sobre o que foi tudo isso.

— Deixe para lá, Annika.

A leve felicidade pós-transa vaporizou em uma nuvem de cogumelo de fúria. Primeiro o Dev, agora o Creed... eles a estavam deixando de fora.

— Eu não vou deixar para lá. Algo de ruim aconteceu com você. Alguém—ou *algo*—machucou você?

— Eu disse, deixe para lá.

— Quer saber? Vai se foder. — Ela saiu da cama e vestiu seus shorts, sem se importar com a roupa de baixo. — Você não quer me incluir em seu grande segredo? Ótimo. Por que você não me conta porque me fez ficar molhada e depois me deixou no bar como um pedaço de lixo? O que, você estava com vergonha de mim na frente de seus amigos? Você estava com uma pressa grande o suficiente para me tirar de lá.

Ele sentou-se. — Cristo, Annika. É que o que você acha que aconteceu?

— Eu não sei o que aconteceu, — ela gritou. — Porque você não se incomodou em falar comigo, porra!

— É? Como é a sensação de querer saber o que está acontecendo na mente de outra pessoa, mas eles não lhe contam?

— Que diabos você está falando?

Ela jurava que as tatuagens dele estavam se contorcendo de novo, e quando ele olhou para sua mão, para o desenho que pulsava e brilhava ali, ela sabia que



não estava vendo coisas. Ele cerrou o punho e mudou o seu olhar sombrio para ela.

— Você. Estou falando de você. — Ele pegou um par de calças de moletom da enorme cômoda de carvalho ao lado de sua cama e se enfiou nelas, sem tirar os olhos dela.

— Eu conto coisas para você.

— É. Perdoe-me enquanto reflito sobre a profunda conversa que tivemos sobre as virtudes de pudim de peixe.

— Isso não é justo. Eu odeio pudim de peixe. Eu *não* discuti suas virtudes.

Ele rangeu os dentes de forma tão violenta que ela ouviu o raspar de esmalte sobre esmalte. — Não. E você também perdeu a fala quando lhe perguntei onde o tinha comido em primeiro lugar. Eu não sei uma maldita coisa sobre você, exceto o que todo mundo na ACRO sabe. Você se esquivava de perguntas e evita qualquer tipo de situação que possa levar à intimidade.

Deus, ela nunca tinha conhecido alguém tão irritante como ele. Então se ela não tinha lhe dito que seus pais falsos a haviam alimentado apenas com cozinha europeia? A razão, para mantê-la mais convincente e eficaz para trabalhos além do mar, não era algo que ela queria compartilhar.

— Tem um dicionário? — Ela vestiu sua camisa, fechou o sutiã. — Porque me parece que temos tratado de toda a coisa da intimidade.

— Não é isto o que quero dizer, e você sabe disso. Nós alguma vez estivemos em um encontro real? Sabe, um jantar de mais de asinhas de frango e um jarro de cerveja enquanto você me chupa debaixo da mesa?

Ela reprimiu um sorriso por essas memórias. Ela amou como ele tentou tanto controlar sua respiração enquanto ela desceu sobre ele em público, amou como ele tremeu com o esforço de não gritar como sempre fazia quando ela o fez gozar com a boca. — Eu tenho muita coisa para entender.

— Baby, você só entende o lado físico das coisas.



Um iceberg se instalou em seu peito quando a conversa com Dev sobre sua imaturidade emocional voltou com força total. — O que é que isso deveria dizer?

— Significa que uma vez que você consegue o que quer, não vê a hora de se livrar de mim. Você não passa a noite na minha cama, mas não tem problema em dormir na casa do Dev. Significa que cada vez que temos uma discussão, você vai embora.

— É você que tem que falar de ir embora.

Ele enfiou os dedos pelos cabelos. — Sim, eu sei. Aquela coisa no bar foi estúpida, e eu sinto muito. Mas isso foi uma vez. Você faz isso o tempo todo.

— Porque eu não sei como discutir, — ela retrucou. — Eu nunca tinha que descobrir. No mundo em que cresci, alguém lhe tira do sério, eles param de respirar. Não há nenhuma discussão. — Ela se afastou do olhar sombrio dele e soltou um suspiro. — E eu não sei como fazer isso. — Ela nunca teve um namorado e, certamente, não tinha dormido com ninguém antes de Creed. Sexo era fácil. Saber o que fazer depois, isto que era difícil.

— Fazer o quê?

— Isso! — Ela acenou o braço ao redor da sala. — Eu e você. Eu não entendo o protocolo.

— Você para de fugir. Você me deixar entrar.

Ela balançou a cabeça. Isto era complicado demais. Ela precisava de outra tarefa. Capturar aqueles dois agentes Itor de Idaho não tinha nem perto sido excitante o suficiente, não permitiu que ela deslizesse para o lugar mental onde era mais confortável: modo-missão. Fria. Eficiente. Decidida.

— Droga, Annika. Algum dia você vai pisar na bola, ou algo ruim vai acontecer com você, e você vai ter que deixar alguém entrar.

— Eu tenho alguém.

— Certo. O todo-poderoso Dev. E o que acontece quando ele está ocupado ou indisponível? O que você vai fazer então? Vir me encontrar e foder o problema para longe? O seu MO²⁵ habitual?

Pela primeira vez em sua vida, Annika estava sem palavras. Sua boca funcionava, mas nada saiu. Finalmente ela convocou sua voz, mas quando falou, não soou como ela.

— Eu não preciso disso. Eu não preciso de você ou do seu pau ou de suas besteiras condescendentes. Se eu não me abro para você, talvez seja porque da última vez que o fiz, você me entregou e me fez ser suspensa das missões por seis meses. — Isso não era inteiramente verdade; ela não iria se abrir para ele de qualquer maneira. — Eu não preciso de um fodido terapeuta, Creed.

— Eu não estou pedindo para ser seu terapeuta. Estou pedindo para ser mais do que uma foda às escondidas.

Ela odiava isso, odiava que o relacionamento deles tinha chegado a este ponto sem que ela percebesse. Odiava que o que tinham poderia se qualificar como um relacionamento de alguma forma. — Talvez Dev devesse ter dado o sermão da *Cosmo* para você em vez de para mim. — Ela agarrou seus sapatos e saiu pela porta, mas a suave voz dele a parou na soleira.

— Que sermão da *Cosmo*?

— Não confunda sexo com amor —, ela sussurrou.

E, em seguida, ela fugiu, exatamente como ele disse que ela sempre fazia.

MEIO-DIA de DOMINGO

²⁵ MO: Modus Operandi

Capítulo 16

Meio-Dia de Domingo

Quando eles chegaram a Salmon, Idaho, Ender roubou um carro. Ele não disse a Kira que roubou, agiu como se, Sim, este carro tem esperado por nós o tempo todo. Então ele saiu para a mata, mudou as placas e finalmente telefonou para seu contato de comunicação, Bryan, novamente.

Bryan registrou oficialmente o veículo roubado dentro de minutos, e Ender e Kira seguiram a nordeste para a pista de voo e jato privado, para levá-los o resto do caminho para Catskills e ACRO. Tudo isso, e ela ainda não tinha concordado em se alistar. Tudo isso, e ela deveria estar morta dias atrás. Por sua mão.

— Porra. — Ele bateu no volante do carro e, próximo a ele, Kira começou.

— O que está errado? Alguém está nos seguindo? — Ela olhou ao redor descontroladamente, verificando todas as janelas.

— Ninguém está nos seguindo, — ele disse. Só seu passado, e merda, Dev iria furá-lo. Ele girou seu pescoço de um lado a outro para soltar os músculos apertados enquanto acelerava o carro para compensar o tempo perdido. Bryan lhe garantiu que o jato privado estaria a posto para levá-los a perna final de sua jornada. Até agora, ele não tinha sentido mais Agentes-I, e ele se perguntou por que eles pareciam ter desistido tão facilmente.

— Então, há um nome para o que você é? — Kira perguntou. Ela não tinha falado muito em toda última hora, cruzou seus braços sobre seu tórax e permaneceu perdida em pensamentos. Ender tinha apreciado o silêncio, mas



sabia que mulheres, não importava se fossem parte animal ou não, amavam conversar.

Ele deu um longo suspiro de sofrimento antes de responder. — Sim.

— Você vai me dizer? — ela perguntou, e ele pensou sobre dizer não a ela, que não podia no caso de que ela não se alistar.

Mas isso era ridículo, porque se ela não concordasse em se alistar, não estaria por aí tempo suficiente para dizer a ninguém mesmo. Em muitos casos, poderes podiam ser retirados para desconsiderar a pessoa como um alvo da Itor ou ameaça futura, mas cientistas da ACRO determinaram que a fisiologia especializada de Kira não permitiria a retirada de habilidade. — Eu sou um excedo. Excedosapien.

— Existem muitos de você?

— O suficiente, eu acho. Eu nunca fiz a conta de cabeça. — Ele encolheu os ombros. — Derek era um também. Habilidades diferentes. Ele era mais forte, não tão rápido.

— E realmente não pensa em você mesmo como uma aberração? — ela perguntou.

Ele pensava sobre si mesmo de muitas maneiras, mas aberração nunca era uma delas. — Não.

— Obrigado por desenvolver isto.

— Kira, olhe, eu apenas não quero falar sobre minha vida. Eu nunca tenho.

— Você está me dizendo que não há ninguém neste mundo inteiro que saiba sobre sua vida?

— Não, — ele disse, ciente que estava deixando marcas de entalhe no volante com seus dedos. Dev não contava, porque ele apenas... sabia. Ender nunca realmente teve que se sentar e explicar qualquer coisa para alguém. A ACRO tentou forçá-lo a ver o psiquiatra deles uma vez, e depois que ele quase



matou o homem, eles decidiram que Ender estava em melhor situação quando sua mente era deixada em paz.

- E quanto a seus pais?
- Eu não os vejo desde que tinha dezessete anos.
- Então eles nem mesmo sabem se você está vivo?

Ele quis perguntar por que era tão malditamente importante para ela, mas ele já sabia. Ele foi o primeiro cara que sabia a verdade sobre ela, o primeiro cara que a protegeu em vez de meramente a foder.

Matá-la teria sido tão mais fácil que isto. — Eu não sei o que eles sabem. Aquela vida apenas não era mais para mim. Eu estava causando problemas para eles. Eles estão em melhor situação agora.

Ela assentiu, como se entendesse. E sim, ele podia ver por que ela entendia. Ele se moveu no banco de couro, percebendo que seu pênis estava duro. Kira estava exalando aqueles malditos feromônios novamente.

— Está quase na hora, — ela disse, encarando o colo dele e chupando seu carnudo lábio inferior entre seus dentes. Ele ouviu o baixo grunhido baixo de aprovação ressoar na parte de atrás de sua própria garganta quando a mão dela viajou entre as pernas dela, perguntou-se se ela poderia montá-lo e deixá-lo dirigir ao mesmo tempo.

— Você pode esperar outra metade hora, apenas para assim eu conseguir atravessar— ele começou, mas ela escancarou suas calças com uma mão enquanto se livrava de suas próprias partes inferiores do BDU, e ele teve a sensação que ele estava para descobrir o verdadeiro significado de “zero a cem”.

Quando a mão dela circulou seu pênis, seu pé empurrou o acelerador quase até o chão e ele puxou o volante tanto à direita que eles quase saíram da estrada. Ele amaldiçoou, endireitando o volante com ambas as mãos enquanto ela ria, a voz dela era baixa e gutural, do modo que sempre ficada quando seu cio se tornava uma necessidade incontrolável. Ela o acariciou até que sua



respiração estava mais rápida que o normal, até que sua concentração dividida o forçou a se entregar a Kira de um modo muito diferente do que ele tem permitido durante as últimas horas.

Ele segurou o volante firme com sua mão esquerda, o que permitiu que Kira subisse a bordo. Ele colocou sua mão direita no volante, porque ele iria precisar de ambas as mãos para isto aqui, e Kira inclinou sua cabeça contra o pescoço dele, a respiração morna dela abanando sua pele, seu sexo molhado e quente e roçando seu pênis de um modo que o fez lançar seus quadris para cima contra ela.

— Estamos impacientes, não é? — ela murmurou.

— Não faça jogos comigo.

— Ou o que? Você vai encostar e me dar uns tapinhas por ser uma garota má?

Sua respiração se prendeu o pensamento de tomá-la sobre seu joelho, e ela sabia, sabia que tinha o poder desta vez, muito mais até que quando ela o segurou no chão.

— Meu, — ela sussurrou em sua orelha. — Todo meu. Diga, Tommy.

— Kira, eu...

— Diga. Por favor, Tommy, — ela disse, e seus feromônios deviam estar ficando mais forte, porque por mais que tentasse, ele não podia resistir fazer o que ela pediu.

— Seu, Kira. Todo seu, — ele sussurrou, encostando novamente contra o apoio de cabeça em rendição silenciosa e tentando dizer a si mesmo que isto não significava porra nenhuma. Que era tudo parte do maldito trabalho.

Ela puxou seus quadris para trás ligeiramente assim podia acomodá-lo em um único longo e lento movimento que o embainhou completamente dentro dela, e ele forçou a si mesmo a apenas respirar. Ele estava suando e tremendo, olhando fixamente para a estrada com uma concentração intensa enquanto





prazer corria por seu corpo. Ela o mordeu no lugar tenro entre pescoço e clavícula enquanto arqueava contra ele, segurando sua pele entre os dentes como se o marcando por toda vida, e ele estava agradecido que esta extensão particular de estrada secundária era longa, reta e deserta.

Ela clamou, — Tommy, — enquanto balançava contra ele, e todo o carro estava tremendo pela velocidade, o chão vibrando sob seus pés, seu pênis pulsando dentro dela, e porra, isto era uma das coisas mais fora de controle que ele já fez. E isso queria dizer algo. E quando ele se derramou dentro dela, ele aliviou seu pé do acelerador porque começou a ver estrelas enquanto seu orgasmo destruía seu corpo, mais forte que nunca.

Quando ela sussurrou, — Mais, — em sua orelha, ele empurrou o pedal para baixo novamente, porque, apesar da intensidade do orgasmo, ele ainda estava duro para ela, e morrer assim não seria a pior maneira de partir.

Tom parou no estacionamento de um fast-food de hambúrguer em sua próxima parada, e o estômago de Kira rolou quando eles passaram pela porta da frente. O fedor horroroso de carne animal grelhada a fez sentir o gosto de biliar. Ela devia não ter tentado. Ela sempre odiou restaurante, não podia nem começar a imaginar por que pessoas cozinhariam e comeriam criaturas inteligentes e sensíveis que se comunicavam tão bem quanto humanos se eles apenas escutassem.

— Eu irei, uh, esperar no carro. — Ela voltou em direção à porta. — Só me consiga uma salada. Fique com a galinha e o queijo.

O que ele ficou foi com ela, com um aperto firme em seu pulso. — Eu não vou deixar você fora de minha visão.

O limite duro em sua voz lembrou a ela que o perigo ainda espreitava, e que, em última instância, ela era pouco mais que sua prisioneira. O que feria, porque depois de tudo que eles têm passado, ela sentia como se eles tivessem se tornado mais que isto. Companheiros. Parceiros. Amantes.

Olá, Síndrome de Estocolmo.

— Então nós precisamos ir pelo drive-thru, — ela disse secamente, e quando ele teria discutido, ela adicionou um patético — Por favor, Tommy.

Murmurando sob sua respiração, ele cedeu, e depois de uma passagem pelo drive-thru, ele estacionou em um parque arborizado próximo. Mantendo um olho atento em seus arredores, ele lhe passou a salada e desembalhou um colossal triplo cheeseburger. Mais uma vez, seu estômago balançou.

— Quer uma mordida? — ele perguntou, e imediatamente lançou-lhe um olhar apologético. — Desculpe, esqueci. Ética Vegan.

Mesmo ele não tendo sido desrespeitoso, ela o encarou e desceu a janela para deixar sair parte do odor de animal cozido. — Não é completamente sobre ética e moralidade. Eu quero dizer, eu não comeria carne animal ainda que pudesse, mas eu não posso. É doloroso.

— O que, incomoda seu estômago?

— Pior. Eu não posso nem tocar. Saborear... — Ela estremeceu, lembrando a agonia, a náusea que a deixou de joelhos na última vez que alguém em uma festa de Natal pensou que seria engraçado deslizar galinha em um prato que deveria ser vegan. — É parecido como alguns psíquicos conseguem impressões por toque.

Como se ele estivesse chateado com a conversa, ele olhou pelo retrovisor, todo olho coberto e graça preguiçosa, mas ela sabia melhor. O odor de perigo que ele lançava, quando um carro de polícia passou lentamente, era um sinal óbvio.

— Você está falando sobre psicometria, — ele disse, ainda focado no lado de fora.

— Eu estou impressionada.

Ela o olhou com uma apreciação recém-descoberta que não era realmente nova, porque ela sempre apreciou olhar para ele. Especialmente quando ele lançava aquele olhar de falcão nela, como ele estava fazendo agora que o veículo de patrulha desapareceu.

— Eu lidei com um psíquico ou dois.

Interessante. Ela teria que perguntar mais sobre o trabalho dele. Claro, ela tinha tentado, mas ele não tinha sido muito receptivo.

— Bem, é parecido. Quando eu entro em contato com carne eu sinto — e provo — o terror e a dor do animal. Eu experimento tudo que ele sofreu antes e durante sua morte. — Ela estremeceu novamente. — Imagine esperar em uma calha ou gaiola da que você não pode escapar, e sentido cheiro de sangue e morte à sua frente, e sabendo que você vai morrer. Eu sinto tudo.

— Isso explica os matadouros que acabaram em chamas, — ele silenciosamente disse, enquanto embrulhava seu hambúrguer e o empurrava de volta na sacola.

Ela se apaixonou por Tom Knight ali mesmo. Era demais esperar que ele fosse se tornar veg, mas pelo menos ele a respeitava o suficiente para não fazer algo em sua presença que a afligia, tanto fisicamente quanto emocionalmente.

— Desejava que eu pudesse tomar o crédito pelos matadouros, — ela disse em uma voz apertada com emoção que esperou que ele não ouvisse, — mas fazer algo assim teria atraído atenção que eu não podia dispor.

Ele mastigou um punhado das batatas fritas e as empurrou abaixo com sua Coca-Cola. — Se não é você destruindo todos os laboratórios de pesquisa, navios de baleia e porcaria, então quem? — Ele xingou e assentiu severamente. — Itor.

— É isso que eu estava pensando. Seus caras maus estavam tentando me expor, ou pelo menos conseguir que as autoridades me prendessem assim eles podiam me tomar deles.

— Você vê por que precisa se juntar a minha agência? Você não pode se esconder da Itor.

— Eu lhe disse que daria uma olhada, mas você também poderia se preparar para o fato que mais provável não vou me alistar. Eu não serei

mantida ou usada por ninguém. Eu certamente não treinarei animais para lutar em guerras ou qualquer coisa idiota que o governo queira fazer com eles.

— Mas você dará uma chance, certo? — Se qualquer outro tivesse usado o tom desesperado que ele tinha, ela teria pensado que eles estivessem suplicando a ela. Tommy estava provavelmente apenas sofrendo de pontadas de fome.

— Eu disse que eu iria. Mas não espere nada mais.

— Justo o suficiente. — Ele desceu sua janela e lançou a sacola de comida em uma lata de lixo. — Vamos acabar com isto.

DOMINGO À NOITE

Não tinha sido fácil tentar dormir com Oz estando um andar acima dele, mas o esgotamento de Dev assumiu o comando. Ele estava tão cansado de lutar.

— Pare de lutar comigo. Eu preciso tirar você daqui. — A voz do homem era um grunhido baixo. Tenso. Áspero. Dev sentia cheiro de medo e não estava certo se estava saindo dele ou do homem que o arrastava do C-130 destruído.

— Monty. — Dev se agitou tentando alcançar seu copiloto, mas o aperto do homem era mais forte.

— Ele se foi. Eles todos se foram. — O homem o agarrou e correu, até que Dev ouviu a explosão e o homem cobriu o corpo dele com o seu próprio.

Dev não tinha certeza de quanto tempo ficou deitado com seu rosto para o cascalho, o chão ainda vibrando, o ar saturado com fumaça, inundando seus pulmões, seus olhos lacrimejando. Mas quando ele pode se sentar, encarou o rosto do homem que o salvou. E então ele esfregou seus olhos e encarou um pouco mais. O homem diante dele vestiu uma armadura, uma espada em seu quadril. Seus olhos azuis eram ferozes, suas características cinzeladas e fortes, seu corpo curiosamente livres dos escombros e sangue que cobriam Dev. O



homem diante dele era um guerreiro. Um campeão divino da justiça, um paladino. E tão de repente, o retrato mudou e o guerreiro se transformou em metade homem, metade animal – um homem com olhos e pele de chita –

– Quem é você? – Dev se ouviu perguntar.

– Ninguém, – o homem disse.

Dev piscou novamente, e por um segundo, o mundo ficou preto. Ele lançou seus braços freneticamente, apavorado e cego. O mesmo homem ficou a vista mais uma vez, vestido de farda, coberto em fuligem preta e calças camufladas. Seus olhos estavam assombrados, mas ele não era mais um guerreiro.

– Eu não sei o que está acontecendo comigo, – ele se lembrou dizer.

– Eu não sei o que está acontecendo comigo, – Dev gritou, despertando a si mesmo.

– Isto não é verdade.

A voz pertencia a Oz, não Ender, o guerreiro que salvou sua vida naquele dia. Levou meses para compreender que sua segunda visão lhe permitia ver a alma dentro de seus operantes especiais, mas parte de seu dom era ser capaz de localizá-los. Para salvá-los. Saber que a pessoa que o resto do mundo via não era a verdade. Então Ender o salvou e agora Dev salvava outros. E Oz também tinha salvado vida de Dev de muitas maneiras para contar.

– Outro pesadelo, Dev?

Ele encontrou sua voz, mas não soou como a sua. – Sim. Eu estou bem agora. Eu estou bem. – Como se dizendo o suficiente, seria verdade. – Eu não preciso de sua ajuda. Nunca precisei, porra, – ele murmurou, sentindo-se desorientado. Ele tentou uma visão remota em seu quarto e Oz, mas nada. Apenas escuridão total, e uma bola formada na cova de seu estômago.

– Dev, respire, certo?

– Eu estou.



— Não, você não está. Merda, seus lábios estão praticamente azuis. Respire, maldição, — Oz comandou, colocou uma mão forte em suas costas nuas onde o edredom deslizou.

— A escrita ainda está lá? Porra, Oz, eu não consigo ver.

— Você não foi capaz de ver por dez anos.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Ele tentou se levantar, mas Oz o pegou, e por um segundo, o segurou apertado. — A escrita se foi? O que isto quer dizer?

— Deixe-me verificar você. Por favor, — Oz disse, e Dev estava muito cansado para discutir mais, deixou as mãos de Oz correr sobre ele. — Não há escrita lá.

Subitamente a mente de Dev relampejou os dois sentados juntos, seu próprio corpo nu curvado sobre o vestido de camiseta e calção de Oz.

— Você é um mentiroso, porra — ele sussurrou, sentindo Oz sorrir contra seu pescoço.

— Pelo menos sua segunda visão está voltando.

— Sim, — ele disse.

— Você não pode continuar assim, — Oz disse, e por uma vez, Dev concordou com ele. — Você precisa me deixar mandar de volta.

Ele queria dizer a Oz que não precisava de sua proteção, sua rotina de morto-vivo, mas ele estava cansado de mentir. Tão malditamento cansado. — Não ainda.

E então Oz falou, sua voz um tom abaixo de pura ira. — Você nunca escuta. Convencido fodido idiota, tomando tudo em si mesmo.

— Olhe quem está falando, — Dev suavemente disse. — O que? Eu fiz o trabalho que você queria?





— Você ainda acredita em que eu queria a ACRO, não é? Você sabe que eu tento não lidar com humanos, Dev. Eu lido com almas. Eu nunca estive interessado em salvar o mundo.

— Talvez porque os mortos são os únicos que podem suportar você, — Dev disse, querendo lançar o golpe mortal. Mas Oz não cedeu uma polegada, e Dev de repente não queria mais participar deste jogo de quem-mais-magoou-quem.

— Os mortos não são os únicos que podem me suportar, — Oz disse em sua orelha. — E isto é provavelmente o que mais mata você.

— Vai se foder, — Dev sussurrou, soando desesperado, até para seus próprios ouvidos. E ele ainda estava nos braços de Oz.

— Eu senti sua falta, — Oz sussurrou de volta, sua voz gentil, acalmando. — Eu não queria, mas porra...

Dev engoliu, forte, mas ele não podia soltar as palavras. Ao invés, ele apenas esticou uma mão para Oz, agarrou forte a frente de sua camisa e esperou que o outro homem soubesse o que ele queria dizer.

— Você precisa me deixar mandar esta coisa embora. Para sempre. Merda, você me prometeu da última vez, Dev.

— Eu sei. Mas eu preciso do fantasma. Você tem que fazê-lo me ajudar.

— O que podia ser tão ruim que você soltou esta coisa novamente? — Oz perguntou.

— Coisas estão acontecendo na ACRO... coisas que eu não consigo explicar.

Oz ficou mudo por um longo momento. — Diga a ele para conversar comigo. Diga que eu compartilharei com você tudo que ele revelar. É o único jeito para descobrir o que ele sabe.

— Eu quero que você fique seguro, — Dev protestou.



— Você precisa parar de se preocupar comigo, — Oz disse a ele, embora cada fibra em Dev estivesse lhe dizendo que Oz não falava sério absolutamente.

Dev se concentrou no fantasma. — Ei, — ele gritou. — Eu estou pronto para negociar. Mas você precisará conversar com o Oz.

Por alguns minutos, nada aconteceu. Então o quarto ficou frio, e Dev sentiu a presença do fantasma como um peso pressionando em cada polegada de pele. A respiração de Oz foi ficando mais rápida, e então ele se sacudiu.

— Oz —

A palma de Oz bateu no peito de Dev como se o prevenindo de ir a qualquer lugar, mas nenhuma preocupação com isto. Ele não iria se mover, não enquanto Oz estivesse sentado próximo a ele, seu corpo tenso, sua pele glacial.

— Ele negociará, mas está exigindo a mesma coisa que queria antes, — Oz rosnou, e Dev sentiu o frio toda a distância até seu coração. Como um adolescente, Oz baniu a coisa antes que ela tivesse uma chance de solicitar qualquer coisa em retorno por informações sobre o passado e o futuro de Dev. Então, quase quatro anos atrás, pediu algo que Dev não podia dar, nem mesmo para encontrar o agente da ACRO. A culpa o consumia, e desta vez, ele não iria recuar.

— Sim, — ele sussurrou, e então mais alto, — Sim. Deixe-o saber que se me der à informação que eu preciso, pode ter meu corpo. Como ele quer.

Dev podia sentir a fúria de Oz, uma onda de energia psíquica explodiu por seu cérebro com suficiente choque para estalar sua cabeça para trás. — Você estará lutando por controle constantemente. Não irá parar em seu corpo. Você estará em uma batalha por sua alma.

— Eu posso lidar com isto, — Dev disse, e Oz amaldiçoou. — Agora descubra o que ele quer me dizer por todos estes anos.

O quarto ficou mais frio, até os dentes de Dev se baterem, e a pressão em seu corpo aumentando, como se ele estivesse afundando no oceano, e então de repente, tudo estava de volta ao normal.

— Jesus, — Oz respirou. — Oh, Cristo.

Dev agarrou a mão de Oz se virou para ele. — O que? O que é?

Oz se empurrado para seus pés, e Dev sentiu a perda como um golpe em suas entranhas. — Dev... apenas, merda.

— Maldito seja, Oz. Diga-me! — Ele nunca tinha ouvido Oz tão abalado, então à beira do que ele podia apenas supor como medo.

— Seu nome é Darius.

— E?

— Dê-me um segundo. — Oz estava compassando. Dev podia ouvir a queda dos passos, podia ouvir Oz correndo suas mãos por seu cabelo freneticamente. — Ele era um sacerdote Druida que trabalhava para o homem que no fim das contas assumiu o comando da Itor.

Dev piscou. Ele não tinha esperado por esta.

Ainda compassando, Oz continuou. — Trinta e seis anos atrás, aquele homem, Alek, torturou Darius até a morte. Foi ruim. Deus, foi ruim. Ele está me mostrando... o sangue, Deus.

Oz estava divagando agora, suas palavras saindo rápido, muito rápido, porque Dev teve uma sensação repugnante de que não queria mais saber.

— Você tinha nascido apenas alguns dias antes, e Darius morreu gritando seu nome, — Oz disse. — Algum tipo de feitiço para localizar você na morte. O fantasma dele encontrou você, tem lhe observado desde que você era um bebê, esperando até você ficar forte. Forte suficiente para se opôr a Itor, ajudá-lo conseguir sua vingança.

— Por que eu?

Oz parou seu compassar na frente de Dev. — Darius acha que você irá querer vingança também.

— Porque Itor matou meus pais?



— Não. Merda. — Oz limpou sua garganta, algo que apenas fazia quando estava nervoso, que não acontecia. Nunca. — A namorada do Alek estava grávida — de oito meses de gravidez, ela ficou consciente. Darius ajudou sua fuga. Ele a trouxe para os Estados Unidos, para as pessoas sobre quem descobriu por canais secretos.

O coração de Dev começou a martelar, e um suor glacial apareceu inesperadamente em sua fronte. — Eu não quero mais ouvir. — Ele fugiu para de trás da cama, mas Oz o pegou pelos ombros e o expôs, seu aperto forte, mas trêmulo.

— Aquelas pessoas, os O'Malleys, adotaram o bebê para mantê-lo seguro, — Oz disse, sua voz severa, tão profunda como se tivesse sido trazida das covas de inferno, e Dev teve que lutar para respirar. — Dev, os O'Malleys criaram você, mas seu pai biológico é o líder da Itor.

O mundo girou e Darius bateu em seu corpo com um vitorioso grito agudo.

— Dev, fique comigo, — Oz ordenou, mas sua voz soou longe. As mãos glaciais do fantasma que ele agora conhecia como Darius tocaram em suas costas e Dev entendeu por que Creed tinha surtado tanto quando este fantasma o tocou.

Era um toque do inferno... sexual e tanto mais. Sugador de alma. — Eu não vou ser fantoche de ninguém, — Dev rosnou, mais para ele mesmo que para Darius, mas o fantasma pareceu entender, agarrando Dev muito mais apertado.

— Bom, isto é bom, — Oz murmurou. — Dev, nós não podemos esperar... Eu sei que você quer mais respostas, mas —

— Nós não vamos achá-las aqui, — Dev disse. — Faça seja o que você tiver que fazer. Eu confio em você.

— Eu vou mandá-lo embora — de vez.

— Sim, — Dev disse, suas mãos nos ombros de Oz para se firmar. — Oz, eu realmente sou... Oh, meu Deus... Itor.

— Limpa sua mente agora. Nós resolveremos tudo isso uma vez que Darius partir.

Mas Dev se ouviu murmurando, repetindo, — Itor, — de novo e de novo, até que Oz o pegou pelos ombros e o agitou forte.

— Maldito seja, Dev, nós não temos preparação a postos para a ACRO se você tiver um colapso. Você precisa ficar comigo... você tem que lutar.

Lute. Sim, Dev podia fazer isto. Exceto sua segunda visão teve enfraquecido para quase nada, sua pele pareceu muito apertada para seu corpo e ele estava frio. — Tão frio, Oz.

Oz o empurrou de volta para a cama, espalhou suas mãos nas costas de Dev, e um calor cauterizando veio de suas palmas que fez Dev silvar. O chão em baixo da cama agitou com uma força que o peso combinado deles não era responsável. Quando uma mão invisível acariciou sua bochecha, ele estremeceu mais forte e lutou contras as mãos de Oz.

— Ele é meu. Você me ouve? Ele é todo meu, porra — Oz disse, sua voz baixa e controlada.

— Oz, por favor, — ele gemeu, porque ele não estava certo que diabo iria acontecer. Ele não soube se ou não Oz era exibição possessiva era só um agir para o espírito, e ele não estava certo que ele se importou se fosse.

A carícia se tornou um bofetão áspero, primeiro em uma bochecha e então na outra. Dev lutou para se erguer de quatro, gemeu quando Oz apertou suas costas mais forte e mais forte, agradecidamente ele desativou sua visão remota porque ele não queria ver isto, não à maneira que seu corpo se curvava para o de Oz ou o modo que os músculos nos ombros de seu antigo amante se flexionavam. As paredes estremeeceram, tetos rangeram e algo mais feroz que o vento e dez vezes mais irritado uivou entre suas orelhas.



— Concentre-se em mim, — Oz disse a ele, mordeu o topo de sua orelha forte o suficiente para trazê-lo de volta a Terra momentaneamente.

Ele não queria voltar, queria esquecer Oz e o espírito e apenas se concentrar em si mesmo por uma vez, perder cada sentido. Mas Oz se recusou a deixá-lo, o cabo-de-guerra pela alma de Dev tão feroz que Dev percebeu que tinha meio desmoronado sobre seus cotovelos, o espírito subindo por sua mente e seu corpo.

— Amo você, Dev. Sempre amei. Eu mantereí você seguro, — Oz murmurou, e Dev soube exatamente como ajudar Oz a se livrar deste espírito que ameaçava tomar tudo dele.

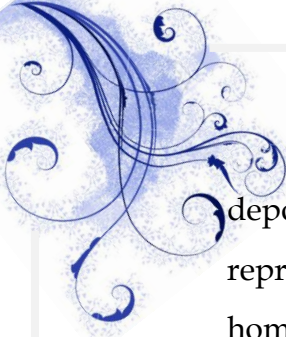
Com um poder incrível que ele não pensou que tinha, Dev empurrou Oz para fora dele e girou para encará-lo. Sua segunda visão ainda estava perdida, mas ele alcançou para agarrar o corpo quente que ele soube estava bem diante dele, puxou Oz e o beijou, longo e forte, até que Oz estava o empurrando de volta para o colchão, sua aura forte o suficiente para lutar com o espírito que Dev sabia que estava assistindo. Oz não se importou,beijou Dev mais forte, em uma briga por toda sua atenção, e Dev cedeu facilmente, deixou a língua de Oz duelar com a sua, o beijo deles parte desculpa, parte promessa. Ele não resistiu quando Oz tirou sua camisa, correu sua língua sobre os mamilos de Dev até Dev gemer.

— Como na primeira vez, — Dev sussurrou. — Faça exatamente como da primeira vez.

Oz riu contra o peito de Dev. — Você estava tremendo então. Tão assustado.

— Eu não estava assustado—eu estava com frio, — Dev ridicularizou, lembrando sua bravata, e o modo como Oz não tinha sido muito gentil, mas assim conseguiu tornar incrível.

Ainda era incrível, e ele gritou isto para Oz quando ele entrou, e então sua respiração parou em sua garganta, e a enormidade do que iria acontecer



depois que eles terminassem aqui o dominou. Dev podia sentir Darius reprimido pelo medo enquanto ele tentava lutar contra a ligação entre os dois homens... podia sentir a última tentativa do espírito em uma briga enquanto percebia que não tinha esperança de lutar contra Oz.

— Não tente usar sua Visão Remota. Apenas imagine, do modo que era,
— Oz comandou.

O pênis de Oz dentro dele pela primeira vez, tão impossivelmente duro que fez a cabeça de Dev girar, colocou lágrimas em seus olhos, e sim, ele estava tremendo, uma mistura de medo e excitação correndo por seu sangue.

— O modo que você se lembra, — Oz disse.

Oz murmurando em sua orelha sobre o quanto gostoso Dev era, quanto ele iria apreciar quando Oz começasse a bombear seus quadris, e, oh, suas costas arquearam para fora da cama quando Oz angulou o pênis para atingir sua próstata repetidas vezes.

— Esta coisa não pode entrar em suas memórias, não importa o quanto tente, — Oz murmurou.

Dev apertou suas pernas ao redor da cintura de Oz e confiou em Oz, do modo que ele fez quando tinha dezessete e gritou o nome de Oz, o primeiro homem a tocá-lo. Ele esteve com muitos desde Oz, muitos para contar depois que eles terminaram aquela primeira vez. Tinha sido ideia do Dev, mas Oz aceitou, por razões que Dev não tinha nem mesmo começado a entender até quase quatro anos atrás, quando Dev fez a horrível, mas necessária escolha de contatar o espírito que eles agora conheciam como Darius.

— Pare de pensar, Devlin, — Oz sussurrou. — Pare de pensar e apenas sinta.

Oz se retirou, totalmente, e Dev se ouviu gemendo em protesto. Em segundos, as pernas de Dev estavam quase nos ombros de Oz, e Oz entrou novamente, primeiro provocou com a cabeça de seu pênis e então com um



empurrão profundo que preencheu Dev de uma maneira que ninguém mais jamais poderia.

— Meu, — Oz rosou ferozmente, e algo tão impressionante quanto rosou de volta, um timbre baixo que enviou uma onda de energia pelo quarto. Não era má. Diferente. E então ele sentiu como se o piso fosse passar direto pelo colchão.

— Deixe-o em paz.

Por agora... não para sempre. A voz muito aguda fez Dev abrir seus olhos, e ele encarou diretamente pelos de Oz. Nenhuma Visão Remota. Apenas pura, maldita seja, clara como o dia que ele voou pela última vez em seu C-130, visão. Ele precisou manter este momento para sempre, o olhar nos olhos de Oz, o modo que seu cabelo escuro se pendurava sobre sua fronte, nem muito longo nem muito curto. Perfeito. Apenas perfeito. Oz deu uma investida poderosa de seus quadris, enviado seu pênis mergulhando forte o suficiente para fazer os olhos de Dev rolarem para a parte de trás de sua cabeça. Exceto que ele se recusou a deixar isto acontecer, manteve seus olhos nos de Oz enquanto eles gozavam simultaneamente, o sêmen quente vinculando os dois homens — quente e complicado — juntos novamente.

Segunda-feira 4A.M. MST

Ender pisou fundo no acelerador a fim de alcançar o LZ. Por seus cálculos, eles estariam longe no ar quando Kira fosse precisar de sexo novamente. O voo para ACRO tomaria entre seis e sete horas, deixando a eles suficiente tempo para desembarcar antes dela precisar ser atendida novamente. Uma vez no chão, ele podia facilmente encontrar algum lugar privado antes de despachá-la para instalação de treinamento. O pensamento de deixá-la fazia sua cabeça doer. Ele culpava o fato de ter jogado seu hambúrguer fora depois de ouvir a história de Kira — mesmo sabendo que precisava de carne real, e rápido,

ele apenas não podia se obrigar a forçá-la goela abaixo. Uma vez que Kira chegasse a ACRO, ele não teria que se preocupar sobre nada disto. Ela seria problema de outra pessoa.

— Você está bem? — Kira estava perguntando, e ele percebeu que tinha chegado ao LZ, estacionou o carro e estava apenas sentando ali encarando o lustroso jato privado.

— Estou ótimo. Vamos.

— Mas você estava com este olhar engraçado em seu rosto. Como se estivesse com dor, — ela persistiu, e estava o tocando novamente. Não era sexual, mas sua mão estava acariciando sua nuca, contudo, como se ela soubesse onde sua dor estava.

Ele parou de discutir, deixou sua cabeça cair para frente, e ela se moveu em seu banco assim podia trabalhar os músculos tensos na nuca dele mais facilmente. Os dedos dela massageavam sua carne habilmente e ela estava murmurando, — Isto ajudará, Tommy, — e embora não estivesse de modo algum perto de tê-la novamente, ele ainda assim teve o desejo de deitá-la no banco e possuí-la, fundo e duro. Ele colocou sua mão sobre a dela e a tirou de sua pele.

— Melhor? — ela perguntou, e não, não estava melhor. E não iria ficar melhor. Não por um longo tempo, e talvez nunca.

— Vamos. — Ele abriu sua porta do carro, agarrado sua bolsa e começou a caminhar em direção ao avião, não se incomodando em ter certeza se ela estava seguindo atrás dele. Ele ignorou o piloto que conhecia apenas como Ben, em favor de empurrar seu equipamento na porta aberta. Ele se preparou para embarcar, porque eles já estavam ligeiramente atrasados, quando ele ouviu o sujeito se antecipando.

— Você fez a coisa certa, concordando em se alistar, — Ben estava dizendo a Kira.

— Eu não tenho certeza que você entenda, — ela começou, mas Ender girou, lançou-lhe um olhar, e ela fechou sua boca rápido.

— Você não achava que eu conseguiria fazer o trabalho? — ele perguntou a Ben, que sorriu e olhou nervosamente entre Ender e Kira.

— Nunca duvidei disto, amigo, — Ben disse.

A mão de Ender disparou, prendendo o piloto ao lado do jato por sua garganta. — Eu não sou seu amigo, porra. — Ele soltou Ben e girou para Kira, que tinha ficado de olhos arregalados. — Entre.

Ele a ajudou a embarcar. Ben já tinha subido e ido para longe de Ender, seguindo para a cabine do piloto, onde sem dúvida trancaria a porta atrás dele. Se Ben sabia o que era bom para ele, deixaria os dois sozinhos pelo resto do voo. Ender podia sentir as perguntas se irradiando de Kira — o ligeiro pânico, a necessidade de escapar. Mas o jato subiu, lustroso e sólido, e não havia volta para qualquer um deles.

Capítulo 17

O vôo foi longo, largamente silencioso, e com a exceção de uma memorável rodada de sexo no corredor, nos assentos, e contra a porta da cabine do piloto, entediante. Tom parecia agitado, e não importasse com que frequência ela perguntasse por que, a resposta sempre tinha sido a mesma: *Não importa*.

Ela foi ficando acostumada aos seus estranhos humores quentes e frios, aqueles que o faziam parecer tão atencioso e gentil, e então no próximo instante distante e gelado. Mas isto era diferente. Ele estava no limite, bravo, e ele a assustou muito quando agarrou o piloto pela garganta e o bateu contra o avião.

Tom era tão previsível quanto um Wolverine irritado. Mesmo agora, enquanto eles saíram do avião na pista da agência que ele chamava de ACRO, ele bufou e mostrou os dentes quando o motorista do Humvee que esperava por eles olhou para ela por um pouco de tempo demais. Parecia como uma coisa estranha para se fazer, considerando o fato que ele estava para entregá-la para o departamento de Treinamento, onde, aparentemente, ter suas necessidades servidas por outra pessoa tinha sido arranjada. O pensamento fez seu peito doer enquanto eles subiam no veículo.

— Tommy... — sua voz oscilou, e ela limpou sua garganta antes de se inclinar para frente para conversar com ele que se sentava na frente. — Nós estamos indo lá agora? Porque você disse que você cuidaria das, uh, coisas, antecipadamente.

— Nós estamos indo para a instalação animal.



— Oh. Bom. — Ele lhe contou tudo sobre isto, e tinha sido a única coisa que esperava ansiosamente ver na ACRO.

Sentando de volta, ela assimilou o complexo, os baixos edifícios cinza, os hangares arredondados...uma velha base militar. Dado o estado dos arredores, ela esperava uma instalação fria e parecida com um laboratório onde os animais eram mantidos—experimentados ou alguma porcária—mas quando o motorista parou no estacionamento de um edifício bonito e moderno completado com esculturas de animais de cimento, ela ofegou. Campos verdes se estendiam além da estrutura, e à direita, uma arena equestre e estábulos que fariam o Budweiser Clydesdales ficar com ciúmes abrangiam alguns acres. Dúzias de cachorros latiam e saltavam excitadamente nos canis à esquerda. Quando ela saiu do SUV, um homem de cabelo escuro e muito bronzeado se aproximou, seus BDUs preto temperado com pelos de animal.

— Oi, — ele disse, estendendo sua mão. — Kira, certo? Eu sou Zach Taylor. Seu supervisor.

Supervisor? Sua suposição estava um pouco prematura, mas ela meramente assentiu e recuou sua mão antes que o contato físico impactasse sua libido. Estava quase nahora de acasalar novamente, e sua necessidade já tinha afetado Zach em pequenas maneiras, se a aparência vítrea em seus olhos era alguma indicação.

Tom colocou um par de óculos de sol e relaxou, um quadril escorado contra o veículo enquanto ela sorria para Zach. — Você tem uma bela instalação.

— É sua também.

— Olhe, você devia saber—

— Vamos continuar com isto, — Tom estalou, se afastando do Humvee. — Ela deveria encontrar seus treinadores em uma hora.

Zach franziu, e por um momento ela jurou que podia ver testosterona pairando pelo ar entre eles. Babs teria enviado a Kira a sensação habitual, que machos eram ididotas.





— Eu realmente gostaria de ver os animais, — ela disse rapidamente, e Zach estalou para fora daquilo, a tomou pelo cotovelo para guiá-la em direção ao edifício.

Ele os guiou em uma excursão da instalação, que era mais impressionante do lado de dentro que no de fora. Metade da parte de trás era dedicada a escritórios médicos, onde a ACRO empregava um veterinário em tempo integral e tinha outro à disposição. Uma boa porção do edifício pertencia às cozinhas que preparavam controladas e saudáveis dietas para as necessidades de cada animal individualmente. E cada tratador de animais possuía habilidades semelhantes à dela, embora pelo que Zach lhe disse, ela era sem dúvida a psíquica de animais mais forte que eles já viram ou até mesmo acreditavam existir.

— Se eu me alistar, eu poderia manter alguns de meus animais aqui? — ela perguntou, enquanto eles caminhavam pelo celeiro imaculado.

— Se? — Zach lançou a Tom um olhar confuso, mas a expressão plana de Tom desencorajava perguntas, e Zach encolheu os ombros. — Eu suponho que podia ser arranjado.

Ela parou para conversar com um dos cavalos, descobriu que o trabalho dele era para carregar forças de segurança ao longo dos perímetros arborizados onde os veículos não podiam ir. E ele estava muito excitado para lhe contar sobre a vez que ele foi inscrito em uma competição de salto europeia.

— Por que este cavalo foi transportado para o estrangeiro?

— Os animais às vezes fornecem disfarces para nossos operantes. Omar era um saltador de classe mundial antes de uma pequena lesão no machinho tirá-lo do circuito profissional. Sua participação em uma competição permitiu que um de nossos agentes conseguisse chegar perto de um diplomata espanhol com um interesse em esportes equestres.

— Então você não treina animais para guerra ou levar bombas em território inimigo ou qualquer coisa, certo?



— Nunca, — Zach disse ferozmente. — Os animais são treinados para trabalhar com humanos, não para eles, e eles sempre sabem os riscos envolvidos em cada missão.

Interessante.

O resto da excursão provou ser interessante da mesma maneira, e todos os animais com quem ela conversou tinham histórias semelhantes. Nos canis, os cachorros praticamente a sufocaram com contos de como eles ajudaram seus humanos, de como os humanos brincavam com eles, os levavam para casa, davam-lhe os melhores tratamentos.

Tinha que ter uma pegadinha.

— Você está se perguntando se há uma pegadinha, — Zach disse suavemente, enquanto ele se abaixava próximo a ela onde estava coçando a orelha de uma fofa mistura de malamute.

— Você pode ler pessoas também?

Ele sorriu, e a respiração dela prendeu. O homem era devastadoramente bonito, de um modo menos áspero que Tom, que era algumas jardas de distância, lançando uma bola a um border collie.

— Eu só posso ler animais, mas eu tive as mesmas preocupações quando cheguei aqui. ACRO tem sido boa para mim. Para todos nós. Dev até mesmo prometeu que se o pequeno bar que nós temos no complexo um dia começar a servir comida, será vegetariana.

Ela sorriu a isto, aquecendo por dentro, porque de repente, estava entre pessoas como ela. Com a exceção de Marcia, Kira jamais se relacionou bem com humanos, nem eles com ela. E até Tom, ela nunca soube como era *estar* com alguém. Alguém que soubesse o que ela era e não se importava. Este lugar não podia ser real, e se fosse, tinha que ter um lado negro.

— Kira? — A mão de Zach correu em lentas e calmantes carícias de cima abaixo em sua espinha. — Você está bem? Você parece um pouco distante.



— É muito para assimilar. — A dor familiar começou a pulsar fundo em sua pélvis, e ela exalou devagar. Ela precisava de Tommy.

Os músculos da coxa estremeceram como se preparando apertar Tom entre elas, ela começou a se levantar, mas a palma de Zach queimava em suas costas, segurando-a no lugar. Seu olhar bateu no dele, na luxúria descarada que queimava em seus olhos marrom dourado. Olhos de lince, como os de Rafi. E maldição, ela sentia falta de seus bebês.

— É verdade, não é? Seu cio.

Ela assentiu, porque negar parecia sem sentido. Sem dúvida Tom tinha reportado tudo para estas pessoas. Então novamente, eles sabiam muito sobre ela até mesmo antes de Tom passar por sua vida.

— Quando...

— Agora, — ela gritou, e se agitou, mas novamente, ele a segurou. Ela tremeu em baixo das carícias sensuais de seus dedos enquanto eles faziam seu caminho para sua bochecha. Ela precisava de Tom.

Exceto, que não seria ele a servindo agora. Talvez ela devesse tomar outra pessoa. Usar esta oportunidade para forçar a separação entre ela e Tom que viria a qualquer momento de qualquer maneira. Pelo menos desta maneira seria sua escolha. Suas condições.

— Deus, você é linda, — Zach sussurrou, e ela ruborizou e se virou porque sabia que ele não queria dizer isto. Seu feromônios transformou o cérebro dele em mingau.

Seu próprio cérebro estava rapidamente ficando confuso, e seu corpo veio à vida com uma coceira terrível. Uma sensação ardente e corrosiva consumiu seus interiores até que parecia como se apenas o aperto de sua pele manteve tudo dentro. Ela estava estirada, e por todos os direitos devia se lançar sobre o macho a tocando, aquele que a queria mesmo que apenas porque seu cio o influenciava. Mas tão desesperada quanto ela estava por uma solução, ela





almejava as atenções de outro homem, com uma ferocidade que machucava. De repente, ela se encontrou de pé e arrastada contra um duro tórax. *Tommy.*

Alívio a inundou. A explosão de palavras severas entre Tom e Zach não se registrou; Ela estava muito ocupada roçando seu rosto no ombro de Tom, seu braço, seu peito. Ela queria seu aroma por toda parte dela, queria seu aroma nele assim ele não poderia tão facilmente sair de sua vida. Suas mãos deslizaram sob a camiseta dele por sua própria iniciativa, e se ele não encontrasse algum lugar privado, ela iria possuí-lo ali mesmo.

— Por favor, Tommy, — ela murmurou, e ele a envolveu. Duvidou, entretanto, que ele soubesse pelo que ela estava implorando. Não era por sexo.

Era por ele.

Eles precisavam de privacidade e rápido.

Kira estava se esfregando contra ele como um dos grandes gatos que ela tanto gostava, e ele não precisava que ela o derrubasse no chão e o tomasse na frente de Zach e o resto do pessoal. Porque, Cristo, ele não teve suficiente proteína e provavelmente seria malditamente ineficaz em tentar impedi-la e tudo isso já era embaraçoso o suficiente.

Embaraçoso, mas quente.

— Mantenha suas fodidas patas longe dela, — ele disse a Zach, que apenas levantou suas mãos e se afastou lentamente.

Todo o corpo de Ender ficou tenso, com raiva e desejo enquanto Kira continuava a usar seu corpo para dar a ele uma grande carícia — marcando-o inúmeras vezes, e Deus, ele podia cheirar seus feromônios subindo. E embora Zach tivesse se afastado, ele ainda podia ver a cobiça por Kira nos olhos do homem. O que não o deixou nem um pouco feliz.

Com um rosnado final para Zach, ele agarrou Kira em torno da cintura e começou a caminhar. O banheiro era o lugar mais próximo. Ela já estava envolvida ao redor dele, braços e pernas mantendo-a firmemente no lugar, e ele se perguntou como seria fazer o primeiro movimento com ela. Não que ele





precisasse se preocupar mais sobre isto. Ele fechou a porta do banheiro com um chute atrás deles, não teve tempo para fechá-la antes de Kira estar arrastando freneticamente seu zíper.

— Kira, está tudo bem — eu estou aqui. Agente firme. — Ele a se sentou na borda da pia enquanto abaixava os BDUs dela. Ambos desistiram das roupas íntimas horas atrás.

— Por favor, se apresse, — ela sussurrou enquanto deslizava sua camisa sobre sua cabeça e ele desabotoava seu próprio BDUs e os deixava cair ao redor de seus tornozelos. Os mamilos dela já estavam tensos, uma profunda cor de rosa que o fez ficar com a água na boca, e ele colocou sua boca em um, então no outro, rolando os brotos duros em sua boca. Ela gemeu acima dele e ele chupou mais forte, sabendo que eles não tinham tempo para isto. Mas ele amava fazê-la gemer.

Ele esperou ouvi-la chamá-lo de *Tommy*. Quando ela não o fez, uma vaga sensação de decepção passou por ele, uma que ele não pode afastar enquanto a entrava rápido e forte o suficiente para fazê-lo esquecer seu próprio maldito nome. Prazer destruiu seu corpo, suas pernas estremeceram enquanto seu pênis dançava em seu calor e ela ainda estava tão apertada, tão bizarramente perfeito, que ele viu estrelas.

Ela arranhou suas costas por sua camisa como se estivesse tentando ter certeza que não existia uma onça de espaço entre eles enquanto investia seus quadris contra os dele. Ele ouviu sua camisa rasgar, e arrancou o que restou dela sobre sua cabeça.

— Mmmmm, pele com pele, — ela murmurou. — Amo esta sensação.

Sim, ele também, mas ainda assim, sem *Tommy*, maldição.

Ele segurou firme nos quadris dela assim podia conseguir um ângulo melhor para investir, observou enquanto ela começava a perder o controle. A pia rangia do esforço, o espelho na parede tremeu e ele não dava à mínima se o lugar inteiro viesse abaixo.





Ela lançou sua cabeça para trás, sua boca abriu silenciosamente quando seu orgasmo a atingiu.

Ele gozou em jatos curtos e quentes, enquanto o sexo dela contraía ao redor dele, como se exigindo cada última gota. Seus joelhos estavam fracos e ele se perguntou se teria tempo para comer algo antes dele a levar para conhecer o resto do time da ACRO.

Ele precisou de carne, mas depois do que ela lhe disse, ele não estava certo se poderia digerir bem.

Ela ainda estava se aninhando em seu pescoço—ele podia jurar que ela realmente estava lhe dando pequenas lambidas com sua língua, e era uma sensação boa. Mas ele se afastou de qualquer maneira.

— Por que você não disse meu nome? — ele perguntou, antes que pudesse se impedir. Porra.

— Sobre o que você está falando?

— É apenas que...você sempre diz meu nome quando goza.

Ela piscou, e era óbvio que ainda estava em seu estado pós-orgástico. E então ela sorriu para ele. — Eu estava tentando ficar quieta. Quero dizer, você trabalha aqui—eu não achei que você queria ter pessoas falando sobre a vez que havia uma mulher gritando seu nome no banheiro.

Ele assentiu, como se não importasse. Ele se curvou para recuperar as partes de baixo e camiseta dela, os entregou para ela antes de abotoar suas próprias calças. — Apresse-se e vestia-se. Nós estamos atrasados.

— O que é isto, Tommy? — ela perguntou, e porra—*agora* ela tinha que dizer seu nome?

— Fim da linha, — ele disse. Ele se virou enquanto ela se lavava, verificado seu relógio e se forçou a não reajustar o alarme que preparou para a cada quatro horas.

Outra pessoa teria que ajustar seu alarme para Kira agora.

Capítulo 18

Com os olhos semicerrados na brilhante luz solar matutina, Kira agarrou o cotovelo de Tom e o puxou para uma parada quando eles saíram dos canis de cachorro. — A que distância é isto?

— Do outro lado do parque. — Ele gesticulou do outro lado da rua para uma grande expansão de grama e flores pontilhadas com mesas de piquenique. — Nós estaremos lá em um minuto.

Pelas árvores dispersas em torno do parque, ela podia ver edifícios, todos pertos demais, e seu estômago afundou.

— Nós podemos tomar o caminho mais longo? — Sua pausa longa a levou a adicionar um quieto — Por favor?

Várias batidas de coração agonizantes mais tarde, ele cedeu com um vivo aceno de cabeça. Eles cruzaram a rua e caminharam em silêncio ao longo de uma trilha que parecia circular o parque. Uma meia dúzia de pessoas os saudou de passagem, alguns nos negros uniformes de estilo militar, outros em roupa de civis e distintivos da ACRO, e nenhum deu a ela mais que um olhar curioso. Ela não sabia o que esperar, mas pessoas normais, aparentemente alegres que não eram.

— Os empregados da ACRO usam muito o parque?

— O departamento de MBR atribuiu muitas funções aqui. Piqueniques, concertos... não meu tipo de coisa, mas todo o resto parece se divertir.

— MBR?

— Moral, Bem-estar e Recreação. Eu acho que tem tudo de uma pessoa naquele departamento.

— Então você nunca frequenta?



— Não.

— Você algum dia socializa com estas pessoas?

— Não.

Ela supôs que ele mantinha uma existência solitária, mas imaginou que ele pelo menos andava com as pessoas que o entendiam. Nossa, isto parecia como uma das maiores vantagens de trabalhar em um lugar como este. Ela passou toda sua vida assistindo o mundo se divertir enquanto ela se matinha em segundo plano com medo de se machucar.

— Então acho que eu não verei você na festa de Natal da companhia, huh?

— Isto significa que você decidiu se alistar?

— Nem mesmo perto. — Ela parou para cheirar algumas flores purpúreas crescendo ao longo da trilha. — Era uma piada, Sr. Falador.

Ele continuou caminhando como se não a tivesse ouvido. Seu humor estranho a aborrecia. Ele estava tão chateado sobre deixá-la quanto ela estava sobre deixá-lo? *É, claro.* Sem dúvida ele estaria empolgado em ter sua vida para si mesmo novamente, não ter que lhe servir de babá e cuidar de suas necessidades a cada quatro horas. Ela, por outro lado, sentiria falta de como ele cuidava dela. Como ele cheirou a pele aquecida pelo sol e grama, como seu olhar esquentava quando olhava em direção a ela. Sentiria falta do modo como ele agia todo bruto e grosseiro, mas tomaria o tempo para coçar um gato atrás das orelhas. Acima de tudo, entretanto, ela sentiria falta do modo como ele a fazia se sentir quando estava dentro dela, como se ela fosse a pessoa mais importante em sua vida, se apenas por alguns momentos.

Eles viraram uma curva, e quando eles emergiram por detrás um pequeno grupo de árvores e arbustos, ela sorriu à vista de um terraço com vista para uma lagoa do tamanho de um campo de futebol.

— Patos!





Ela ignorou o suspiro tolerante de Tom e se apresou para a beira da água. Ondas minúsculas batiam em suas botas rosa enquanto ela alcançava mentalmente para os patos reais. A satisfação deles se envolveu ao redor dela, diminuindo sua ansiedade sobre a instalação. Reconhecidamente, patos eram muito felizes desde que tivessem comida, água e liberdade, mas aqui ninguém os caçava, eles não se preocupavam sobre predadores e tinham mais que suficientes pessoas os alimentando de crostas de pão regularmente.

— Você está protelando.

A voz de Tom quebrou sua paz interior, deixando seu estômago em tumulto mais uma vez. — Eu acho que estou. — Ela olhou para ele, esperando que ele visse o que ela não queria admitir, e a puxasse em seus braços. Quando ele não o fez, ela sussurrou, — eu estou assustada.

— Não há nada para temer.

Sim, ele tinha dito o mesmo centenas de vezes, mas não era ele quem estava enfrentando Deus-sabe-o que. — Eu não confio neles.

— E eles não confiam em você. — Ele enfiou as mãos em seus bolsos e olhou sobre a lagoa, seu perfil bonito e angular entregando nenhum de seus pensamentos. — Eles não vão torturar você, ou lhe cortar para ver como você funciona. Eu não mentirei para você, entretanto. Eles lhe levaram ao limite. Passar do seu ponto de ruptura. Eles querem saber do que você é capaz, e a meta deles é desenvolver seu dom tanto quanto puder. Mas você será bem tratada.

— Ótimo.

Ele começou a caminhar novamente, e ela em seguida, notou que o passo dele diminuiu a velocidade quando se aproximaram de um prédio de tijolinhos adiante. Seu intestino rodou, e uma onda de vertigem correu por ela quando ele alcançou a maçaneta.

— Tom...

— Está tudo bem. Vamos.



Eles entraram em algum tipo de pequeno salão de entrada, e imediatamente, a brisa do ar condicionado aliviou um pouco de sua náusea, mas não fez nada para seus nervos. Seus joelhos tremiam, seus dentes batiam e sua boca tinha ficado tão seca que ela mal podia engolir.

Dois homens em BDUs pretos entraram na sala de um corredor lateral que vinha de baixo. Enquanto eles se aproximavam, ela se inclinou para mais perto de Tom, tão perto que podia cheirar seu aroma na pele dele.

— Você deve ser a Kira. — O distintivo do locutor o identificava como um treinador chamado Brad.

Tom avançou, para se afastar dela ou intimidar os outros homens com sua altura maior, ela não sabia. — Eu falei com o supervisor de treinamento. Ela devia ter treinadoras. Não é uma boa ideia ter homens próximos dela agora mesmo.

Não era uma boa ideia absolutamente, como evidenciada pelo fato que seus feromônios já estavam afetando os dois treinadores. A estimulação deles penetrou o ar, e ela não precisou olhar para saber que eles ostentavam ereções.

— Nós estamos aqui apenas para ajudar Kira a se adaptar e iniciar um pouco da papelada. Janice e Annika estão a caminho.

— Annika? Porra.

— Isto é ruim? — Kira lançava olhares apavorados a Tom e os treinadores.

— Tom?

Ele não tirou seus olhos de Brad, como se o outro homem fosse responsável por seja o que irritou Tom. — Annika pode farejar fraqueza a uma milha de distância. Não a deixe sentir o seu.

— Nós podemos assumir daqui, Ender. — O sorriso do Brad devia provavelmente acalmá-la, mas só a fez uma vez mais se aproximar de Tom — ou Ender, como Brad o chamou. — Quando vocês tiveram relações pela última vez?



O único som que saiu de sua boca foi um guincho estrangulado.

Tom angulou seu corpo apenas o suficiente para esconder o rosto dela, e ela podia beijá-lo por isto. — Meia hora atrás. Vocês têm mais ou menos três horas e meia. Não ultrapassem.

— Com todo devido respeito, este é nosso campo. Nós temos tudo sob controle.

— Ela morrerá se não conseguir o que precisa, — Tom estalou. — Você sabe disto, certo? Você organizou tudo?

— Reunir voluntários não foi difícil. Nós temos três doadores a postos.

Doadores? Como doadores de esperma? O outro treinador, James, provavelmente pensou que seu anúncio a reassegurou, mas fez o oposto. Pânico alcançou como um punho e apertou até que ela mal podia respirar.

— Não. — Ela tropeçou para trás. — Não. Eu não posso fazer isto.

Tom levantou sua mão para impedir os treinadores de vir atrás dela. — Dê a nós um minuto. — Ele a levou pelo cotovelo e a levou a uma cadeira em um canto, mas ela não se sentou. — Você disse que daria uma chance.

— Eu mudei de ideia. Eu não posso. — Ele estava tão perto, e seria tão fácil subir nele, envolver-se ao seu redor e se segurar para sempre. Ou pelo menos até sua febre terminar. — Leve-me com você. Só até que meu cio esteja terminado.

— Kira —

— Por favor. — Ela pegou sua mão e segurou tão apertado que ele estremeceu. — Você é o único homem que já conheceu a verdade sobre mim. Você não me julga. Você me manteve segura e viva. — Lágrimas brotaram em seus olhos, e ela piscou para segurá-las. — Ninguém jamais aceitou quem eu sou como você o fez. Eu finalmente tenho alguém a quem não tenho que mentir e me esconder. Eu estou assustada e sozinha e tudo que eu tenho no mundo

inteiro é esta mochila e você. — Ela respirou fundo, tentando livrar sua voz dos tremores. — Tommy, não me faça implorar.

Por um momento, ela pensou que o tinha atingido. Ele ficou ali, sua garganta trabalhando em uma tragada, seu olhar suave e simpaticamente. Ele fechou seus olhos, e a pulsação dela batendo loucamente à medida que ela esperava, mas quando ela o sentiu endurecer, seu coração apertou.

Os olhos dele se abriram, e seu coração submergiu para a cova de seu estômago. O homem que a protegeu, a segurou ternamente, a escutou como se ela importasse tinha partido. Em seu lugar estava o profissional e eficiente agente que matou Derek e caçou caras maus no bosque. Os olhos deste Tom eram gelo, sua expressão dura, e ela soube em um momento que o homem em pé diante dela era capaz de coisas que ela não podia nem mesmo compreender.

— Você não entende, não é, Kira? Você não é mais problema meu. No segundo que você cruzou a soleira deste edifício, você se tornou problema deles, graças a Deus.

— Mas... — Problema? Ela não tinha ideia como terminar a sentença que começou. O choque roubou seus pensamentos.

Ele soltou sua mão e girou para longe, pondo uma milha de distância no piso de noventa centímetros. — Eu não tenho tempo para isto. Eu tenho outros trabalhos esperando.

— Outros *trabalhos*. — Saber que ela tem sido nada além de uma tarefa era uma coisa; Ouvir isto em suas próprias palavras era outra. Dor se lançou por ela, e ela quase se dobrou com a mágoa que queimou seus interiores. — Mais pessoas para matar e outras mulheres para transar, está certo?

— O que for preciso para completar uma missão. — Ele gesticulou para os dois homens que pararam de fingir conversar e agora assistiam atentamente. — Vá. É o melhor para todo mundo.

Maldito seja. O ar ficou mais espesso e parado enquanto Tom e os treinadores esperavam por sua reação. Ela não tinha ideia do que qualquer um





deles faria se ela lhes dissesse para ir para o inferno e então correr porta afora, mas ela supôs que eles não a deixariam chegar longe. Tom a advertiu que uma vez que colocasse um pé na propriedade da ACRO, ela não teria permissão para partir até que seu treinamento estivesse completado, ela se alistando no fim ou não. Ela olhou para ele, procurou por até mesmo uma alusão do Tommy por quem se apaixonou, mas ele se foi. O estranho diante dela assumiu o comando, e aquele bastardo não a veria chorar ou implorar novamente. Erguendo seu queixo e enquadrando seus ombros, ela se virou. Os treinadores a flanquearam e a guiaram abaixo do corredor descente. Uma estranha sensação de atração a arrastava, como uma corda invisível estirado entre ela e Tom, e enquanto a distância entre eles aumentava, mais desconfortável o puxar se tornava. O homem de pé no salão de entrada não poderia ser seu Tommy, poderia ser o assassino frio que as pessoas aqui chamavam de Ender, mas seu corpo não sabia a diferença, e o queria de volta.

Nada assim jamais tinha acontecido antes, mas ela não tinha tempo para se demorar. Brad e James a estavam levando para o subterrâneo e para um mundo que a assustava para valer. O olhar de Tom queimava suas costas, e ela se perguntou se ele observaria até ela desaparecer, o que poderia ser muito tempo. O corredor continuou para sempre, as lisas paredes lisas violadas por portas de metal com janelas minúsculas. Ela espiou em uma e imediatamente desejou que não tivesse. Os quartos eram câmaras. Cheia de mobília, decorações, mas ainda assim muito limitadas para seu conforto. Muito limitadas e muito confinadoras.

Celas.

— Isto é — Ela tragou e tentou novamente. — Isto é uma prisão?

Brad agitou sua cabeça. — A prisão é um nível abaixo. Estes são os alojamentos dos recrutas.

— Nós estamos livres para vir e ir?

James bateu em uma das portas em seu caminho e então acenou para o homem lendo um livro do lado de dentro. — Nós explicaremos tudo uma vez que a colocarmos em seu quarto.



— Não. — Ela parou no meio do corredor e cruzou seus braços sobre o peito. — Você me dirá agora.

— Kira, — Brad começou em uma voz calmante, baixa, — não vamos tornar isto difícil.

— Vocês que estão sendo difíceis. — Ela recuou no corredor e eles se moveram em direção a ela como gatos perseguidores. — Eu só quero saber se vocês vão me manter trancada. Eu não posso ficar trancada. Eu preciso —

— Nós passamos por isso. Nós temos todos os ângulos cobertos.

Idiotas. — E se você esquecer? Ou decidir me castigar mantendo seus malditos *doadores* afastados? Ou e se algum idiota quer saber quanto tempo eu posso aguentar antes de ser tarde demais?

James lança um olhar apressado a Brad, e ela soube que tinha acertado em cheio. Eles planejavam testar seus limites. Tom lhe contou tanto, mas agora era real...

Ela girava ao redor. Três passos mais tarde, James segurou seu braço e a empurrou ao redor. Ela balançou. Atingiu-o rapidamente na mandíbula. Ele caiu para trás contra a parede, mas então Brad estava bloqueando sua fuga, e seus pés não se moveriam. Nada se moveria. Seus braços estavam fixos a seus lados. Como eles estavam fazendo isto?

— Kira, você precisa se acalmar. Nós não vamos machucar você. Nós lhe manteremos segura e servida. — Brad retirou uma agulha hipodérmica de seu bolso da camisa e a desencapou.

— Deixe-me ir, — ela gritou, porque agora era tarde demais para se acalmar. Imagens da cela de prisão continuaram relampejando em seu cérebro, transformando os treinadores em tiras que queriam usá-la repetidas vezes.

Terror rasgou por ela até que tremia por ele. Rápidas e ofegantes respirações não forneciam suficiente ar, e sua cabeça foi ficando mais leve. Um grito brotou em sua garganta, e ela o soltou, apenas para conseguir mais oxigênio.





— Deixe-a ir, porra. — A voz de Tom, um grunhido profundo e gutural, perfurou seu grito e pânico. Quando ele tinha surgido atrás de Brad?

Ela ouviu passos correndo, soube que pessoas estavam a caminho.

— Ender, nós não podemos. Você sabe disto.

— Eu sei que vocês estavam planejando fazê-la sofrer, seu filho da puta. — A próxima coisa que ela soube, Tom era um borrão e Brad estava contra a parede, o antebraço de Tom através de sua garganta. — Vá, Kira.

Libertada das amarras invisíveis, ela correu corredor acima, ofegado quando Tom agarrou sua mão e a arrastou para o salão de entrada.

— Merda, — ele murmurou. — Merda. Eu estou tão encrencado, porra.

— Tommy —

— Não. Apenas corra.

Eles correram para o estacionamento, e uma vez que estavam seguramente dentro do Mustang GT500 vintage de Tom, ele saiu do estacionamento e pelo portão. Tom verificou seu espelho retrovisor várias vezes antes dele bater seu punho no volante tão forte que ela ouviu algo rachar.

— Maldição! — Ele xingou algumas vezes mais, e então olhou para ela. — Isto é apenas até que sua febre esteja terminada. E então eu a estarei levando de volta para lá, amarrada e sobre meu ombro se eu precisar. Você entende?

— Sim, — ela disse, seus dentes ainda batendo. — Obrigado, Tommy.

Ele empurrou os óculos de sol sobre seus olhos. — Não me agradeça. Não ouse me agradecer.

Noventa milhas por hora na estrada de terra que levava a casa dele não fez nada para conter a raiva de Ender. Fervia em suas veias, fervilhava em seus pensamentos, e novamente ele estrangulou o volante. Ele não podia nem mesmo olhar para Kira, e ela não estava falando qualquer coisa também. O que era bom, porque ele mal podia refletir sobre o rugir em seu próprio cérebro.





Ela entrou em pânico. Ele entendeu por que, não queria nem mesmo pensar novamente sobre que aconteceu a Kira na cela de prisão, e não tinha sido capaz de *parar* de pensar sobre isto. Ele fodidamente entrou em pânico também quando percebeu como eles testariam seus limites —fazendo-a ficar sem sexo por tanto tempo quanto ela pudesse aguentar. Porra.

Inerentemente, não havia nada errado com o treinamento e métodos de experimentação que eles têm planejado usar em Kira, com ver apenas o quanto alguém podia ser forçado. Isto era o que o exército—e então a ACRO—o ensinaram. Era sobre conhecer seus limites, aprendendo a lidar com eles no caso de captura. Não importava se ele entendia ou não os porquês da situação —o pânico dela foi o suficiente para mandá-lo em uma ira incandescente, seu modo-proteção ativado com força total. Eles não a viram no rio, quando ela ficou sem por tempo demais. E ele não tinha o tempo ou a paciência para explicar isto a eles. Ao invés, ele fez o que tem feito por dias agora —a manteve fora do caminho do perigo.

— Tommy...

— O que? — ele latiu, e Kira apenas apontou para seu telefone tocando. — Merda. — Ele usou um dedo para abrir o telefone, apenas para latir, — O que? — no receptor.

— O que você está fazendo, porra?

— Não comece comigo, SEAL.

Remy o ignorou. — Cristo, Ender, você quase matou dois treinadores. É melhor você arrastar seu traseiro para cá.

— Eu não preciso de você para me dizer o que fazer, — ele rosnou.

— Mas você escutará a mim, — a voz de Dev soou no outro lado da linha. Ender inspirou uma respiração profunda e fechou o telefone enquanto parava em sua calçada.



— Vamos. — Ele saiu do carro e andou a passos largos para sua casa e ela o seguiu para o lado de dentro. Ele se virou para ela de repente. — Eles machucaram você?

— O que? Não, eles não fizeram —

— Você tem certeza?

Ela inclinou sua cabeça e olhou para ele e ele teve um desejo súbito de se cobrir. Ele teve que verificar para ter certeza que estava completamente vestido, e então percebeu que ela estava vendo diretamente através dele. E por um alguma razão, ela gostou do que viu. Ele a levantou pela cintura e a levou para o quarto e então a cama. Por seus cálculos, ela tinha mais três horas até que precisasse de seu próximo acasalamento. Ele tinha tudo planejado antes disto. Mas por agora, ele agarrou seus braços antes que ela pudesse resistir e os prendeu na cabeceira com as algemas de pulso de couro que ele normalmente reservava para brincar.

— Tommy, você não pode fazer isto.

— Eu não a deixarei por muito tempo. Eu tenho que voltar para ACRO e lidar com esta bagunça que você criou.

— Eu *criei*? — Ela começou a lutar e ele reconheceu o pânico subindo e descendo em seu peito. Ele empurrou o telefone ao alcance e escreveu o número de seu celular.

— Eu voltarei antes de você precisar de mim.

— Eu não entendo isto. Ou você. Você se importa o suficiente comigo para me tirar daquele lugar e então você faz algo como isto.

E exatamente isto foi o suficiente para lhe dar aquele empurrão final sobre o limite da sanidade. — Você não entende? Eu não me importo com você, Kira. Eu não posso me importar com você.

— Certo. Eu sou apenas um trabalho. Você deixou perfeitamente claro, — ela disse. E então ela girou sua cabeça para longe dele, reuniu tanta dignidade

quanto podia, e ele se forçou para fora da porta sem um olhar para trás na direção dela.

Capítulo 19

Dev mandou Remy embora, porque ele sabia o próximo movimento de Ender. Ender entraria e tomaria sua reprimenda como um homem, rosnaria e então tentaria matar mais algumas pessoas na saída. Dev não estava certo por que isto o fazia sorrir, mas fazia. Ele se preparou para a visita de Ender – tinha que ser cuidadoso para não revelar que sua visão estava completamente restabelecida. Ele e Oz tinham decidido assim, até o informante ser pego, era melhor deixar todo mundo pensar que os negócios estavam como sempre na ACRO. Que significava nenhuma visão para Dev. Ele tinha esperado que seus outros sentidos fossem diminuir, que algumas percepções sensoriais não pareceriam tão intensificadas quanto uma vez estiveram. Mas o oposto parecia ser verdadeiro. E quando aquele filho da puta explodiu em seu escritório sem bater, Dev sentiu algo que ele nunca, jamais obteve de Ender.

Medo.

– Você está de volta, – Dev disse, e só porque Ender estava em dor não significava que Dev aliviaria para ele. E aquela dor era até mais aparente agora que Dev podia ver o homem em completo Technicolor e não as visões mudas de sua Visão Remota.

– Sim. – Ender estava de pé diante dele desafiadoramente, seus olhos ardentes com uma raiva que não escondia a preocupação. Pelo menos não bem o suficiente.

– Eu ouvi que você está se recusando a devolver sua aquisição. Eu ouvi que você não tem seguido uma maldita ordem que lhe dei. Eu ouvi que a comunicante de animal nem mesmo concordou em se alistar. O que significa que ela devia estar morta.

– Seu nome é Kira. E ela se alistará.



Dev assentiu, lentamente. Aconteceu exatamente do modo que ele imaginou. — Você não pode estar certo disto.

— Ela não pode estar certa de qualquer coisa até que seu cio esteja terminado, Dev. Ela precisa de sexo a cada quatro horas.

— Nós temos homens que podem servi-la seguramente. Humanamente. Ninguém vai machucá-la aqui. Traga-a.

— Eu não farei isto.

— Você não tem escolha; Eu estou lhe dando uma ordem. Ela ainda está vulnerável, ainda que esteja com você. Eles estão atrás dela.

— Ela não quer outros homens. Ela me escolheu.

— O que você quer dizer, com ela escolheu você?

— Eu não sei — algo sobre escolher um companheiro quando ela está em seu cio, — Ender disse.

Dev girou e caminhou em direção a sua escrivaninha, focando na mente de Kira enquanto fazia isso. Ele conseguiu uma passageira imagem mental de Kira em uma cama com um acolchoado cinza escuro, viu restrições em seus pulsos e, apesar disto, sentiu os pensamentos de Kira sobre Ender. Esta foi a primeira vez que ela já escolheu um companheiro. Normalmente, ela precisava de vários. Embora ela estivesse irritada como o inferno com nele no momento, ela o amava. E isso era suficiente para suavizar Dev. Para o momento.

— Certo. Você pode continuar a ser companheiro dela, Ender. Mas você o fará aqui. Assim nós podemos observá-la e compreender o melhor caminho para aliviar sua transição.

Quando Ender finalmente falou novamente, sua voz estava quieta, mas firme. — Eu não farei isto, Dev. Você tem alguma ideia do que eles estavam planejando fazer com ela na instalação de treinamento? Eu a manterei segura até que seu ciclo de cio esteja terminado e então a trarei.

— E supondo que seja tarde demais até lá? Ela é perigosa e você sabe isto.





— Tão perigoso quanto Remy era, mas você não pensou sobre derrubá-lo a menos que não houvesse nenhuma outra escolha. Por que você está tão apressado em apagar Kira?

— Remy teve treinamento militar e um poder que apenas ele podia controlar. Levaria tempo para um inimigo corrompê-lo, conseguir que trabalhasse para eles, se eles pudessem fazer isto de alguma maneira. — Dev correu seus dedos por seu cabelo, odiou ouvir Ender chamá-la pelo nome. — Nas mãos erradas—ou até nas certas—a comunicante de animais é potencialmente uma arma biológica de destruição em massa. Itor não precisaria de seu consentimento para usá-la, eles apenas precisam de seu corpo. Você sabe disto tão bem quanto eu. Diga-me, se ela se recusar a se alistar, você será capaz de matá-la?

— Não será a primeira vez que eu tive que foder uma mulher e então matá-la. Tudo parte do trabalho, certo, Dev?

— Você não respondeu minha pergunta.

— É algo que você não devia ter perguntado. E por que seus pesadelos estão de volta? — Ender perguntou.

— Eu podia lhe fazer a mesma pergunta, — ele disse, ouviu o inalar afiado da respiração de Ender e viu um homem que afirmava não chamar ninguém de amigo com suas mãos enfiadas nos bolsos de sua calça jeans fingindo não dar à mínima. — Você ainda me menospreza. Só porque eu não posso entrar em sua mente não significa que Kira não está totalmente aberta para mim. Ela está preocupada com você.

Ender ficou silencioso por um longo minuto, e então sua tensão, sua realização encheu o quarto. — Isto é sobre o Oz, não é? Você sempre fica com os pesadelos quando ele volta em sua vida. Eu matarei o filho da puta.

— Você terminará sua própria maldita tarefa, pare de mentir para mim e descubra uma maneira de trazer Kira para a ACRO. Será a única maneira para quebrar este laço que você formou com ela.





Kira estava onde ele havia a deixado. Ender notou que seus olhos estavam ligeiramente vermelhados, como se ela estivesse chorando. Agora tudo que ele viu era raiva em seus olhos, e toda dirigida a ele.

— Eu resolvi tudo com o Dev, — ele disse. — Você pode ficar aqui comigo até que seu cio esteja terminado.

— Você vai me manter amarrada o tempo inteiro?

— Se eu precisar.

— Otário.

— Você não tem o direito de estar irritada comigo, Kira, — ele disse. Sinos de advertência saltaram dentro de seu crânio e ele soube que ainda estava patinando na maldita extremidade. Dev sabia disto também.

— Você não me possui, Tom Knight. Você não pode me dizer que direitos eu tenho. Então. Deixe. Me. Ir. E quem sabe, talvez eu acharei outra pessoa para me ajudar pelo resto de meu cio.

Ela não queria dizer isto—ele sabia, mas ainda assim cortou diretamente por ele ouvi-la dizer isto.

— Assim você quer outra pessoa, então? — Ele perguntou.

— Sim. Qualquer um menos você. — Ela agitou suas mãos amarradas. — E isto mata você, não é?

— Continue falando assim, Kira, e eu juro que a colocarei sobre meu joelho.

Ela bufou, como se não acreditasse nele. E por mais que ele quisesse mantê-la amarrada, não lidar com isto, ele se lembrou claramente demais como não tinha funcionado muito bem dias antes. Ele se debruçou adiante e desfez suas amarras depressa, então deu um passo para o lado quando ela avançou.

Desta vez, ele estava preparado.

Ele a pegou, um pacote de indignação enfurecida, e ele a girou sobre seu joelho, segurando seu corpo recontorcido ali era fácil o suficiente. Ela não era tão forte quanto tinha estado alguns dias atrás, mas ele não pensou sobre isto



por muito tempo. Porque ele estava irritado — consigo mesmo por se importar, e com ela por solicitá-lo.

Mantida ali, ela ainda conseguiu girar sua cabeça para olhar para ele. — Você não ousaria.

— Sim, eu iria. Eu lhe prometi que iria e eu sempre mantenho minhas promessas.

Ela ofegou, mais com surpresa que dor enquanto sua grande palma tomou seu primeiro whoosh pelo ar e fez contato com seu traseiro perfeito. Mas o tapa foi por suas calças de BDU, e ele queria contato pele-com-pele. Ele não se incomodou em tentar abaixá-las. Ele as arrancou avidamente ao invés, assim ele podia tocá-la.

— Você não está no comando aqui, pequena, — ele murmurou, embora ele não pudesse esconder sua raiva. — Eu estou. E quanto mais cedo você aprender a lidar com isto, melhor.

— Vai. Se. Foder

Ele bateu nela novamente e enquanto sua raiva dissipava, também o fazia a dela. Sua palma esquentou depressa. O traseiro dela ficou vermelho claro e cada tapa a levava mais perto de torná-la dele, o que ele não estava certo que queria, mas ainda assim não podia se parar. Cada conexão de palma com carne deixava seu pênis mais duro, e ela se contorceu e implorou, mas queria isto. Ele sabia, porque ela começou a erguer seu traseiro para saudar seus firmes tapas e ele sentiu o orgasmo dela estremecer por seu corpo, assistiu seus dedões do pé enrolarem e ouviu o gemido na parte de trás de sua garganta. Ele não teve mais que segurá-la para fazê-la ficar através de seu colo. Mas isso não significava que ela ainda não estava brava.

— Quem você quer, Kira?

Ela não hesitou em responder. — Você, Tommy. Você já sabe disto.



Ele se levantou, levando-a com ele e a virou sobre o colchão. Mas ela se levantou dentro de segundos, seu rosto ruborizado pelo orgasmo, humilhação e raiva, e ele se preparou para outra batalha.

— O que você quer de mim, Tommy?

Que você para de me chamar de Tommy. Que você pare de dar a mínima para mim. Que tudo isso vá embora, porra. — O que eu quero? Eu quero minha vida de volta, maldita seja! — ele rugiu finalmente.

— Qual, Tommy? Qual vida você quer de volta? — ela perguntou, e era a completa e absoluta coisa errada para dizer a ele. Lógica demais, e apenas serviu para enfurecê-lo ainda mais. Ela não era a pessoa certa em quem extrair sua raiva, mas ela iria suportar o peso porque ela não podia, e não iria, parar de falar.

Ele a agarrou pelos ombros, se preparou para agitá-la, calá-la. Ele não estava preparado para beijá-la, mas foi exatamente isto o que ele fez, um beijo duro que extraiu o ar de seus pulmões, um que os vinculou mais que sexo jamais iria, e ainda assim, ela bateu seus punhos contra os ombros dele, tentando se erguer mesmo enquanto sua língua encontrou a dele. Ele estava se perdendo. Perdendo. E em vez de se afastar dela, ele continuou com sua boca pressionada contra a dela em um beijo que ele insistiu que não tinha nada a ver com amor. Porque não havia certamente nada romântico sobre o beijo. Era um de domínio enquanto sua boca tomava a dela repetidas vezes — e novamente, Kira não se afastou.

Sua boca se manteve firme contra a dele e ela o acolheu — e ele estava vagamente ciente que esta foi à primeira vez que ele se permitiu beijá-la. Ele nunca deu muito importância em beijar — parecia íntimo demais, confuso demais, muito cheio de... embaraços de estrelas-em-seus-olhos que ele pensava que jamais pudesse ter. Por que estar com Kira tinha ativado esta reação dentro dele ainda era um mistério. Ele culpava os feromônios que ela estava emitindo, culpava seu pênis, culpava sua composição genética. Qualquer coisa assim ele não teria que admitir a verdade.





Ele amava Kira Donovan. E não havia espaço para isto acontecer em sua vida. Suas mãos segurou o rosto dele, deixando-o saber que ela ainda estava lutando por domínio. E quando ele arrancou sua boca, a deixou saber que ela não estava conseguindo. Ele deu um passo atrás e ela permaneceu ajoelhada na cama. Ele enxugou sua boca com a parte de trás de sua mão e ela tocou nos lábios com seus dedos. Seu primeiro instinto foi de se desculpar, e isso fez sua raiva retornar com força total. Seu corpo ruborizado, seu pênis saltou e ela estava o montando novamente antes que ele tivesse uma chance de pensar, reivindicando-o até que o orgasmo dele era iminente.

— Eu sinto muito, Tommy. Sinto por colocá-lo em problema. Sinto por tudo isto, — ela murmurou, repetida vezes.

Ela era um trabalho. Seu trabalho. Nada mais.

Ele continuou a mentir para si mesmo enquanto se derramava profundamente dentro dela.

— Kira? Kira, acorde.

Ela piscou, focou seu olhar no rosto de Tom, olhando fixamente para ele. Um olhar rápido no relógio mostrou que quase quatro horas se passaram desde que ele a possuiu, a raiva mútua deles abastecendo o passo frenético de seu acasalamento e inflamando uma série de orgasmos que a contorceram emocionalmente, deixando-a nivelada pela primeira vez que em dias. Depois do sexo, ele vestiu algum calção e desapareceu no que ela descobriu ser sua sala de exercício. Ela tomou banho, e então, totalmente exausta depois de vários dias de ininterrupta fuga e sexo, ela rastejou para a cama e apagou.

— Está na hora.

Certo. Calor se acumulou em sua região lombar no pensamento de sexo com ele, mas por alguma razão, a necessidade ígnea e louca parecia ofuscada, era mais uma cócega no fundo que incômodo martelar que sequestrava sua mente e corpo. Ele subiu na cama com ela, e ela o acolheu, mas antes que ele pudesse montá-la, ela ziguezagueou sobre seu lado, encarando-o.



— Você ainda está bravo comigo?

— Não importa. Nunca importou quando você me precisou.

O odor de sua estimulação agitou a dela, e ela cerrou suas coxas para aliviar a dor ali, mas a pressão apenas intensificou seu desejo. — Importa agora. — Ela arrastou um dedo de sua garganta até seu pênis. — Porque nós não podemos continuar do modo que estamos. Sinto muito que eu esteja fazendo sua vida tão terrível.

— Nós não vamos falar sobre isto.

— Sim, nós vamos, e você vai me escutar. Desculpe-me por ter virado sua vida de cabeça para baixo. Desculpe-me por ter colocado você em problemas no trabalho. Eu estou tão agradecida pelo que você fez... mas você não tinha que me levar da ACRO. Era sua escolha, e se você vai continuar me castigando por isto, você pode me levar de volta para lá agora mesmo.

Ela começou a acariciar seu membro, mas congelou enquanto esperava por sua resposta. Ela não queria voltar, mas se ele não sentisse que mantê-la era sua escolha, ele sempre teria uma desculpa para estar bravo com ela, excluí-la.

O tique de um músculo em sua mandíbula revelou a frustração dele — com ela ou consigo mesmo, ela não sabia. O que ela sabia era que seria melhor começar a agir desesperado por sexo, porque algo estranho estava acontecendo com seu corpo, e ela não queria que ele pensasse que não precisava mais dele.

Lentamente, ela arrastou seu pé acima da perna dele e a enganchou ao redor de sua coxa assim ela podia se puxar para mais perto, perto o suficiente que a ereção deslizou contra a costura de seu sexo. Ele silvou por dentes cerrados, e então ela teve sua resposta, porque de repente, ele estava entre suas pernas, sua língua completamente comprometida, seus lábios chupando em seu clitóris, seus dedos enterrados profundamente dentro dela. Ela gemeu, pegou o cabelo dele para segurá-lo ali porque nada jamais pareceu tão bom quanto Tommy quando ele estava a satisfazendo assim. A parte plana de sua língua acariciava para cima de seu núcleo, então pairou no topo de sua fenda, onde ele empurrou





a ponta no pequeno capuz ali. Sua respiração era um banho quente, seus dedos mágicos quando três deles a encheram.

— Incrível, — ela sussurrou, e arqueou para fora da cama. Ele palmou sua pélvis, a empurrou de volta para baixo e para sua boca.

O êxtase roubou suas respirações, seus pensamentos, seu senso de decoro, porque ela era bombeando seu sexo contra a boca dele, fodendo sua mão e língua e gritando na liberação.

— Tom, — ela ofegou. — Suba aqui. Possua-me. Agora.

Levando uma quantidade agonizante de tempo, ele beijou sua coxa interna e então lentamente trabalhou seu caminho para cima. — Por quê? — ele murmurou contra seu umbigo. — Porque você precisa de mim?

— Não. Porque eu quero você.

A cabeça dele estalou para cima, e ele a consertou com um quente e explorador olhar. Por um momento, ela pensou que tivesse cometido um grave erro. Mas então sua boca estava na dela, seu beijo urgente e exigente. Seu pênis cutucou a entrada para seu sexo, e ela balançou seus quadris, levando-o para dentro de onde ela precisava que ele estivesse. Precisava e queria, e não importava que ela fosse apenas um trabalho para ele. Tudo que importava era que ela se sentia segura e, pelo momento, apreciada.

CAPÍTULO 20

Depois de três dias fingindo, Kira sabia que o cio havia acabado e não iria voltar. Talvez o estresse sobre o que havia acontecido na instalação de treinamento fizesse com que acabasse mais cedo. Ou talvez porque um único homem havia servido ela por tanto tempo, que o seu corpo não estava mais sedento por algo de que ela conseguia do mesmo macho regularmente. O quer que fosse, o final havia se tornado tanto uma benção quanto uma maldição. Tom havia trazido ela para casa até que o seu cio acabasse, e então ele planejava levá-la de volta para a agência dele, amarrada igual um peru de Ação de Graças se ele fosse obrigado.

Isso não ia acontecer.

Tom não queria ela, ele havia deixado isso muito claro. Mas ela não estava pronta para desistir dele.

As necessidades dela haviam diminuído, mas o desejo dela por ele não. Para falar a verdade, ela o queria até mais, e se ela tivesse que fingir três semanas mais de febre para ficar com ele, ela fingiria. Ela desejava não só sexo, mas os seus toques não sexuais, os seus abraços, a voz dele. Ela não conseguia chegar perto o bastante dele. Algumas vezes ele não se importava, ou pelo menos ele a agradava convincentemente quando ela se enfiava ao lado dele no sofá enquanto ele assistia aquele chato do O'Reilly. Ou quando ela o abraçou enquanto ele lavava as louças depois de ela ter cozinhado uma alimentação vegetariana que ele na verdade comia – algo que dava para ela esperança de um relacionamento, já que dieta era uma quebra de contrato para ela.

Outras vezes, especialmente quando ela perguntava coisas pessoais, ele ficava carrancudo, se afastava, retraído para outro quarto. Ela desejou que ele



tivesse um bicho de estimação, porque pelo menos então quando Tom ficasse nesse silêncio mal-humorado, ela teria alguém para fazer companhia. Ela também desejava que ele se abrisse mais, talvez respondesse quando ela perguntasse para ele sobre os pesadelos que o acordava a noite, ou quando ela perguntou sobre as coisas na casa dele. Coisas como o conjunto de espadas orientais em sua parede ou a linda caixa egípcia de azulejos em seu guardalouça.

A coleção de livros dele havia sido uma revelação; ele não parecia para ela como alguém que gostasse de Shakespeare. Ela esperava uma variedade de títulos militares, e apesar de ele ter bastante destes, a sua literatura shakesperiana ocupava a maior parte dos espaços de suas prateleiras. A casa dele era enorme, mais do que ela esperava e muito aberta. O número e tamanho das janelas a surpreendera, dado a aversão dele a exposição... até que ela descobriu que o vidro não era só escurecido do lado de fora, mas também a prova de balas. Um deck circulava a casa inteira, acessível por dois dos quatro quartos, a sala e a sala de jantar. O sistema de segurança parecia algo que qualquer museu invejaria, e o seu arsenal de armas que ela acidentalmente encontrou no porão poderia destruir um pequeno país.

Ela não contou para ele que ela havia encontrado as armas. Ele já estava nervoso porque ela havia mudado de lugar muitos dos seus móveis. A última gota havia chegado quando ele descobriu o que ela tinha feito no quarto deles. O rugido de 'Kiiiiiraaaaa' ainda zumbia em seus ouvidos. Mas deus, uma cama sempre deveria estar em um ângulo que permitisse que a luz da lua caísse sobre os travesseiros. Além disso, ele se recusou a dar o lado dele da cama, e ela precisava ficar perto do banheiro. Enquanto o corpo dela se ajustava ao final do cio, ela sempre passava por variações do seu sistema funcional, e agora, ela tinha que fazer xixi o tempo todo.

Tom havia estourado por causa do quarto, o que significava que ele ficava todo ranzinza e se trancava em sua toca, mas duas horas depois, quando ela interrompia o que for que ele estava fazendo no computador para fazer sexo em





sua mesa, ele parecia ter se acalmado. Na verdade, ele havia sido relativamente agradável por um dia inteiro desde então. Ele até havia desafiado-a a um jogo de Risk²⁶ na última noite, e apesar de ele ter ganhado de lavada dela, ele havia admitido de má vontade que a crueldade dela havia o surpreendido. Ele também havia dito que ele admirava isso em uma mulher. Ela ainda estava radiante por causa daquele elogio.

— Por que você está sorrindo?

Ela olhou para cima de onde ela estava sentada em uma coberta no jardim dele, e sorriu ainda mais. — Eu só estou feliz que você decidiu se juntar a mim.

— Eu não achei que tinha escolha, — ele murmurou, enquanto ele se sentava na frente dela. Inclinou-se uma perna longa, de calça jeans, e apoiou o antebraço casualmente em seu joelho enquanto ele olhava para a comida que ela havia preparado.

— Oh, pare de se lamentar. Você precisava disso.

— Eu precisava de um piquenique?

— Sim. — Ela entregou para ele um sanduíche de abacate com tempero de churrasco. Agradecidamente, ele havia levado-a no mercado e para comprar roupas, porque ele não tinha nada a não ser comida que não era saudável na casa, e muito pouco que ela pudesse comer. — Você disse que nunca vai nos piqueniques de sua empresa, e todo mundo precisa de um piquenique de vez em quando. Além disso, é tão lindo aqui fora.

Ela respirou profundamente o ar do campo, doce pelo bálsamo e pelos abetos que cercavam a casa em três lados e criavam uma espécie de casulo de privacidade. Bem, privacidade para o Tom... qualquer um que se aproximasse de qualquer ângulo seria visto pelo extensivo sistema de cameras ao longo do perímetro de sua propriedade. Somente um lado no fundo da casa era exposto, sua terra intrometendo-se contra um vasto campo cheio de cavalos com os quais ela já havia se familiarizado.

²⁶ Jogo de tabuleiro de estratégia.



— Você deveria ver isso aqui no inverno, — ele disse. — Com neve cobrindo tudo, parece uma pintura. Algo de um livro do Dickens.

— O Natal deve ser mágico. — Ela podia imaginá-lo, uma árvore gigante em sua janela dianteira, uma rena no quintal... Ela queria estar lá para isso. Queria fazer amor com ele embaixo da árvore de Natal, com somente as luzes e o fogo cortando a escuridão. Pela primeira vez, ela queria acordar na manhã de Natal com alguém com quem ela pudesse tomar café da manhã e abrir presentes.

Eventualmente, ela queria passar o Natal com o Tom e os filhos deles.

Pela primeira vez, ela se permitiu pensar na possibilidade. Antes, sem esperança de encontrar um companheiro que a ajudasse a cuidar deles durante os seus cios, ter filhos parecia como um sonho. Mas agora...

— Você está fazendo de novo.

Ela piscou. — O quê?

— Sorrindo.

— Oh. — Ela pegou uma taça de cidra espumante para ela, e uma taça de vinho para ele. — Desculpa.

— Está tudo bem. Você é linda quando sorri. — Um toque de rosa coloriu as bochechas dele, que ficava muito bem nele porque ele havia estado tão pálido ultimamente.

Evitando o seu olhar, ele deu uma mordida no sanduíche. — Nada mal, — ele disse, depois que ele engoliu.

Graças a Deus ele tinha gostado – ou fingido que tinha gostado – a maior parte do que ela havia preparado, porque ela estava cozinhando como se ela estivesse se preparando para uma hibernação de inverno. Sem animais para cuidar, ela esteve limpando, cozinhando e assando – torta de frutas, torta de nozes, biscoitos. O pobre do Tom dizia que ele iria ganhar duzentos quilos.





Ela duvidava disso. O cara malhava por diversas horas todo dia, como o seu corpo bem torneado demonstrava bem, era igual a ferro, com camadas de músculo sobre músculo e nenhum indício de gordura em qualquer lugar.

Eles terminaram o alimento em um silêncio confortável, e quando Tom terminou, ele esticou as costas e enfiou um braço atrás de sua cabeça. — Obrigado, — ele disse. E então ele inclinou a cabeça e a assistiu até ela se encolher. — Algo está diferente em você.

Oh, Deus. Se ele soubesse que ela está fingindo o seu cio... Ela começou a suar frio. — O que está diferente?

— Eu não sei. — Ele se esticou, trilhando as costas da mão dele sobre seu quadril, sua cintura, sua barriga. — Você parece mais suave.

— Suave? — Empurrando sua mão para longe, ela disse, — Retire o que falou, Tom Knight.

De repente, ela se encontrou de costas, presa, e Tom acariciando o seu cabelo enquanto ele a olhava com olhos semi-fechados que eram mais azuis que o céu acima deles. — Mais suave.

— Eu vou te mostrar o mais suave, — ela grunhiu, prendendo uma perna sobre as costas dele como ela fazia com os tigres, e o girou para que ela pudesse ficar escarranchada por cima do quadril dele e o segurou com as mãos em seus ombros.

— Você é boa, — ele murmurou, fazendo círculos em seu quadril com suas grandes mãos. — Mas não é boa o bastante.

E então ela estava de estômago virado na coberta, com o joelho de Tom pressionando gentilmente a parte baixa de suas costas. Eles haviam transado a menos de duas horas atrás, e apesar de ela não precisar mais dele, ela o queria. Este lado brincalhão a pegou de surpresa, dando a ela um frio na barriga... e isso excitava e muito.

— Tommy? Por favor... você está me machucando.



Na mesma hora, ele a soltou. — Deus, Kira, sinto muito.

Ela riu e pulou para ficar de pé. — Bobão.

— Sua pequena —

Ela não ouviu o resto, porque ela já estava correndo. A grama dava uma sensação boa embaixo de seus pés descalços, e o vento em seu rosto lavou todos os seus problemas. Ela o escutou correndo atrás dela, e ela se desviou para a direita e logo para a esquerda, a gazela fugindo do tigre. Ele a perdia de vista, xingava, e então de repente ela estava rolando no chão com ele novamente.

— Você demorou o suficiente, — ela ofegou quando eles pararam de repente na base de um declive suave.

Ele franziu as sobrancelhas um pouco antes de se acomodar inteiramente entre as suas pernas. Ela se rendeu a ele, recebendo o seu peso. — Sim, mas eu te tenho agora.

A ereção dele queimava contra a sua barriga, e a intensidade de seus olhos a acenderam por dentro. Imagens da noite que ela tentou fugir dele no refúgio relampejaram pela sua mente. Ela havia estado assustada, nervosa... e ao mesmo tempo, com um tesão enorme. Isso era tão igual, e no entanto, tão diferente. Não havia medo, não havia raiva. Só uma sensação quente de acerto e um monte de excitação.

— Faça amor comigo, — ela murmurou, e envolveu os braços ao redor de seus ombros antes de passar suas mãos até o final de suas costas, sentindo o poder cru dos músculos se ondulando embaixo de suas palmas.

O corpo dele ficou tenso. — Não é hora.

— E daí? — Ela se arqueou para cima, agarrando os seus quadris entre as suas coxas para que o cume duro de sua ereção se esfregasse em seu monte.

— Duas horas. — Com uma varredura longa e luxuriosa de de sua mão, ele acariciou seu quadril, cintura e sua caixa torácica, trabalhando para cima até ele roçar seu seio inchado com o polegar. Deus, como esse homem a afetava até



mesmo quando ela não estava mais em sua época de necessidade. Ela se soltou, abriu suas pernas ainda mais para acomodar um pouco mais dele.

— Pense em quão bom será, — ele disse. — Depois de estarmos bem mais excitados.

— Eu não quero esperar. — Ela se esticou, fazendo uma concha em seu rosto. — Você também não precisa, — ela sussurrou.

Ele hesitou, e então sua boca se apertou em um corte sombrio. — Não, droga. — Ele se ergueu de pé. — Eu concordei em te manter viva. Eu não concordei em te foder de acordo com suas vontades.

Ele saiu fora, e ela ficou sentada lá, sorrindo, porque apesar de suas palavras duras, ela sabia a verdade. Tom não a recusou porque ele não a queria. Ele recusou-a porque ele *queria* ela – e fazer sexo fora do horário rígido dela poderia forçar ele a admitir isso.

Olhando para o relógio, Kira percebeu que um pouco mais de quatro horas haviam se passado desde que Tom havia transado bem e luxuriosamente com ela no chuveiro – as coisas que aquele homem podia fazer com sabão e uma ducha flexível – e ele estaria esperando o chamado dela a qualquer momento agora. Ela caminhou pelo corredor em direção ao quarto extra que ele havia transformado em quarto de exercícios, deixando uma trilha de roupas no caminho dela.

Quando ela chegou na porta, ela estava nua. O seu estômago estava agitado de culpa, mas a pulsação entre as pernas cancelava qualquer arrependimento que ela poderia ter por estar engando-o. Ela poderia não estar mais no cio, mas o seu corpo ainda esquentava e pinicava toda vez que ela pensava sobre o Tom. O som ritmado dos pesos bombeamento fez saltar seu pulso – a visão dos músculos de Tom se contraindo e flexionando sob a pele bronzeada e lustrosa



seria uma imagem para se guardar na memória. Tensa com a antecipação e um estranho nervosismo agora que os seus hormônios estavam controlados, ela abriu a porta.

Oh, meu. Ela sabia que ele seria uma visão, mas ele era muito mais do que isso. Deitado de costas na bancada de peso, usando apenas short, ele era uma coisa de beleza. Veias inchadas no topo de seus músculos esticados enquanto ele abaixava os pesos para prendê-los no lugar, e os seus abdômens se entrecortando enquanto ele se sentava e a assistia com olhos cobertos. Ele não se incomodou em perguntar se era hora; ele simplesmente ficou de pé e tirou os shorts. O coração pulando com luxúria e ansiedade, ela deixou o seu olhar viajar de seu rosto para o seu peito, e então mais para baixo, no seu estômago, quadris, para a ereção que se içava magnificente do espesso cabelo castanho entre as suas pernas. Ela se inflamou. Queimou. Precisava dele como ela precisava respirar, e enquanto ela se movia em direção a ele, ela deixou todos os seus instintos tomarem conta. Deixe-os apagarem a sua trepidação, deixe-os guiá-la na tomada de um companheiro para que ele soubesse sem dúvidas que ele era dela.

Cada passo agitava a sua paixão ainda mais enquanto suas coxas se deslizavam uma na outra e o olhar dele ficava ainda mais quente. A atração que ela sentia na instalação de treinamento, aquela que parecia chamá-lo, se apertou, puxando-a como uma linha direta de seu centro para o dele.

Meu.

– Você está pronto para mim, *Ender*?

A surpresa flamejou em seus olhos, seguidos por uma faísca de raiva. –
Tom.

– Eles te chamam de Ender no trabalho.

– Você me chama de Tom.



Felicidade agitou seu coração. Ela duvidava que ele permitisse que muitas pessoas o chamassem pelo seu nome verdadeiro. Ela parou tão perto que ela podia sentir o calor dele, mas eles não se tocaram.

— Você não está com vontade de ser mandado, está?

Ele olhou para ela, seus olhos cintilando tanto com gelo quanto fogo. — Não.

— Bem, eu estou com vontade de mandar.

— Então nós temos um problema.

Outro caso de nervosismo desconcertou o seu estômago, mas ela respirou profundamente, lembrando-se de seu objetivo. O seu futuro inteiro dependia dela fazer ele dela. Colocando as palmas de suas mãos em seu peito, ela acariciou para cima e se moveu para frente para que os seus seios beijassem a pele dele. A fragrância de sua malhação, salgada, almíscarada, subiu até suas narinas, e ela inalou, deixando o cheiro selvagem e terreno dele invadir todos os seus sentidos. O seu pênis tocou de leve a sua barriga, e um líquido já havia se formado na ponta, deixando uma trilha molhada fria e que formigava sobre o seu umbigo. Ele ainda não havia tocado nela, concentrados como estavam em sua batalha de vontades, então ela deixou suas mãos caírem para enlaçar seus dedos nos dele. Ele levantou uma sobrancelha, claramente incerto de suas intenções.

Se inclinando para trás, ela se curvou de joelhos e puxou-o para o chão. Ele afundou facilmente de joelhos, e quando ela estava de costas com ele de quatro em cima dela, ela se rastejou para longe dele.

— Kira?

— Shh. — Ela ficou de pé. Deixando-o confuso e de quatro. Quando ele teria se levantado, ela agarrou seu cabelo e deu um passo na direção dele para que o seu rosto encontrasse o seu vértice dolorido entre as pernas. — Você sabe o que eu quero.

Me conheça. Nunca esqueça.



Um batimento cardíaco longo passou. O cheiro de sua excitação deslocou-se para ela, mas também o aroma mais nítido, mais acre de confusão. Ela duvidou que ele estava ciente do motivo pelo qual ele hesitou, mas ela sabia. Ela estava perguntando a ele se ele queria se interligar a ela, para saber seu cheiro, seu sabor, seu toque, tão completamente para que nenhuma outra mulher jamais seria suficiente. Fogo queimou seus pulmões, e ela percebeu que ela estava segurando a respiração. Por favor, Tom. E então ele fechou sua boca sobre ela, e ela jogou a cabeça para trás enquanto a apunhalada quente da língua dele penetrava em sua fenda.

— Sim, — ela resmungou. — Oh, Tommy, sim.

— Abra para mim. — Sua voz estava rouca, um grunhido dominante e ela se perguntou quando ela havia perdido o controle da situação, porque ela imediatamente abriu suas pernas e dirigiu sua mão para baixo repartindo sua carne inchada para a língua invasora dele. Seus líquidos escoaram, quente, grosso, e ele a lambeu como se ele não pudesse ter o bastante dela. Ela se abriu ainda mais com os dedos, agarrando o cabelo dele com a sua outra mão e se arqueou em direção a boca dele. Mais perto. Ela precisava dele mais perto. Arrepios de prazer correram por toda a sua pele, sua língua dançava sobre seu clitóris, lambendo, passando rapidamente, aplicando pressão suficiente para mantê-la imóvel, esperando apenas o toque certo. Ele a conhecia bem o suficiente agora para provocá-la até a borda e depois recuar, prolongando seu prazer e ao mesmo tempo irritando-a.

— Coloque dentro de mim. — Ela levantou a perna, escorando o pé contra o banco de peso para que ela estivesse totalmente aberta, exposta para ele como nunca antes.

A língua dele esfregou pelo seu vale uma, duas vezes, e então a perfurou profundamente. Tommy. Os joelhos dela ficaram fracos, e se não fosse pelo firme aperto na cabeça dele, ela poderia ter se dobrado no chão. Ele a acariciou com sua língua, a usou como ele usaria o pênis, bombeando profundamente, e então fazendo voltas com a ponta em volta de sua entrada sensível.





— É isso que você quer, Kira? — ele murmurou contra o seu centro, a sua voz zunindo pela sua labia, sua respiração quente chamuscando seu centro. — Você quer que eu te faça gozar com a minha boca, ou com o meu pênis?

Oh, ele estava inteiramente consciente do que ela queria, de que a pequena gananciosa queria tudo. Dando um passo para trás, ela caiu de quatro para que ela o encarasse, sua boca a meros centímetros da dele, que brilhavam com os seus líquidos. Ele a assistiu atentamente enquanto ela se movia para mais perto, evitando a boca dele, e esfregou a sua bochecha contra a dele. A barba por fazer arranhou a pele dela, mas ela não ligou. Era muito bom ser tocada por ele. Ela arrastou seus lábios pela orelha dele, pelo osso malar, e então mordiscou seu maxilar, fazendo seu caminho até a boca dele. Seus músculos ficaram tensos quando ela chegou perto, e ela sabia que ele se afastaria se ela o beijasse; os beijos dele eram uma doação de acordo com os termos dele. Ao invés disso, ela pincelou sua língua pelos lábios dele, sentindo o gosto dela nele.

— Já chega. — A voz dele era dura, forte, enquanto ele prendia a perna dela e a arrastava para que ele pudesse montar nela.

Ela sentiu o aperto de seus dedos em seu quadril, a cutucada quente de seu pênis contra as suas nádegas. O carpete mordiscou os seus joelhos.

— Tom, por favor, — ela sussurrou. — Deixe-me te amar.

O corpo inteiro dele se afastou para trás. Ela tirou vantagem do momento dele de choque silencioso e se virou, trouxe a mão dela novamente para a cabeça dele e mergulhou seus dentes na parte de trás de seu pescoço, fazendo-o ficar de quatro novamente, de cabeça inclinada. Ela nunca viu seu corpo ficar tão tenso como agora, os músculos inchados, se tensionando embaixo da pele. Sua respiração ficou forte, profunda e nivelada. Modo-batalha. Ele estava pensando sobre isso, ficando calmo mesmo quando o seu corpo inteiro queria reagir. Ele podia quebrar o seu aperto com pouco esforço, mas talvez ele sentia a mesma coisa que ela, uma necessidade de fazer uma conexão poderosa com este acasalamento.





Devagar, como se estivesse domando um garanhão que ameaçava lutar, ela acariciou as costas dele, subindo até o seu flanco e então para a sua ereção saliente. Pegando o seu eixo na mão, ela o acariciou até que a sua respiração ficou menos controlada, até que os nervos tensos em seu pescoço relaxaram e então começaram a tensionar novamente por uma razão diferente. Ela liberou a sua mordida no pescoço dele, amenizando com a língua os recortes que ela tinha feito com os dentes. Então ela prendeu a boca na pulsação em sua garganta e o deixou penetrá-la. O seu clitóris pulsou em compasso com a batida do coração dele, e ela apertou as suas coxas juntas para aliviar a dor ali.

Tom congelou, e ela sabia que ele sentia a conexão também, aquela que parecia prendê-los juntos por uma artéria invisível do corpo dele até o útero dela.

Meu.

Ela sugou gentilmente, se perguntando se ele teria um chupão no pescoço depois, e então ela beijou trilhando um caminho pela clavícula dele. Visões sobre estar com ele assim para sempre, não somente até que ele a levasse para ACRO, percorriam a sua mente enquanto ela massageava os ombros dele, correndo suas mãos por seus braços, traçando os seus músculos tensos.

— Você é tão lindo, — ela disse contra a pele entre as suas omoplatas. — Fisicamente perfeito. Poderoso. Forte. — Ela deslizou sua língua ao longo de sua espinha, o caminho todo até o seu cóccix. — O que toda mulher quer em um companheiro.

Ele gemeu, permanecendo parado enquanto ela passava seus dedos sobre cada lugar que ela conseguia alcançar. Abrindo sua boca no osso do quadril dele, ela mordeu. Não forte, mas o bastante para segurá-lo ali, para mostrar a ele sem palavras que ela queria segurá-lo de todas as maneiras. Ela o libertou, lambendo a área mordida ternamente. Os sons de sua respiração rápida eram como pequenos tapas em sua pele, cada uma fazendo ela ficar selvagem, fazendo ela se lembrar de como ele deu uns tapas nela com o chicote de cavalo no celeiro, e depois com a sua própria mão.





Algo molhado e cremoso se derramava entre as coxas dela, porque Deus, ela estava pronta para ele, mas ainda não. Isso era sobre ele. Ela queria adorar o seu corpo e mostrar a ele o que ele significava para ela. Ela se moveu por detrás dele, e desta vez ele segurou a respiração enquanto suas palmas apertavam e massageavam as nádegas dele. Seus polegares foram mais para baixo, roçando a abertura de seu traseiro. O primeiro toque leve de seus dedos nos testículos dele fez ele se lançar para frente, mas ela o prendeu ao redor da coxa com uma mão enquanto ela colocava sua boca onde os seus dedos haviam estado. O cheiro almiscarado de macho excitado aumentou sua fome, tirando um gemido suave dela enquanto ela sugava suas bolas firmes entre os seus lábios e mordiscava o saco apertado levemente com os dentes.

— Kira...*porra, que gostoso...*

Insanamente excitada pela reação dele, ela lambeu entre as pernas dele e para cima até o lugar sensível atrás de suas bolas. Quando ela empurrou sua língua em direção à junção lá, separando os seus testículos, um gemido rasgado e gutural estourou profundamente dentro do peito dele. Ela poderia ter ficado lá o dia todo. Ao invés disso, ela espalhou beijos ao longo das costas de suas pernas enquanto os músculos dele tremiam e a sua respiração vinha em suspiros rasos.

— Eu amo o teu gosto, Tommy. Como perigo e sexo, como se você lutasse uma batalha para me ganhar.

Um estremecimento mudou o seu corpo inteiro na direção dela. Ela mordiscou, pequenas mordidas de amor ao longo de sua cintura. E então ela inclinou sua cabeça, indo debaixo dele, e ele sussurrou o nome dela enquanto sua língua pincelava sobre a cabeça de sua brutal ereção. Ela nunca havia visto ele assim tão absorvido, sua cabeça tão madura e quente que ela podia sentir o pulsar batendo contra os lábios. Ela provocou, lambeu, mergulhou a ponta da língua dentro da fissura molhada. Ele arqueou as costas e deslizou seu pênis dentro da boca dela, mas ela angulou sua cabeça para o outro lado, esfregando



a bochecha contra o pênis, algo próximo de um ronronar se acumulando dentro dela.

— Qual é o problema, bebê? — A provocação o fez ranger os dentes com tanta força que ela ouviu o estalido de osso no osso. — É isso que você quer?

Ela pincelou a língua ao longo do cume de sua sensível cabeça, e então o tomou profundamente, até que ele bateu no fundo de sua garganta. Ele empurrou para dentro dela, derramando algumas gotas de gozo, que ela tomou vorazmente.

— Oh, sim, — ele murmurou. — Chupe forte.

Ela cantarolou ao longo de seu comprimento, e ele impulsionou o quadril, fudendo a boca dela. Tão bom. Ela nunca havia estado tão excitada ao fazer sexo oral, nunca havia estado prester a ter um orgasmo sem um homem sequer tocar nela. Sem conseguir esperar, ela se tocou enquanto ela o chupava.

— Kira, — ele falou roucamente. — É melhor você parar. Eu não vou conseguir segurar.

Ela aplicou uma dura sucção, querendo beber dele, pegar a semente da vida dele da maneira mais íntima possível. Ele xingou, tentando se retirar, mas ela parou de se dar prazer para alcançar entre as pernas dele e agarrou gentilmente suas bolas para segurá-lo. Com esforço e resistindo, ele gritou o nome dela, jorrando em sua boca. Ela amou o som de seus gemidos, de suas respirações ralas. O corpo dele começou a tremer enquanto o seu clímax diminuía, e ela gentilmente enrolou sua língua ao redor de sua carne que estava se amaciando, até que ela sentiu os dedos dele trilhando ao longo de suas coxas.

Ele arrastou sua mão para cima até o sexo dela, enfiando dois dedos dentro do seu centro molhado. — Eu preciso de um minuto antes que eu possa cuidar de você.

E então a língua dele se juntou aos seus dedos, e ela gritou, porque ele podia demorar o tempo que ele precisasse.

CAPÍTULO 21

Ender fechou seu celular e se encostou contra o tronco velho de uma árvore no lado sul de sua propriedade. Ele havia feito outra ligação que ele não deveria e descobriu coisas que ele não queria saber. Coisa típica da sua vida ultimamente. Mas ele sabia que Kira estava em pânico sobre o que iria acontecer com os animais dela, e, além disso, havia somente pouco que ele pudesse ver enquanto ela reorganizava a vida inteira dele e colocava-a diretamente no centro. Porque o que iria acontecer quando ela se fosse? Ela não via essa consequência, obviamente, não via que ela iria deixar para trás um grande, grande buraco. Mas ele tinha coisas para se preocupar fora si mesmo.

Aparentemente, a única pessoa que sabia que diabos eles estavam fazendo no refúgio de animais havia sido Kira. De repente Rafi estava em uma jaula porque não havia quem conseguisse controlar o lindo lince, e Luke, o pastor alemão monstro que quase o matou e então ajudou a salvá-lo, não comia há semanas. Babs estava só andando por lá apática e Shamal se recusava a deixar o seu estábulo. Por um segundo, ele viu o seu quintal cheio de cachorros e tigres e sabe Deus o que mais, todos ao redor de Kira. Ele imaginou Babs se aconchegando próximo a ele e percebeu que ele provavelmente havia ficado malditamente louco. Tudo isso de sexo não podia ser bom para as células cerebrais de ninguém.

Exceto que ele sabia, lá no fundo, que este tanto de sexo não era necessário – não havia sido por dias. Não, o ciclo de cio da Kira havia acabado. Ele podia notar a diferença quando ele a tomava, a maneira que ela conseguia aproveitar as preliminares mais, a maneira como ela não estava frenética, mesmo quando ela interpretava muito bem. Por que ela estava fazendo isso não era um mistério

tão grande – ela estava adiando a ida para ACRO. Ele não se deixou acreditar que ela estava fingindo para poder ficar com ele.

– Ei, eu estava procurando por você. – Kira circulou o grande carvalho e parou na frente dele. Ela havia confiscado a camiseta favorita dele e o cortado para caber nela. Ela havia feito a mesma coisa com o antigo short camuflado dele e ele tinha que admitir, a contra-gosto, que ele ficava muito melhor nela do que jamais havia ficado nele. – Por que você está mexendo a cabeça assim? E murmurando? Você tem feito muito disso ultimamente.

– Eu não estava me escondendo, – ele disse. Cara, ele estava cansado. Ele havia duplicado as barras de proteína para compensar o fato de que fazia quase duas semanas que ele não comia nenhum tipo de bife ou sanduíche, mas não era o mesmo tipo de combustível de maneira nenhuma. Ele ainda estava se arrastando. – Eu tenho, ah, que falar contigo sobre algo. Por que você não se senta?

Ela afundou graciosamente no chão na frente dele, se esticando na grama perto de suas pernas cobertas pela calça jeans. Ela descansou uma bochecha em sua coxa e ele se perguntou como as coisas tinham chegado tão longe, tão rápido. Ele suspirou e disse para ela sobre a ligação feita para o refúgio.

– Tommy, eu tenho que voltar lá. – Ela estaria de pé e correndo igual louca em direção ao carro dele, se ele não tivesse colocado uma mão no braço dela.

– Calma, Kira. Por favor.

– Eu não posso ficar aqui sabendo que eles estão machucados.

– E se você voltar lá, Itor vai te pegar na hora. Como isso vai ajudar? – ele perguntou. Ela mordeu o lábio inferior e a sua resistência ao seu aperto diminuiu. Ela colocou a cabeça novamente nas pernas dele, lágrimas se acumulando em seus olhos, e por alguns minutos, os dois só olharam para o alto, para o lindo céu azul.

– O que eu faço, Tommy?



— Eu não posso tomar as decisões por você.

— Você entrou na ACRO de acordo com as suas condições?

Sua cabeça começou a latejar, e se ele pensasse realmente bem, ele poderia ouvir as barras de sua porta celular batendo atrás dele. — Não. Eu não tive essa escolha.

— Você se arrepende disso?

— Eu me arrependo de uma quantidade imensa de coisas, — ele disse silenciosamente. — Mas isso não é sobre mim.

Ela sentou e olhou para ele novamente. — Se eu for para a ACRO, eles vão me deixar mandar os animais para lá?

— Sim. Eu já falei com o Zach sobre isso, — ele disse, e ela somente o encarou. O rosto inteiro dela se suavizou. — O quê?

— Você esteve ligando bastante para o refúgio, não é? Mesmo você me falando que não era possível.

Ele se recusou a admitir que essa era a terceira ligação para aquele maldito lugar. O cara tinha que manter algum orgulho. Ela não forçou nada mais dele, no entanto, e por isso, ele estava grato.

— Eu quero ir nas minhas condições, — ela disse. — Por conta própria. Sem você me escoltando de volta para lá.

— A minha escolta é para a sua própria proteção.

— Eu posso chegar lá sozinha.

— Não é uma opção.

— O seu carro é rápido-

— Não, — ele disse e ela deu um suspiro alto, mas não era de derrota. Era um suspiro de como-eu-convenço-o-Tommy.

— Eu sei! Eu posso levar o Zorro!

— O que diabos você está falando, mulher?





— Zorro, — ela disse pacientemente enquanto ela apontava pelas árvores. O animal do seu vizinho estava há três quilômetros de distância, e graças à falta de proteína, mais confuso do que deveria estar com mais dez vezes essa distância. Ele não percebeu que ela havia chegado tão longe em sua propriedade e ele urgentemente deveria parar de subestimar ela. Ela ficou de pé e assobiou, e dentro de instantes, o bonito cavalo negro havia pulado a cerca e estava trotando e relinchando na frente deles.

— Ninguém conseguirá me pegar. Eu estarei lá em vinte minutos.

— Eu acho que você deverá se acostumar a fazer coisas sozinha, — ele disse finalmente, sabendo bem que ele seguiria ela e o cavalo em segredo, só para prevenir. Ela nunca teria que saber disso.

— Eu não tenho certeza que quero.

— Mas você acabou de dizer que vai se filiar.

— Não a ACRO. Eu não tenho certeza mais se eu quero fazer as coisas sozinha. Quer dizer, há regras contra o pessoal da ACRO ficarem juntos?

— Você quer dizer, eu e você?

— Bem, eu certamente não quero dizer eu e o Zach, — ela disse, e ele grunhiu sem perceber. — Claro que eu quero dizer você, Tommy.

— Eu não sei se eu sei fazer isso, — ele disse. — Eu nunca deixei ninguém entrar.

— Eu também não, — ela disse. — Talvez nós dois pudéssemos tentar?

— Tentar o quê?

Ela revirou os olhos, e maldita fosse se ela e o Zorro, ambos, balançaram a cabeça para ele. — Isso. Você. Eu. Juntos.

— Você vai continuar reorganizando as minhas coisas?

— Bem, sim, — ela disse.



Ele acenou, pensando por um segundo sobre acordar com o sol esquentando a cama dele e Kira o esquentando. A ordem para matá-la se ela não cooperasse ainda não havia sido removida; isso foi algo que entrava em seus pensamentos tarde da noite enquanto Kira estava dormindo contente ao lado dele depois de outra rodada de sexo. Ele nunca *não* havia cumprido uma ordem da ACRO. Houve vezes quando ele havia adiado o assassinato por causa de eventos imprevistos. Normalmente as suas ordens não tinham nada a ver com matar homens e mulheres iguais a ele. Não, ele não havia feito isso desde as forças armadas.

Ender não tinha certeza se tudo era um grande teste ou não, mas se fosse, ele estava pairando precariamente ao longo da linha de falha. Mas enquanto ele assistia Kira se comunicando com o Zorro enquanto ela estava de pé no sol, sorrindo, seu cabelo caindo suavemente nas costas, de repente nada parecia ser um problema. Ela estava indo para a ACRO por vontade própria.

— Eu te levo até lá. Até o portão. Você pode andar sozinha, — ele disse finalmente. Ela se virou para ele e acenou em concordância e ele sabia que ele tinha que ter ela, ali e agora.

Havia passado somente duas horas desde o último cio falso dela, e apesar do fato de ele estar cansado, ele a queria. Muito.

— Venha aqui, Kira, — ele disse. Saiu mais como uma ordem, mas ela não hesitou, deixou o cavalo e se moveu como uma gata em direção a ele. Quando ela se ajoelhou na frente dele, ele a puxou para mais perto, beijando os seus lábios cheios e rosas, e dentro de segundos ele tinha a resposta para a pergunta que ela havia perguntado antes. Isso era um beijo real, não um de dominação e raiva, mas um completo e total, romântico como o inferno beijo. Sim, eles iam tentar isso.

— Tommy, não é hora ainda, — ela sussurrou depois que ele se afastou.

— Eu sei. Mas um homem não pode ter a chance de seduzir a mulher dele quando ele quiser? — ele perguntou, seguindo em frente com a mentira dela,



assistiu enquanto seus olhos começaram a brilhar com aquele lindo âmbar dourado.

— Isso nunca aconteceu.

— Bem, vai acontecer. Talvez você devesse começar a se acostumar, — ele murmurou enquanto ele a puxava para perto e a beijava novamente. Foi longo, suas mãos ao redor do pescoço dele e os rolando no chão como se eles tivessem o tempo todo do mundo para ficarem deitados. Suas bolas se apertaram, as suas entranhas ficaram tensas enquanto as suas coxas se esfregavam nela — e como ela sempre cheirava tão bem, como mel e cravos e luz do sol?

Ela começou a tirar o jeans dele antes que ele pudesse pará-la — ele não queria realmente, até que a fungada o lembrou que eles não estavam sozinhos.

— Ei, aquele cavalo vai nos assistir o tempo todo? — ele perguntou.

Ela riu, deu um assobio leve, e Zorro se eriçou por um segundo antes de virar as costas para eles. — Ele disse para te falar que você não tem nada que ele não tenha visto antes. Apesar de você ser maior do que a maioria dos humanos que ele já viu.

— O cavalo já me viu pelado? — ele perguntou, com um balanço da cabeça. Ela empurrou o jeans dele cintura abaixo, e arranhou levemente o seu traseiro com as unhas.

— Oh, sim. E eu tenho que concordar com ele na parte sobre ser grande, — ela disse, sua mão roçando levemente o seu agora livre pênis, que pulou com o toque dela.

— Sim, é melhor que você concorde, — ele disse, sua voz rouca enquanto ela o acariciava para cima e para baixo.

Em retorno, ele sugou o seu mamilo pela camiseta até que o algodão estivesse molhado e o seu mamilo duro e os seus gemidos viajavam pelo jardim por cima do suave farfalhar das árvores. As mãos dela corriam pelo seu cabelo enquanto ela murmurava, — Bom, tão bom, Tommy.





Deve ter sido a primeira vez que eles foram tão devagar durante o sexo, e ele planejava durar o tanto que ele conseguisse se segurar.

Ele fez um trabalho curto em sua camiseta. Sem pressa, a língua dele circulou a auréola rosa escura, e então deu beliscadas nos seus mamilos até ela estar tremendo a cabeça de um lado para o outro e arqueando as costas em direção a ele.

— Hummm, bom, — ela murmurou. — Mais... quero mais.

Ele mamou o mamilo dela entre os dentes e a língua, provocando o apertado broto de uma maneira que ele nunca havia tido tempo antes. A sua outra mão trilhava para baixo nas pernas dela, onde ele acariciou-a lentamente pelo short, até que ela começou a copular impacientemente embaixo dele.

— Tommy-

— Sim, baby, — ele murmurou antes que ele pudesse parar a si mesmo. Ele manteve o seu rosto enterrado no seio dela, porque quando diabos ele começou a usar esses termos carinhosos?

— *Baby*. Eu gosto disso, — ela disse. — Mas eu tenho algo a te dizer.

— Agora? Eu estou um pouquinho ocupado, — ele disse, pegando o mamilo dela na boca novamente. Ela gemeu, mas isso não a parou.

— Sim, agora.

Ele se ergueu nos cotovelos. — Vá em frente.

— Meu cio... acabou.

Ele a encarou, sabendo que ele deveria estar mais nervoso sobre a mentira, quando, ao invés disso, ele estava estranhamente aliviado. — Sim, eu sei.

— Então você sabe que nós não precisamos... — Ela apontou entre o corpo deles.

— Sim, eu sei. Mas eu quero.



Ela sorriu, o seu rosto inteiro se iluminando com um brilho suave. — Eu também quero.

Ele lutou contra um sorriso com as palavras dela, e então ele abaixou o short dela impientemente, abrindo as coxas dela e se movendo entre elas. Ele enfiou sua língua dentro dela, até que os quadris dela se ergueram da grama e o seu sexo ficou contra o seu rosto, as coxas dela o prendendo lá. Um prisioneiro do prazer dela, ele havia de bom grado renegado a sua liberdade para poder prová-la, doce e picante e tão quente. Ele estava enterrado tão profundamente que ele mal podia respirar e ele teria marcas em seu pescoço onde ela estava apertando-o, e ele não ligava. Ela estava selvagemmente fora de controle, ainda mais do que quando ela estava no cio. Era tudo ela agora e ela o queria. Ele nunca havia estado tão excitado em sua vida inteira enquanto ele remexia a língua por suas dobras quentes, a lambendo, fazendo ela dele.

— Deus, Tommy... Tommy! — ela gritou enquanto ela gozava em sua boca, contraindo ao redor de sua língua.

Ele esperou até que as suas coxas se separassem e caíssem enquanto elas descansavam em seus ombros e ela estava indefesa para pará-lo. Ela ficou tensa enquanto ele tracejava o broto ainda sensível suavemente, tentando empurrá-lo quando ele pressionava com mais força.

— Eu não posso, — ela sussurrou, e oh, sim, ele faria com que ela pudesse. As mãos dele seguraram o interior de suas coxas abertas, a boca dele sem dó contra ela, tudo pelo prazer dela. E quando os próximos dois orgasmos dela vieram, um logo após o outro, ele estava quase tão duro para se mover.

Ele deslizou para cima em seu corpo, grama pinicando suas canelas e joelhos enquanto ele deslizava seu pênis dentro dela. Ela estava tão molhada, ainda tendo espasmos. A boca dela se abriu enquanto ela tentava respirar e sem ter muita sorte enquanto ele a preenchia. Mas os olhos dela, eles estavam bem arregalados e o encarando — aqueles olhos ambarinos de gato que ele amava ver. Porque desde a primeira vez que ela criou coragem para mostrá-los para ele, ela nunca havia parado.





— Seus olhos, — ele disse gentilmente.

— O quê?

— Eles mudam, até agora, — ele disse. — Lindos.

— Eu não sabia se eles só mudavam durante o meu cio, — ela sussurrou. — Eu nunca abri meus olhos durante o sexo, mesmo durante às vezes normais.

— Eu não quero que você os feche mais, Kira. Você não tem que fechá-los. Você está segura, — ele disse. E droga, ele faria com que ela ficasse dessa maneira.

Ele a balançou para cima e para baixo, seus membros pesados com o prazer, e Kira se enrolou nele como se ela não quisesse, nunca, deixá-lo partir. Seria tão fácil gozar agora, neste segundo, se deixar flutuar pelo espaço onde nada mais importava. Mas não, ainda não...

— Já foi assim alguma vez? — ele perguntou enquanto ele segurava os quadris dela para que ele pudesse distribuir longas e lentas investidas no ângulo certo para fazer a respiração dela ficar mais rápida e rápida e seus olhos revirarem para trás da cabeça.

Ela não podia responder, não conseguia formar uma sentença coerente mesmo se ela tentasse, e era dessa maneira que ele queria.

Ainda, ele repetiu, — Já foi alguma vez, Kira? — como se a pergunta dele fosse um comando.

Pele deslizando na pele, escorregadia com o suor, e ela estava dando a resposta dele pela maneira que as suas coxas o seguravam fortemente e o seu sexo se contraía firmemente ao redor dele — pelo jeito que ela balançava a cabeça formando um não, porque era a única coisa que ela conseguia fazer. Eles estavam além das palavras. Ela era toda dele. Nunca havia sido assim — para nenhum deles.





— Então você vai ficar? — Dev fez a pergunta que ele estava hesitante em fazer desde que Oz expulsou aquele espírito para fora de Dev e de sua casa.

Ele olhou para o Oz e estava surpreso de vê-lo lá. Ele ainda estava tendo problemas em se ajustar a ter sua visão de volta, e mesmo com a sua segunda visão e seus poderes CRV ainda intactos – até mais fortes – Dev não havia contado para ninguém além de Creed sobre o seu retorno da escuridão. Ou sobre o Oz.

Oz colocou um pé calçado com uma bota preta na mesa do escritório da casa de Dev e deu a ele um sorriso fácil. — Eu ainda estou aqui, não estou?

— Isso não é uma resposta. — Ainda, Dev não podia evitar a não ser retornar o sorriso.

— Sim, vou ficar, — Oz disse calmamente. — Espero que esteja tudo bem com você.

Sim, estava mais do que tudo bem com Dev – acordar nos braços do Oz toda manhã havia somente reiterado esse desejo.

— No entanto, eu não acho que voltarei a trabalhar na ACRO, — Oz continuou.

— Eu preciso de você lá. Eu quero você lá.

— Você tem bastantes pessoas para te ajudar.

— Não como você. Entre você e o Ender, talvez eu possa chegar ao fundo sobre o vazamento. — Dev ainda estava altamente frustrado. Sendo filho do líder da Itor colocou Dev em uma posição horrivelmente vulnerável, especialmente se o Alek soubesse quem e onde Dev estava.

Eles estavam brigando sobre isso desde que Oz baniu o espírito de Darius de seu corpo e Dev conseguiu sua visão de volta.

— Mesmo com o Darius tendo ido embora, o espião é ainda um problema. Se eu revelar a minha jogada muito cedo, eu não sei se as coisas não ficariam piores, — Dev contou para ele.

Oz passou uma mão frustrada pelo cabelo. — Eu entendi, Dev, mas você vai chegar até o final disso. Você está adiando isso, e merda, eu sei por quê... —

— Eu não estive adiando. Eu estive... — Ele fechou os olhos, a escuridão familiar um conforto repentino. Quando ele os abriu, ele estava encarando os olhos escuros de Oz e ele sabia que não teria que explicar para o Oz. Oz já sabia.

Dev estava ainda tentando entender o que significava ser filho do Alek. O inimigo jurado da ACRO – e do Dev. Mesmo assim, ele ainda tinha o DNA de Alek dentro dele.

— Você está certo. É hora, — Dev disse. Oz esperou do outro lado da mesa, o seu corpo tenso enquanto Dev discava o número de contato obtido de um Agente-I que a Annika havia capturado.

Ele queria colocar no viva-voz, mas o Oz disse para ele não fazer. Ele concordou, no entanto, em ficar no recinto. Normalmente, o número o conectaria ao contato do Agente-I, mas Dev havia usado uma linha não segura, tendo certeza que o número empresarial da ACRO apareceria na versão de identificador de chamados do Itor. Ele sabia que a ligação seria roteada, e depois de vários toques, alguém atendeu.

— Aqui é o Alek.

Mentiroso. Ele não sabia como ele sabia, mas ele sabia. — Não brinque comigo.

O silêncio se prolongou, e então houve um clique, outro clique, e então uma voz com sotaque eslavo que congelou os fluídos da espinha de Dev.

— Olá, Devlin.

Dev pausou, o protocolo de falar pela primeira vez com o seu diabólico pai escapando-o. — Vamos pular todo o papo furado. Você sabe por que eu estou ligando.

— Uma reunião familiar?

— Você matou minha família.



— As pessoas que te criaram? A mulher que deu luz a você? — Alek suspirou. — Você não estaria aqui agora se eles ainda estivessem vivos. Há uma razão para tudo, sabe.

— Seu merda fudido.

— Realmente, filho, eu pensei que você teria mais classe que isso.

— Você pode culpar a genética.

A risada de Alek raspou em cada nervo de Dev. — Devlin, nós não deveríamos estar fazendo isso pelo telefone. Vamos nos encontrar. Nós podemos criar uma ligação juntamente com uma taça de Clynelish.

Dev apertou seus dentes antes que a sua tomada repentina de fôlego deixou o outro homem saber que ele havia atingido um ponto. Não havia como o Alek saber o whisky favorito, e muito raro, de Dev. Suor surgiu em sua testa, e um olhar do outro lado da mesa mostrou para ele que Oz havia ficado tão desconfortável quanto ele. Ele sentou-se rigidamente em sua cadeira, a sua pegada no descanso de braço marcando o couro.

— Eu não estou impressionado pelos teus truques de circo, *Papai*, então eu acho que terminamos. Só saiba que eu já saquei qual é a sua.

— Eu acho que você não sabe, — Alek disse suavemente. — Mas eu saquei qual é a sua.

Desesperado para se livrar do homem e se perguntando o que infernos ele estava pensando quando ele ligou, Dev alcançou o botão de desligar, mas congelou com as próximas palavras de Alek.

— Eu darei ao Ryan os seus cumprimentos.

Dev parou de respirar. Oh, Jesus. Oh, *santo Deus*. Ninguém na ACRO exceto Dev sabia sobre a inserção de Ryan na Itor, uma medida que o Dev havia tomado para prevenir que o espião soubesse sobre isso. Mas Itor sabia. O que significava que o Ryan havia feito besteira, ou...





— Você está um pouco devagar, filho. Você deve ter puxado isso da vadia da sua mãe. — Alek chacoalhou algo que parecia ser cubos de gelo em uma taça. — Um homem chamado Darius colocou algum tipo de escudo protetor de pensamento em você quando você ainda estava no útero. Eu finalmente o quebrei há dois anos atrás. Foi bom para conhecer você. E a ACRO.

— Não, — ele sussurrou. Ele levantou de sua cadeira, sentindo como se ele estivesse se esvaindo em sangue. E de uma forma, ele estava. Os seus pensamentos haviam estado vazando, bem dentro da mente de Alek. Querido Deus, ele estava procurando pelo espião por dois anos, quando tudo o que ele tinha que fazer era olhar no espelho.

Dev não se lembrava de ter desligado o telefone, cortando a conexão entre ele e o seu pai. Ele desejou que fosse assim tão fácil cortar sua mente de Alek também, mas não, isso daria um trabalho muito grande. Ele se dobrou e vomitou na lata de lixo. Oz estava ao lado dele em segundos, acariciando seu cabelo, limpando sua boca, trazendo água para ele. Ele não podia parar as mãos de tremer. E tudo o que ele podia ouvir era a risada de Alek ecoando em seus ouvidos.

— Oz, eu... oh, Deus, eu sou a porra de espião da ACRO, — ele sussurrou. — Como isso pôde acontecer? Todo esse tempo, eu coloquei minha equipe inteira em risco.

— Você não sabia - você não tinha como saber, — Oz disse, e algo em seu tom fez Dev se ligar.

— Você sabia. — A voz de Dev tremeu.

— Não... eu suspeitava, mas somente desde que eu bani Darius. Eu nunca colocaria você e a ACRO em risco assim. Nunca, — Oz disse ferozmente. — Você tem que acreditar em mim.

— Eu acredito. Mas merda, ele estava lendo tudo... eu tenho que -



— Eu coloquei uma sombra de mentes em você desde que o Darius se foi – eu basicamente estive monitorando a sua mente, então eu saberia se o Alek estivesse tentando invadi-la.

— E ele tentou?

— Ele tentou. Está tentando agora mesmo. — Oz respirou fundo e Dev sabia que a sombra de mentes não era algo fácil para a pessoa que a fazia. Não, isso sugaria toda a energia de Oz se ele fizesse por muito tempo.

— Isso não vai funcionar para sempre, — Dev disse. — Nós precisamos de planos. Planos alternativos.

Os músculos ao longo do pescoço de Oz e seus braços mostraram sua tensão. — É melhor você fazê-los rápido, então. A menos que você queira que o Alek saiba.

— Eu vou precisar de você, Oz. Eu sei que você disse que não quer voltar para a ACRO... —

Oz estava respirando pesadamente. Alek estava realmente fodendo com ele, com os dois, e era hora para Dev parar de dar uma escolha para o Oz. Para o bem dos dois. — Você vai assumir a ACRO para mim, — ele disse ao seu amante. — Eu vou assinar os papéis dando a você autoridade até que eu volte. Você não deverá contar nada para mim do que acontece na ACRO.

— Merda, Dev, isso significa que eu não posso chegar perto de você.

— Não por muito tempo. Eu vou arrumar ajuda.

— Você precisa fortalecer a sua mente – não vai ser um trabalho fácil. Você terá que aprender a reconhecer os sentimentos, os sinais. Desde a sua relação de sangue com o Alek, isso se tornará mais difícil.

— Como eu posso bloqueá-lo temporariamente? Me diga, Oz, — Dev implorou.



— Nós podemos arrumar uma equipe da ACRO com os mais poderosos psíquicos para se juntar a você com o escudo de mente, mais forte do que eu estou fazendo, — Oz disse, a tensão evidente em sua voz.

— O departamento de Pesquisa Mística desenvolveu uma droga que enfraquece o psíquico, — Dev disse lentamente. — Com isso e os psíquicos... —

— Você deverá estar seguro. Você tem que estar seguro, — Oz murmurou ferozmente. Ele fechou os olhos, e Dev notou o suor surgindo em sua sobrelancelha. E então, da mesma forma que saiu, a tensão caiu dos ombros de Oz e ele respirou profundamente e abriu aqueles inebriantes olhos escuros. — Nós estamos seguros por enquanto. Mas nós temos que trabalhar rápido.

Oz estava certo – essa não era hora para o Dev pensar sobre os últimos dois anos, esta era hora para agir. Dev podia lidar com isso. Com o Oz ao seu lado, ele podia lidar com qualquer coisa.

CAPÍTULO 22

Emprestar o cavalo não havia sido o plano, não realmente, mas enquanto Kira estava parada ao lado do lustroso Mustang preto de Tom enquanto ele trancava tudo, Zorro pulou a cerca e trotou até a entrada de carros, seus cascos ferrados batendo no cimento.

— Ei, baby, — ela murmurou enquanto ele encostava o nariz em suas mãos.
— O que você está fazendo? — Das imagens que ela juntou dele dos últimos dias, ela descobriu que ele havia sido um cavalo da polícia, aposentado agora e condenado a viver sua vida no pasto sem excitação.

Seu relincho e nítida batida do casco era a sua resposta, e o seu coração quebrou pelo orgulhoso Peão do Tennessee. — Você quer uma última aventura, não é?

Ele ergueu a cabeça, e com um suspiro, ela içou-se agilmente nas costas dele. Tom apareceu do nada, sua expressão preocupada. — Kira?

— Eu preciso fazer isso, Tom. Ele precisa disso.

Por um momento, o seu silêncio a preocupou, mas então ele acenou, e apesar de ele não dizer, ela sabia que ele seguiria.

Zorro a carregou rapidamente pela estrada do campo até a base da ACRO, o que era basicamente um tiro reto em uma estrada lateral. Enquanto eles se aproximavam do portão, Zorro começou a ficar ansioso.

— Está tudo bem, menino, — ela disse, mas ele não acreditou nela. Provavelmente porque ela não acreditava nisso.

Isso poderia ser um grande erro, e por um momento ela considerou fugir na direção oposta, começando em um lugar novo, como ela sempre fazia quando



as cidades se viravam contra ela ou os caras maus tentavam enfiá-la em vans. Mas ela não podia deixar o Tom, e se ele estivesse certo, se estas pessoas poderiam achar um jeito de curá-la de seus cios anuais, ela tinha uma chance até de ter uma vida normal com ele. Além disso, se ela se alistasse, eles poderiam ajudar seus animais. Ela somente esperava que não fosse tarde demais para o Luke.

Um guarda saiu da choupana portão enquanto outro permanecia dentro, e apesar de ela não ver nenhuma arma, ela não tinha dúvida que os dois homens possuíam um arsenal a sua disposição.

— Eu posso ajudar senhora? — o primeiro guarda perguntou, vendo o garanhão com apenas uma pequena curiosidade, como se as pessoas andassem a cavalo para dentro do perímetro cercado todo dia.

Ela desmontou, mas manteve sua mão enrolada na juba de Zorro no caso de ela precisar montá-lo rapidamente. — Eu não tenho certeza com quem eu preciso falar. Zach Taylor na Divisão Animal, eu acho.

— E você é?

— Kira Donovan.

Ele franziu as sobrancelhas, e então seus olhos se arregalaram. — Espere, Srta. Donovan. Eu vou fazer as ligações necessárias.

— Peça alguém para trazer um cabresto e uma guia para o Zorro. Ele precisará ser levado de volta para os seus humanos.

O guarda entrou em sua choupana, mas enquanto ele fazia suas ligações, o outro veio para o lado de fora para assisti-la cuidadosamente. Ela somente acariciou Zorro para mantê-lo calmo até que o cara da ligação telefônica saiu e a alcançou.

— Não me toque, — ela rosnou, e ele retirou sua mão como se ele tivesse sido queimado.





Sua própria reação violenta a assustou, mas ela não ligou. Ela não queria nenhum homem perto dela. Nem tocando-a, nem olhando para ela, e nem respirando o seu ar.

O homem olhou para ela como se ela estivesse com raiva, e estendeu sua mão mais devagar. — Senhora, você precisa usar este crachá de identificação.

— Oh. Tudo bem. — Ela pegou o crachá amarelo e o prendeu em sua camiseta.

Um momento depois, Zach apareceu. Ele carregava uma guia como ela havia requisitado, e ele deu um sorriso amigável para ela enquanto ele colocava o cabresto e a guia no Zorro. — Contente por você ter voltado, Kira. Você decidiu se alistar, eu espero.

— Isso ainda terá que ser determinado.

Ele estremeceu. — Eu espero que a sua decisão não tenha nada a ver com o meu comportamento anterior.

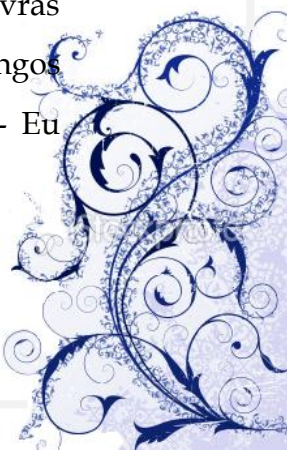
— Nem um pouco. As minhas febres afetam os homens desse jeito. — *Me toque hoje, no entanto, e você terá que morrer.*

Assustada novamente por sua reação a um homem, ela deu um passo para trás, colocando mais distância entre eles. O que estava errado com ela?

— Acabou agora, não é? — Quando ela acenou, ele adicionou, — Bem, se você se alistar, eu posso te garantir que uma vez por ano você estará tirando férias, goste ou não.

— Obrigada, — ela disse, e quase sorriu, porque somente há algumas semanas atrás ela não teria considerado tirar um tempo para férias. Agora, com o Tom, os seus cios anuais não seriam mais um problema.

Entediado, Zorro ergueu a cabeça, e Zach acalmou o cavalo com palavras em uma língua que ela não conhecia. — É melhor levá-lo para casa. — Longos dedos acariciavam o pescoço de Zorro enquanto Zach se virava para ela. — Eu



escrevi o seu programa de treinamento, então nós nos veremos bastante. Eu espero que eu possa te convencer a ficar. Nós precisamos de você.

Ele guiou o Zorro para longe. Duas mulheres esperavam próxima a choupana, e há quanto tempo elas estavam lá, Kira não fazia idéia. A amazonas de cabelo escuro sorriu, mas a mais baixa, uma linda loira cujo olhar poderia congelar lava, simplesmente encarava.

— Oi, eu sou a Janice. — A morena escultural não estendeu a mão, mas deu um aceno animado para a outra mulher. — Essa é a Annika. Nós somos suas treinadoras. Aquelas que você não esperou para conhecer quando Ender te trouxe para cá.

— Eu tive alguns problemas com as suas acomodações.

Annika bufou. — Eu pensei que alguém que havia passado tempo em uma cela de cadeia não seria tão exigente.

Sim, essa tal de Annika seria super divertida. — Eu estou bem agora.

Annika cruzou os braços em cima de seu amplo peito. — Então porque o Ender está tentando arrumar uma maneira para que você não fique na base para o seu treinamento como todo mundo fica?

Droga. Ela não queria que ele fizesse isso. Aqueles pequenos quartos não a incomodavam agora que a sua vida não estava mais em perigo. Mesmo assim, a preocupação dele era fofa, e a lembrava de uma das razões para ela estar aqui. Ele disse que ela precisava estar, e ela confiava nele.

— Ender é um idiota, — Janice disse antes que Kira pudesse responder Annika.

Annika estudou as suas unhas, que eram longas, mas não eram lixadas, — Sem discussão aqui.

Kira se arrepiou. Tom podia ser um idiota, mas ele era o idiota *dela*.

— Isso foi um rosnado? — Annika perguntou. — Você está *rosnando* para mim, Kira?



Confusa, ela piscou. Ela não havia percebido o que ela tinha feito, mas algo estava claramente errado.

— Te incomoda saber que todos aqui pensam que o teu amante é um idiota?

Kira apertou os dentes. Tom havia avisado-a para não deixar Annika pegar o cheiro de fraqueza mas dentro de momentos de conhecer a mulher, Kira havia feito exatamente isso.

— Eu não posso evitar como as pessoas pensam sobre o Tom.

— Tom? — Annika riu. — Eu me pergunto quantas das outras mulheres dele o chamavam de Tom.

Outras mulheres. A idéia a perturbou.

— O que você acha, Janice? As transas de uma noite só dele o chamavam de Tom?

— Eu duvido que eles até trocassem nomes.

— Ele não é assim, — Kira estourou, e instantaneamente se arrependeu de sua atitude. Não somente elas poderiam estar certas, mas o brilho nos olhos de Annika dizia que ela havia entrado em uma emboscada.

Lampejos vermelhos explodiram na visão de Kira, e um tiro de adrenalina chiou em suas veias. O seu cérebro sabia que Annika estava brincando com ela. Mas algo poderoso e primitivo no interior não ligava. Ela queria o sangue da mulher que se atrevia a falar de seu companheiro dessa forma.

Meu.

Ela atacou enquanto Annika se virava. Ela acertou a outra mulher nas costas, e então de repente Kira estava de costas na grama ao lado da estrada, o seu corpo pinicando e sua mente confusa. A voz de Annika flutuou até ela.

— Que infernos? Por que você me atacou?

Grunhindo, Kira se levantou de pé, seus músculos ainda se contraindo com pequenos tremores. Um cheiro amargo de queimado pairava no ar. — O que foi isso?



— Só um pequeno choque elétrico. Eu respondo dessa forma algumas vezes a surpresas. Você teve sorte que eu não te fritei como uma tira de bacon.

— Eu não — Uma aguda câimbra na barriga de Kira tirou as palavras de sua boca. Outra dor perfurante a dobrou e a fez gritar. — O que... o que você está fazendo comigo?

As duas treinadoras trocaram olhares preocupados.

— Nada. — Annika se aproximou. — Kira?

Líquido quente jorrou entre as coxas de Kira, e ela olhou para baixo para ver um gotejar vermelho escuro correr por sua perna.

— Merda. Annika segurou Kira enquanto outra cólica tirava a força de suas pernas. — Ligue para os médicos. Depressa!

O mundo girou. Ela vagamente se lembrava de ter escutado a si própria gritar. — Tommy! — e então tudo escureceu.



CAPÍTULO 23

Três doses de tequila e uma caneca de cerveja não haviam feito nem um pequeno talho no humor azedo de Annika. E nem sentar no bar minúsculo na base da ACRO, escutando a uma música country fanhosa no jukebox. Ela encarou as três doses que restavam alinhadas na mesa na frente dela, e brincou de uni-duni-tê. Um idiota sem-talento do departamento de almoxarifado na mesa de sinuca a olhou como se ela fosse uma retardada. Ela mostrou o dedo do meio para ele e engoliu a dose escolhida. O líquido dourado queimou sua garganta, mas não queimou o gosto amargo que ela não havia sido capaz de engolir desde esta manhã, quando ela assistiu os médicos da ACRO transportar rapidamente uma Kira inconsciente para uma ambulância militar especializada.

Mas isso não havia sido o pior de tudo. Não, o que o Dev falou para Annika depois sobre a Kira havia a derrubado como nenhuma tequila conseguiria. O biper disparou novamente, e com um movimento de seu pulso, o aparelho se juntou ao seu celular já esmagado contra a parede de sua baia escura de canto. Os seus telefones não haviam tido tanta sorte. A oscilação de energia que ela havia mandado através deles havia derretido-os onde eles estavam. Pelo menos eles haviam parado de tocar.

Ela se perguntou se o Creed havia tentado entrar em contato com ela. Não que ela se importasse. Apesar de que algumas rodadas de sexo quente poderiam distraí-la das coisas. O que ele havia dito sobre isso – foder os problemas dela para longe? O seu modo de agir habitual? Ela entornou as duas últimas doses e foi tropeçando para casa – quartéis convertidos em bases – porque ela não podia suportar ninguém olhando para ela. Ela daria tudo para ir

até a casa de Dev, mas não importa o quão brava ela estava, ela o amava demais para invadir a sua estranha privacidade que ele parecia precisar.

Mas droga, ela não queria ficar sozinha. Ela descobriu que Kira estava bem, e até agora, a criança estava bem também, mas as coisas poderiam ficar instáveis nos próximos dias pelo menos. Se Annika fosse a responsável por algo dar errado com a gravidez...

O seu estômago se contorceu enquanto ela abria a porta da frente. Oh, Deus, ela não podia lidar com isso. Ela havia matado muitas pessoas, havia sido uma arma para a CIA por anos, mas nenhuma de suas vítimas havia sido inocente. E nunca, nunca uma criança. E mesmo assim, se ela tivesse feito a mesma coisa há cinco anos, isso teria incomodado-a?

Teria incomodado?

Ela não queria pensar muito para descobrir a resposta. Tropeçando, ela conseguiu chegar ao banheiro, onde ela queria vomitar, mas não conseguia. Ao invés disso, ela tirou a roupa e pulou dentro do chuveiro, esperando lavar todos os eventos do dia. Mas a água fervendo não podia esquentar a memória de seu cérebro. E nem podia parar a dor. Ou as lágrimas. Soluçando, ela deslizou pela parede até que ela estava sentada no canto embaixo do jorro quente. O que estava acontecendo com ela? O que era esse colapso nervoso por causa de alguém?

Creed estava certo quando ele disse que ela não ligava para ninguém a não ser ela mesma e o Dev. Mas então, como as pessoas podiam esperar outra coisa, quando ela havia sido criada desde os dois anos por pessoas cujo único objetivo era transformá-la em uma máquina de matar profissional e implacável.

Missão cumprida.

Annika havia se tornado o experimento mais valioso e bem sucedido da CIA. Eles haviam se parabenizado em produzir um assassino cuja beleza e as habilidades de linguagem a permitiram se aproximar de qualquer um. Cujas habilidades de luta, e a perícia em matar e falta de remorso a permitiam

eliminar alvos com uma facilidade e eficiência que eles nunca tinham visto. Adicione isso ao seu poderoso dom elétrico, e nada podia tocá-la.

Eles haviam estado tão ocupados celebrando as suas conquistas que eles negligenciaram a proteção deles mesmos da mesma arma que eles haviam criado. E se ela não sentia nada quando ela eliminava os alvos atribuídos, ela sentia ainda menos quando ela eliminou os operativos da CIA que ela havia descoberto que haviam matado sua mãe para roubá-la dela. Ela não havia parado aí. Quase todos que tiveram participação em transformá-la em um pouco mais do que uma arma haviam pagado. Aqueles que escaparam de sua fúria, que haviam passado uma ordem para exterminá-la, não saíram livres. Ela se tornou sangrenta com eles quando a oportunidade se apresentou.

Agora mesmo, no entanto, ela estava contente por trabalhar para a ACRO. Para o Dev. Ela ainda não tinha certeza de como ele havia se tornado a pessoa ao lado dela que ela podia se importar, e por quanto tempo ela resistiu deixar ele se aproximar. Da forma como a CIA havia ensinado-a. Sentir nada. Não se importar com ninguém. Não confiar em ninguém. Mas ele continuou tentando, muito tempo depois do senso comum ditar que ele deveria deixá-la em paz.

E ela havia estado feliz com a sua vida desde então. Até agora, Creed se intrometeu furtivamente em seu mundo e a fez sentir algo mais do que indiferença. Algo muito maior do que os orgasmos decadentes que ele dava a ela. Ela manteve a porta de suas emoções fechadas para todos a não ser Dev. De alguma forma, Creed havia aberto aquela porta, deixando-as saírem, e agora elas não queriam voltar para dentro. Elas a inundavam, haviam sobrecarregado os seus sentidos, e ela não sabia como lidar com isso.

O que havia acontecido com a Kira não deveria ter incomodado-a, mas agora era tudo o que ela podia pensar. Ela até havia tentado mandar flores para a mulher, mas quando a vendedora perguntou o que escrever no cartão, Annika desligou. Era legal dizer, — Sinto muito que eu quase matei a você e a seu filho, e eu sei que você ainda está em perigo, então ei, desculpas antecipadas se algo ruim acontecer?



Provavelmente não. E ela seriamente duvidava que Kira a agradeceria por aparecer pessoalmente no hospital. A água ficou fria, mas ela não notou. Não se importou. Mesmo se os seus dentes batessem com a força de seus tremores, a única coisa que ela podia pensar era que talvez, só talvez, a água gelada poderia entorpecê-la, e a dor iria embora.

Dev soava estranho. Ele havia mandado Creed encontrar Annika e ajudá-la, mas ele não deu mais detalhes. Creed desligou seu telefone antes de retornar sua atenção para o homem esticado em seu sofá. Ele estava prestes a ligar para o Oz, para ver se o seu amigo e mentor que estava retornando tinha alguma resposta, quando a campainha tocou. Oz estava esperando em um pilar.

— Quaty me contatou, — Oz disse.

Agora Oz disse, — Vá até Annika. Quaty ficará aqui e me fará companhia. — Ele parecia exausto.

Ao invés de sair correndo, como ele queria fazer, Creed sentou-se pesadamente na cadeira de couro próxima à lareira. Ele havia parado de ter os arrepios massivos cerca de cinco dias depois de Annika ter fugido dele de novo, mas ele ainda não se sentia certo. Kat não havia estado normal também. — Que porra está acontecendo, Oz?

Oz o encarou, seus olhos castanhos tão escuros quanto os do Creed. Os dois homens poderiam facilmente passar por irmãos – Creed era um pouco mais e mais amplo, Oz mais tradicionalmente bonito e menos tatuagens, mas as suas cores, seus movimentos eram estranhamente similares.

— Creed —

— Eu quero saber o que está acontecendo comigo. Por que eu tive aquela reação quando eu deixei a mansão ano passado. Por que eu tive a mesma reação quando o espírito veio aqui, especialmente se ele não está atrás de mim.





Oz ficou em silêncio por um longo momento, e quando ele finalmente falou de novo, sua voz soava rouca. O cômodo havia se tornado mortalmente gelado e Kat estava esfregando suas costas freneticamente. — Você tem certeza que está pronto para ouvir isso?

— Eu preciso saber. Eu quero saber, — Ele disse.

— Quaty pare com isso, — Oz ordenou, e apesar do pranto não parar, ficou progressivamente mais baixo. Creed se inclinou para frente em seu assento e encarou o Oz, esperando impacientemente.

— Há uma maneira que eu posso te libertar da Kat, — Oz disse calmamente.

— Para sempre?

— Para sempre, — Oz confirmou.

— Merda. — Creed cobriu seus ouvidos em uma tentativa inútil de parar os gritos da Kat de ecoar em seus ouvidos.

— Não há uma janela de tempo muito grande para você tomar esta decisão.

— Oz falou calmamente, ignorando o guincho que o Creed sabia que o cara também podia ouvir e falou para ele mais sobre o que Creed precisaria fazer para quebrar os laços com a Kat.

Ani. Ele tinha que falar com a Ani sobre tudo isso...

— Eu não posso fazer isso agora, Oz, — ele se escutou dizer. — Eu tenho que sair daqui. — Ele tropeçou, meio cego pelas lágrimas, e Oz não tentou pará-lo.

A garganta de Creed parecia ferida, como se ele estivesse gritando, quando realmente ele mal havia falado. Arrepios destruíram seu corpo de novo enquanto ele batia suavemente na porta de Annika, e então com mais força quando ninguém respondeu.

— Annika, abra, — ele gritou, porque ele sabia que algo não estava certo. Ele lembrou-se de quando ele abriu a porta com um chute, na mansão da



família de Dev, para chegar até ela, e com um pé vestido em uma bota pesada, ele fez isso novamente.

Ela nem havia se incomodado a ligar o alarme de sua casa, e com um rápido olhar ele percebeu o teclado queimado ao lado da porta, o interfone derretido que parecia como se tivesse pegado fogo recentemente. Ele escutou água correndo, correndo pelas escadas e dentro do que deveria ser o seu quarto. Ele abriu a porta, esperando se encontrar imerso em uma nuvem de vapor, não o frio congelante que acossou seus sentidos. A janela estava totalmente aberta, e ele podia notar antes de abrir a porta do chuveiro que a água também estava fria.

Pelos quadrados pesados de vidro que particionavam o chuveiro do resto do banheiro, ele viu Annika, enrolado como uma bola no chão. Ele entrou e desligou a água, agarrando uma toalha e a enrolando nela. Ele a carregou para dentro do quarto, a colocou, ainda pingando, embaixo de um grosso cobertor, e tirou todas as suas roupas rapidamente. Ele se deitou embaixo das cobertas com ela, abraçando sua pele gelada próximo a ele em uma tentativa de esquentá-la mais rapidamente. Mesmo ele se sentindo frio por dentro, ele sabia que a sua pele ainda estava muito, muito mais quente que a dela.

— Ani, — ele murmurou. — Por que diabos você fez isso consigo mesma?

Ela se mexeu, seu cabelo molhado grudando em seu pescoço e bochechas, e quando ela virou sua cabeça em sua direção, ele esfregou seus lábios com os dela porque ele queria que eles ficassem rosa novamente, não tingidos de azul como estavam. Ela ainda estava acomodada nele, suas costas contra o seu peito. Ele acariciou a sua barriga e seios com suas mãos, os esfregando para cima e para baixo para chamar sua atenção. Ele acariciou seus mamilos entre os seus dedos, e pensou ter ouvido um pequeno arfar.

— Vamos, Ani. Abra seus olhos, — ele disse. Ele beijou o ombro dela, o seu pênis se endurecendo da fricção de se esfregar nela – inferno, só de *estar* perto dela.

Sim, sexo definitivamente a acordaria – a chocaria, se nada mais adiantasse.





Ele se deslizou para baixo em seu corpo, ficando debaixo das cobertas. Ele mudou suas coxas para que ele pudesse ficar entre elas, se encontrou as elas apertando o seu pescoço. Não importava, enquanto ele pudesse colocar sua língua e seu piercing, onde precisava ir. Ele enterrou seu rosto no sexo dela, sua língua acariciando suas dobras, que logo cresceram quentes e molhadas, e ele notou que os quadris dela começaram a se mover levemente. Ele pressionou sua língua profundamente dentro dela, escutou o arfar dela com certeza desta vez. As mãos dela perambularam até se enrolarem em seu cabelo enquanto ele cutucava e lambia e sugava. As coxas dela apertaram o seu pescoço enquanto o seu piercing se conectava com o duro nó de nervos, e ela se desmoronou contra sua boca.

Ela tinha um sabor delicioso, como uma mistura quente de doce eletricidade e acuar, e ele empurrou sua língua dentro dela novamente para que ele pudesse alcançar cada pedaço de seu orgasmo.

— Creed? — ela sussurrou.

Ele ergueu sua cabeça dela relutantemente. — Eu espero que você não esteja esperando por outra pessoa, — ele grunhiu, mas ela estava puxando-o até ele estar cara a cara com ela. Ela o puxou para um beijo, o gosto dela ainda em seus lábios, e droga, ele sempre achava excitante quando ela fazia isso. Ela o empurrou para cima, então ele a cobriu. Seu corpo estava se aquecendo bem, os músculos dela ainda tensos mesmo enquanto ela abria as coxas para dar as boas vindas para ele.

— Eu não estava esperando você. Não depois do que aconteceu da última vez, — ela murmurou. — Eu fodi tudo de jeito, Creed. Como você sabia que eu faria.

— Shhhhh, Ani. Está tudo bem, — ele disse.

— Não está tudo bem. Nunca ficará, — ela disse, mas ela ainda estava guiando-o para dentro dela. Ele queria se retirar, forçá-la a falar mais, mas ele não podia. A ligação deles era muito forte quando eles estavam juntos, a



energia dela o atraindo até que ele não podia fazer nada a não ser se render a isso, a ela.

Ele soltou uma respiração chiada entre seus dentes, porque o seu pênis sentia-se tão bem dentro dela, onde era apertado e quente e pulsante – tudo para ele. Somente para ele. Ela apertou seus ombros e gemeu. Ela possuía marcas de lágrimas em suas bochechas. Ele havia beijado-as enquanto ele se virava para que ele pudesse passar a língua em seus mamilos, e os tornozelos dela o trancaram na parte baixa de suas costas. Ela era tudo que ele pensou que nunca poderia ter, e agora mesmo, em momentos assim, ela era toda dele.

Sua pele estava quente agora; suas bochechas possuíam um resplendor rosa e o coração dela batia fortemente contra o seu peito. Ele estava apoiado nos joelhos e nos cotovelos, se esfregando contra ela, porque ela precisava dele mais profundamente, dizendo isso para ele de forma não tão sutil pela puxada de seus quadris, pela maneira que ela estava beijando-o. O sexo continuou pesado e rápido, ambos gozando com segundos de diferença um do outro. O orgasmo de Creed era como uma quente explosão de luz branca atrás de suas pálpebras fechadas, como se ele tivesse explodido e sido recolocado junto dentro de segundos.

E então Annika – sua garota durona – estava chorando em seus braços. Soluçando como se ela fosse quebrar.

– Eu... machuquei... a namorada... do Ender, – ela conseguiu. – Ele vai me matar.

– Ender vai se acalmar. A Kira está bem, – ele disse para ela. – Ela não culpa você. Ninguém culpa.

– Eu trabalhei tanto para controlá-lo, – ela botou para fora. – Eu não tive intenção de machucá-la.

– Eu sei, querida, eu sei. Algumas vezes nossos dons nem sempre cooperam da maneira que nós queremos.

— Pelo menos o seu não faz as pessoas se machucarem acidentalmente. Não te priva de fazer sexo de verdade.

— Kat sempre me priva. E você nunca me machucou durante o sexo, — ele a lembrou.

— Você é o único.

— Eu gosto de ser o único.

— Eu não tenho escolha, — ela disse, suas palavras cortando-o mais afiadamente e efetivamente do que qualquer lâmina poderia.

— Quem sabe? Talvez há mais de nós por aí para você foder. Talvez você possa montar um anúncio para participantes voluntários se você não está feliz com a sua atual situação.

Ela não o respondeu. Os últimos meses de bater a sua cabeça contra o que parecia ser uma parede de tijolos se desmanchando nele e ele rolou para fora da cama. Os seus pés alcançaram o chão com uma batida sólida e ele encarou a parede. Ele esperou que Annika saísse tempestivamente, e ela o surpreendeu ao não fazer isso. Ao invés disso, ela o alcançou e começou a massagear os seus ombros, suas mãos fortes e certas – uma desculpa. O mais perto de uma que ela chegaria a dar para ele.

— Eu preciso saber se isso vai funcionar entre nós, Ani.

— Nós não podemos manter as coisas como estão?

Não, não depois do que Oz disse para ele mais cedo. O seu mentor e amigo havia agarrado o seu braço e previsto um futuro que Creed nunca acreditou que pudesse realmente acontecer.

— Há uma maneira das coisas serem diferentes para mim.

— Eu não entendo. — Ela parou a massagem, e quando ele se virou, ela estava sentada nos calcanhares, ainda nua – linda e cativamente nua – e ele quase largou a conversa em favor de fazer amor com ela novamente.



— É sobre a Kat, — ele disse calmamente. — No outro dia... minhas tatuagens... quando elas estavam se movendo...

— Algo está errado.

— Sim, está.

— Você já foi aos médicos? Eu tenho certeza que o Dev poderia te encontrar um especialista se os médicos da ACRO não puderem te ajudar...

Creed balançou a cabeça. — Não é algo que algum doutor possa me ajudar. É algo que eu tenho que tomar uma decisão sobre antes que a decisão seja tomada por mim.

— Me conte. Deixe-me ajudá-lo. Eu posso achar maneiras de te ajudar.

Deus, como ele queria acreditar nisso. A preocupação em seus olhos azuis eram quase demais para ele agüentar — ela havia passado por tanta merda, e agora ele iria pedir mais dela. Provavelmente mais do que ela estava disposta a dar.

— Eu tenho uma certa janela de tempo... Não será fácil, mas é possível que eu possa viver uma vida normal.

— Você quer dizer, sem a Kat?

— Certo. Eu não seria atado a ela mais.

— E então o que há para pensar?

— Meus poderes. Todos eles — eles sumiriam.

Ela se afastou dele, meio aturdida. — Então você terá sua vida de volta, poderá ficar com quem você quiser...

— Não! — ele gritou. — Não seria somente qualquer um, droga. Seria você. É dessa maneira que o trato funciona. É você ou ninguém. É manter os meus poderes e ter mulheres uma ou duas vezes, ou ficar contigo.

— Eu não entendo.



— Esta é a minha escolha. Minha única escolha, Ani. Se não é algo que você queira, então eu vou deixar esta oportunidade passar.

— Mas se não for eu, então você poderia ficar com qualquer uma.

— Eu já disse antes, eu não quero qualquer uma. Eu não estou disposto a largar de tudo por qualquer uma. — Ele correu a mão pelo cabelo, uma onda de desespero o lavando. Dividido entre o seu presente e o seu passado, ele estava quebrando em dois, literalmente.

Ele se levantou da cama, ignorando as mãos de Annika tentando puxá-lo de volta para sentar. Ele colocou rapidamente suas calças e pegou sua camiseta. Ele quase não podia olhá-la, mas ele se forçou a fazer isso.

— Eu estou pedindo demais, eu sei.

— Creed —

— Está tudo bem. Eu entendo. Eu finalmente entendo, — ele disse. — Algumas pessoas são feitas para ficar sozinhas. Nós somos duas dessas pessoas. Foi estúpido da minha parte pensar de outra maneira.

Ele deixou o quarto e a casa dela sem outra palavra. Kat o encontrou nos degraus do lado de fora e colocou o seu braço ao redor dele enquanto ele voltava para casa na chuva.

Capítulo 24

— Sobre que diabo você está falando? Eu a segui até aqui. Ela estava conversando com Annika e aquele outro treinador. Ela estava bem. — Ender bateu seus punhos na escrivaninha na frente de Dev.

— Houve um problema, — Dev disse. — Ela atacou Annika.

— Besteira. Annika é a sem restrição.

— Annika disse algo sobre *você* que atingiu sua comunicante de animais do modo errado, — Dev disse, porque o temperamento de Ender não o assustava do modo que fazia com quase todas as outras pessoas no complexo.

— Isto aconteceu horas atrás — por que diabos você não me ligou mais cedo? — Ender perguntou.

— Nós queríamos ter certeza que Kira estava bem antes de ligarmos.

— Dev, é melhor você começar a me dizer exatamente o que está acontecendo. — A agitação de Ender se elevou para níveis insustentáveis, e Dev esperou que o homem estivesse pronto para o que estava prestes a ouvir.

— Kira está na enfermaria — que ela vai ficar bem. Mas o corpo dela mudou de um modo que nós nunca antecipamos.

Ender entendeu. Imediatamente. Ele afundou sobre o sofá, murmurando para si mesmo, — Eu vi as mudanças, mas não juntei tudo.

Então ele falou para Dev. — Ela disse que estava na pílula.

— Aparentemente, Derek as trocou por placebos quando chegou ao refúgio. O Agente-I que Annika capturou em Idaho entregou a informação. Nós temos Remy nisso agora para ver o que mais nós podemos extrair do agente.

— Eles a queriam grávida.



— Sim, pelo Derek especificamente. Com as habilidades dela e a força do Derek...

— A criança dela poderia ter um dom duplo — e com sua fisiologia animal, a força podia ser aumentada, — Ender sussurrou. — E quanto a nossa criança?

— Vamos dizer apenas que, aquela criança não é alguém com quem eu quero mexer também.

— Ela sabe?

— Eu imaginei que você devia ser a pessoa a lhe dizer, — Dev disse, e o aperto familiar em sua cabeça começou novamente. Desde que ele e Oz foram aos psíquicos para ajudar a bloquear sua mente de Alek ontem, ele tem experimentado enxaquecas violentas que vinham inesperadamente. Um mal necessário enquanto Alek batalhou contra o escudo metal pelo controle do cérebro de Dev.

Em alguns dias, uma vez que negócios da ACRO estivessem em ordem, Dev tiraria sua licença até que pudesse completamente proteger sua mente contra Itor. Oz estava preparado para assumir o comando, e a maior parte do pessoal tinha sido notificada.

— Dev, você está bem? — Ender estava perguntando. Dev olhou diretamente nos olhos do homem, e por um segundo Ender inclinou sua cabeça e encarou Dev, como se ele soubesse que Dev podia ver novamente.

— Eu estou ótimo. É apenas estresse. Vá agora, — Dev disse.

— Vai se foder. Algo está acontecendo com você. É aquele maldito Oz, não é? — Ender continuou a encarar. — Eu não entendi isto, Dev. Deixar o Oz assumir o comando enquanto você sai de férias não me atinge como algo que você faria de boa vontade.

— Você não sabe nada, — Dev disse.





— Eu sei um inferno de muito mais do que você me dá crédito, — Ender contradisse, mas Dev não tinha tempo ou paciência para este. Ele se levantou, chutando sua cadeira atrás dele.

— Vá agora, Tom. Cai fora da minha frente. Vá para sua comunicante de animais e descubra se você está preparado ou não para bancar o papai, — ele disse, sentiu o agitar de surpresa de Ender.

— Como eu disse antes, vai se foder, Dev, — Ender sussurrou, sua voz bruta. Ele saiu rapidamente com um estrondo da porta principal do escritório, e Dev esperou uma batida antes de sair por trás.

Kira está grávida.

O pensamento atingiu Ender em um nível tão profundo que ele quase estremeceu enquanto corria pela ACRO em velocidade máxima para chegar à enfermaria. Um puxão primitivo para protegê-la e seu bebê quase o subjugou, e ele não dava a mínima para o que estava acontecendo com Dev. Ele apenas queria chegar a Kira. Imediatamente. Ele passou rapidamente tanto pelos seguranças quanto as enfermeiras que tentaram pará-lo—e ele estava muito certo que as enfermeiras eram um inferno de muito mais difíceis para passar, mas não importava. Ele empurrou por qualquer um em seu caminho, gentil, mas firmemente movendo a última enfermeira—que realmente estava na frente da porta de Kira—levantando-a.

Ele a colocou de volta ao lugar exato, e embora sua velocidade estivesse ligeiramente diminuída porque nenhuma comida matinha seu interesse, ele ainda estava um inferno de muito mais rápido que qualquer um por aqui.

Kira estava sentando na cama, olhando para a porta, nenhuma dúvida tendo ouvido a comoção. Quando a enfermeira entrou depois dele, Kira gritou — Está tudo bem, Meg. Eu quero vê-lo. Ele é meu.

Meu.

— Ele é seu? — Meg apontou para ele. — Boa sorte com isto, querida. — A enfermeira saiu, fechando a porta atrás dela.

— Oi, Tommy, — Kira disse.

— Ei, — ele disse. Ela não parecia nada mau para o problema — de fato, ela parecia até mais bonita que o habitual. Mais suave, o que ele já tinha mencionado para ela dias atrás, e radiante. Agora ele entendeu por que. Ele caminhou até a cama e agarrou sua mão. — Você parece bem.

— Eu estou contente que você veio, — ela disse. — Eu estou ótima. E por favor, não faça nada para Annika. Nada disto foi culpa dela.

Ele rosnou novamente, desta vez na menção de nome da Annika. — Eu cuidarei dela.

— Tommy, você não ouse. Eu a ataquei primeiro. Foi minha culpa. Tudo que eu pareço fazer é causar problema. Eu pensei talvez fosse diferente aqui...

— Ela diminuiu distraidamente, puxou as coberturas ao seu redor mais firmemente.

— Eu tenho que lhe perguntar algo, Kira.

— Eles não me querem mais aqui, certo? — ela perguntou, a infelicidade em seu tom partindo o coração dele.

— Não, eles querem você aqui. Você ainda está segura e este ainda é o melhor lugar para você.

— Eu não sei o que aconteceu, por que eu reagi daquele modo —

— Você fez sexo com qualquer outro durante este ciclo? — ele perguntou rapidamente, interrompendo-a antes que ela pudesse examinar cuidadosamente o incidente inteiro novamente.

Ela arrancou sua mão da dele. — Que diabo isto deveria significar?

Ah, sim, hormônios. Kira provavelmente seria muito mais enlouquecida que a maioria das mulheres grávidas. O que significava que ele estava ferrado.

Reconhecidamente, ele podia ter elaborado a pergunta um pouco melhor, mas inferno, ele nunca prometeu que iria mudar. Muito.

— É uma pergunta simples, — ele disse. — Você mesma me disse que sempre precisou de muitos homens diferentes para satisfazê-la. Que você movia de homem para homem durante seu cio antes.

— Sim, antes, — ela praticamente cuspiu. — Você sabe que houve apenas você.

— Eu não ficarei bravo ou qualquer coisa. Eu entendo. É apenas que eu preciso saber. — Porra, ele praticamente estava gaguejando. — Você dormiu com o Derek antes de eu chegar lá?

— Não, — ela disse, com uma forte sacudida de sua cabeça. Ela estava olhando fixamente para ele, sua sobrancelha enrugada em raiva.

— Você tem certeza?

— Eu acho que saberia, — ela disse, e ele pensou sobre a vez que a drogou. Derek podia ter facilmente a possuído então, e ela não teria sabido.

Derek inconsciente. Não havia maneira...

— Como você está sentindo agora? — ele perguntou finalmente.

— Um pouco mais cansada que o habitual, mas acho que isto está provavelmente ligado no ciclo de cio terminando cedo.

— Quando exatamente ele terminou?

— Duas semanas atrás.

— Antes de você reorganizar minha mobília? — ele perguntou gentilmente, conseguiu um pequeno sorriso dela.

— Sim.

— E o calor terminando cedo, isto nunca aconteceu antes?

Ela agitou sua cabeça. — Nunca. Algo está errado, não é? Você sabe de algo.

— Sim, eu sei. — Ele encarou o teto e então de volta abaixo para ela. — Eu sei por que terminou.

— Eu estou bem? Eu estou doente?

— Não, você não está doente. Você está grávida.

Ele se levantou próximo à cama dela e esperou pelos efeitos colaterais da explosão.

Grávida.

Oh, merda.

O choque roubou sua respiração, algo que ela não percebeu até que seus pulmões queimaram e ela teve que arquejar por ar.

— Kira? Você está bem?

A voz de Tom, baixa e profunda, acalmado-a quase tanto quanto sua mão roçando suas costas.

— Eu não posso estar grávida. Eu estou na pílula, — ela disse finalmente, e então se sentiu pálida quando se lembrou das perguntas que ele tinha sobre ela dormir com outra pessoa. — Você não acha que eu fiz isto de propósito, certo? Para prender você, ou algo?

— Não. — Ele puxou uma cadeira e sentou ao lado dela. — Nós sabemos que Derek mexeu com suas pílulas.

— Por quê? Por que ele faria isto?

— Para engravidá-la para a Itor. — Ele cerrou o punho a seu lado. — Eu devia ter causado há ele muito mais dor.

— Mas eu achei que eles me queriam morta. Para me afastar da ACRO.

Ele exalou e desviou o olhar. — Sim. Eu acho que nós estávamos errados sobre isto.



Terror frio como gelo inundou seu corpo na ideia de que ela podia agora mesmo ser a propriedade de uma organização terrorista sobrenatural. E que ela estaria lhes dando uma criança para fazer Deus-sabia-o-que.

Uma *criança*. Alegria, choque e medo fluíam em um grande rio de lágrimas que derramava seu rosto abaixo. — Isto...isto não muda as coisas entre nós, não é? Eu quero dizer, eu esperava ter suas crianças algum dia, mas —

— Você esperava? Você queria crianças? Comigo?

— Claro. — Ignorando o puxão do tubo intravenoso, ela colocou sua mão sobre a dele. — Eu quero dizer, eu nunca pensei que as teria, porque nenhum homem iria me querer por companheira. Mas você sabe o que eu sou, e você não se importa. Por que eu não iria querer ter suas crianças?

— Por causa do que *eu* sou, — ele quietamente disse.

— Um excedo...sei lá o que? Meg explicou isto. Disse que você e um bocado de outras pessoas aqui são perfeitamente normais, mas diferentes. Que você tem um excesso de certas características, tipo como galgos são feitos para algo completamente diferentes de mastiffs, mas eles ainda são cachorros. Ela disse que excedos são assim. Alguns são super-rápidos, como você. Outros podem ouvir melhor que gatos. Ela disse que vocês até tem um sujeito que tem sonar como um morcego. Então se você está contente com o que eu faço, eu estou contente com o que você faz.

— Eu não estava falando sobre isto.

— Então o que? Seu trabalho? Trazendo pessoas como eu? Defendendo a si mesmo e a eles quando você tem fazer? — Quando ele estremeceu, ela experimentou um afiado zunido de pânico. — Oh, Deus, você não quer isto, não é?

O olhar dele caiu para onde suas mãos se encontravam. — Kira, eu não vou mentir e dizer que estou empolgado, porque agora mesmo estou assustado como o inferno. Mas nós lidaremos com isto. — Erguendo sua cabeça, ele a



encarou tão atentamente, que ela teve que medir um longo e lento exalar. — E nunca, jamais pense que eu não quero isto.

Amor, grande e sentimental e quase opressivo, a encheu até que ela não podia mantê-lo dentro ou estouraria. — Eu amo você, Tommy, — ela sussurrou. Ele engoliu como se não estivesse certo do que dizer, mas ela não retiraria mesmo que pudesse. — Eu amei você desde aquele dia no carro, quando você jogou fora o hambúrguer. Ninguém jamais se importou comigo o suficiente para respeitar meus sentimentos assim.

Houve uma batida na porta, e então a Dra. Lavery, veterinária da ACRO, entrou a passos largos. A morena ligeiramente empática-animal poderia ser uma médica profissional, mas ainda era uma mulher, e ela lançou um olhar apreciativo para Tom. Um estrondo baixo vibrou do tórax de Kira, mas não foi até Tom apertar sua mão que ela percebeu que todo mundo podia ouvir.

Dr. Lavery sorriu. — Está tudo bem aqui?

— Se por tudo bem você quer dizer que eu acabei de descobrir que estou grávida e tenho estas reações misteriosas para tudo, então sim. Está tudo bem.

— Este é o pai, eu presumo?

— Sim. — O tom de Tom não deixou dúvida de que ele estava certo disto, e Kira sentiu uma estranha e feliz onda de calor por ela. — Como você soube?

Dra. Lavery desenrolou seu estetoscópio de ao redor do pescoço e se preparou para escutar o coração de Kira. — Porque ela está tocando em você. — Ela ficou muda por um momento enquanto moveu a campânula ao redor do peito de Kira, e então ela olhou para Tom. — Eu sou a Dra. Lavery. Eu sou veterinária, mas vou chefiar este caso. Dr. Marrom consultará.

— Kira disse que viu um veterinário antes, para um vírus canino, mas por que ela precisa de um veterinário agora? — Tom perguntou.

Kira ruborizou quando Dra. Lavery se endireitou para verificar sua intravenosa e disse, — Porque Dr. Marrom é macho, e ela o mordeu.

Tom tossiu um pouco. — *Mordeu?*

Dra. Lavery assentiu e fez uma anotação no quadro de Kira. — Uma vez que as suturas sejam removidas, ele deve recuperar uso completo de sua mão. — A veterinária limpou sua garganta, mas o brilho divertido em seu olho a denunciou. — Aparentemente, você é o único macho que ela deixou se aproximar desde que ela chegou a ACRO esta manhã.

Que humilhante. Especialmente porque metade do tempo ela não percebia como estava agindo até ser tarde demais. — Doutora, a gravidez está causando isto? Vai parar?

A veterinária perscrutou Kira sobre seus óculos de bordas pretas. — Fêmeas de algumas espécies se ligam aos machos uma vez que concebem, mas é normalmente temporário, então não há razão para pensar que isto não será temporário também.

— Bom. Porque sair em público pode ser um pouco constrangedor se eu estiver mordendo e rosnando para todo homem que olha para mim.

— Eu não me importo se você rosnar para eles. — Tom lançou-lhe um sorriso masculino e possessivo envolvido com calor. — Mas salve as mordidas para mim.

Oh, Deus. Ela queria mordê-lo agora mesmo. No lugar suave entre seu ombro e pescoço, enquanto ele a tomava forte. — Eu posso fazer isto.

Dra. Lavery limpou sua garganta novamente, e Kira sentiu suas bochechas ficarem quente. Tinha esquecido que ela e Tom não estavam sozinhos. Ele fazia isto com ela, fazia enfoque sua atenção tão fortemente nele que nada mais existia.

— Sem mordida , ou qualquer... outra coisa, por uma semana, — Dra. Lavery disse, e Tom gemeu.

— Fácil para você dizer, — ele murmurou. — Kira é implacável quando quer algo.



— Oh, obrigado.

Dra. Lavery riu. — Bem, você apenas vai ter que ser firme e lhe dizer não.

— Quando ela pode ir para casa?

Casa. Ela tem sido uma nômade por tantos anos que esqueceu o significado da palavra. Souu tão boa vinda de Tom.

— Kira sofreu perda de sangue leve pelo que nós chamamos de uma ameaça de aborto. Seu ultrassom pareceu normal, contudo, e seus níveis de hormônio estão altos, então exceto um evento traumático, ela permanece com uma boa chance de levar esta criança a termo. Nós gostaríamos de mantê-la durante a noite, e então ela pode ir para casa de manhã, mas ela vai precisar pegar leve por alguns dias. — A veterinária deu a Kira um olhar duro. — Você pode fazer isto?

— Será difícil, mas eu administrarei. Eu quero este bebê. — Ela mordeu seu lábio e olhou para Tom. — Eu quero uma família.

Capítulo 25

Ender sabia que estava no meio de um pesadelo, mas não importava o quanto ele lutava para acordar, a cena vinha em sua cabeça sem parar.

– Hey, Ender, quer um cigarro? – Aces lhe atirou um cubano, e os dois homens ficaram iluminados sob a escuridão do céu do Afeganistão.

Sua equipe Delta tinha feito o LZ há duas horas atrás, ele recuou e esperou no sopé das montanhas junto do percurso da Passagem de Khyber. Sua missão fora bem sucedida, derrubaram uma pequena célula de terroristas devido a uma ordem da CIA, haviam levado duas semanas para concluir a missão. E agora Ender e os demais aguardavam com expectativa por R&R.

Damien pegou o cigarro da mão de Ender e o acendeu. – Você está ficando lento devido a idade, homem – , ele disse.

O vigésimo quinto aniversário de Ender tinha ocorrido durante a semana passada, e ele estava prestes a mandar Damien se foder quando ouviu o som de tiros.

– Ender... – Damien chiou com a boca cheia de sangue, e depois tudo ocorreu em câmera lenta. Mais tiros do inimigo ecoaram na cobertura de alguns arbustos no cume, e Damien gritou, apertando seu peito. Ender empurrou Damien para baixo e se colocou em posição para cobrí-lo.

Damien ainda estava gritando - ele havia sido gravemente atingido, e então de repente, ele estava em chamas.

– Que tipo de arma foda é essa que eles têm? – Aces gritou enquanto corria para apagar o incêndio que tinha engolido seu companheiro de equipe. Enquanto Aces se aproximava, as chamas pareciam surgir da ponta dos dedos de Damien, e Ender jurou que Damien realmente jogava uma rajada de fogo em Aces, que caiu no chão, gritando e se contorcendo.





– Damien, não! – Ender gritou, pulando para fora das flechas de fogo que continuavam sendo atiradas pelo homem que o time chamava de Demônio devido sua boa aparência escura. E Deus, os insurgentes inimigos e a sua própria equipe, todos eles foram queimados exceto Ender, cuja velocidade de deslocação permitiu que ele fugisse das chamas. Sufocado em fumaça gordurosa, ele se agachou atrás de uma rocha, com o rifle de atirador M24 nas mãos, inútil contra a carnificina das chamas e o sofrimento.

A mente de Ender gritava que isso não podia estar acontecendo, mas os sons, o cheiro, o calor escaldante na sua pele lhe dizia o contrário. Sendo a situação impossível ou não, os homens foram mortos ou estavam moribundos, e Damien ainda estava queimando qualquer coisa que se movesse. Apertando o rifle em suas mãos para não tremer, Ender matou Damien e, em seguida, colocou uma bala em cada um dos membros de sua equipe que se debatiam entre a vida e a morte. Em seguida, todos estavam mortos e ele estava sozinho. Gritando internamente, ele podia ouvir seu pulso batendo nos ouvidos tão alto que quase abafava o som do C-130 caindo no chão abaixo dele.

Como sempre, Ender nunca chegou mais longe no pesadelo a ponto de ouvir a queda do avião, nunca assistiu a parte onde arrastava Dev, chutando e gritando devido ao C-130 queimando. Em vez disso, acordava encharcado, gritando e tremendo, de pé no canto do porão de sua casa, segurando uma M16 apontada para a escuridão. Pronto para matar. Com os dedos trêmulos, ele verificava se não havia disparado nenhuma bala e descobria que nem sequer havia carregado a arma. Ele poderia travá-la e carregá-la enquanto dormia, mas felizmente não havia levado seu treinamento tão adiante.

Ele caiu no chão, voltando para a parede de pedra do porão, passou as mãos pelos seus cabelos e se perguntou quando isso iria parar. Ele estava com o peito apertado. Precisava sair dali, correr, queimar toda essa preocupação e tensão. Mas suas pernas ainda tremiam e seu corpo não funcionava direito. Este tipo de fraqueza física nunca havia acontecido, e antes que ele tivesse ido para a cama tentou enfiar para baixo o bife que tinha comprado no caminho do hospital para casa.





Cada mordida o fazia pensar em Kira. A mulher grávida de seu filho, que esperava para ter uma vida junto dele e ser uma grande família, feliz, tipo-especial-e-habilidosa de família. Como ele poderia mantê-los seguros quando pegava armas enquanto sonâmbulo, quando *ele* era o perigo? *Olá garoto, não se preocupe – o papai é um assassino, mas ele não vai te machucar.*

Não, ele não podia ter certeza de nada. Ele tinha os pesadelos por uma razão, para lembrá-lo de que ele era, e sempre seria, melhor sozinho.

No momento em que Tom entrou entrou no quarto de Kira pela manhã, ela voou para seus braços. Ela deve tê-lo pego de surpresa, porque ele cambaleou para trás, como se ela fosse muito pesada.

– Desculpe, – ela disse, enquanto se enrolava nele. – Eu estou um pouco excitada por te ver.

Ele a segurou firmemente, como se não quisesse deixá-la partir. Ela conhecia o sentimento. – Tom?

– Hmm?

As mãos dele a acariciaram através do local onde ela havia usado para limpar a casa, e ela suspirou contra seu pescoço. – Eu sei que você está preocupado com tudo isso, mas você vai ser um pai maravilhoso.

Seu corpo estava tão tenso que ela poderia estar abraçando uma tábua. Ela se afastou de seus braços. – Você parece terrível. Eu disse que algo estava errado, que você está ficando doente. Você deveria ir ver um médico. – Quando ela tocou sua testa para ver se estava com febre, ele gentilmente agarrou seu pulso e o afastou.

– Kira, nós precisamos conversar.

– Tudo bem. Mas vamos fazer isso em casa. – Ela sorriu como uma idiota, porque ela finalmente tinha uma casa, pela primeira vez em sua vida.





Ele pegou a mão dela e a levou para fora da clínica, onde a luz do sol era filtrada pelas nuvens, a tensão gerada pelo silêncio dele quebrou um pouco do humor dela. Obviamente, tudo que ele queria falar era importante, e enquanto eles caminhavam pela calçada em direção ao lago com patos, ela não conseguia mais se sentir calma.

— Dr. Lavery disse que Luke chegou ontem à noite. Ela o colocou em uma transfusão, e Zack conversou com ele, o levou para comer um pouco. Portanto, parece que ele vai sair dessa. Não posso te agradecer o suficiente, Tommy. O restante dos animais estará aqui nos próximos dias.

— Isto é ótimo.

O tom casual em sua voz continha um leve chiado de preocupação, e então ela percebeu onde eles estavam indo, ou, mais importante que isso, onde eles não estavam indo..

— Por que estamos caminhando para fora do estacionamento?

— Porque, — disse ele, olhando para frente, — eu não estou levando você para a minha casa. Vou levá-la para um apartamento na base.

— Mas eu não preciso ficar perto da clínica.

— Eu vou explicar quando chegarmos lá.

Ela plantou os pés no chão e com os punhos nos quadris. — Não, você vai explicar agora. Por que estamos indo ficar em um apartamento?

Ele parou, mas não se virou. — Kira

— Agora.

Ele amaldiçoou, mas era um som suave e suplicante, tão diferente de seus xingamentos duros de costume, o que a preocupava mais ainda. — Eu realmente acho que seria melhor fazer isso em outro local.

— Fazer o quê? — Uma mortalha de terror caiu sobre ela. — Você não pretende ficar lá comigo, não é?

— Não. Você só vai estar lá até uma casa na base ser arrumada do jeito que você quiser. Um viveiro e móveis ... um lugar para seus animais.

Ela não teve tempo para pensar ou reagir, porque ele se virou para ela, seus olhos avermelhados, e ela não sabia se eles estavam assim desde que ele chegou e ela não tinha notado, ou se tinha acabado de acontecer.

— Eu não posso fazer isso, Kira. Eu não sou feito para ser um homem de família. Sinto muito.

Ela recuou, incapaz de processar o que ele disse. Isto tinha de ser uma piada. Exceto a tensão em seu corpo, seu rosto, lhe dizia que ele estava falando sério. — Mas você disse —

— Eu sei que eu disse. Eu estava errado. Eu vou cuidar de tudo o que você e o bebê precisam.

— Nós precisamos de você. — Sua voz era tão cheia de tremor que ela mal tinha entendido suas próprias palavras. — Por que você está fazendo isso?

— Por você. Para seu próprio bem.

— O quê? Você está brincando comigo? Isso é besteira, e você sabe disso. Estamos bem juntos. Estou feliz pela primeira vez na minha vida. Então, você está me chutando como um cão e desejando fazer o meu bem? Não está fazendo-o. — Não, existia outra coisa acontecendo aqui, e ela descobriria o que era. Ela marchou até ele e bateu-lhe com força no peito. — Eu quero respostas. A verdade. Você acha que este bebê não é seu?

— Deus, não. E mesmo se não fosse ... — Ele balançou a cabeça. — Não importa. Eu não posso levantar uma criança. Eu sou um assassino, Kira,. Não sou um pai.

Alívio inundou-a, uma sensação inebriante misturada com a adrenalina baseada no medo que tinha espremido o seu corpo.

— Estamos de volta para isto de novo? Você é um homem bom, Tommy. Você faz o que você tem que fazer para proteger as pessoas e se defender. Eu estou bem com isso. — Ela agarrou a sua mão para





levá-lo em direção ao estacionamento. — Agora vamos para casa. — Ele não se mexeu, obrigando-a a voltar para ele. Ele manteve a mão dela na dele, segurando apertado.

— Não. Me escuta. Meu trabalho é mais do que trazer pessoas como você para ACRO. Às vezes minhas missões são baseadas na minha velocidade e nas habilidades do tiro.

Arrepios passaram pela sua carne. — Então ... O quê? Você está dizendo que você é um assassino?

— Algo como isso.

Uma brisa arrepiou seus cabelos, fazendo-a lembrar de quantas vezes correu os dedos por ele, de como sua respiração ficava, quase imperceptível, quando ela fazia isso. Pequenas coisas como essa, foram o que a fez se apaixonar por ele, e ela não estava prestes a desistir agora.

— Bem, — disse ela, levantando o queixo em resposta, — Eu não sei como me sinto sobre isso, mas podemos trabalhar tudo em casa. Tenho certeza que as pessoas que você está enviado para, um, cuidarem, são pessoas horríveis.

— Inferno, Kira! Pare de inventar desculpas para mim. Eu não sou uma boa pessoa, e as pessoas que tenho mandado para outra nem sempre são o diabo encarnado. — Ele a soltou. — Eu quase matei você, ok? Você quer continuar agora?

Nossa, ele tinha problemas de culpa grave. O que só provava o seu ponto sobre ele ser uma boa pessoa.

— O que você fez não foi quase me matar. Se você não tivesse ido, aqueles homens na mata teriam matado você e Deus sabe o que teriam feito comigo. Não foi culpa sua que você não poderia começar logo quando eu precisava de sexo. No final, você me salvou.

— Eu estou falando sobre as minhas ordens. Elas foram para trazê-la de volta para cá —, ele disse. — Ou te matar se você se recusasse.





O silêncio atordoador dela era quebrado apenas pelo sangue pulsando em suas orelhas.

Se você não partir comigo, você será morta. E isso é algo que posso lhe prometer que irá acontecer.

As palavras que ele tinha falado no refúgio na noite em que ela o atacou para o sexo voltaram rugindo em sua cabeça. Ele não tinha falado sobre Itor. Ele tinha falado sobre si mesmo. Itor nunca tinha planejado matá-la, e ele sabia disso.

Mas ela se recusou a sair com ele — e ele não tinha matado ela. Eles estavam falando no recinto do tigre depois de terem feito amor. Ele estava ali, a mão sobre a saliência no seu bolso. O mesmo bolso onde ele deixava sua arma. Seu coração acelerava e parava com tanta violência que ele deve ter deixado marcas dentro de sua caixa torácica.

— Oh, Deus, — ela sussurrou. — Oh, meu Deus...naquela noite no big cat pens. — Sua coragem desmoronou, e tremia arruinando todo seu corpo. — Você...você realmente ia me matar?

— Sim.

Ela balançou a cabeça com tanta força, que o cabelo chicoteou em seus olhos, fazendo-os arder. — Você está mentindo. Eu sei que você está. Você não seria — não podia fazer isso, para mim.

— Os animais sabiam, — disse ele com voz rouca, e ela lembrou de como eles tentaram avisá-la, como se tivessem percebido o perigo. Seu olhar agarrado a ela, à verdade nua e crua nas profundezas de seus olhos.

O chão saiu debaixo dela, fazendo-a balançar ao redor. *Oh deus, vertigem, oh deus, oh deus.*

— Kira — Ele estendeu a mão para ela.

Ela cambaleou para trás. — Não me toque, — ela sussurrou.





Ele segurou as mãos para cima como se estivesse se rendendo e ficou parado em seu lugar. Seu peito subia e descia com força, tremendo, ele a olhou corado, febril, e pareceu-lhe que ele não tinha direito de ser tão infeliz quanto ela.

O silêncio esticou-se. — Então é isso, — ela disse finalmente, com uma calma que não sentia. — Gostei de te conhecer, foi bom te bater, mas você está melhor sem mim e, oh, a propósito, eu ia te matar?

— Me desculpe. — A maneira como ele disse isto, como se ele realmente sentisse remorso, acendeu o pavio. Como ele ousava mentir assim? Se ele estivesse dizendo a verdade, ele estaria tentando convencê-la de que a amava, que ele não teria a matado realmente, não jogaria fora como lixo.

— Você está arrependido? — Sua voz era esganiçada, instável, e ela se odiava por isso. — Você está triste que você ia atirar em mim e em meu bebê?

Ela apertou as mãos na barriga, porque embora ela não estivesse grávida no momento, pelo menos, ela não pensava assim, mas a Dr. Lavery não tinha determinado que ainda não fora agora, e o pensamento de que seu filho nunca teria tido a chance de crescer dentro dela ...

— Você está chateado

— Chega dessa merda. Diga-me, *Ender*, quando você estava dentro de mim, você estava pensando em me matar? O que você estava indo fazer com meu corpo? Jogar-me aos tigres para se livrar das provas? Enterrar-me como Derek? — A dura realidade rodando nas profundezas de seus olhos lacrimejantes, Ela deu outro passo se apoiando, a parte de trás de seus joelhos encontrou um banco do parque. — Meu Deus, — ela resmungou, — você é um monstro.

Sua garganta trabalhava duro para engolir e ela esperava que ele tentasse se defender, mas tudo o que ele finalmente disse foi — Sim.



— Só isso? Sim? Você planejava me matar enquanto você estava dentro de mim e tudo que eu vejo é verdade? Seu filho da puta. Você é a porra de um filho da puta!

Ela se lançou. A palma da mão conectou-se com seu rosto duro. Com seus reflexos, ele poderia tê-la parado, mas ele não o fez. Ele não olhou para ela também.

Mão e olhos ardendo, ela empurrou-o. — Afaste-se de mim. Saia da minha vista. Eu nunca quero ver você de novo.

— Isso provavelmente é o melhor. Mas o que importa, é que você está segura agora. Ninguém nunca vai te machucar novamente.

Sua voz, assim como seu coração, falhou enquanto caminhava em direção à clínica.

— Ninguém além de você, — ela sussurrou.

Oh, Deus, como isso poderia ter acontecido? Soluços roubavam seu fôlego e lágrimas turvavam sua visão. E agora? Ela não era estúpida o suficiente para crer que o povo da ACRO iria deixá-la fora da situação; eles estavam, sem dúvida, observando-na agora. Ela se sentiu exposta, vulnerável, e seu instinto lhe disse para ir para o chão. Depois disso, ela não tinha idéia. Ela não conseguia pensar no futuro ou o que fazer nos próximos trinta segundos, porque tudo o que ela queria fazer agora era chorar.

Ender apareceu do outro lado da enfermaria, olhando fixamente para fora da janela no parque onde ele havia deixado Kira. Ele poderia ir atrás dela, puxá-la para ele, forçá-la a tentar entendê-lo. Mas não havia nenhuma razão para mudar as coisas, ele era um assassino treinado, não pretendia ser um pai ou um marido, e ele preferia chegar a um acordo sobre isso antes de algum animal difamador contar o que ele fazia da vida. Ser baleado doeria menos da metade do que ter seu coração arrancado voluntariamente de seu peito.





— Ender?

Ele se virou abruptamente, e Annika colocou as mãos em posição de luta, pronta para revidar quando ele a tocasse. Ele não o fez. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela.

— Dev sabe que estou aqui, — ela começou depois que ele não disse nada. Ela ainda manteve suas mãos preparadas e prontas para o ataque. — Ele disse que Kira entrou para se esconder e não vai sair.

— Ela está ali. — Ele apontou para a fileira de arbustos em frente ao prédio médico para onde ele a viu correr.

— Ender, eu só quero que você saiba que eu nunca quis machucá-la.

— Eu sei disso, — disse ele ferozmente. — Eu não pensei nisso.

— Okay. — Ela colocou as mãos para baixo. — Fizemos arranjos para ela ficar com Haley e Remy. Vou buscá-la.

— Não a incomode, Annika, — ele disse, odiando o desespero contido em sua voz. — Ela vai ser selvagem, correr ou lutar, se você a incomodar, e com o bebê ...

— Vou ser muito cuidadosa. Eu prometo, — disse ela.

Ele pensou sobre as promessas que tinha feito para Kira. As que tinha feito e quebrado - para o bem dela. E dele também, provavelmente. Ele se virou e foi embora, voltando para o vazio que ele sabia que esperava em sua casa agora, antes que ele perdesse sua força de vontade.

Annika saberia onde encontrar Kira mesmo que Ender não tivesse apontado ela lá fora. Com a exceção dos três rapazes da segurança enviados para vigiar Kira, o pequeno parque era livre de qualquer pessoa, mas à frente, coelhos e esquilos estavam em torno de um arbusto, com uma





mulher amontoada dentro dele, mantendo joelhos dobrados contra o peito. Conforme Annika se aproximou, as criaturas se dispersavam.

— Kira? — Annika agachou sobre os calcanhares e olhou para a folhagem escura feita pela capa fina de nuvens da manhã. — É a Annika.

Kira se enterrou mais fundo nos arbustos, e Annika perguntou o que ela estava pensando quando tinha ido para Dev e suplicado para deixá-la tentar falar com Kira depois de que algumas enfermeiras, um psicólogo e um persuasor tinham falhado. Annika apenas pretendia compensar o que tinha feito, mas provavelmente foi um erro enorme. Annika era, sem dúvida, a última — bem, a penúltima — pessoa na terra que Kira queria ver. Todo mundo disse para Kira não culpá-la, mas no fundo, como ela poderia não o fazer?

— Eu não vou te machucar. Mas nós temos que te tirar daqui e leva-la para longe da ACRO.

— Fora? — A voz fina de Kira derramava desespero e esperança, e Annika sabia que ela tinha se impressionado quando falou de tirá-la de lá.

— Sim. Vou levá-la para a casa de um amigo, e eu prometo, ninguém vai chegar perto de você, a menos que você queira o contrário.

— Eu não confio em você.

— Eu sei. Mas não é melhor me dar uma chance do que ficar sentada sob este arbusto até morrer de fome? — Ou até que o veterinário apareça com um tranqüilizante.

Ela se sentiu ridícula conversando com um arbusto, mas depois de alguns momentos de silêncio, Annika suspirou. Ela não era tão boa com essas porcarias melosas.

— Olha, eu sinto muito pelo que aconteceu quando você chegou aqui. Normalmente sou mais controlada do que isso. Acabei de ficando estressada ultimamente ... —



Ela parou de falar, porque Kira não dava a mínima para seus problemas com Creed, e Annika não queria falar sobre isso de qualquer maneira. Nenhum homem iria transformá-la em uma idiota alegre.

Finalmente Kira espiou por entre alguns ramos. — Você vai realmente me levar daqui?

— Sim.

Kira mordeu o lábio, considerando a possibilidade, e então ela se arrastou para fora do mato, ela esfregou as manchas de sujeira, galhos e folhas estavam emaranhados em seus cabelos.

— Eu não quero ver ... ninguém.

Ninguém significava Ender. Annika não ousou tocar nesse nome enquanto levava Kira em direção ao estacionamento.

A forma como Kira parecia olhar em todos os lugares ao mesmo tempo, às vezes parando de repente e farejando o ar, lembrava Annika de um gato arisco.

— Nós não vamos ver ninguém, além de Haley e Remy. Haley é uma parameteorologista da ACRO, e Remy é um agente especial, como En-uh, eu. Haley é totalmente engomada, mas para uma cientista, ela é legal. Remy é provavelmente a única pessoa no planeta, além de Dev que pode resistir a Em — Crap. Ela limpou a garganta.

— De qualquer forma, você vai gostar deles. É uma boa casa.

A casa onde Dev tinha enviado uma boa equipe de segurança para garantir a segurança de Kira contra intrusos, mas mais propensos a impedi-la de se esgueirar fora.

— Espero que ele seja do tipo compreensivo, porque não tenho me comportado bem em torno dos homens ultimamente.

Annika pescou as chaves do bolso BDU em sua perna enquanto se aproximavam de seu Jeep. — Dev mencionou isso.



Não deixe Remy perto dela. Ela morde. — Não se preocupe. Eles foram informados. Remy vai manter distância. Haley é uma viciada em trabalho, então ela vai te dar muito espaço também.

Todos tinham sido informados sobre as coisas a respeito de Kira, e os avisos que Ender havia martelado para o pessoal da casa. Ele parecia o inferno, soou pior. Annika nunca tinha sido sua maior fã — oh, inferno, com quem ela estava brincando, ela não podia suportá-lo, mas ela respeitava sua experiência nas Forças Especiais e suas habilidades de combate, e se ela precisasse de parceiro para uma missão, ele sempre seria uma boa escolha para ter por perto. Ela ainda se identificava com sua arrogância e sua atitude de eu-não-dou-a-minima que mantinha todos longe e de sua imagem de invulnerabilidade. Razão pela qual tinha sido um choque ver como ele estava hoje, a sua intensa preocupação criando círculos escuros ao redor dos seus olhos injetados de sangue.

Vulnerável.

Vendo como que ele se esforçou para convencê-la a vir, sendo que ele poderia tê-la trazido de joelhos, qualquer um poderia. Contudo, não poderia haver outra razão para se aproximar de Creed, e por que ela não poderia lhe dar o comprometimento que ele pedia. Annika olhou Kira, a forma como ela se acomodou no banco da frente do passageiro de seu velho Wrangler verde. Annika tinha visto algumas das mulheres de Ender, e Kira não se encaixava no perfil. Ele sempre escolhia as altas, lindas, loiras esbeltas. Kira, com seu cabelo escuro e estrutura pequena, não era seu tipo, e ao mesmo tempo ela não era uma beleza clássica, seus traços exóticos e lábios cheios davam-lhe uma espécie de cara de sono que parecia sutilmente sensual demais para alguém tão duro como Ender notar.

O que mais impressionou Annika, porém, foi o ar inerente de inocência de Kira. Ela não acreditava que existissem pessoas assim. Certamente, elas não existiam em seu mundo. Talvez Ender tivesse ficado preso na necessidade de proteger Kira, mas quem iria protegê-la de si mesmo? Annika não podia





imaginar Ender sendo gentil com ela. E por que diabos ela se importava? Jesus, ela estava perdendo ele. Ela precisava de um trabalho — um corajoso e sangrento que lhe desse alguma perspectiva de volta.

— Haley e Remy têm animais? — Kira perguntou, enquanto se dirigiam até a estrada para casa de Haley a cinco milhas de distância.

— Eles têm um gato.

— Bom. — Kira abraçou-se e olhou pela janela. — Bom.

Capítulo 26

A casa de Haley acabou por ser o oposto da de Tom. Não importava a merda que seu nome era. Onde o dele era mais novo, com decorações e aparelhos modernos, a casa de fazenda de Haley podia embelezar as páginas de uma revista *Country Living*¹. Os cheiros misturados de roupa de cama de linho e pão de banana permeavam o ar, e mobílias antiquadas completavam o charme.

Annika estava certa: Kira tinha gostado instantaneamente de Haley, e Remy estava no trabalho quando ela chegou em casa. Annika ficara tempo o suficiente para perguntar algo da máquina do tempo, então ela fora embora com um alegre aceno de adeus. Ontem Kira não fez nada fora deitar na cama do quarto de visitas com o gato de Haley, Georgie, enrolado atrás de seus joelhos. Haley trouxe comida e sempre se ofereceu para lhe ouvir, mas Kira não quis conversar. Ou pensar. Ou comer. Mas ela tinha alguém a considerar agora, e pelo bebe, ela engoliu a refeição vegetariana que Haley preparou.

— Meus pais eram hippies vegetarianos, — Haley explicou quando Kira perguntou sobre as complicadas iguarias que iam bem além das saladas que a maioria das pessoas acreditava que vegetarianos comiam exclusivamente. — Eu sou especialista nesse tipo de comida. No segundo dia, Kira não conseguiu ficar mais na cama. Usando um par de pijamas de seda azul de Haley, ela migrou para a sala, onde a outra mulher sentou na poltrona e trabalhou num monstruoso laptop. Enquanto Kira assistia, Haley suspirou e passou a mão em seu longo cabelo castanho-caramelo.

— Você sempre trabalha em casa, ou você está cuidando do bebê.

Haley olhou para cima e sorriu, um alegre contraste com o dia tristonho e nublado lá fora.

– Cuidando do bebê.

– Bem, pelo menos você é honesta.

O barulho de botas nas escadas assustou Kira, e ela virou para ver um homem de cabelos negros no uniforme da ACRO descendo elas.

– Bebe, não consigo achar minha jaqueta. Oh, aqui ela está – Ele congelou quando alcançou a jaqueta de couro no encosto da poltrona perto de Kira, e ela percebeu que estava rugindo rosando, realmente.

– Desculpem. – Ela correu rapidamente até uma cadeira estofada de balanço cruzando o cômodo. – Dra. Lavery disse que isso é algum tipo de instinto bizarro. – Ela sorriu fracamente. – Quem sabe qual outro instinto estranho vai emergir uma vez que o bebe estiver aqui.

Uma dor bruta lhe rasgou por dentro, e ela explodiu em lágrimas. Era humilhante chorar assim na frente de outros, mas ela não conseguia parar.

– Kira? – Haley se aproximou, ajoelhando-se aos seus pés, enquanto Remy relaxava numa cadeira na mesa da cozinha. – O que foi?

– Eu vou ter que criar esse bebê sozinha, – ela soluçou. – O que aconteceu quando minha temporada chegar, e eu não puder tomar conta da criança por causa das quatro horas que eu preciso, sabe?

– Isso é uma das melhores coisas da ACRO. Você nunca está sozinha. Todos vão ajudar. E eu sou uma ótima baba.

– ACRO? Você não pode estar falando sério. Eles me queriam morta. Eles enviaram Tom para me matar. – Escondendo a barriga com a mão protetoramente, ela voltou ao reclin²⁷, mas sua mente já estava trabalhando numa maneira de sair dali – não que ela soubesse onde poderia ir. – Eles não vão chegar perto do meu bebê.

²⁷ <http://blackrecliner.net/wp-content/uploads/2010/11/13.jpg>



— Ninguém vai tocar nenhum de vocês se você não quiser. Eu prometo. Mas eu acho que você não sabe toda a história. — Haley e Remy trocaram olhares, e Haley descansou uma mão tranqüilizadora no joelho de Kira. — Você sabe por que Itor quer você?

— Primeiro, Tom disse que eles me queriam morte. Era mentira. — O acido em seu tom apareceu alto e claro, e Remy ergueu uma sobrancelha negra.

— Ele te disse que ele precisava, a fim de te tirar de lá e ganhar sua confiança.

— O que quer que seja — ela murmurou. — Na enfermaria, ele disse que eles queriam engendrar minha gravidez. Só Deus sabe para que eles querem meu bebe. — Ela limpou os olhos com as costas da mão, e Haley lhe deu uma caixa de lenço da mesa. — Isso tudo é horrível e insano, mas não algo para a ACRO me matar.

Remy se mexeu na cadeira, mas quando ela mostrou os dentes para ele, ele ergueu as mãos. — Calma aí. Não estou me mexendo. — Ele esticou as longas pernas na frente dele, mais lentamente desta vez. — Eu interoguei Itor que a agente Annika capturou em Idaho. O que eu aprendi... — Ele fez careta. — Kira, eu era um Navy SEAL²⁸ antes de vir aqui. Minha especialidade era interrogação. Eu vi coisas, coisas feitas, ouvi coisas, e droga, eu pensei que já havia vivido de tudo. Mas eu nunca fique mais enjoado do que com aquilo que o bastardo do Itor me contou.

Ela estava com medo de perguntar, e não teve que perguntar, porque ele a perfurou com um olhar que mandou um frio ricocheteando ao longo de sua espinha.

— O que ACRO estava com medo acabou por ser o caso. Itor ia te usar, e possivelmente sua criança, como uma arma biológica.

Okay, ela imaginara um monte de cenários na cabeça, mas aquele não tinha nem passado perto de sua mente. — Uma arma biológica? Como?

²⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Navy_Seals



— Alguma coisa a ver com seu psicológico. Eles planejavam introduzir um vírus mortal específico de animal em seu corpo para mutar em algo que humanos podiam contrair. Alguma coisa que levaria anos para os cientistas desenvolverem uma vacina porque eles não iriam reconhecer a doença ou ser capazes de localizar a fonte.

— Mas por quê? Porque eles iriam querer espalhar algo assim tão indiscriminadamente?

— Lucro. Itor desenvolveria uma vacina, mas o resto do mundo estaria vulnerável. Eles poderiam ter te usado para infectar uma enorme população, milhares de pessoas. Então eles poderiam vender a vacina por bilhões. Ou poderiam te vender ao mais alto licitante como uma Arma de destruição em massa.

— Meu Deus!

Ela ia ficar enjoada.

Depois de um longo silêncio, no qual ela pensou ouvir um ruído distante, Remy falou novamente, sua voz baixa, profunda como um trovão. — Eu sei o que você está sentindo. Itor queria fazer algo similar comigo.

Em estado de choque e não só um pouco, ela lhe deu um olhar duro. — E a ACRO mandou alguém para te matar?

— Eles enviaram alguém por outra razão. — Ele deu a Haley um sorriso secreto, e então o fez desaparecer. — Mas era uma situação diferente. Eu era militar. Minha experiência me deu uma vantagem quando se tratou de Itor. E eu estava disposto a fazer qualquer coisa que precisasse para ter certeza que eles nunca me pegariam vivo. Você é uma civil, com uma grande desconfiança por parte do governo, se o que Ender me disse é verdade, Se você não se juntasse a ACRO –

— Eu não poderia ser deixada para Itor me pegar.

— Exatamente.

Em algum lugar dentro de si ela captou aquilo. Ela podia nunca perdoar qualquer bastardo que herdasse a ordem, mas ela também não teria querido ser responsável pela morte de milhões.

Tom, entretanto... aquela era uma traição que perfurara níveis de emoção que ela não sabia que existia.

— Esta pensando nele, não? — Haley perguntou, e Kira afundou os dedos nos braços da cadeira em vez de responder.

O ruído de metal girando em madeira quando Remy brincou com um molho de chaves no tampo da mesa a assustou. — Ele não conhecia você.

— Oh, ele me conhecia, — ela falou. — Eu lhes asseguro disso. E ele ainda planeja me matar. Mesmo depois... — Ela não podia terminar a frase. *Mesmo depois de toda intimidade.* — Como eu posso passar por isso?

— Kira, — Haley disse, — ele não é a minha pessoa favorita no mundo, mas você precisa saber que para te salvar, ele desobedeceu a centenas de ordens. — Ela sentou sobre as pernas e ficou mais confortável no tapete. — Ele arriscou à carreira e a amizade dele com Dev, que é quase a única pessoa na ACRO que ele chama de amigo.

Remy deu de ombros. — Ele só não admite o quanto ele gosta de mim.

— Ele é meio teimoso daquele jeito, — Kira disse, seu peito apertando porque, maldição, ela amava Tom demais.

E sim, okay, ele fizera algumas coisas que ele não precisava. Como ligar para o refugio para providenciar que os animais dela fossem trazidos para Nova York. E ele a salvara de ser revistada por homens estranhos no centro de treinamento. Ele arriscara a vida para mantê-la longe dos agentes de Itor quem estavam atrás deles. Ele parara de comer carne por ela. Deus, ela poderia continuar sem parar, mas fazer isso lhe deixou infeliz. Ela não conseguia imaginar a vida sem Tom, mas ela não sabia se ela poderia olhar para ele sem ver a face do homem chamado Ender. O homem que a olhara com um cálculo firme enquanto mantinha a mão na arma que ele teria usado para lhe matar.



Tudo nele gritava guerreiro, do jeito que ele se movia ao jeito que ele considerava o mundo ao redor dele. E ela estivera perto de predadores por tempo suficiente para reconhecer o olhar mortal focado no olho de alguém antes dele pegar sua vitima. Então, como ela podia ter sido tão ingênua? Mas ela sabia. Desesperada por amor e aceitação, e sob a influencia da atração sexual, ela estivera cega.

Tão estúpida.

Somente sua estupidez a fez um perigo para si mesma, para seus animais, para todo o maldito mundo.

— Posso pegar algo para você? — Haley agarrou a mão de Kira, lhe dando um reconfortante aperto. — Chá? Água? Uma garrafa de Jack Daniels²⁹ e um caçador de cerveja³⁰?

Aquilo fez um sorriso vir ao rosto de Kira, o primeiro depois do que pareceu uma eternidade. Ela balançou a cabeça quando o som baixo ondulado do trovão retumbou fora da casa, mais perto que da ultima vez. Dentro, uma estranha pressão se fez, um espessamento tangível do ar. Haley virou-se para seu marido, sua mão distraidamente esfregando seu quadril. Quando Kira olhou examinou Remy, ela quase arquejou. Um relâmpago acendeu seus olhos – não o reflexo do relâmpago, o relâmpago real. E ele estava fixando em Haley. Se inclinando para frente na cadeira, ele baixou a cabeça para encarar sua esposa, completamente fascinado de um modo que tirou o fôlego de Kira. Santo Deus, ela sabia que ele era uma homem bonito, mas agora ela viu mais que aquilo, viu a intensidade animal, o único foco de um predador faminto, e faminto agora. Mas o que ele...? Oh.

Oh.

Então ele estava de pé, subindo as escadas com dois degraus de cada vez. Haley ficou de pé. — Você ficara bem por uns minutos? — ela perguntou parecendo sem fôlego. — Sim, tudo bem. Obrigada.

²⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Jack_Daniel%27s

³⁰ Beer Chaser



Haley correu escada a cima, e trinta segundos depois, os barulhos abafados que vieram de cima não deixaram duvida do que estava acontecendo lá.

Tom.

Ela não conseguia parar de pensar nele. Droga, ela ainda sentia seu cheiro na pele, mesmo que tivesse tomado banho. Duas vezes. Era como se ele fosse parte dela agora, dentro dela. Ela tocou o ventre. Sim, ele estava dentro dela.

Que droga. Ela o odiava por quão facilmente ele poderia ter seguido suas ordens. Mesmo depois de ter feito sexo com ela, ele poderia ter feito isso. Tudo bem, ele tinha mudado de ideia, e ela supôs que deveria se concentrar no que ele tinha feito, não no que ele poderia ter feito. Mas ela ainda não estava pronta para isso. Não sabia se alguma vez ela estaria pronta, não importava o quanto o amasse.

O tempo passou com a tempestade, e eventualmente Halley apareceu, usando uma roupa diferente da que estava usando mais cedo, e Kira suspeitou que o entusiasmo de Remy pudesse ser tão perigoso para as roupas quanto o de Tom.

O telefone tocou, mas Remy o atendeu, porque ele parou depois de dois toques.

— *Bebê?* — ele desceu as escadas pesadamente e apanhou as chaves da mesa. — O jato da ACRO esta se aproximando com Akbar e Sheila vindo da missão. Sheila esta machucada, mas há uma tempestade sobre a pista e o avião não pode pousar. ATC quer que eu a mude.

— Se divirta.

Ele piscou para ela. — Já me diverti. — Com um aceno para Kira, ele saiu pela porta.

— Porque ele tem que caminhar?

— A tempestade. — Haley afundou na poltrona. — Ele pode controlar o tempo. E algumas vezes, como você acabou de ver, o tempo o controla.

— Eu consigo entender isso.

— Eu sei. Mas pense sobre o que falamos sobre Ender e a ACRO. Ambos são exigentes e severos, mas há muitas coisas boas lá também.

Antes que as lágrimas começassem novamente, Kira levantou. — Obrigada, Haley. Vou tentar dormir. — Ela se direcionou para a escada, mas antes de subir, ela disse sob o ombro, — Oh, e Georgie prometeu não arranhar os móveis mais.

Kira não conseguia dormir. Sua mente estava girando com a nova informação e as velhas memórias, e o medo por seu futuro se manteve ali. E ela sabia que era uma má idéia, mas ela queria conversar com Tom. Ela o amava, o odiava, queria que ele sofresse como ela estava sofrendo, queria que ele estivesse bem. Basicamente, ela estava uma grande bagunça. Ele, por outro lado, provavelmente já tinha seguido em frente, poderia até mesmo estar envolvido com outra pessoa. Sentando na cama, alcançou um lenço de papel no criado mudo, mas sua mão foi para o telefone.

Uma má idéia.

Mas novamente, seu coração prevaleceu, e com os dedos tremendos, ela discou o numero para o celular de Tom, o que ele lhe dera quando ele a levou para cama. Ela quase desligou no segundo toque, mas quando ela ouviu um brusco — O que? — do outro lado, ela congelou.

— Caramba, o *que*? — Silencio, e então um suave — Kira? Kira, é você?

— Sim, — ela resmungou.

— Você esta bem? Onde Haley está?

— Haley esta lá embaixo. Está tudo bem. — Se o fato de que ela estava morrendo por dentro era bom. — Eu só... Eu acho que só queria saber... quando eu me tornei mais que um trabalho? Por acaso eu fui algo mais que um serviço?

Por longo tempo ela escutou só o som da respiração dele, e seu coração afundava menor em seu peito a cada segundo que passava. Então ela ouviu um



som estranho do outro lado, quase um soluço, e quando Tom falou, sua voz estava rouca.

— Você foi especial desde o começo.

— E ainda assim você poderia ter... —

— Eu paguei por isso, Kira. De qualquer forma, estou pagando por isso.

Deus, ela sentiu por ele, o que a aborreceu. — Você não é o único, Tommy.

Ela apertou as pálpebras para se impedir de chorar novamente. Seus olhos já estavam doendo e inchados, e ela não queria fazê-lo piorar. — Você ainda sente saudades de mim? — A pergunta estava fora de sua boca antes que ela pudesse pará-la.

— Mais do que você sabe.

— Mas mesmo assim você não me quer. — Ela fez um som estrangulado de horror por causa do jeito que sua boca abria para falar coisas estúpidas. Mesmo se ela quisesse, ela poderia superar seus medos? Ou ela estava se agarrando a eles porque seria doloroso demais saber que a única razão de não estarem juntos era porque ele não queria ela nem ao bebê?

Quando ele ficou em silêncio, ela teve a resposta. Furiosa, magoada e tremendo, ela bateu o telefone sem outra palavra. Agora ela podia dormir, e com alguma sorte, ela iria acordar e descobrir que tudo isso era um grande pesadelo.

Capítulo 27

Ender tinha ficado severamente de cabeça leve por dois dias. Ele culpava o estresse da situação com Kira e sua falta de proteína, mas não retificou nenhuma das situações. Quando ele desmoronou no chão de sua cozinha, ele não ficou tão surpreso quanto irritado por estar subitamente impotente. Ele estava ainda mais irritado para ser descoberto deitado ali por Remy.

— Que diabo está acontecendo com você? — Remy falou pausadamente, tendo entrado como se possuiu a maldita casa.

Salvo por um filho da puta de um SEAL. Que maneira de partir.

— Você percebe que disse isso em voz alta, otário. — A pronúncia de Remy flutuou em algum lugar sobre Ender.

— Eu não consigo levantar, — ele murmurou. Deus, seus olhos estavam pesados.

Ele encarou o teto, que sabia que era branco, mas que agora parecia com uma sombra nebulosa cinza escura. Ele piscou duas vezes e se perguntou se as luzes estavam acessas ou apagadas e então percebeu que não importava.

— Você levou um tiro ou quebrou alguma coisa? — Remy perguntou, de pé sobre ele. Ender sentiu os dedos do SEAL em sua pulsação.

— Não, — ele conseguiu.

— Você precisa de um doutor.

— Apenas me deixe sozinho, SEAL. Eu estou bem.

— Sim, você está quase tão bem quanto Kira está, — Remy disse, e Ender grunhiu enquanto lutava para se sentar.

— Ela está bem? É o bebê —



— O bebê está ótimo, cara. Ela está miserável sem você... ela apenas não assimilou tudo ainda.

— Não importa. — Ender pensou de volta no telefonema—sua chance, provavelmente a última chance, de dizer a ela que eles podiam acertar as coisas de alguma maneira.

— Você não fez algo a si mesmo por causa da Kira, não é? — Remy perguntou, uma nota de preocupação tingindo sua espessa pronúncia sulina.

— Sim. Não o que você está pensando, contudo, — Ender murmurou. — Longa história.

— Bem, você pode contar para o doutor.

— Particular, — Ender disse.

— Sim, sim, eu não vou desfilar você pelos corredores, embora eu saiba que é isso que você faria comigo.

Bem, sim, isso era definitivamente verdade. Boa coisa que Remy era um inferno de muito melhor que Ender jamais podia ser. Fodido homem-rã.

— Você disse isso em voz alta também, otário, — Remy disse. — Mas não se preocupe—eu sempre soube que você gosta de mim muito mais do que demonstra.

Ender queria lhe mostrar o dedo, mas não teve a energia para nem mesmo esta pequena tarefa. — Apenas diga a Kira... — ele começou.

— Dizer a ela o que?

Ender fechou seus olhos. — Nada.

Em vez de ajudá-lo a se levantar, Remy deslizou até o chão próximo a ele.
— Tudo bem em ter bagagem, sabe.

Ender lançou seus olhos em direção ao homem de cabelo escuro. — Agora você é um psiquiatra? Eu pensei que você só servia para criar temporais.





— Como diabos você foi alguma vez membro de uma equipe? — Remy perguntou a ele.

— Não era tão difícil ser um então, — Ender disse, mais para si mesmo que para Remy.

Ender se alistou no Exército, passou dois anos como um mecânico antes de ser selecionado para a escola de Ranger. Trinta dias no treinamento, ele foi puxado de lado e lhe contaram sobre um grupo muito especial para qual eles pensavam que ele seria uma excelente adição. Ele não sabia muito sobre habilidades especiais naquele ponto, realmente não considerou que havia outros lá fora como ele. Ele apenas sabia que era mais rápido que qualquer um que já conheceu, que sua visão era muito melhor que o vinte/vinte necessário para ser um sniper efetivo e que o treinamento para a Delta Force tinham sido uma fodida brisa.

Ele adorou—cada minuto da exaustão, o treinando de ceder da mente que esticava cada limite normal que ele já teve. Ele sempre foi cuidadoso em não demonstrar que era sobrenaturalmente rápido, por mais difícil que fosse reprimir. Sua visão era um benefício para o time inteiro, embora cientistas quisessem estudá-la e seu corpo e todo o resto sobre ele. Ele ignorou isto e fez seu melhor para fazer uma carreira para si mesmo. Uma vida. Sua unidade tinha sido muito unida. Ele viajou em sua maioria com os mesmos quatro homens, trabalhou sob um general que comandava um número grande de Deltas alojados na base Fort Bragg, e ninguém além de seus homens e suas esposas sabiam o que ele era. Para o resto do mundo, ele era um mecânico trabalhando no complexo de veículos.

John “Digger” Kramer, Ferdinand “Ases” Ramirez, Chase Holden, Damien “Devil” Canter e ele, Tom “Ender” Knight, faziam um inferno de um bom time. Por cinco bons anos, eles governaram o mundo, eliminando o terrorismo e todos os seus males. No fim daqueles cinco anos, ele matou seus melhores amigos no mundo. Naqueles breves momentos, um de seus próprios tinha se tornado o pior inimigo deles, e Ender iria mais tarde descobrir que isto era uma





consequência de não entender — ou poder controlar o dom. Damien tinha sido um pirocinético. E mesmo que Ender soubesse no momento, não teria tornado sua decisão nem um pouco mais fácil. Ele tomou o crédito pelo impacto do avião de Dev também, desde que sabia que iria passar o resto de sua vida na prisão, e o homem que encontrou na cabine do piloto alegava que tinha sido cegado. Alegava que ele era assombrado.

Ender sabia agora que o que Dev lhe disse não era piada. Todos os tipos de habilidade especial eram assombrados, não importava o quanto bem ajustados eles fossem.

Você é um monstro.

Sim, ele era. E ele perdeu Kira e sua chance de uma vida com ela para sempre com esta admissão. Melhor para ela e a criança deles, mas ainda doía como o inferno.

— Meu time parou de confiar em mim perto do fim, — Remy disse, e *Cristo*. Ender percebeu que tinha derramado toda aquela fodida história em voz alta. *Maldito seja*. — Doi como o inferno não estar mais com eles, mas eu tenho um novo time agora. Um que você é uma parte.

— Eu não quero você vigiando minhas costas, — Ender disse, o que era irônico desde que ele ainda estava sobre as suas. — Eu estou bem sozinho.

— Sim, bem, — Remy secamente disse. — Você não pode não me querer vigiando suas costas, mas o farei de qualquer maneira.

— Ótimo—quer que eu lhe diga o que me faz sentir todo animado e eufórico por dentro?

— Você é um otário.

— Todo mundo diz isto como se estivessem surpresos.

— Você a ama, sabe.

— Não importa, — Ender conseguiu dizer quietamente.



— Isto é a única coisa que importa, — Remy disse. — Eu vou ajudar você a se levantar agora. — Mas Ender estava muito instável até para isto. Remy colocou Ender sobre seu ombro, e porra, isto arrancou o ar dele. — Você é pesado como inferno, porra. É melhor eu ter algum tipo de pagamento por perigo por isto aqui.

Kira dormiu por quatro horas. Quando ela despertou, tomou banho e vestiu uma blusa e uma calça de moletom que Haley lhe emprestou. As roupas eram muito grandes, mas elas eram suaves e confortáveis e o cheiro do amaciante de tecido floral temporariamente mascarava o odor terrestre de Tom que não saía de sua pele. O cochilo e o banho respiraram vida de volta nela, e pela primeira vez desde que Tom a dispensou, ela estava pronta para fazer algumas decisões.

O que Remy disse a ela sobre os planos da Itor a apavoraram até a medula. Ainda que ela estivesse disposta a tomar um risco com sua vida, ela não arriscaria a de sua criança. Ela podia não gostar, mas ACRO podia protegê-los. Ela tinha que ficar. Mas e quanto ao Tom? O telefonema colocou algumas coisas em perspectiva. Ou seja, que seus sentimentos em relação ao que ele tinha sido enviado para fazer a ela eram discutíveis, porque ele não a queria de qualquer maneira. O telefonema também levantou perguntas. Ele planejava estar envolvido na vida do bebê deles de alguma maneira? Ele esperava que ela mentisse sobre a paternidade assim ele podia escapar do envolvimento? Como ela reagiria quando eles esbarrassem um com o outro na base?

Pare. Ela tinha que parar de pensar sobre isto. Ela tinha coisas maiores com que se preocupar, como o fato de que pontadas de fome estavam roendo em seu estômago e se ela não comesse, ela provavelmente desmaiaria. Estômago rosnando, ela caminhou em direção à cozinha, diminuindo a velocidade ao som de Haley e Remy que falam em vozes silenciadas.

— ...Eu não sei, Remy.

— Nós temos que dizer a ela.

— Eu só acho que devíamos esperar até que nós saibamos com certeza.

Kira entrou no corredor quanto Remy disse, — O doutor tem certeza.

— O doutor tem certeza do que? — ela perguntou, um nó de mal-estar formando em suas entranhas, substituindo a fome ali.

Haley mastigou seu lábio inferior e encarou o chão de taco, mas Remy girou para ela, aqueles lindos olhos transbordando com preocupação. — Como você se sente sobre o Ender?

— O que você quer dizer?

— Você o ama?

— Claro que eu amo. Mas isto não é —

— Você está disposta a lutar por ele?

— Sobre o que é isto?

Remy esfregou uma mão sobre o rosto. — Ele ama você. — Ela bufou, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele levantou a mão. — Ele ama. Ele ficou com esta ideia louca que é problemático e perigoso demais para vida em família, mas com você fora da vida dele... —

— Comigo fora da vida dele, o que? O que aconteceu?

— Ele está doente, e ele apenas não se importa.

Capítulo 28

Ender tinha suspeitado o que estava acontecendo, mas Dr. Brown confirmou rápido o suficiente depois que o maldito SEAL havia o carregado e o colocado sobre a mesa de metal dura.

— Ele está todo fudido, Doutor. É melhor você ajudá-lo logo, — Remy disse, depois insistiu em ficar até que os testes terminassem.

Quando o doutor lhes disse o diagnóstico, que a saúde de Ender estava severamente comprometida, Remy xingou baixinho em Cajun French³¹ sob a respiração e deixou o quarto, e *que inferno*, Ender sabia onde ele estava indo e não podia fazer nada para lhe impedir. Ele se sentia levemente melhor que antes, imaginou o que o doutor estava lhe dando via intravenosa.

Ele perguntou e o doutor disse “é só glicose”. A energia que você vai obter por ela é temporária. Eu também lhe mediquei com taurina e arginina, assim como outros aminoácidos que estavam faltando em seu corpo devido a sua alimentação. Novamente, uma solução temporária. Ele não queria isso, temporário ou de outro modo. Ele puxou e arrancou a agulha do braço.

— Droga, Ender! — o doutor gritou. — Você precisa de comer sua dieta normal.

— Barras de proteína, — Ender se virou enquanto o doutor enfaixava seu braço para parar de sangrar.

— Barras de proteínas são para lhe ajudar em último caso, Ender; Mas somente a química do seu corpo não é suficiente para você sobreviver. Você precisa voltar a ser carnívoro.

³¹ Um dialeto regional Frances falado primariamente em Louisiana



— Não.

— Você está se matando, Tom. E rapidamente.

Numa explosão repentina de forma, Ender chegou e agarrou a garganta do doutor. — Você não pode me chamar de Tom. Só Kira pode me chamar... —

— Tommy!

É claro que Kira tinha que aparecer bem agora, quando ele estava com um aperto mortal na traquéia do médico. Pelo menos seu rosnado tinha voltado. Até que ele percebeu que o rosnado baixo e ameaçador não estavam vindos de sua garganta, mas antes, estava emanando da de Kira enquanto ela tinha o antebraço do Dr. Brown em seus dentes.

— Merda. Kira, doçura, você não devia morder o doutor, — ele disse, e abriu a própria mão quando Kira se afastou de Dr. Brown. Ender deitou a cabeça no travesseiro enquanto o doutor comprimiu a respiração e esfregou a marca de mordida no braço.

— Então o doutor não deveria estar te tocando, — Kira lhe disse, e disse ao doutor, — Ele é meu.

— Ele me atacou, — o Dr. Brown protestou, mas finalmente desistiu e saiu do quarto, quando Kira foi até a cama.

— Tommy, — ela disse.

— Vá embora.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Você deveria. Eu não sou seguro para você estar aqui. Um assassino.

— Pelo bem desta agência. Pelo bem do mundo, — ela disse em voz baixa, e ele a encarou.

— Como te matar podia ser um bem?

— Você não me matou. Você me salvou - de Itor e de mim mesma, — ela disse. — E você me deu um filho. Algo que eu nunca pensei... —



– Você vai ser uma ótima mãe, – ele disse.

– Ah, não, Tom Knight, nem mesmo aja como se você não fosse estar aqui.

– Eu não sou destinado para ser pai, – ele disse. – Como eu explicaria isso para uma criança?

– Faríamos isso juntos. Explicaríamos que você salva o mundo dos bandidos. E você não é um deles. Você nunca foi.

– Não, ele nunca foi, – a voz de Dev veio do quarto minúsculo atrás de Kira. – Você vai dizer a ela, Tom, ou eu conto?

– Dev, não faça isso.

– Ele salvou minha vida, você sabe, – Dev contou a Kira. – Salvou minha vida e levou uma punição que era destinada a mim.

– É verdade, Tommy? – ela perguntou em voz baixa.

– Isso não importa. Eu ia gastar o resto da minha vida na cadeia mesmo. Por matar minha equipe Delta, – ele disse – não se sentiu tão satisfeito quanto ele pensou que iria quando viu o choque no rosto dela.

– Jesus Cristo, Tom, você quer explicar isso um pouco mais, antes de começar a pegar o maldito peso do mundo sob os ombros novamente?

– Olha quem esta falando, – ele murmurou, mas Dev já estava explicando para Kira sobre o machucado pirocínético.

– Os homens dele estavam morrendo – mortes horríveis, terríveis. Era só uma questão de tempo, um tempo excruciante, antes que morressem. Não havia como ajudá-los, – Dev disse, e Ender viu Kira engolir seco.

– Ele os matou para lhes ajudar, – ela disse.

– Eles estavam lhe implorando, – Dev disse suavemente.

– Novamente, quem é você? – Kira finalmente perguntou ao homem que estava lhes contando a violenta história de Tom um pedaço de cada vez.

– Dev. Devlin O'Malley.



O homem responsável pela ordem de matá-la. Ela imaginou como ele seria, tinha se preparado para um Jimmy Hoffa feio, mas o homem atraente com olhos cegos e castanhos demasiadamente intrigantes, cabelo preto a pegou completamente desprevenida.

Ela limpou a garganta. — Sr O'Malley, você se importaria em esperar do lado de fora por um momento?

Ele inclinou a cabeça e então saiu silenciosamente e infalivelmente para fora do quarto.

— Tom, — ela disse, pegando suas mãos, que estavam tão frias nas dela. — A coisa de companheiro...é sobre isso que são seus pesadelos?

O maxilar dele se comprimiu. E ele virou a cabeça para o outro lado. Passando sua outra mão no queixo dele, áspero com a barba, ela virou a cabeça dele para si. Ele olhou para ela, seu olhar normalmente azul, brilhante, desgastado, lhe mostrou o quão miserável ele estava.

— Sem mais segredos. Não agora. Não depois de tudo. — Ela tirou o cabelo dele da testa. — Os pesadelos eram sobre o que aconteceu com sua equipe, certo?

— Sim.

— Voce já os teve com tanta frequência quanto você os tem tido ultimamente?

Novamente, ele parecia não querer responder, mas ela continuou afagando seu rosto, sua testa, sua bochecha, e finalmente ele disse. — Não. Eu os tive algumas vezes quando Dev sonha com isso, mas eu acho... Acho que começaram por sua causa. Eu deixei você entrar. E depois tinha a culpa... —

— Porque você deveria me matar?

Qualquer cor que ele tinha no rosto sumiu. — Deus, Kira. Eu sinto muito.



Ela não tinha idéia do que dizer, porque ela não tinha solucionado completamente seus sentimentos nesse assunto, mas a angustia dele era genuína, especialmente se a situação tinha despertado pesadelos.

Finalmente, ela decidiu num simples — Eu sei.

— Eu acho que não. — Ele encostou o nariz na mão dela, e apertou um beijo na palma. — Eu te amo. Você sabia disso?

— Sim, — ela disse sorrindo. — E é por isso que você vai fazer o que for preciso para melhorar. Tommy Junior e eu precisamos de você para nos manter a salvo.

— Eu sou perigoso, Kira. É isso que venho tentando te contar. Os pesadelos... —

— Podem muito bem acabar. Você não precisa de se sentir culpado mais. Eu te perdôo, — ela disse ardentemente, porque ela perdoara. A ideia de que ele se deixaria ficar tão miserável que se definharia em vez de machucar a ela ou ao bebê era suficiente para romper qualquer barreira que restava. — Você estava fazendo o seu trabalho, e você não tem nada para se sentir culpado. Você teve a oportunidade de seguir as regras centenas de vezes, e ao invés disso, você me protegeu e me manteve viva.

— Eu sou um assassino, — ele disse.

Que droga, porque ele estava discutindo isso com ela? — Sim, você é. Mas, sabe de uma coisa? Eu não posso te julgar por isso. Eu vivi com animais por tantos anos, e nem todos deles são gentis ovelhas e patos. Tigres são assassinos, mas eles têm que estar em ordem para comer e proteger os mais novos. E Tommy, se alguém estivesse ameaçando você ou este bebê, eu me transformaria num tigre muito rápido.

Um sorriso fraco apareceu em sua boca. — Yeah, eu sei que você iria.

— Bom. Não faça eu me transformar em um agora. Você precisa melhorar.

— Essa não é a única questão.

— Eu sei. Remy me contou no caminho para cá.

— Eu não posso comer carne, Kira. Não sabendo o que isso te faz.

Deus, ela o amava. — Sobre o que estávamos falando? Grandes felinos. Você é um grande felino, Tommy, um leopardo. E leopardos, como todos os felinos, são verdadeiros carnívoros. O que significa que diferente de cachorros ou ursos ou pessoas, eles morrerão sem carne. *Morrerão*. Aparentemente, seu dom excedosapien vem do mesmo tipo de composição genética. Então, para você, não é uma questão de escolha. É questão de necessidade. Eu compreendo isso. Eu não quero que você morra. — Ela passou a palma da mão sobre seu peito, tentando ignorar que sentia-se ceder. — Eu preciso de você, Tommy. *Nós* precisamos de você.

Ele passou a parte de trás da mão sobre seu abdômen, e ela sentiu uma maravilhosa vibração por dentro. — Eu também preciso de você.

Sorrindo, ela foi até a porta. Do lado de fora, Haley, Remy, o doutor e o Sr. O'Malley estavam conversando. — Alguém pegaria um hambúrguer para o Tom, por favor?

— Está mais do que na hora, — Remy disse, e dirigiu-se pelo corredor.

Kira voltou para dentro para esperar. Tom prometeu fazer a ação carnívora durante o almoço e longe da casa assim ela não teria isso perto dela, e ele até jurou que não se incomodava com as refeições vegetarianas no jantar. Ele estava mentindo, é claro, mas ela o amava muito mais por isso. Quando Remy retornou com uma sacola fedorenta de comida, ela deixou Tom comer e escorregou para fora do quarto para conversar com a direção da ACRO, que andava no corredor. O doutor se fora, e Haley estava despejando café na máquina próxima do fim do corredor.

— Sr. O'Malley, — ela disse, sendo cuidadosa para não se aproximar demais. Ela ainda estava nervosa com homens, homens que não tinham ordenado sua execução, então ela não estava pronta para se confiar com ele ainda.

— É Devlin. E obrigado por convencer Tom a comer.

— Não é muito, considerando que ele salvou minha vida, Sr. O'Malley. Mais do que uma vez.

Suas sobrancelhas subiram meia polegada antes que sua expressão se amenizasse em aceitação, e sim, ele podia ser fisicamente cego, mas isso era o mais longe que isso (a cegueira) ia – ele entendeu porque ela não estava pronta para lhe chamar pelo primeiro nome. — Você entende as razões por trás da ordem que lhe trouxeram aqui.

Não era uma pergunta. — Entendo. E eu não iria querer seu serviço e as decisões que você tem que tomar. Você obviamente fez um ótimo negócio aqui... todos com quem eu conversei parecem felizes, incluindo os animais. Esta é uma agência incrível. Mas devido ao meu estado hormonal e tudo que aconteceu, não espere que eu seja sua fã número um imediatamente.

Um canto de sua boca virou em divertimento. — E se eu te dissesse que se você assinar, nós faremos contribuições generosas para o fundo de caridade animal de sua escolha? E eu deixarei você encabeçar um programa de salvamento de animais que lhe permitirá viajar para zonas de desastre e coletar animais que precisam de ajuda?

Sua respiração parou em seus pulmões. Ela já tinha decidido assinar firmar com a ACRO, mas o que ele estava oferecendo... ela poderia ajudar animais em escala global, algo com que ela sonhava. — Por quê? Por que você faria isso para mim?

— Um agente feliz é um bom agente. — Ele encolheu os ombros. — Além disso, todos pedem algo especial quando firmam.

Haley se aproximou atrás de Devlin. — Eu consegui a casa dos meus sonhos. — Ela sorveu o café. — E uma bicicleta.

— Nós vamos ter que alterar nosso programa de treinamento por causa da sua gravidez. Treinamento só durante o dia, e te daremos um apartamento na base ao invés de fazer você ficar no dorm... —





— O caralho, — a voz de Tom veio detrás dela. — Ela vem comigo para casa.

Devlin coçou atrás do pescoço. — É, eu imaginei que seria assim.

— Tom! Volte para cama. — Kira se apressou para onde ele estava apoiado no batente da porta.

Remy estava atrás de Tom, murmurando algo como — *porra de Deltas teimosos*, — mas ele saiu do caminho quando ela passou os braços ao redor da cintura de Tom e o guiou de volta para cama.

— O que você estava pensando? — ela disse, enquanto puxava o lençol sobre ele.

— Estava pensando que eu não quero que você fique tão longe.

— Eu estava de pé na entrada.

— Longe demais.

O coração dela sacudiu, e não se importando se havia alguém mais no quarto, ela o beijou. Ele tinha escovado os dentes — Remy devia ter trazido artigos de higiene pessoal com os hambúrgueres — e ele tinha gosto de hortelã e homem, e antes que ela soubesse, ela estava esticada do lado dele na cama, o rosto dele moldurado em suas mãos, e sua língua chupando a dela gentilmente.

— Han-ham... desculpem-me? — a voz da Dra. Lavery rompeu a névoa onde Kira tinha ido quando ela deitara metade em cima, metade ao lado de Tom.

— Graças a Deus, madame, — Remy disse perto da porta, onde ele estava segurando a mão de Haley. — Eu estava a ponto de dar um banho de mangueira neles.

Calor queimou a face de Kira, mas Tom só sorriu como o gato que comeu o canário. Claramente, a comida já estava trabalhando.

A veterinária suspirou. — Lembram o que eu disse sobre esperar uma semana?



— Não se preocupe, — Kira disse. — Eu posso me retreinar.

Tom olhou para ela como se ela fosse uma mentirosa grande e gorda, e se ele não estivesse deitado numa cama de hospital ela teria batido nele.

— Bom. — A veterinária deu uma olhada para Haley e Remy. — Tenho algumas novidades, mas pode ser melhor ter alguma privacidade.

Antes que Remy e Haley pudessem sair do quarto, Kira balançou a cabeça.

— Não. Eles são amigos. Família. Eles podem ficar.

Tom gemeu, e ela podia jurar que ele balbuciou as palavras. — *Tão ferrado.*

Dra. Lavery concordou. — Se você tem certeza. Eu estive trabalhando com o departamento de pesquisa e o laboratório, e nós achamos que podemos ajudar a amenizar suas febres primaveris. Antes que você aumente as esperanças, você precisa saber que a cura poderia levar tempo, como em anos. Mas enquanto isso, podemos fazer que sejam mais maleáveis. Vamos criar aplicadores preparados – de reserva em caso de Tom ficar doente, machucado ou simplesmente precisar de um descanso. — Ela mudou de posição e se fortaleceu com uma respirada profunda, e Kira sabia que isso ia ser interessante.

— Tom vai ter que ter um banco para acumular seu... —

— Ah, espera. — Tom lutou para sentar. — O que? Não. Não importa o que você vai falar, não. Um par de semanas não é problema.

Kira mordeu o lábio. — Hmm. É quatro.

— Quatro o quê?

— Quatro semanas.

Tom escorregou de volta na cama. — Cristo.

Pela primeira vez, o rosto de Tom flamejou, e Remy não estava ajudando as coisas, não com o jeito que estava gargalhando, tanto que era perigoso ele arrebentar alguma coisa. Como suas costelas, onde estava o cotovelo de Haley. Mais e mais.



— Tem mais, — Dra. Lavery disse, e Haley aproveitou a oportunidade para arrastar Remy para fora, aparentemente decidindo que Tom só poderia lidar com a família um tanto.

Dra. Lavery puxou uma foto da pasta que trouxera com ela e a prendeu num quadro aceso na parede. — Este é seu ultrassom. Vê aqueles círculos?

Os pulmões de Kira pararam, e Tom ficou tenso. — Tem algo errado? Kira esta bem? E o bebê?

— Esta tudo bem, — a veterinária disse em um tom baixo reconfortante, e Kira sentiu a respiração que ela estivera segurando soprar num ímpeto de alívio. — É só que nós achamos, baseados em sua janela estimada de concepção e no tamanho dos fetos, que seu período gestacional pode ser acelerado.

— Fetos? — Tom soou um pouco estrangulado.

— Sim. Cada círculo representa um feto.

— Mas tem três. — Kira franziu as sobrancelhas. A mão de Tom apertou ao redor de sua cintura. — Meu Deus. Três.

— Parece que você tem mais em comum com o mundo animal do que nós pensávamos, — Dra. Lavery disse. — Ninhadas.

Dois dias depois que Ender ganhou alta da enfermaria e Kira mudou da casa de Haley, Haley correu na área de recepção do escritório de Dev, para encontrar uma Marlena emburrada. A mulher não devia gostar de trabalhar para um novo chefe.

— Preciso ver o Sr. Oswald, — Haley disse. — É uma emergência.

Marlena permitiu que Haley entrasse, e ela andou até o escritório de Dev para encontrar um homem que ela nunca vira antes, entretanto ele parecia familiar. — Sr. Oswald, sou Haley Holmes.

— Me chame de Oz. — Ele jogou um pé sobre a mesa. — Então, o que é?





Que homem estranho. Definitivamente não militar. Mais uma vez Halley imaginou porque Dev havia posto a guia da ACRO sobre ele, mas realmente, isso não era de seu interesse enquanto esse cara soubesse o que estava fazendo. O que, no momento, ela duvidava.

— Eu acho que não nos conhecíamos. Eu sou a diretora do departamento de Meteorologia. Dev lhe informou sobre a situação maquina do tempo?

— Itor supostamente tem uma cosia monstruosa capaz de criar tornados massivos e furações?

— Sim. Eu venho procurando por isso desde Setembro. — Ela abriu sua pasta com as mãos tremendo. — Acho que encontrei.

Ela deslizou uma cópia impressa do computador pela mesa para ele. — Demorou porque eu tive que compilar dados conhecidos dos padrões temporais das mini-maquinas – eu encontrei isso outono passado, e então tive que procurar no mundo por padrões similares, bem como determinar... —

— Eu confio na sua pesquisa. Pule para o que eu estou olhando.

— As coordenadas. — Ela andou até o mapa do mundo gigante na parede longe de Dev, seu estomago enjoado com excitação. — Está aqui.

Uma sobancelha negra subiu sua testa. — É o meio do Atlântico. É impossível.

Ela concordou. — Isso que eu pensei. Daí eu peguei algumas fotos do satélite. — Ela andou de volta para sua pasta e puxou uma pilha de papéis. — Primeiro, tudo que eu via era água.

Ela lhe deu as fotos, e ele as examinou, não vendo nada de significativo.

— Mas então eu consegui uma de perto com esta. — Quando ela empurrou a ultima foto na frente dele, ele deu uma olhada nela e então olhou para cima novamente.

— É mais água.

— Olhe mais perto.



O que ele fez foi olhar para ela como se ela estivesse louca, mas finalmente ele espreitou abaixo na figura.

O contorno impreciso, quase invisível de uma monstruosa plataforma de petróleo.

— Puta merda, — ele respirou. — Eles têm uma light-bender.

— Um o que?

Traçando a plataforma com o dedo, ele respirou fundo. — Alguém que pode dobrar a luz para criar um campo invisível. ACRO tinha um. Talvez ele ainda esteja aqui. Mas ele só podia fazer isso consigo mesmo. Ouvi rumores de um cara que pode fazer isso e apanhar coisas pequenas como cadeiras com ele, e isso é extraordinário. — Ele bateu no papel com o dedo. — Isto... Isto é inacreditavelmente espantoso.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele bateu o punho na mesa.

— Puta que pariu.

— É mais ou menos o que eu estava pensando.

Ele a atravessou com um olhar duro. — Nós teríamos um período mais fácil assaltando Fort Knox do que entrando nisso. Eles saberão nossos métodos, e essa coisa será uma fortaleza. Sem mencionar que eles têm o maior fosso do mundo ao redor dela. Estamos ferrados.

Ela fechou a pasta. — Bem vindo à ACRO.

Epílogo

Sempre que Ender voltava para casa de uma missão, ele estava no limite. Ele pensou sobre pegar um quarto de hotel ou ficar na ACRO pela noite, apenas para descomprimir. Esta era a primeira vez que ele alguma vez voltaria para casa de um trabalho da ACRO para *alguém*. E não só alguém — sua *companheira*. Exceto, porra, ele sentia falta de Kira como louco e com os bebês a caminho em apenas alguns meses, ele queria todo o tempo sozinho com ela que pudesse conseguir. Ele entrou na casa cuidadosamente. Ele já tinha ativado as travas de seguranças em suas armas e agora ele as colocava no armário com porta de aço que tinha construído no segundo que percebeu que iria viver em um fodido alojamento de animais selvagens.

Ele deu um ultimato quando Kira lhe disse que Spazzy solicitou viver dentro da casa. Porque um homem tinha que dar um fodido ultimato em algum ponto. Ele tropeçou e amaldiçoou, porque ela reorganizou a mobília da sala de estar enquanto ele esteve fora — sem dúvida, para equilibrar seu chi ou alguma loucura assim. Ele desviou e prosseguiu. Eles o atacaram quando ele estava na metade do caminho na cozinha, o derrubaram forte no chão de azulejo cerâmico.

— Maldição, Babs! — ele gritou para a Weim, que tinha se colado como velcro em seu lado. Ela meramente levantou suas orelhas e sacudiu seu rabo, enquanto Rafi estava fodidamente sentado em seu tórax, olhando fixamente para ele. E havia Spazzy, se elevando sobre ele e portanto *não* fora da casa.

Tão. Ferrado. E isso era sem as três monstrixas, três meninas, que iriam correr soltas ao redor deste lugar e o atropelando. Kira o estava observando da entrada, e Deus, ela parecia ainda mais bonita do que na semana passada quando ele partiu. Ela era redonda e curvilínea e ele iria fazer amor com ela esta

noite—ela deixou uma mensagem para ele alguns dias mais cedo que a Dra. Lavery lhe um atestado de boa saúde em seu exame de agosto.

— Eu gostaria de ter algum tempo sozinha com o Tommy, — ela disse agora, e imediatamente os animais se dispersaram, embora eles rondassem ao longe. Ele se levantou e a abraçou suavemente.

— Ei, — ele sussurrou.

— Ei você. — Ela correu uma mão ao longe de sua bochecha. — Você está bem? Precisa de algum tempo sozinho?

Ele olhou ao redor aos animais cercando-os, e para a barriga de Kira, e finalmente para ela. — Não, — ele disse. — Não agora mesmo.

Ela agarrou sua camisa e começou a subir para as escadas, ele seguindo-a logo atrás. — Remy disse que você tentou estrangular o piloto esta noite quando aterrissaram.

— Ele fez um pouso de merda, — Ender disse. — E Remy tem uma boca grande.

Eles estavam no patamar, logo fora do quarto, e ela girou em direção a ele, agitando sua cabeça.

— Espere um minuto.... Você não espera que eu seja...bonzinho, de repente, não é? — ele perguntou.

Ela riu do que deve ter sido o olhar de horror em seu rosto. — Não, Tommy—eu quero você exatamente do modo que me apaixonei por você.

— Bem, bom. Mas este cara é um otário.

— Sim.

— Mal-humorado.

— Claro.

— Não é um cara bonzinho, — ele disse. — Nunca vai ser um cara bonzinho.



— Eu não gosto de caras bonzinhos, — ela disse, e ele rosnou fundo em sua garganta. Ela rosnou em resposta antes de abrir a camisa dela rasgando, e ele soube que ele tinha encontrado a mulher não boazinha para ele.

Fim!

Continua em: *Acro 03 - Seduced by the Storm*



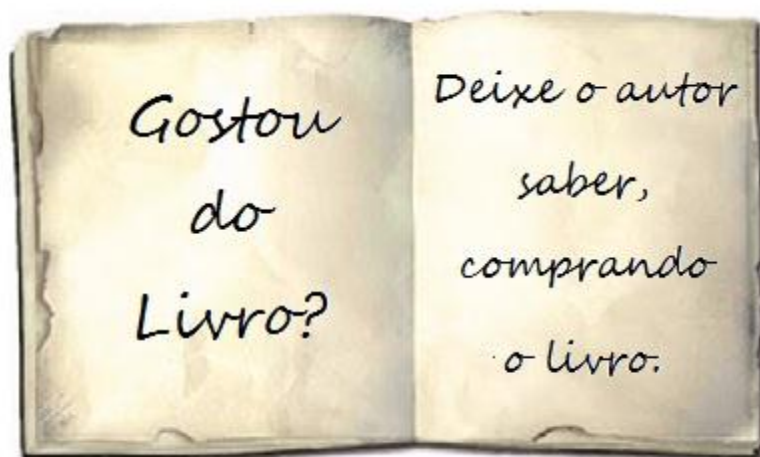
SOBRE O AUTOR



Sydney Croft é o alter-ego de dois autores publicados que se reuniram para combinar seus diferentes interesses na escrita em contos de aventura de ficção paranormal erótica. Juntos, eles desenvolveram um mundo onde as pessoas com habilidades extraordinárias, como o poder de controlar tempestades, poderiam viver e trabalhar com os outros como eles. A série foi descrita como "Erótica com a mistura dos X-Men", e é única em seu próprio nicho de romance de "super-herói erótico".

Duas escritoras: Stephanie Tyler e Larissa Ione

<http://www.sydneycroft.com/>





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

☺ All Creatures of the night get together After dark ☺